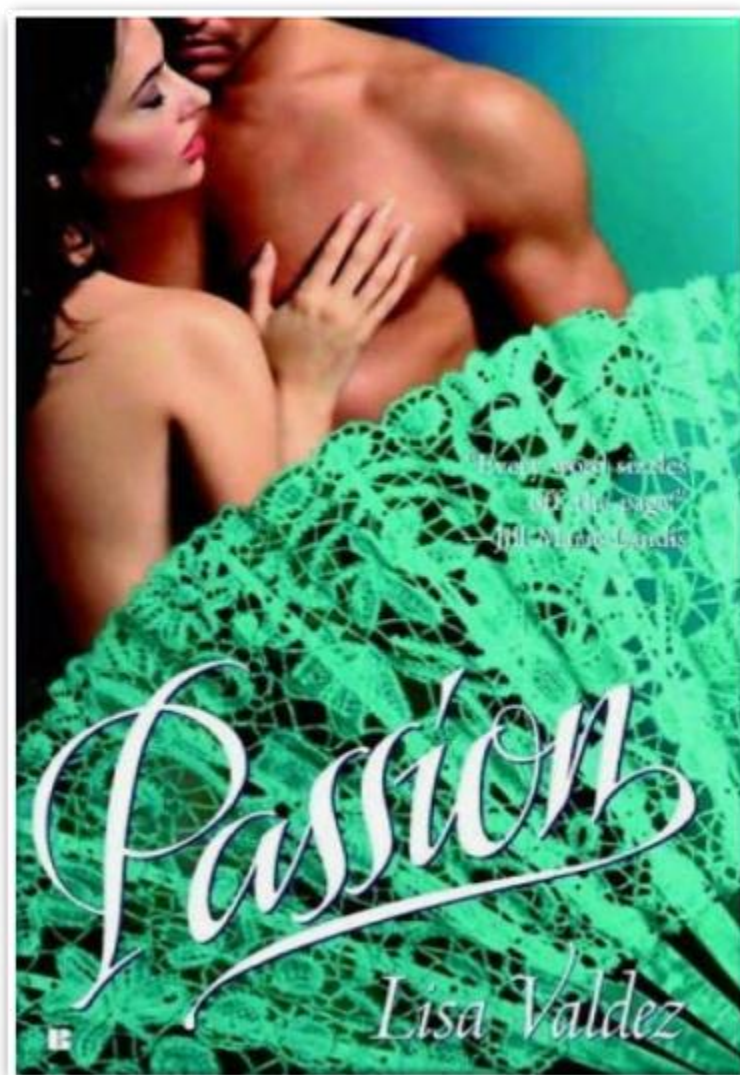

Lisa Valdez - Passion



Disponibilização/Tradução e Revisão: Rosie Kamp

Formatação: Gisa

Revisão Final:

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Ela não conhecia o prazer... Ele não conhecia o amor...

Apesar de ser jovem, linda e viúva, Elizabeth não tinha planos de se envolver outra vez com um homem, muito menos imaginava que se deixaria beijar por um desconhecido em um local público. Porém, ao ver-se perseguida, nos corredores de um suntuoso museu de Londres, por um cavalheiro atraente e sedutor, ela é incapaz de resistir ao magnetismo sensual que lhe desperta um desejo novo e intenso. A cada encontro furtivo e arrebatador, cresce a paixão que une Mark e Elizabeth, levando-os a descobrir um sentimento raro e precioso. Mas uma vil chantagem ameaça destruir aquele romance... Na iminência de um escândalo, eles terão de escolher entre o dever e o desejo, o amor por suas famílias, e o amor que sentem um pelo outro!



Uma mulher chamada Passion.

Um homem que a faria fiel a seu nome.

Em seu segundo ano de luto, a formosa jovem viúva Passion Elizabeth Der nunca sonhou que estaria com um homem outra vez e, certamente, não com um completo estranho. Mas entre o tumulto do Palácio de Cristal de Londres, Passion se encontra discretamente, mas insistentemente, seguida por um sensual cavalheiro que desperta seus longamente suprimidos desejos. Depois de um matrimônio sem amor e repressão, Passion se abandona à autêntica sorte pela primeira vez.

Intoxicado por seu encontro com a formosa estranha, Mark Randolph Hawkmore, Conde de Langley, não pode esperar a vê-la outra vez. Quando uma série de encontros extasiados se sucedem, ele e sua misteriosa amante encontram algo raro e maravilhoso florescendo entre eles.

Mas uma chantagem contra o conde ameaça destruir tudo. Enquanto o escândalo se forma, cada um terá que escolher entre o dever e o desejo... seu amor por suas famílias e o amor entre eles.

Prólogo

Uma carta de certa transcendência

12 de julho de 1824

Minha queridíssima Abigail,

Que notícias tenho! Quase não sei como te dizer, a ti, minha confidente mais querida e de mais confiança, minha amiga de infância e irmã de meu coração; você, quem realmente me advertiu tão direta e francamente o que poderia me acontecer se deixasse me governar por meu coração em vez de por minha cabeça. E quanta razão tinha. Por aqui estou, confrontando a loucura de meus febris desejos. Adivinhaste minha situação? Não duvidaria disso. Mas imediatamente te direi, embora esteja completamente segura que seus olhos saltaram ao final da página para descobrir meu segredo.

Eu, Lucinda Margarida Hawkmore, terei um menino! Um fato, sei, que em si não é completamente notável. Mas espera, queridíssima, por que aqui vem a revelação que levantará suas sobrancelhas até o teto. Recorda ao deslumbrante, formoso jovem jardineiro que empreguei para reparar minhas lânguidas rosas? O de travessos olhos negros e um apêndice maravilhosamente grosso? Bem, parece que embora ele era incapaz de fazer crescer minhas rosas, era muito perito em plantar sementes de um tipo diferente, cuja fruta sairá de minha matriz, em toda sua glória, aproximadamente dentro de sete meses.

Agora, minha queridíssima, não deve me castigar. Como sabe, estou completamente dedicada a meu novo amante, Lorde Fentworth. E como já nasceu um herdeiro Hawkmore, George, com seu habitual conformismo, calmo modo de ser, aceitará a este menino como dele. Assim não há nenhum dano feito. Entretanto George pediu que tome medidas para não ter necessidade de brincar de pai de mais meninos que não sejam de sua fabricação.

Disse-lhe que faria todo o possível. E de verdade, não tenho nenhum desejo de levar a asquerosa carga de mais meninos. Como é consciente, quase não posso suportar ao primeiro. Ainda não sei nada de tais assuntos, minha querida Abby, assim terá que me ensinar. Embora, suponho que estou a salvo durante nos próximos meses, o qual é afortunado, já que não posso suportar estar afastada dos braços de meu queridíssimo Fentworth.

Assim que isto é o que há, minha querida. Você e George são quão únicos sempre conheci. Deve me escrever imediatamente para que possa conhecer o que pensa de minha pequena situação. Quase posso ouvir suas apazíveis recriminações agora. Mas como sempre, sei que me perdoará.

Com todo meu amor,

Tua, Lucinda.

P.S: sei que posso confiar em ti para queimar esta carta.

Capítulo Um

4 de maio de 1851.

Londres, Palácio de cristal

Sua mão sustentava seu seio.

Passion Elizabeth Der baixou o olhar para a grande, enluvada mão cinza cavada sobre a seda lavanda de seu sutiã. Este se elevou e caiu com sua rápida respiração. Um braço coberto de negro se curvava ao redor de sua cintura, sustentando-a forte, tão forte que ela sentiu a firme pressão de um corpo contra suas costas.

Ninguém os via?

Não, os espectadores e expositores estavam muito ocupados tentando reunir aos três diabinhos que tinham derrubado o alto vaso de palma, muito ocupados em abanar à anciã matrona que desmaiou quando isso havia se estatelado na frente dela, muito ocupados assegurando-se que nenhuma das finas porcelanas da exposição tivesse sido perturbada. Muito ocupados para fixar-se nela, que tinha sido separada do meio do desastre antes de que ela mesma tivesse visto o perigo da palma caindo.

O corpo dele a protegeu da maior parte da multidão. Suas mãos não se moveram e, embora a asa de seu chapéu ocultasse sua visão dele, ela sentiu sua cabeça inclinar-se para frente. Estava ele olhando suas mãos sobre ela?

Passion piscou lentamente. Ela sentiu que estava em um sonho. Um forasteiro a sustentava com descarada intimidade em um lugar público. Ele cheirava a verbena e limão. Por que ela se sentia tão a salvo?

Quando se voltou para enfrentá-lo, seu olhar seguiu o caminho dos enluvados dedos cinzas de seu salvador. Acariciavam-lhe da cintura até o seio, convertendo seu mamilo em um duro monte. Passion fechou seus olhos com um ofego. Então, enquanto suas mãos subiam por seus braços em uma longa, implacável carícia, uma faísca infinita flamejou entre a luva dele e sua manga. O quente formigamento penetrou sua pele e acendeu seus nervos. Estremecimentos desceram por sua coluna, alagaram seu útero para em seguida debilitar suas pernas.

Passion conteve um gemido. Seus dedos agarraram os ombros dele. Os seios lhe doíam e sentiu a umidade em suas coxas. Quanto tempo tinha passado desde que tinha sentido desejo?

O zumbido baixo mas constante de vozes a rodeou. Ela estava no Palácio De cristal, o maravilhoso esforço do Príncipe Alberto em exibir os avanços do mundo em manufaturas, têxteis, e arte. Ela tinha vindo para encontrar sua prima Charlotte, na porcelana, e não ser acariciada por um estranho! Os olhos de Passion se abriram de repente.

Azuis. Os olhos que ela olhava fixamente eram vividamente azuis. Azuis como as asas de uma mariposa que ela tinha visto uma vez revoar em sua janela. Inspirou profundamente. Ela poderia pintar essa cor de olhos? Poderia capturar seu intenso olhar? Poderia desenhar a particular inclinação das escuras sobrancelhas que se franziam ao olhá-la por debaixo da asa de sua cartola? E que de seu ampla e sensualmente curvada boca? Por Deus, sim que era ele bonito.

As aletas do nariz dele ondularam antes de que suas mãos se deslizassem lentamente por seus braços até suas mãos. Passion sentiu seus dedos apertando firmemente contra seu acelerado pulso. Ela não podia mover-se. Não podia falar. Somente estar de pé, tremendo, enquanto seu quente olhar fixo azul se deslocava por seus traços.

As pessoas se moveram na frente deles, rodeando-os. Atrás, alguém riu forte, alarmando-a. Ele deu um rápido olhar, quase zangado, para a fonte da buliçosa risada antes de liberar suas mãos. Durante um longo momento, seus olhos se perderam nos seus. Ela voltou a olhá-lo fixamente, congelada. Finalmente, ele elevou a mão à asa de seu chapéu. Com um assentimento de cabeça, deu-se a volta e se afastou.

Passion deixou escapar o fôlego retido. Ele era alto, e ela seguiu com seu olhar suas largas costas enquanto ele se movia facilmente pela multidão. Justo quando ela pensou que desapareceria completamente na multidão, ele fez uma pausa. Ela se esticou. Seus olhos se alargaram quando ele se girou lentamente e a olhou diretamente através do amplo espaço da área de exposição. Ela não podia ler sua expressão. No que estava pensando ele?

Seu coração saltou em seu peito quando ele decididamente começou retornar para ela. Passion deu dois passos instáveis para trás, depois se girou e se apressou à área de exposição adjacente. Quando ela deu uma olhada sobre seu ombro, ele estava ainda ali, fechando a distância entre eles, com uma intensidade decidida, predadora em seus olhos.

Passion se apressou a adiantar-se, passando de uma sala de exibição a seguinte sem pensar aonde estava. Finalmente, ela se deteve ao lado de uma pequena multidão que estava escutando a um homem com forte acento alemão. Relógios. Ele falava de relógios suíços. Passion deu um olhar atrás dela. Um surdo golpe de decepção ressonou uma vez em seu estômago. Ele não estava ali. Ela explorou a multidão antes de girar-se para olhar fixamente um grande relógio de pé com uma ameaçadora cara branca.

Decepção? O bracelete grande avançou um minuto. Alívio, certamente. Suspirou. Por que mentia a si mesma? Ela tinha querido que ele a seguisse. Tinha desejado que ele a tocasse. Só uma vez mais.

O pequeno homem suíço falava de forma monótona. O bracelete grande avançou outro minuto e o pesado pêndulo se balançava para frente e para trás, para frente e para trás. Ela o olhou fixamente até que se viu impreciso. Sim, só uma vez mais. Ela fechou seus olhos e evocou os penetrantes olhos azuis e as enluvadas grandes mãos cinzas. As mãos que a fizeram desejar...

Uma carícia! Os olhos de Passion se abriram de repente. Embora a asa de seu chapéu lhe entorpecia a visão, ela podia cheirá-lo. Dedos nus pressionaram a pequena extensão de pele entre sua luva e a manga de seu vestido. Ele a tinha encontrado.

Os nódulos de seus dedos se moveram devagar sobre a fina pele do interior de sua mão. Ela se mordeu o lábio quando ele deslizou um dedo dentro de sua luva, pressionando-o em sua palma nua enquanto seus outros dedos se envolviam ao redor de sua mão. Certamente ele podia sentir seu sangue palpitando por suas veias.

O homem suíço ainda estava falando. O relógio grande ainda fazia tic-tac. Ninguém estava olhando. Vacilante, Passion girou sua cabeça para olhá-lo. Ele estava perto, parado a um lado dela, olhando fixamente ao relojoeiro como se estivesse escutando cada palavra pesadamente acentuada. Ainda oculto pelas dobras de sua saia, seu dedo se movia devagar e sensualmente sobre as curvas e as linhas de sua palma. Ela fechou sua mão ao redor de seu dedo e observou um músculo contrair-se em sua mandíbula.

Aplausos corteses pontuaram o final do discurso do relojoeiro. Mas Passion seguiu olhando fixamente. Suas palavras chegaram antes que ela pensasse as conter.

—Seu perfil deveria estar cunhado sobre uma moeda.

Ele inclinou seu olhar azul sobre ela.

—Seu corpo deveria estar pressionado sobre o meu.

A boca de Passion se secou. Seu interior se tornou líquido.

—Me perdoe —sussurrou ela, retirando-se.

—Não —disse ele com indiferença—. Não a perdôo.

O tom grave de sua voz fez tremer um músculo em sua coxa. Ela umedeceu seus lábios e tragou convulsivamente antes de reunir forças para afastar-se dele e entrar na multidão.

Andando devagar pela galeria principal do Palácio de Cristal, ela entreabriu os olhos um momento em reação a brilhante luz do sol que atravessava o altíssimo, abovedado teto. Deveria voltar junto a sua tia. Deveria partir. Em troca, deu uma olhada para atrás dela.

Ele estava ali, seguindo-a tranqüilamente a vários passos atrás.

Um canto de sua formosa boca se levantava em uma espécie de meio sorriso.

Passion entrou em outra área de exibição, menos lotada que as demais. Peças de prata, descansando sobre plataformas cobertas por veludo, davam brilho ao quarto quando a luz se refletia nas polidas superfícies. Cruzando para um canto, ela fez uma pausa ante uma grande sopeira decorada com uvas, folhas, e pães entrelaçados encetados em incessantes bacanais

Lhe sentia por trás, pressionando as protetoras capas de saia e anáguas contra suas pernas. Ela se mordeu o lábio. O que ela estava fazendo? Pr que não lhe parava?

Seus dedos subiam pelo meio de suas costas. Lhe arrepiou nos braços, e seus mamilos se esticaram como duros brotos. Isto era o que ela estava fazendo. Era o que queria.

Movendo-se a seu lado, ele pareceu estudar a sopeira. Passion estudou a ele. Ele era alto, grande também, mas não grosso. Impecavelmente vestido, o fino tecido de seu casaco acentuava seu afilado peito. Sua camisa branca mostrava o agudo contraste de sua gravata borboleta perfeitamente atada e o colete escuro. As longas pernas de sua calça terminavam perfeitamente sobre suas polidas botas.

—Conto com sua aprovação?

Passion levantou seu olhar. Ele a olhava com uma quente intensidade. As pessoas se moviam por detrás deles. Ela não se preocupou.

—Sim.

—Bem —de repente ele atraiu sua mão à frente de suas calças. Ela ofegou ao sentir sua enorme e dura ereção contra sua palma. Seus olhos se obscureceram— Você conta com minha aprovação também.

Os dedos de Passion se apertaram convulsivamente. Sua mandíbula se esticou. Senhor, ela não tinha pensado em fazer isto. Sentia ele tão grande, seus dedos se moveram por vontade própria.

Ela tentou afastar-se, mas ele a sustentou firmemente contra ele. Seus olhos se alargaram em um pedido silencioso quando um grupo grande de pessoas fez uma pausa diretamente atrás deles. O canto de sua boca se elevou em um pequeno sorriso, então ele, devagar e deliberadamente, esfregou sua mão para cima e para baixo sobre sua grossa longitude.

Olhando fixamente seus olhos, Passion se congelou, segura de que qualquer movimento ou som dela atrairia a imediata atenção de algum indivíduo observador. Seu lábio tremeu, e o olhar dele caiu sobre sua boca.

—Medo ou entusiasmo? —perguntou ele em voz baixa.

—Ambos —a palavra saiu em uma suave rajada.

—E você simplesmente deve olhar esta maravilhosa sopeira —disse forte uma mulher atrás deles.

Ele a liberou, mas deixou seus dedos acariciar seu mamilo quando levantou sua mão para outra vez tocar a asa de seu chapéu. Ambos se distanciaram, e um pequeno grupo de damas,

acompanhadas por um cavaleiro, moveram-se para apinhar-se ao redor do chamativo pedaço de prata.

Passion os olhou um momento enquanto admiravam a horrível coisa. Quão diferente se sentiu deles, como alejada. Mas claro, exceto na companhia de suas irmãs, ela sempre se sentia diferente. E agora, com todo seu corpo tremendo pelas sensações, ela se sentiu até mais diferente. Era como se ela estivesse movendo-se na paisagem de um sonho.

Ela o olhou. Até agora ele era real, estava com ela. Embora desconhecido, ele era, de algum modo, uma parte dela.

Seu casaco estava puxado para frente, seus braços cruzados sobre o peito. Ele permanecia ao lado de um exibidor, observando-a olhar a outros. Seus olhos não a deixaram. O que devia pensar ele? Que era uma prostituta? Que curioso. Ela, Passion Elizabeth Der, respeitosa filha, dedicada irmã, respeitável viúva, sociável sobrinha, e serviçal prima, uma puta?

Seu corpo se inclinou ligeiramente para ele. Oh, esquecer o dever e a obrigação. Ela poderia satisfazer esta ânsia, este desejo? Só uma vez? Sentia-se perigoso, mas completamente necessário.

Passion se adiantou, as pontas de seus dedos enluvados acariciaram a perna de sua calça enquanto passava. Ela sabia que ele a seguia. Havia sentido a flexão de sua coxa quando ele se deu a volta. Sua decisão não a surpreendeu tanto como sua audácia. De repente ela se sentia como Bathsheba ou Dalila. E embora ela conhecia o caos que aquelas mulheres tinham causado, não podia deter-se si mesma, apesar de um inquietante medo.

Passion andou de um objeto exposto a outro. Ele estava ali, a cada momento, seguindo-a. Ela não sabia o que fazer ou onde ir. Só queria tocá-lo e ser tocada por ele. Finalmente se deteve em uma habitação de móveis góticos. Como em todas as exposições, as pessoas vagavam por toda parte.

Ela deu um passeio para o final da habitação, fazendo uma pausa ante um enorme biombo aberto em um canto. Estava esculpido para parecer a fachada de um castelo medieval. A seu lado se encontrava um alto genuflexório, uma peça italiana desenhada para propiciar a oração individual, completo com uma almofada para que o devoto se ajoelhasse sobre ele. Uma Bíblia colocada aberta sobre a ampla parte superior. Passion a olhou fixamente um momento antes de aproximar um passo. Ela se inclinou com indecisão. As palavras na página lhe chamaram a atenção.

Fuja da fornicção. Cada pecado que um homem comete é sem o corpo; mas ele que comete fornicção peca contra seu próprio corpo.

Por Deus, quantas vezes seu pai tinha citado Coríntios em suas homilias? Inclusive a milhas de distância, não havia nenhuma escapatória a sua influência.

Ela o sentiu antes de que ele a tocasse. Não seu pai. Ele. Passion se estremeceu quando sentiu sua mão descansar carinhosamente sobre sua cintura. Por que se sentia tão consolada, tão segura?

Ele estava olhando por cima de seu ombro para Bíblia. Depois de só um momento, sua voz soou perto de seu ouvido.

— Não leias isso — Ele se estendeu ao redor dela —. É pouco apropriado para a ocasião.

Seu peito se pressionou contra seu ombro quando ele volveu as páginas. Suas mãos eram grandes e bronzeadas. Os sutis aromas de verbena limão, linho, e sua pele a rodearam.

— Ali — ele examinou seus olhos. Ele estava de pé tão perto —. Lê isto.

Passion afastou seu olhar dele para ver a passagem que lhe indicava. A Canção de Salomão. Um pequeno sorriso curvou os cantos de sua boca.

—Formoso —ele disse a palavra como para si mesmo, mas estava olhando a ela, olhando-a intensamente.

—Leia-me isso — disse ele, sua voz baixa—. Quero lhe ouvir dizer as palavras.

Passion vacilou.

Seus olhos piscavam sobre seu ombro, inspecionando o quarto. Então ele levantou seu dedo, traçou uma linha desde sua bochecha até seu queixo, e, com uma suave pressão, inclinou sua cabeça até encontrar a página.

—Lê-o —insistiu ele suavemente.

Ela não precisava lê-lo. Sabia as palavras de cor e as disse suavemente.

—Como a macieira entre as árvores do bosque, assim é meu amado entre os filhos. Sentei-me sob sua sombra com grande deleite, e sua fruta foi doce para meu gosto — ela viu seu ardente olhar, e sua voz tremeu —. Ele me trouxe para a casa do banquete — sua mão grande cavou seu seio; o desejo a atravessou, umedecendo-a —, e seu estandarte sobre mim era o amor — ela ofegou.

— Tenho o que necessitas — disse ele, sua voz áspera e urgente. Suas largas costas evitava que lhes observassem enquanto sua mão se deslizava ao outro seio —. E você tem o que eu necessito.

— Sim.

A palavra mal tinha saído de seus lábios quando, com um rápido olhar sobre seu ombro, ele a empurrou para trás do enorme biombo.

Passion se deu a volta e sentiu a parede contra suas costas. Ele fechou a pequena distância entre eles em dois passos e pousou suas mãos a ambos os lados de sua cabeça. Inclusive a débil luz ela podia ver o azul de seus olhos.

Sua voz saiu baixa e tranqüila.

— Se quer dizer não, diga-o agora — ele sacudiu a cabeça —. Não em dois minutos, nem em cinco minutos — com uma mão, ele devagar desfez as cintas de seu chapéu —. Agora, ou nunca.

Passion o olhou fixamente. Sua respiração era rápida, mas ela era incapaz de reduzir o ritmo. O bate-papo ruidoso das vozes flutuava por cima do biombo. Esta era a bifurcação no caminho, sua última possibilidade para retirar-se. Ela nunca tinha pensado em estar com um homem outra vez. Mas aqui estava de pé, na mais incrível e extraordinária das situações. Este homem, este dia, estas circunstâncias nunca aconteceriam outra vez. Ele era a oportunidade de "uma vez na vida". Poderia ela afastar-se? Tudo o que ela era, sangue, ossos, coração e alma, rogava por ficar. Ela não podia fazer nada mais.

Devagar, ela alcançou a asa do chapéu dele e o tirou. Uma grossa mecha de cabelo negro caiu sobre sua testa. De todos os modos ele não se moveu.

— Você tem o que preciso — suspirou Passion. Ela levantou a outra mão para seu gorro e, empurrou-o para trás, deixando-o cair ao chão junto a seu chapéu. Ela colocou um cacho castanho atrás de sua orelha — Sem recriminações. Sem desculpas — ela se tirou suas luvas e as deixou cair — Sem arrependimentos.

A boca dele estava sobre a dela, seu corpo pressionando-a. Ela apenas tinha tido tempo para inspirar um pouco de ar, mas isso não importava porque ela tinha deixado de respirar.

A língua dele empurrou entre seus lábios separados. Sua mão agarrou seu seio, e sua enorme ereção cresceu contra suas saias e empurrou contra seu estômago. Passion gemeu em sua boca enquanto seu corpo tremia de insatisfeita necessidade.

Ela provou e chupou sua habilidosa língua. Sua nuca se sentia forte e firme sob seus dedos, seu peito duro e sólido. Quando se tinha abraçado a ele? Não sabia. Não lhe importava. Ele sabia como o desejava, e ela queria saboreá-lo para sempre.

A língua dele se afundava repetidamente para encontrar-se com a sua, e suas mãos se moviam apertando, acariciando seus seios e ao redor de sua cintura. Ela se arqueou contra ele. Suas coxas estavam molhadas.

Ele arrancou sua boca da dela e Passion encheu seus pulmões com uma forte, ofegante inspiração. De repente, sua mão pressionou sobre sua boca, e ela fixou seu olhar em seus olhos que estavam brilhando com luxúria e potente expectativa.

— Deve estar tranqüila — disse ele baixinho, sua própria respiração breve e rápida.

Ela podia ouvir a voz da multidão justamente mais à frente do biombo.

Quando os dedos dele se moveram ligeiramente traçando o contorno de sua boca, ela sentiu sua outra mão abrindo-se caminho entre eles. Ele baixou sua mão, e ela curvou seus dedos ao redor do rígido, grosso eixo de seu pênis.

Sua mandíbula se esticou, e suas mãos caíram afastando-se dela.

— Olha-o — suas palavras eram uma demanda, mas seu tom era uma súplica.

Passion baixou seu olhar. Seus olhos se alargaram, e lhe olhou faminta. Sobressaindo-se de suas calças como um gigantesco falo pagão, seu pênis se sobressaía enorme e pesado em sua mão. Percorrido por veias parecidas com uma corda, ela olhou, como encantada, enquanto ele o empurrava para frente e para trás dentro de sua mão. Sua mão parecia pequena e seus dedos apenas se fechavam ao redor dele. A boca lhe fez água, e uma pesada palpitação começou entre suas pernas. Era formoso, e ela o desejava.

— Disse-te que tinha o que precisavas — murmurou ele. Uma gota clara de fluido emanou da torcida cabeça de seu pênis — Olhe, está chorando para estar dentro de ti.

Passion ofegou suavemente e lambeu seus lábios.

Com um dedo sob seu queixo, ele levantou seu rosto para que o olhasse.

— Você está chorando, também?

Algo revooou no estômago de Passion enquanto seu útero pulsava com necessidade. Ela olhou seu penetrante olhar azul e suas pernas tremeram.

Ele abaixou a cabeça e apenas roçou seus lábios contra os dela.

— Me diga — ele a beijou suave, brevemente — A sua chora por meu pênis?

— Sim! — a palavra chegou em um sussurro precipitado contra sua boca.

E em seguida ele a beijou outra vez profunda, implacavelmente. Suas mãos empurraram sua saia e suas anáguas.

O peito de Passion subiu e baixou, e ela abriu mais sua boca sob a força de seu beijo. Ela aspirou o ar de sua boca em um ofego quando sentiu sua mão entre suas coxas. Ele continuava ainda beijando-a e beijando-a, lhe dando o fôlego que ela não parecia capaz de tomar. Então seus dedos se abriram caminho pela fenda de seus calções e se afundaram dentro dela.

O sangue de Passion se precipitou a seu centro. O tenso, palpitante ponto pressionado pelo palma de sua mão pulsava como um segundo coração. Ela gemeu em sua boca quando se encontrou apertando-se ao redor de seus invasores dedos. Suas pernas tremiam de modo incontrolável e seus braços se apertavam ao redor dele por medo de cair.

Ele interrompeu o beijo bruscamente, e sua voz soou baixa e rouca em seu ouvido.

— Meu Deus, foi tanto tempo?

Passion sentiu as lágrimas emanar de seus olhos. Tinha sido sempre. Tinha sido nunca. Nunca como isto. Seus dedos seguraram o tecido de seu casaco.

— Por favor — pediu ela em um sussurro desesperado — Por favor!

Algo flamejou nos olhos dele. Uma mão se deslizou sobre sua boca; a outra se moveu entre eles. Passion olhou fixamente seus formosos olhos e soluçou silenciosamente atrás de sua mão quando ele esfregou a cabeça de seu pênis contra seus molhados cachos e a sensível carne. Seus quadris se sacudiram uma vez, duas vezes.

Gemendo, Passion fechou seus olhos. Ela nunca se havia sentido tão fora do controle.

Então ele empurrou profundamente dentro dela, e em um incrível, dilacerador momento, ela não se preocupou. Seus olhos se abriram de repente, e ela gritou contra sua mão enquanto um profundo gemido escapava dele.

Passion não podia mover-se. Ela estava empalada, cheia, estirada; fixa contra à parede. Os dedos de seus pés apenas tocavam o chão. Ela não queria mover-se. Sustentava-se no lugar pela implacável pressão de seu pênis contra a abertura de seu útero. Se só ela pudesse ficar aqui sempre; sempre cheia, nunca vazia. Sua carne palpitava e se apertava ao redor dele.

Ele empurrou para cima, e Passion gemeu quando ela se elevou contra a parede. O pulso palpitante entre suas pernas se intensificou, afogando-se com o batimento de seu coração.

Seus olhos arderam nos seu e ele empurrou outra vez.

— Isto é o que precisa — sussurrou ele — Precisa ser amada — ele a investiu — E amar.

Sim! Era verdade. Passion ofegou com cada investida, a pressão crescendo dentro de seu corpo, enquanto ele parecia estar sempre empurrando, nunca retirando-se.

— Toma-me dentro de ti — gemeu ele, empurrando outra vez.

Seus músculos se esticaram com expectativa. Ela desejava gritar, tirar tudo dela que não fosse um aliado do prazer. Para livrar-se da mulher que era e ser só esta mulher, agora, sempre. Profundamente dentro dela, a pressão crescia. Estava ele tentando chegar, ou ela tentando escapar? Ela se sentiu enjoada. Seus olhos se encheram de lágrimas pelo desejo reprimido.

Viu ele sua necessidade? Ele devia ter visto, já que ela sentiu sua mão apertar-se sobre sua nádega, e ao seguinte momento, ele golpeava com força sobre seu quadril enquanto ele empurrava dentro dela.

Passion conteve um grito. Sua mente se cambaleou. Ela se esticou avidamente, de maneira protetora ao redor do grosso eixo de seu pênis, embora a torcida cabeça estava lentamente forçando a apertada entrada de seu útero. Isto a matava. Ela se retorceu contra ele. Era o maior prazer que ela já tinha conhecido.

— Toma-me — ofegou ele — Isso é. Toma-me — ele chiou contra ela.

O corpo inteiro de Passion começou a sacudir-se e abrir-se. Ela sentiu que tudo dentro dela ia romper-se. E o desejava.

Seus olhos nunca a deixaram.

— Toma-me todo. Te abra para mim. Te abra!

E ele empurrou com tanta força sobre ela e chegou com tanta ferocidade que Passion estalou. A resistência em seu útero se levantou, movendo-se de uma pequena forma. Seu coração se parou, e ela tomou ar. Então seu corpo inteiro começou a convulsionar sacudido pelos quentes espasmos, tremendo de desejo. O único coração que pulsava era o que estava entre suas pernas. Pulsava com tanta força, tão rápido, fazendo-a tremer com violentas sacudidas de prazer. Seus olhos ficaram em branco, e com um fraco, agudo grito, uma quente umidade emanou dela em uma torrencial esteira de sêmen e lágrimas.

Com um gemido afogado, ele bombeou com seus quadris nela, obrigando-a a lhe dar mais. Passion soluçou pela deliciosa pressão e não pôde fazer nada para resistir a ela; não queria resistir a ela.

— Isso é — ele soltou o fôlego por entre os dentes apertados — Te abra! Tenho mais para te dar — ele empurrou com ferocidade em sua umidade quente, e Passion afogou um soluço atrás de outro, de desejo, de angústia, e de gratidão — Está bem — ofegou ele — Está bem — mas ele seguiu empurrando, mais rápido e mais rápido, seu pênis entrando nela, levantando-a.

Passion viu a fome e a súplica em seus olhos. Seu corpo respondeu, e de algum modo se moveu com cuidado abrindo-se outra pequena parte.

Ele ofegou, seus olhos se fecharam por um momento. Então seus quadris a empurraram contra a parede. Passion sentiu tudo em seu interior tenso e preparado. Ele afastou sua mão de sua boca e a beijou, enchendo-a com sua língua.

Sua carne apertava e acariciava seu grosso pau. O apertado canal de seu útero esfregava a invasora cabeça de seu pênis. Seus braços lhe sustentaram, seus dedos se enredaram no cabelo de sua nuca. Suas coxas tremeram em voluntária submissão.

Então com um longo, gutural gemido dentro de sua boca e investindo profundamente em seu corpo, expulsou sua quente semente profundamente dentro dela. Ele estremeceu, banhando seu interior com a quente lava de seu sêmen.

E Passion chorou silenciosamente entre ofegos e beijos enquanto o torturante pulsar entre suas pernas explodia outra vez e enviava mil dardos de ardente prazer a seu útero, e a todos os órgãos de seu corpo.

Capítulo Dois

A Seqüela

— E? Como estava a senhorita Charlotte Lawrence?

Fora do Palácio de cristal, Mark se balançou no degrau ao lado de seu irmão.

— Não sei. Não a vi.

— Não a viu? Supunha-se que ela estava ali, na porcelana.

Mark se encolheu de ombros.

— Ela não estava.

— Onde demônios estiveste, então? — Matthew abriu seu relógio de bolso —. Vou chegar tarde para o chá com Rosalind.

— O que estávamos acostumados a dizer sobre o matrimônio quando éramos moços, Matt?

Matthew levantou sua sobrancelha com um sorriso zombador enquanto escorregava seu relógio dentro de seu bolso.

— Seja ela taberneira, peixeira, lavadeira, ou puta; a mulher que amar meu pênis inteiro será a que levarei para a porta da igreja.

Mark afundou suas mãos nos bolsos com um sorriso.

— Bem, não consegui me casar, mas estive mais perto que qualquer outra vez.

Matthew riu com incredulidade.

— O que? E como, no meio do espetáculo do Palácio de cristal, você, querido irmão, conseguiu entrar em uma mulher?

Eles cumprimentaram educadamente a duas matronas que passavam.

— Mais facilmente do que você poderia imaginar — respondeu Mark.

— Isso tenho que escutá-lo.

— Não. Está atrasado para o chá.

Matthew sorriu abertamente enquanto levantava seu braço para chamar a seu chofer.

— Maldito seja. Conte-me isso no caminho.

Um carro com o brasão dos Hawkmore pintado sobre a porta se deteve frente a eles.

— À casa Benchley, Bingham — lhe indicou Matthew ao chofer enquanto os irmãos introduziam suas altas figuras no carro.

Sentados um frente ao outro, apoiaram suas botas sobre o assento do outro enquanto o carro partia. Tinham-no feito assim na infância, logo que suas pernas se tornaram o suficiente longas para obtê-lo. Também em seu típico costume, Mark se sentava com seus braços cruzados sobre seu peito, enquanto seu irmão se apoiava, relaxado, no canto.

— Bem? — cravou-o Matthew.

Mark se encolheu de ombros.

— O que posso dizer? O dia foi realmente mais encantado do que eu alguma vez tivesse esperado.

— Você pode ser tão gracioso quando decide sê-lo. Agora me dê os detalhes antes que dita fingir que não me interessam.

Mark sorriu abertamente.

— Eu a tive atrás de um grande biombo no salão de móveis góticos. Foi muito rápido e, necessariamente, silencioso — seu sorriso zombador se murchou — E foi muito, muito bom.

— Só bom?

Mark sacudiu sua cabeça e olhou fixamente para fora da janela. Ele não via a paisagem que passava. Ele via uns amplos olhos cor avelã e uma boca perfeitamente arqueada.

— Não. Melhor que bom. Melhor que esplêndido. Melhor que... algo — suas sobrancelhas levantadas então caíram — O melhor — ele se voltou para seu irmão — O melhor que me tenha acontecido.

Um ligeiro cenho franziu a testa de Matthew. Ele se inclinou para frente.

— Qual é seu nome? Quem é ela?

— Não sei.

O cenho se fez mais profundo.

— Tem a melhor transa de sua vida, e não sabe quem é ela ou como encontrá-la?

Mark lançou seu chapéu sobre o assento.

— Não.

— Bem. Me conte sobre ela. Como é?

Mark sentiu que os batimentos de seu coração se aceleravam.

— Ela é o desejo e a esperança e... — O que era o que ele estava por dizer?

Ele reclinou sua cabeça contra o assento com um suspiro.

— Ela tem olhos cor avelã tão grandes como uma gama. Olhos formosos, expressivos que te convidam a examiná-los — ele recordou como tinha olhado o grupo de pessoas que admirava a sopeira. Ela era uma forasteira, como ele. Tinha-o visto em sua expressão. Seus olhos mostravam cada um de seus cambiantes pensamentos e emoções. Olhos que o atraíam para ela. — Tem o cabelo castanho avermelhado e uma boca feita para beijar — Mark fechou seus olhos e desfrutou com suas lembranças —. Cheira a flores de baunilha e laranja. E sua risada é malditamente formosa para expressá-lo com palavras — seus braços caíram a seu lado —. Sua voz é baixa e suave, e há uma ternura em sua forma de falar que te faz querer tê-la ainda mais.

Mark abriu seus olhos e encontrou a seu irmão olhando-o fixamente com concentrada intensidade. Quando se tinha detido o carro?

— Jovem? — perguntou Matthew, inclinando-se para frente.

Mark olhou ausentemente para fora da janela.

— Uma viúva jovem, eu apostaria. Ela estava usando lavanda e tinha uma cinta preta atada ao redor de seu braço.

— Uma viúva jovem em seu segundo ano de luto seria uma fruta amadurecida, verdade. Talvez deveria procurá-la e ver se posso provar da sorte?

Mark levantou de repente sua cabeça enquanto ardentes ciúmes rugiam através dele, ferozes e inegáveis.

— Tenta-o, e te mandarei ao inferno — grunhiu.

O repentino sorriso de Matthew foi amplo.

— Um pouco possessivo com esta, não, irmão? Acredito que esta é a primeira vez — aplaudiu com a mão o joelho de Mark —. Só brincava. Estou apaixonado pela Rosamund, recorda?

Mark se encolheu de ombros e tentou parecer despreocupado.

— O que importa? É pouco provável que volte a vê-la outra vez.

— Não. Provavelmente não — Matthew fez uma pausa e depois ajustou seu chapéu —. Tenho que ir. Rosalind estará esperando.

— É tal escravo dessa moça.

— Isso é o amor, irmão — disse Matthew enquanto saltava da carruagem — Amor verdadeiro.

Mark estava fazendo rodar seus olhos quando Matthew voltou sua cabeça.

— E você? — perguntou Matt — Lhe deu seu nome?

— Não. Nenhum nome — Mark fez uma pausa enquanto recordava seus olhos cheios de lágrimas — Ela chorou. Dei-lhe meu lenço.

— Ela chorou? Fez-lhe mal?

— Ela disse que não — Mark desejou estar de retorno em seus braços — Acredito que eram lágrimas de desejo. Lágrimas de paixão.

As lágrimas de Passion tinham batizado o fino linho do lenço. Ela olhou fixamente o monograma "M" na esquina do quadrado. Embora se sentava sobre um banco na ampla galeria do Palácio de cristal, não via nada mais que este "M". Seu polegar se movia devagar sobre os fios azuis escuros, remontando as linhas da letra. Quem era ele? Onde estava agora? Pensava nela? Levando o lenço a seu nariz, seus olhos se entrecerraram enquanto aspirava sua fragrância. Estava ele desejando-a como ela o desejava?

— Ah! Onde estiveste? E onde está Charlotte?

Os olhos de Passion se abriram para encontrar a sua nervosa tia sentada ao lado dela. As redondas bochechas de Mathilda Der estavam avermelhadas, e ela soltava curtos bufos de ar por seu nariz como se se dispusesse a arrojear fogo sobre qualquer um que pudesse ofendê-la.

A tranqüila solidão de Passion terminou.

— Sinto-o tanto, Tia Matty. Charlotte nunca chegou e temo que estive terrivelmente distraída com todas as coisas expostas.

Sua tia estava procurando ao seu redor e apenas a tinha olhado.

— Não diga uma palavra. Devo conseguir meu leque antes de que desmaie.

Passion suspirou enquanto deslizava o lenço, o lenço dele, cuidadosamente em seu bolso. Ela não queria falar com sua tia. Ela queria pensar, pensar só nele. Ai!

Tirando de repente o pequeno leque de marfim que sempre levava, a Tia Matty fechou seus olhos e se abanicou com energia. As plumas azuis em cima de seu chapéu tremeram com a brisa que ela criava. Apesar do muito que ela ameaçava com o acontecimento, pelo que Passion sabia,

Matilde Der nunca havia desmaiado em sua vida. De todos os modos fazia um bom espetáculo disso.

—Tudo bem, agora. Estou recuperada —disse sua tia dramaticamente—. Então —ela se voltou para Passion— O que estava... meu Deus! O que te passou?

Passion retrocedeu, assustada. Seu coração palpitou, e ela levantou uma mão para sua bochecha. Bom Deus, sua indiscrição era evidente? Estava descoberta?

A Tia Matty assinalou com um dedo coberto para o canto da boca de Passion.

—Tem um sinal vermelho ali —ela se inclinou para frente e, levantando o monóculo que pendurava de uma cinta ao redor de seu pescoço, olhou atentamente através dele como um naturalista que examina alguma flora ou fauna nova—. Aparece um pouco irritado.

A mão de Passion caiu a seu peito do alívio. Este foi de curta vida, entretanto, já que agora era colhada por um enorme olho cinza.

—Bem? —o olho cinza entortou os olhos.

Passion fez uma pausa. Ela odiava a mentira.

—Quando estava na exibição de porcelana esperando Charlotte, um vaso com uma palma caiu diretamente em frente a mim. Pensei que me salvei totalmente, mas suponho que um dos ramos deve ter roçado minha cara.

A Tia Matty deixou cair seu monóculo e se reclinou.

—Que espantoso. Poderia ter perdido um olho —disse ela, abanicando-se outra vez—. Esta exposição será um completo fracasso se não haver nenhuma medida de segurança para os espectadores e patrocinadores.

As mãos dele tinham sido tão firmes sobre ela. Ela se tinha sentido segura em seus braços. A salvo.

—Isto é perfeitamente seguro, tia. A palma não se teria caído se não fosse pela influência de três meninos.

Matty se estremeceu.

—Odiosos brutos —ela inspecionou aos passantes com desaprovação, como se todos eles fossem culpados de alguma ofensa, e depois levantou uma sobancelha prateada para Passion.

—Eu mesma fui empurrada por um cavalheiro que passava —ela sacudiu sua cabeça—. Embora não sei por que lhe dou esse título. Ele tinha muita pressa por me evitar —se abanicou mais ainda—. Quase me pisou nos dedos do pé.

Passion deslizou sua mão em seu bolso. Seus dedos se fecharam ao redor do lenço. Um cavalheiro passou. Parecia que o lugar estava cheio deles. Uma incerteza repentina a afligiu.

—Não temos que voltar —disse, quase para si mesma.

—Não temos que voltar? —sua tia a olhou com surpresa e em seguida rapidamente começou a consternar-se—. Bom, não me teria importado evitar o lugar por completo. Foi por seu bem, Passion, por seu amor à arte, que fiz projetos com Mary e Agnes Swittly de me encontrar aqui toda a semana —mais abano agitando-se, plumas voando—. Lhes direi que tudo está cancelado, então? Farei-o, se você o disser. Embora elas indubitavelmente rechaçaram inumeráveis convites para reunir-se aqui comigo. Mas se você o deseja...

Passion não se enganou. Sua tia e as irmãs Swittly eram inseparáveis e enchiam a maioria de seus calendários sociais com visitas mútuas e excursões. Além disso, o que tinha ela que temer? Como a experiência o demonstrava, ela e seu amante se separaram tão de repente como se encontraram. Uma vez na vida, repetiu sua mente.

Ela acariciou a mão de sua tia.

—É obvio que não deve mudar seus planos, e certamente não por mim. É só que parecia tão desgostosa, por seu dedo do pé que quase foi pisado.

A expressão de Matty se tornou resignada.

—Sim, meu pobre dedo do pé, e seu quase ficou cega. Mas por sua felicidade, minha querida, eu desafiarei estas multidões —sua tia pôs sua outra mão em cima da de Passion—. Além disso, terá que tomar alguns riscos na vida, você sabe. Só porque quase lhe tiram um olho, não é razão para se afastar do mundo. Você poderia também haver ficado no campo, em casa. Não —Matty sacudiu sua cabeça com autoridade—. Não te deixarei fazê-lo.

—Não o fará?

—Não.

Passion se sentou, sem palavras por um momento. Sua tia tinha o modo mais assombroso de mudar uma situação de pernas para o ar e ao reverso. E não havia nenhum inconveniente para ela em que sua mente não seguisse progressões naturais.

—Muito bem, então —disse Passion, agradando a sua tia—. Por estar tão preocupada a respeito de me encerrar em mim mesma, por isso.

—Sei. Sei, querida —lhe disse lhe dando um tapinha com sua mão.

Sua tia pareceu ter esquecido o tempo. Passion riu.

—Não acredita que nós deveríamos ir? Charlotte não chegou, e estou segura que não o fará a esta hora tardia.

—Ah! —Matty retrocedeu como sobressaltada, depois guardou seu leque em sua retícula.

—Essa Charlotte Lawrence! Não sei como tem alguma paciência com essa tua prima. Ela nunca pintará flores sobre a porcelana tão belamente como o faz você, minha querida —ela olhou para o céu pelo alto vidro do teto enquanto Passion a ajudava a levantar-se—. E omitimos o chá, certamente. Não é nada assombroso que eu esteja perto do desmaio!

Enquanto Passion caminhava silenciosamente ao lado de sua faladora tia, desfrutava da pesada dor que palpitava entre suas pernas e pulsava dentro dela. Lhe deu as boas-vindas, comovida com ele. Com cada passo a tocava profundamente, conjurando visões de intensos olhos azuis e o aroma de verbena. Seus dedos se fecharam possessivamente ao redor do lenço em seu bolso. Não podia negá-lo. Ela desejava poder vê-lo outra vez.

Ele desejava poder vê-la outra vez. O que estava fazendo ela agora?

Mark rapidamente subiu os degraus para sua casa da cidade. Seu mordomo, Cranford, mantinha aberta a porta para ele.

—A condessa está no escritório, milord.

O humor de Mark imediatamente se obscureceu. Ele franziu o cenho enquanto entregava seu chapéu e luvas.

—Obrigado, Cranford —. Maldita seja. A última pessoa que ele queria ver era sua mãe. Ele queria estar a sós com os pensamentos dela.

—Trago algum refresco, meu lorde?

—Não. Minha mãe não ficará —disse Mark em voz alta enquanto cruzava para seu escritório.

Lucinda Hawkmore descansava sobre o sofá, um copo de brandy suspenso entre seus dedos.

—Que grosseiro.

Mark se sentou no sofá em frente e cruzando seus tornozelos, apoiou suas botas sobre a mesa entre eles. Cruzando seus braços, ele olhou fixamente a sua mãe.

Lucinda deu uma olhada desdenhosa a seus pés e depois sobre o quarto.

—Quando vais vender esta diminuta casa e te mudar a algo mais adequado a sua posição? Envergonha-me ser vista chegando aqui.

—Então não chegue.

Lucinda apenas piscou.

—Nem sequer pode te entreter corretamente aqui —ela assinalou o quarto com seu copo—. Isto é uma caixa de fósforos.

—Não venho a Londres para me entreter. Devo trabalhar.

—Trabalhar —se mofou Lucinda—. Como um burguês. Como se precisasse trabalhar.

Mark apertou seus dentes.

—Entretenho-me na Casa Hawkmore. Trabalho porque eu gosto da arquitetura. Agora, Mãe, o que quer?

Lucinda se encolheu de ombros.

—Quando te casar, necessitará uma casa apropriada aqui em Londres, isso é tudo. Constrói-a você mesmo, não me importa, mas terá que deixar isto —ela deu um goleio de seu copo—. E? O que pensa da senhorita Lawrence? É uma moça encantadora, verdade?

—Não saberia dizê-lo. Não a vi.

—O que? —Lucinda se sentou direita—. Abigail me disse que ela estaria ali na porcelana. Não viu nenhuma senhorita com um chapéu amarelo com um penacho escarlate?

—Disse-te que ela não estava ali —Mark pensou em uns olhos cor avelã de longas pestanas—. Isso não importa de todos os modos.

—Por que?

—Porque amanhã vou oferecer a sua querida amiga, Abigail Lawrence, muito dinheiro em troca de sua carta.

—Não lhe preocupa o dinheiro. Ela quer um título para essa sua filhinha de sorriso afetado —Lucinda baixou suas pestanas e bebeu a sorvos de seu brandy antes de perguntar—, Quanto dinheiro?

Ele tinha ido oferecer quinze mil libras. Mas agora sentia uma necessidade ainda mais urgente de liberar-se deste enredo. Ele não queria pensar em nada ou ninguém, a não ser nela.

—Vinte e cinco mil libras deverão conseguir-la.

Lucinda ofegou.

—Vais oferecer vinte e cinco mil libras a essa cadela? Ela me chantageia, e você vai oferecer-lhe uma fortuna?

A cólera de Mark flamejou.

—Chantagear a ti? —mofou-se ele—. Diga-me, Mãe, que preço você está pagando neste pequeno plano de sua amiga?

—Abigail Lawrence não foi minha amiga durante anos —disse Lucinda com altivez—. Nunca deveria havê-lo sido. Ela estava abaixo de minha posição. Mas eu era jovem e não reconheci que não tinha que me associar com a filha de um mero comerciante, não importa quão rico fosse.

As mãos de Mark se apertaram em punhos sob seus braços cruzados.

—Ah, mas ela era sua confidente mais querida e mais confiável. A irmã de seu coração —rugiu ele antes de soltar um furioso chute à mesa entre eles.

Lucinda nem sequer saltou.

—Quando compreendi meu engano de julgamento, a ignorei. E quando a ignorei a sociedade nobre fez o mesmo —ela se encolheu de ombros e sacudiu uns poucos fios de sua saia—. Ela

pensou que conseguiria um marido com título através de mim —Lucinda levantou suas sobrancelhas—. Pus freio a isso.

Ficando de pé, Mark se afastou de sua mãe e cruzou para sua escrivaninha. Uma vez a salvo atrás dela, apoiou-se sobre seus punhos.

—Sua vaidade é incrível, Mãe. Embora você é a causa, é a mim que Abigail Lawrence tenta obrigar a casar-se com “sua filhinha de sorriso afetado”. Ela não te está chantageando. Está chantageando a mim e ao Matthew, embora eu jurei que ele nunca saberá.

Lucinda o olhou com frieza do outro lado do quarto.

—Bem, tenho que me preocupar com minha reputação inclusive se você não o fizer.

Mark expulsou uma amarga risada.

—Sua reputação! Senhora, pisou tão freqüentemente sua própria reputação, e com tal energia, que ela é indistinguível do esterco que corre pelo bueiro. Pergunto-me por que achas que tem uma reputação a proteger.

Lucinda tragou o resto de seu brandy antes de colocar o copo sobre a mesa que ele tinha chutado momentos antes.

—Como te parece com seu pai —disse ela, curvando seu lábio—. Deus me ajude, você se parece a ele cada dia mais.

—Não tanto como para permitir que você me destrua —soltou Mark. Ele sentiu que sua respiração se agitava e se esforçou por contê-la. Ele não ia permitir-lhe que o forçasse a discutir sobre seu pai. Não hoje—. Não me importa sua reputação —disse ele firmemente—. Não me preocupo comigo mesmo. Matthew, entretanto, merece proteção. Ele é meu irmão, e o considero como tal apesar dessa recente revelação respeito a sua paternidade.

Mark fechou seus olhos e visualizou a seu irmão tomando o chá com sua querida noiva, Lady Rosalind. Cristo, Matthew estava tão profundamente apaixonado pela moça. Muito profundamente.

Mark olhou a sua mãe e a encontrou deslizado suas mãos em suas luvas. Bom, ela partia. Ela se dirigiu brandamente para a porta.

Ele falou com suas costas.

—Lorde Benchley nunca permitirá que Rosalind se case com Matt se só houver uma dúvida em torno de seu nome. Me jure que só foi o bastante estúpida para escrever uma carta.

Lucinda se voltou para olhá-lo fixamente através do quarto com seus frios olhos verdes tão diferentes daqueles quentes cor avelã. E se ele alguma vez via aqueles formosos olhos outra vez? Ele devia vê-los.

Sua mãe não tinha respondido. Seu cenho se fez mais profundo.

—Diga-me isso agora, Mãe. Aparecerão mais segredos de família?

Seus olhos baixaram ao chão.

—Não —respondeu ela amargamente—. Não mais segredos. Eu só fui estúpida uma vez.

Mark deixou que seguisse adiante. Ele poderia argumentar, mas não quis. Ele queria a sua mãe fora. Pouco depois a porta de rua se fechou de repente. Ele caiu em sua cadeira e, descansou seus cotovelos sobre os desenhos arquitetônicos dispersos através de sua escrivaninha, apoiou sua cabeça em suas mãos. Como a odiava. Como detestava sua egoísta preocupação, sua constante necessidade de atenção e preeminência. Isso era asfixiante.

Ele suspirou e se esforçou em tirar sua mãe de sua mente. Inclinando-se em sua cadeira, ele deixou que seus olhos se fechassem e retornou ao Palácio de cristal, a ela. Como não a tinha notado imediatamente? Ele tinha estado tão preocupado com seus próprios pensamentos que, de não ter sido pela queda da árvore... Graças a Deus pelos meninos travessos. Ele simplesmente

tinha reagido, afastando-a do caminho do dano sem pensar. Então, no seguinte instante, a consciência dela, de seu corpo, sua essência o tinha dominado com uma pressa avassaladora. E depois ela se voltou e ele tinha olhado a cara do desejo.

Mark inspirou profundamente. Imaginou recitando as palavras da Canção de Salomão, escutou sua aprazível voz, viu sua boca suave formar as palavras. As palavras que ela conhecia de cor. Isso tinha sido surpreendente.

Ele recordou o som de seus gritos surdos e a sensação de sua carne escura. Seu pênis se agitou. Ele a desejava outra vez. Desesperadamente.

O qual era estranho. Depois de tê-la, ele tinha pensado em afastar-se e não vê-la outra vez. E embora nunca tinha estado com uma estranha que não fosse uma cortesã, afastar-se nunca tinha sido tão difícil, inclusive de mulheres às que conhecia bem. Mas hoje, ele quase não tinha sido capaz de fazê-lo. Obrigou-se a abandoná-la. Se até se negou o luxo de olhar para trás. Não deveria havê-la abandonado assim.

Ele tinha cometido um erro, um terrível erro.

"M"

"M" de engano? Deus, ela esperava que não.

Vestida com sua camisola de dormir e apoiada contra os travesseiros de sua cama, Passion olhou fixamente a letra azul bordada no simples quadrado. Nenhum adorno ou marco decorativo para seu misterioso homem. Ela tocou o tecido e a sustentou ante a vela ao lado de sua cama. O linho era da melhor qualidade. Levou-o a seu nariz e inalou o fresco aroma que se aderira às finas fibras tecidas. Seus olhos se fecharam brevemente. Não, não um erro. Nunca.

Lhe tinha dado um presente, um presente que ela tinha tido saudades. Êxtase em vez de refreamento. Desejo em vez de desinteresse. Liberdade e satisfação em vez de dever e obrigação.

Com um suspiro, ela pressionou o lenço em seu peito. Ele a tinha feito sentir vital, viva.

Quanto tempo se havia sentido intumescida? A resposta veio imediatamente: desde seu matrimônio. mais de três intermináveis anos, seu marido a tinha matado com a indiferença. Nunca cruel, nunca amável, ele tinha desgastado seu espírito com um frio desinteresse. Ela poderia havê-lo levado melhor se tivesse tido um bebê para amar e ser amada por ele. Mas nenhum bebê tinha chegado. E nenhum prazer ou satisfação tinham chegado com a tentativa. Seu marido sempre fazia seu "trabalho", como ele o chamava, em menos de um minuto. Ao princípio, seu corpo tinha desejado mais. Mas enquanto o tempo passava, o desejo se converteu em um grito. Noite após noite, ano após ano, ela tinha apertado seus punhos pela sufocante negativa de seu corpo ante suas mudas súplica de liberação.

Ela não tinha vertido nenhuma lágrima quando ele morreu.

Mas hoje ela tinha chorado.

E ele, ele era a realização de sonhos que ela tinha esquecido que tinha. Quase podia sentir sua boca sobre a sua, quase podia prová-lo. Ela percorreu seus lábios com seus dedos. Suas mãos a tinham acariciado e a tinham sustentado com imperturbável intimidade. Ela correu suas mãos firmemente através de seus seios e as baixou aos lados. Não houve nenhuma vacilação, nenhuma ambivalência em seu toque. Ele a tinha tomado com apaixonada ferocidade, exigindo tudo dela em troca de tudo o que ele dava. Sua mão se meteu entre suas pernas. Seu pênis a tinha enchido, tinha-a estirado, além das fronteiras do mero prazer e para o êxtase. Ela quase podia senti-lo em suas mãos. Tão grande e tão formoso.

Deus, o que lhe passava? Tirou sua mão de em meio de suas pernas, levou o lenço a seu peito. Ela se tinha entregue a um estranho! Quase não podia acreditar o que tinha feito. A lembrança era incrivelmente vívida mas estranhamente como um sonho, também.

E isso só poderia ter passado com ele. Ela franzido o cenho, só com este homem e desse modo. Ele era tão raro e inevitável como um meteorito que cai do céu. E ela tinha estado ali, no Palácio de cristal, quando ele tinha caído sobre ela. Um homem, um lugar. Uma vez?

Certamente, deve ser uma vez. Sua vida era ordenada e tranqüila. Ela tinha chegado a encontrar uma cômoda satisfação nisso. O dever e o compromisso tinham seu próprio contentamento. O dever e o compromisso a tinham mantido através de seu matrimônio e depois. Ela tinha encontrado seu lugar.

Passion suspirou e levantou o lenço a seu nariz outra vez antes de dobrar-lo com cuidado e colocá-lo sob seu travesseiro. Ela provavelmente nunca o veria outra vez, mas o aroma de verbena limão sempre o traria para sua mente; sempre lhe pertenceria.

Ela se deitou sobre um lado e olhou fixamente dentro da chama piscante da vela. Amanhã voltaria para Palácio de cristal. Uma emoção inextinguível a transpassou. Olhos profundamente azuis cheios de uma urgente súplica dirigida a sua imaginação. Ela recordou a curva de seus lábios, sua mão se meteu sob seu travesseiro, o ângulo de sua mandíbula. Seus dedos se fecharam ao redor do pequeno quadrado de tecido. A sensação de seu pesado pênis em sua mão.

Apesar de ser uma insensatez, queria vê-lo outra vez.

O que traria o amanhã? Provavelmente a continuação rotineira da vida a que ela estava acostumada. Mas possivelmente, só possivelmente, ela poderia ter a possibilidade de perder-se outra vez nas escuras profundidades de seus olhos azuis.

Amanhã. Parecia que faltava uma eternidade até amanhã.

Capítulo Três

Amanhã

Mark deu um passeio uma vez mais pela galeria principal do Palácio de Cristal, procurando atentamente entre a tardia multidão da manhã. Onde estava ela? Tinha estado procurando por mais de meia hora. O desalento caiu pesadamente sobre ele. O lugar parecia mais lotado que no dia anterior. Por que tinha pensado que seria tão fácil? Tinha estado seguro de que ela estaria aqui, seguro que a encontraria.

E se nunca a veria outra vez? Ele afastou a pergunta de sua mente com irritação. Não o ia considerar. Absolutamente não ia considerar-lo.

Ele se deteve ao lado de uma alta estátua de Psique. Assumindo que ela estava ali, eles podiam passar todo o dia um ao lado do outro e nunca sabê-lo. Ele devia ficar em um lugar e esperar. Mas onde? Se ela queria encontrá-lo, onde iria primeiro: porcelana, prata, ou móveis góticos? Ele tomou uma decisão rapidamente e se dirigiu aos móveis góticos. Sim, ela iria para lá. Esse era seu lugar.

Os ombros de Mark se esticaram enquanto avançava resolutamente para o lugar. Ela viria. Ela devia vir. Ele só tinha que esperar. Maldição. Ele odiava esperar.

Uma multidão de gente se amontoava em apertados montes ante cada pesado móvel exposto. Na parte detrás do salão, um pequeno grupo estava de pé ante um genuflexório. O olhar de Mark se centrou imediatamente sobre uma mulher de azul escuro. Os músculos de seu estomago se apertaram. Só meio revelada pela multidão, ele seguiu com a vista a linha entre seu

ombro e a tensa curva de sua cintura. Quando o resto do grupo se voltou para outro móvel exposto, ele viu a ampla cinta preta atada ao redor de seu braço.

Seu corpo se relaxou, e seu sangue correu por suas veias outra vez. Ele a tinha encontrado. O alívio fluíu sobre ele como uma onda e algo mais. Algo indefinível que o fez querer sorrir. Tirando as luvas e desabotoando-se seu casaco, aproximou-se dela devagar. Devia ser desejo. Ele podia senti-lo, inclusive agora, agitando seu íntimo e formigando por seu pênis.

Enquanto ele terminava de aproximar-se, a sensação se intensificou. Ele levantou sua mão. Os ombros dela se levantaram e caíram por um suspiro. Seus dedos a tocaram. Ela inclinou sua cabeça. Estava rezando? E então ele a tocou ligeiramente, as pontas de seus dedos arrastando-se brandamente pelo meio das costas de seu vestido de seda.

O corpo dela se sacudiu e em seguida, visivelmente, relaxou-se. Ele ficou atrás dela, defendendo-a do quarto, enquanto pressionava sua mão firmemente contra sua cintura e aspirava a fragrância de baunilha e flores-de-laranja que persistiam nela.

Senti-la e cheirá-la o excitava. Graças a Deus a tinha encontrado. Graças a Deus ela tinha vindo. O impulso de atraí-la a seus braços era quase esmagante.

—Olá! —disse ele, tranqüilamente.

Ela se deu volta, e ele deixou que sua mão se deslizasse por sua cintura antes de tirá-la. Suas longas pestanas se agitaram antes que ela encontrasse seu olhar.

—Olá!

Seus olhos eram ainda mais formosos do que ele recordava. Eram esses olhos cor avelã dourado o que ele encontrava tão irresistível? Ou a expressão de alegria refletida ali?

Ele sustentou seu olhar enquanto um grande grupo de damas se movia, passando-os, para admirar o biombo gótico. Seu membro se agitou ante a lembrança de ontem. Ela estava pensando nisso, também? Essa era a razão do olhar em seus olhos?

Mark deu um olhar à Bíblia aberta sobre o genuflexório. Olhem e velem, porque não sabem quando será o tempo. São Marcos 13:33.

—Estava aberto aí quando cheguei —ela inicou com a cabeça para a Bíblia— São Marcos é meu evangelho favorito, então tomei como sinal de que poderia vir —seus lábios formaram um quase sorriso— Então olhei e rezei.

O tom alto do falatório das damas se foi apagando enquanto se afastavam.

—E por que São Marcos é seu evangelho favorito?

Ela passou sua mão enluvada sobre a página em uma lenta carícia, e suas palavras chegaram pensativamente.

—Tem uma pura, respeitosa qualidade. Em seu original, não oferece cada resposta. E isso nem sempre é bastante —ela elevou a vista para ele— Mas São Marcos não se preocupa. Ele é honesto e sem travas —ela se encolheu de ombros e seu pequeno sorriso apareceu outra vez— Como provavelmente é o primeiro, o mais antigo, eu sempre acreditei que é o mais próximo à palavra do Senhor.

Mark sentiu um importante momento de influência divina antes de desprezá-lo por ridículo. Ele não pôde conter seu sorriso. Na realidade tinha que agradecer ao discípulo por reuni-lo com a mulher com a qual ele desejava transar. Um discípulo com o qual ele compartilhava o nome, nada menos.

—Está-te rindo de mim.

O sorriso de Mark se aliviou enquanto ele estudava seu formoso rosto. Realmente, Deus trabalhava de misteriosos modos.

—Me diga seu nome.

Ela vacilou.

—Por que?

—Por que —disse ele tranqüilamente— eu gosto de pôr um nome às mulheres com as quais transo —ele sentiu um golpe de pesar por sua frase, mas logo o desprezou. Embora crua, era verdade, e ela não devia ter nenhuma falsa idéia sobre por que ele estava ali.

Ela o olhou por sobre seu ombro enquanto um rubor obscurecia o rosado de suas bochechas, mas então ela ofereceu sua mão.

—Passion.

Mark se deteve, sua mão a meio caminho para a dela. Ele sacudiu sua cabeça.

—Não. Quero seu nome verdadeiro.

Ela o olhou com esses suaves, profundos olhos.

—Meu nome é Passion. Nasci em um Domingo do Ramos.

Mark fez uma pausa. A pluma de avestruz azul safira colocada dentro da asa de seu chapéu emoldurava seu rosto em um suave, sensual arco; compridos, misteriosamente iridescentes brincos revoavam brandamente contra sua têmpora. Seus formosos olhos o olhavam sem pestanejar, e sua boca rosada se abriu para respirar. Ela era Passion. Seu membro se levantou avidamente. Ele encerrou a mão dela com a sua.

—Eu sou Mark.

Seus olhos se alargaram, e uma de suas mãos se apertou sobre seu peito.

—Verdadeiramente?

Ele acariciou sua palma e assentiu.

—Nem sempre bastante, mas honesto e sem ataduras.

Ela sorriu.

—Então, possivelmente, isto realmente era um sinal.

Ele se encolheu de ombros.

—Se o preferir.

O quarto estava experimentando uma vazante. Uma família estava de pé perto da saída com alguns meninos muito observadores. Quando eles partissem...

Mark se voltou para Passion, protegendo-a em parte com seu corpo.

—Pessoalmente, não acredito em sinais. Acredito no que posso ver —lhe tirou as luvas—. O que posso tocar —ele levou a mão dela a sua rígida ereção. Deus, como amava seus dedos curvando-se a seu redor—. E o que posso sentir.

Ela se mordeu seu bonito lábio inferior enquanto o explorava discretamente sob a proteção de seu longo casaco.

O lento movimento da mão dela para cima e para baixo de seu membro o deixou ainda mais duro, fazendo-o desejar tê-la ainda mais. Quando ele a deteve com a pressão de sua mão firmemente sobre a sua, ela levantou o olhar para ele e seus olhos se moveram olhando atentamente seus traços. O que via ela? Ele via necessidade e desejo em sua expressão. Necessidade e desejo suavizado com algo mais. O que, não sabia, mas ela não devia ter nenhuma ilusão.

Ele apertou seus dedos ao redor dos dela e empurrou contra sua palma.

—Esta é a razão pela qual estou aqui, Passion. Por nenhuma outra razão a não ser esta. Entende-o?

Seus encantadores lábios tremeram um pouco.

—Sim. Entendo.

Ele liberou sua mão e lhe devolveu suas luvas. A voz dela o fez querer transar com ela. Maldição, tudo sobre ela o fazia desejar transar. Ele olhou por sobre seu ombro. Uns poucos casais pululavam em outro lado do salão. A família se foi. Ele deu um passo para o biombo. Passion se moveu com ele. Outro grupo grande fazia fila na entrada da exibição.

— Espera, espera.

Ele agarrou sua mão.

— Não, agora — e a empurrou contra a sombreado canto que estava mais perto.

Mark caiu de costas contra a parede e levou Passion consigo. Seus braços a esmagaram contra ele, e se equilibrou sobre sua boca levantada como uma ave de presa, colando-se a seus sensíveis lábios com dolorosa ferocidade. Ele empurrou sua língua dentro de sua boca, provando-a, penetrando-a. Enquanto ele empurrava sua língua mais profundo e lhe tirava o fôlego, sabia que estava sendo rude. Mas ela provocava isso nele. E entre seus ofegos por respirar, ela não o empurrava, se não que se apoiava mais contra ele, sua boca abrindo-se ainda mais à força de sua língua.

Ele a sentiu lhe empurrando o chapéu de sua cabeça e, enquanto os dedos dela se enredavam em seu cabelo, um suave gemido flutuou da boca dela à sua. Ele o tragou e exigiu outros enquanto dava um puxão às ataduras de sua calça. O corpo dela se moveu sensualmente contra o seu e ele sentiu como se rios de sangue bombeassem, sem descanso, em seu membro.

Ele estava tão duro que podia sair pela abertura em sua calça, e cada roçar contra a lã era uma tortura. Arrancando sua boca da dela, com um ofego de alívio ele finalmente liberou sua enorme ereção. Sobressaía-se erguida, maior e mais dura do que ele alguma vez a tivesse visto, a cabeça torcida e púrpura.

Passion se afastou dele e o olhou fixo, com a boca aberta e um olhar faminto. Ela lambeu seus inchados lábios. Lhe encantava isso; ela tinha feito a mesma coisa ontem.

Mark baixou suas mãos e liberou seu pesados testículo assim ela podia ver tudo dele. Enquanto os olhos de Passion faziam uma festa com sua exibição, ele se agarrou firmemente e se acariciou. Ele apertou sua mandíbula enquanto espremia um fluido claro da protuberante cabeça de seu membro. Então, com seu polegar, ele lubrificou as espessas gotas sobre a palpitante coroa púrpura até que brilhou.

— Isto é o que desejas, não, Passion? — murmurou ele baixo—. Se quisesse, poderia te fazer rogar por isso, verdade?

O corpo inteiro de Passion pareceu tremer. A pluma em sua têmpora se sacudiu, mas seus olhos não tinham piscado nem se afastado, nem sequer um momento, de seu pequeno espetáculo. Ela o olhou agora, e o desejo visível em seus olhos quase o assustou.

— Sim — sua voz era um doce, velado sussurro.

Lhe passou as pontas dos dedos pela bochecha.

— Mas não o farei — vozes flutuaram por cima do biombo do outro lado. Ele as ignorou e falou perto de seu ouvido—. Agora tire sua touca e abre o frente de seu vestido.

Passion soltou a cinta sob seu queixo e deixou cair o chapéu ao piso, revelando seu escuro cabelo castanho. A rígida severidade de seu cabelo partido ao meio e o coque trançado de algum modo realçavam sua beleza e faziam que o olhar de seus olhos se parecesse mais a de uma gama. Enquanto as mãos dela se moviam aos botões de seu vestido com pescoço alto, Mark conteve o fôlego e seu membro pulsou dolorosamente. Mas uma risada alta no salão de exibição a fez fazer uma pausa.

Mark franziu o cenho.

—Passion, abre seu maldito vestido —ele soou severo, impaciente. Mas maldição, isso era o que o fazia, e ele precisava ver mais dela agora.

Ela pareceu impassível ante seu tom e rapidamente liberou seus botões. Enquanto ia de um botão ao seguinte, vislumbres de seu pescoço e peito eram revelados. Finalmente, ela separou os dois lados, mostrando uma fina e pálida pele, delicadas clavículas, e uma profunda V de renda em sua roupa interior. A respiração de Mark se acelerou, e ele apertou firmemente seu tenso membro para aliviar a pressão de seu agitado esperma.

A pele dela brilhava cremosa e suave na luz vaga. Ela puxou a cinta rosada atada em seu peito, e depois desabotoou os diminutos botões da cobertura de cambraia de seu espartilho, separando-o uma vez aberto. Aparecendo sobre o pescoço de sua camisa e elevados por seu espartilho, os altos, luxuriosos montículos de seus seios se elevavam e caíam com sua rápida respiração. Mas tão formosa como era essa visão, os olhos de Mark estavam fixos, em troca, sobre as escuras sombras de seus mamilos. Aparecendo justo por cima das curvas de seu espartilho, e empurrando turgentes contra sua camisa, com ao menos a grossura de seu mindinho, eram dois dos mais suculentos brotos que ele alguma vez tivesse visto.

Com um baixo gemido, ele a aproximou de um puxão e atraiu sua mão a seu volumoso pênis. Enquanto os dedos dela se curvavam seu redor, ele desceu de um empurrou as capas de sutiã, espartilho, e camisa de seus ombros. Levantando-a contra a parede, ele a escorou com sua perna e esfregou sua bochecha contra a dura protuberância de um mamilo expondo o outro com um firme puxão a sua camisa. Passion ofegou, e suas costas se arquearam.

O membro de Mark bombeada na mão dela, e a boca dele se fazia água. Seu exposto mamilo era rosa escuro e o pico estava grosso, distendido ainda mais uma vez liberado de seu confinamento. Ele deixou as outras cobertas. Gostava da visão de seus mamilos apertados pelo tecido. Luziam positivamente comestíveis para a boca de um homem, não a de um bebê. Como conseguiu ele ser tão condenadamente afortunado? Enquanto beliscava e fazia rodar entre seus dedos o mamilo nú, ele fechou sua boca sobre o que ainda estava coberto por sua camisa. Enquanto o chupava e o lambia com sua língua, cresceu e se alargou ainda mais. Quando ele finalmente se retirou, olhou faminto o que tinha causado. O grosso mindinho de carne se sobressaía quase um centímetro de sua rosada base, e o tecido molhado de sua camisa se aderira a ele como uma segunda pele.

A respiração de Passion chegava em curtas exalações enquanto se arqueava contra ele, uma mão agarrando a nuca dele, a outra exercendo sua magia sobre seu ansioso membro.

Inclusive o som de sua respiração o inflamava. Ele baixou a cabeça para morder o mamilo coberto e deu golpes com sua língua sobre seu pico. O corpo de Passion saltou em seus braços e enquanto algumas gotas de sêmen brotavam de seu enfermo pênis, ela as esfregou sobre sua agora ardente carne. Mark gemeu e fechou a boca avidamente sobre seu mamilo nú, chupando-o com força e esfregando sua língua sobre o comprido, rígido pico até que Passion se retorceu contra ele.

—Por favor!

Ele ouviu seu urgente sussurro inclusive sobre o ruído crescente da multidão mais à frente.

—Eu... eu necessito ...

Mark arrancou sua boca de seu suculento mamilo e a deixou deslizar, descendo por sua perna. Seus quadris se sacudiram, e seus dedos se curvaram sobre o tecido das mangas do casaco dele como se necessitasse ajuda para permanecer de pé. Quando ela o olhou, elevando a vista, ele deixou de respirar um momento. Seu formoso rosto era a imagem de um desejo tão desesperado e comovedor que um pequeno, indesejado roçar de sêmen na realidade se derramou, espesso e cremoso, sobre a cabeça de seu membro.

Um longo friso marrom avermelhado caiu livre de seu coque, seu rosto estava avermelhado, e seu úmido lábio inferior tremia, doce e fazendo birra. Seus olhos de longas pestanas lhe rogavam melhor que o que as palavras alguma vez poderiam. E enquanto ele a olhava, uma lágrima caiu por sua bochecha e se pulverizou sobre a elevação de seu seio. Ele a olhou gotejar pela inclinada borda e correr até descansar sobre seu rosado mamilo.

—Mark, eu... eu necessito...

Como amava sua voz.

—O que necessita? —ele falou baixo e intimamente enquanto esfregava seu membro por todo o comprimento de seu eixo. As pestanas dela desceram por um momento enquanto o olhava—. Diga-me que necessita, Passion.

Um franzido enrugou sua testa enquanto ela levantava seus úmidos olhos. Outra lágrima caiu.

—Você sabe.

Ele acariciou com o nódulo de seus dedos o rastro molhado sobre sua bochecha e depois esfregou a umidade de seu mamilo, arrancando um ofego dela.

—Mas quero te ouvir dizê-lo. Só me diga isso.

Passion mordeu seu lábio e seus dedos se apertaram em seu casaco outra vez. Duas lágrimas mais caíram por suas bochechas. Tão formosas lágrimas.

—Muitas mais destas e me obrigará a me compadecer de ti —ele pressionou um beijo no caminho que sua lágrima tinha tomado, em seguida depositou outro em sua tremente boca—. Vamos, Passion —ele a beijou outra vez—. Me agrada te ouvir falar —ele mordeu brevemente seu suave lábio inferior—. E ninguém saberá o que diz, salvo eu.

—Preciso-te —disse ela ofegando. Seus dedos se apertaram, e seu peito se elevou—. Te necessito, dentro de mim.

—Ah. Bem, isso está bem, porque eu preciso estar dentro de ti.

Ele podia afogar-se em seus olhos. Ele passou os nódulos de seus dedos sobre seu grosso, mamilo nú.

—Estão úmidas suas coxas?

—Sim.

—Está seu sexo apertando-se faminto, inclusive agora?

Suas pestanas revoaram, baixando, e um rubor obscureceu suas bochechas. O ruído da multidão flutuou por cima do biombo.

Mark levantou seu queixo com um dedo.

—Não afaste o olhar de mim —ele deslizou seu polegar através de seu lábio inferior—. E nunca te envergonhe. Não há nenhuma necessidade —ele olhou a si mesmo—. Me olhe, estou aqui de pé com meu membro se sobressaindo, tão cheio de sêmen que está saindo por si mesmo —ele pressionou sua boca sobre sua úmida bochecha—. Mas não me preocupo, porque estou contigo —ele dirigiu sua mão a seu membro— e é por isso que estamos aqui —os dedos dela desceram por seu pênis e embalaram seu testículo. Ele voltou a soltar um gemido. — Agora me diga algo, antes que eu chegue ao orgasmo e me verta diretamente sobre a frente de sua saia.

Ela encontrou seu olhar; suas longas, úmidas pestanas em pontas.

—Estou apertada —sussurrou ela— E agora mesmo, sinto que se não encher este vazio em mim, eu poderia me tornar louca de desejo.

Duas lágrimas mais caíram. ele gostou de as ver. Ele tinha o poder de satisfazê-la, ou não. Ela o necessitava.

—Por favor, Mark.

A respiração dele se acelerou.

— Você tem o que preciso — suspirou ela.

— Correto, maldita ele seja — Tomou seus lábios em um beijo duro, potente. Ele podia provar suas lágrimas e empurrou sua língua dentro, passando sobre seus suaves dentes e roçando o paladar de sua boca. Enquanto ele empurrava mais profundo, fazendo que abrisse ainda mais sua boca, puxou, levantando suas saias e empurrou sua mão entre suas pernas. Ele gemeu em sua boca, e o corpo dela quase se desabou em seus braços. O sangue de Mark corria. Os braços de Passion se agarraram a ele. Ele nunca havia sentido nada como isto; ela estava gotejando em sua mão.

Ele interrompeu o beijo e aspirou ar enquanto a girava para enfrentar a parede. O sêmen se derramava de seu membro. A cabeça estava quente e dilatada. Maldição! Ele a apoiou contra a escorregadia boca de sua vulva e empurrou.

Mark ofegou forte enquanto afundava a sensível cabeça de seu pênis contra a entrada de Passion. Ele ouviu seu suave gemido sob o ensurdecador ruído de seu sangue que palpitava em seus ouvidos e o zumbido estável da multidão. Ele podia sentir o esperma, ainda gotejando dele, enquanto empurrava outra vez, mais duro. Mais duro!

Seu membro se sentia tão rígido como o aço, e o sexo dela estava estirado e malditamente apertado ao redor dele. Ele sustentou seus quadris e empurrou outra vez, amando a explosão de prazer adormecedora que se disparava por ele com cada assalto sobre sua entrada. Todo seu membro palpitava, e o sêmen continuava bulindo em seus testículos e derramando-se dele em uma corrente lenta, constante. Ele empurrou outra vez, apertando a torcida cabeça de seu pênis contra a apertada abertura de sua entrada, enquanto ele sustentava energicamente seus quadris. Ele ouviu o ofego de Passion. Ele voltou a tragar um gemido. A pressão se sentia tão malditamente bem, e ele estava tão duro, que sentia como se nada pudesse lhe impedir que forçasse seu caminho nas mais profundas cavidades do corpo dela.

Ele falou contra de seu ouvido, sua voz um rouco sussurro, enquanto seguia apertando os quadris dela.

— Isto é o que necessita, verdade? Isto é pelo que retornaste — ele se retirou e empurrou — para ser completamente cheia — ele empurrou mais duro —. Verdade?

O sexo de Passion se apertou ainda mais ao redor dele.

— Sim! Sim!

Ele apertou seus olhos fechados enquanto seus quadris de repente investiram de um modo incontrolável nela, cada empurrão para frente, abrindo a carnuda entrada. Ele ouviu um ofego afogado e, apertando com força seus quadris, enterrou seu membro com implacável força contra a barreira.

E com uma grande inalação de ar, Passion deu, a ínfima inclinação. Um grunhido como de animal escapou dele quando sentiu a incrível pressão. Mas ele não podia retirar-se, não agora. Seu sexo palpitava com tal força, que extraía deliciosos pequenos jorros de sêmen dele.

A respiração de Mark era desigual perto de seu ouvido.

— Passion, seu útero está chupando meu membro como uma boquinha faminta — ele mordeu seu suave lóbulo enquanto um forte puxão espremia mais dele —. Isto parece uma súplica por mais. É isso? — seu membro palpitou, e ele inclinou seus quadris ligeiramente —. Tenho mais para te dar. Me diga que o quer.

Com uma bochecha apertada à parede e a outra vermelha e úmida, uma frouxa mecha de cabelo se frisava frente a seu rosto e revoava com cada uma de suas curtas, ofegantes respirações. Seu sussurro foi tão baixo que ele teve que esforçar-se por ouvi-lo.

—Quero tudo isto. Quero estar cheia por isso. Se eu pudesse oferecer meu corpo inteiro como uma vagem para seu membro, faria-o.

As pernas de Mark quase se dobraram. Seu membro pulsou com uma quente onda de sangue.

—Oh Passion, eu morreria por isso! —ele empurrou nela com força renovada—. Te abra para mim. Abre! —seus quadris bombearam nela com rápidas, fortes, descaradas arremetidas enquanto ele empurrava mais duro que nunca. Ela arqueou suas costas, e ele quase gritou quando sentiu que a cabeça de seu membro apertava profundamente contra as trementes portas de sua matriz. Seu testículo se inchavam com mais esperma. —Isso. Te abra! Me deixe entrar em ti.

Passion começou a estremecer-se. Suas mãos arranharam a parede, e lágrimas correram por suas bochechas. Sua voz foi um sussurro torturado.

—Mark! Mark, vou ... já vem! Não posso pará-lo!

Mark conteve a respiração enquanto o corpo dela fazia erupção. Ele apoiou de repente sua mão sobre sua boca justo antes de que um longo, solucionante gemido tivesse escapado dela incontrolável.

—Sim, sim —ofegou ele em seu ouvido—. Faz-o. Vamos! —ele se apoiou no quadril dela com sua mão livre e, enquanto onda atrás de onda de estremecimento apertava e puxava de seu enfermo pênis, sabia que ele se ia com ela. Apertou seus olhos, seu pênis palpitou espectador, e logo seu apertado sexo na verdade o chupou mais profundo. Ele afogou um gemido e mordeu seu pálido ombro enquanto empurrava contra os apertados, inclinados dedos de carne que protegiam a entrada de Passion. Ele nunca tinha estado tão profundo em uma mulher.

O suor apareceu sobre sua testa. Seu coração martelava em seu peito.

—Eu poderia te dar tudo agora mesmo —disse ele rouco, em seu ouvido—. Se quisesse, poderia enterrar todo meu pênis em ti agora mesmo. Meu membro está tão malditamente duro, e tenho a força para fazê-lo —ele não podia deixar de empurrar—. Mas quero que você se acabe por mim, uma e outra vez.

Seus quadris bombearam mais e mais rápido. Passion gemeu atrás de sua mão. Ele a sentiu correr-se, gotejando sobre seu testículo. Sua succulenta vulva estava agarrando-o outra vez, e a pressão sobre a cabeça de seu membro não se parecia com nada que ele alguma vez houvesse sentido. Ele bombeou com uma animal fúria selvagem que o fazia empurrar mais longe, ainda negando o impulso com os últimos vestígios de vontade. Ele estava ardendo, e ele desejava arder para sempre. Para sempre!

—Maldição! —grunhiu ele contra o ombro dela e se lançou às chamas. Seu pênis estalou. Cegadora brancura explorou diante de seus olhos. Com força explosiva, avalanches de sêmen quente saíram dele. Ele amorteceu seus gritos contra a pálida curva do ombro de Passion enquanto bombeava cada vez mais e mais nela. Ele não podia pará-lo, não queria pará-lo. Seguiu-se correndo e correndo, um rugido subindo de seus testículos cheios e arrojado em espessos jorros de lava como único modo de liberação. Ele gemeu. Suas pernas tremeram.

Com cada poderosa expulsão, um eufórico, cegador clímax percorria seu corpo, sacudindo-o com tremores que pareciam que nunca poderiam terminar.

Então, justo quando pensou que ele tinha gasto tudo o que tinha, Passion se acabou outra vez. Sua vagina agarrando e chupando seu meio ereto membro tão diligentemente que ela o enrolou para conseguir um último jorro de pegajoso sêmen.

Mark não podia ouvir nada mais que o som de sua própria respiração. Ele abriu sua boca sobre o ombro de Passion e provou sua pele. Era salgada; por seu suor ou o dele, não sabia. Ele não se preocupou. Seus braços a rodearam, suas mãos embalando seus succulentos seios.

Ali era onde ele pertencia. Isto era o êxtase.

E do outro lado do biombo, a multidão se movia. Quanta gente os tinha passado, sem saber?

Depois de que sua respiração se normalizou e ele reuniu alguma energia para mover-se, Mark levantou sua cabeça e acariciou o longo cacho de Passion retirando o de seu rosto. Os olhos dela estavam fechados.

— Está bem?

— Sim — a palavra chegou ao mesmo tempo que exaltava. Seus olhos ficaram fechados.

Mark apertou seu braço ao redor dela. Roçando com seu dedo sua ruborizada bochecha, lhe deu um beijo no suave lugar atrás de sua orelha.

— Estou ainda dentro de ti.

— Sei — disse ela sobre o vento de outro fôlego.

Ela cheirava a baunilha, flores-de-laranja, e sexo. Ele a beijou outra vez.

— Acredito que te enchi até transbordar. Quando me retirar, vai derramar-se.

— Não me importa.

Mark sorriu. Gostou de sua resposta. Às mulheres em geral não gostavam de sujar-se, especialmente com a sujeira de um homem, e certamente não sobre sua pessoa.

— Excelente — sussurrou ele e começou a retirar-se.

Passion gemeu e seu ombro se elevou. Mark fez uma pausa quando notou uma escura contusão na pálida inclinação. Ele recordou ter amortecido seus gritos contra ela, chupando com força para contê-los. Ele correu seu dedo sobre o sinal, e seu membro se sacudiu quase dolorosamente.

Passion voltou o olhar para ele.

Ele encontrou seu olhar e pulsou dentro dela.

— Deixei uma marca sobre ti.

— Sêrio?

— Sim — ele se inclinou e beijou o ponto, tocando-o com sua língua, então lentamente se retirou dela.

Ela ofegou brandamente, e Mark deixou cair suas saias.

Ainda meio ereto, seu pênis estava escorregadio pelo sêmen. Passion girou e o olhou enquanto ele o limpava com a aba de sua camisa. Ele a olhou, apoiando-se contra a parede, com seu cabelo castanho caído e um formoso seio meio nú, e pensou que ela era a coisa mais formosa que ele já tinha visto alguma vez. Ele empurrou seu resistente pênis dentro de sua calça e se abotoou antes apoiar suas mãos em qualquer lado dela. Estudou o rosto levantado dela, memorizando o arco de sua sobancelha, a inclinação de seu nariz, e a curva de seus lábios.

Ela fez uma profunda, desigual inspiração e se estirou para voltar a colocar seu vestido sobre seus ombros.

— Me deixe te ajudar — murmurou Mark, arrumando cuidadosamente a seda safira de seu sutiã sobre seus ombros.

— Obrigado.

— Graças a ti — ele deixou que seus dedos roçassem seu mamilo nú, obtendo um ofego antes de devolver sua camisa a seu correto lugar. Quando ela levantou suas mãos, ele as afastou. — Me deixe — lhe deu beijo na testa —. Serei bom.

Ela sorriu ante isso, e seu sorriso o fez sorrir a ele.

Mark endireitou a coberta de seu espartilho. Enquanto deslizava os diminutos botões por suas casas, lhe ocorreu que ele nunca, em toda sua vida, tinha ajudado uma mulher a vestir-se. Inclusive a suas amantes, com quem ele estava geralmente por que queria, ele nunca tinha

levantado um dedo para ajudar. Ele atou o pequeno laço rosado em cima da fila de botões. De fato, uma vez que ele acabava, estava completamente desinteressado em intercambiar, nem sequer, uma educada conversação.

Ele fechou o frente de seu sutiã e começou com os botões. Mas claro, embora todas eram cortesãs pagas, nenhuma de suas amantes lhe tinha dado nunca o que Passion lhe tinha dado grátis. Nenhuma tinha mostrado tal necessidade. Nenhuma lhe tinha dado suas lágrimas. E embora todas elas alegassem adorar seu pênis, nenhuma tinha aberto seu corpo a ele. Nenhuma o tinha desejado.

A suave voz dela chamou sua atenção.

—Posso te perguntar algo?

—Sim —ele compreendeu que estava franzindo o cenho e estendeu suas sobrancelhas.

—Há dito antes, que você gosta de pôr um nome às mulheres com as quais transa.

Cristo, isso soava mal inclusive a ele.

Ela piscou e umedeceu seus lábios.

—Pergunto-me, faz isto freqüentemente?

Mark lhe fechou seu último botão.

—O que é o que quer saber, se transo freqüentemente, ou se freqüentemente transo com mulheres desconhecidas em lugares públicos?

Ela considerou isso um momento.

—Suponho que o último.

Mark conteve seu sorriso. Sua linguagem nunca parecia ofendê-la.

—Não —ele se inclinou para deixar cair um beijo no canto de sua boca—. Nunca —ele tocou seu lábio inferior com sua língua—, até agora, contigo.

Ela o estudou um momento, como se estimasse a verdade de suas palavras. Depois:

—Obrigado por me responder.

Ele levantou suas sobrancelhas.

—De nada.

Ele deslizou seu suave cacho castanho entre seus dedos antes de deixá-lo cair. Ela o roçou nele enquanto tomava, logo retorceu o cacho rebelde ao redor de seu coque trançado. Levantando seu outro braço, ela empurrou um alfinete e rapidamente fixou a pesada mecha. Alisou os lados com seus dedos e logo pressionou com sua palmas a parte detrás, sentindo os fios fora de lugar.

Ele desejava vê-la com seu cabelo solto.

Agachando-se, ele levantou seu chapéu.

—Quero ver-te outra vez —lhe disse enquanto deslizava o chapéu sobre a cabeça— E eu não gosto da incerteza —ela levantou seu queixo, olhando-o fixamente enquanto ele puxava os laços de seda formando um coque. Ele os pôs no mesmo atrativo ângulo que ela o tinha tido antes. — Encontrará-te comigo aqui, amanhã, às dez e trinta?

Passion sorriu.

—Obrigado por pô-lo onde o queria.

Sua risada o deslumbrou, e seu membro pulsou contra sua coxa.

—O que pus onde queria?

Os dedos dela percorreram as fitas de seu chapéu.

—Meu coque. Obrigado por recordar onde o tinha e voltar a para colocar-lo ali —ela inclinou sua cabeça a um lado—. Obrigado por te dar conta de tudo.

Como podia não notá-lo?

—Então, virá?

Ela fez uma pausa só brevemente.

— Sim.

Mark sorriu enquanto recolhia seu chapéu.

— Bem — ele se passou os dedos por seu cabelo e esteve a ponto de colocar sua cartola.

— Espera — disse Passion brandamente.

A respiração de Mark se fez pesada enquanto ela se aproximava. Elevando-se, ela jogou para trás a recalcitrante onda que sempre caía sobre sua testa. Depois ela penteou com seus dedos o curto cabelo sobre suas orelhas e alisou sua nuca. Ela estava tocando-o. Ele desejava tocá-la.

— Agora sim — murmurou ela.

Mark colocou o chapéu em sua cabeça. Os ágeis dedos dela se deslizaram para sua gravata, ajustando os intrincadas dobras. Por que isto lhe importava tanto que suas mãos estavam sobre ele? Ela alisou o frente de seu colete e as lapelas de seu casaco. Suas longas pestanas se agitaram. Ele descansou suas mãos sobre sua cintura. Ela passou sua palmas pelas mangas do casaco onde ela se agarrou antes. Ele gostou da sensação de sua magra, curvilínea cintura.

— Pronto — suspirou ela, levantando seus olhos cor avelã dourado.

Com a vista cravada em seu profundo olhar, Mark desejou poder fazer desaparecer à multidão que estava justo atrás do biombo. Ele desejou poder tê-la uma vez mais. Agora.

— Me beije.

Passion umedeceu seus lábios e logo levantou seus braços até seus ombros. Quando ele não se moveu, ela fez uma pausa.

Os dedos de Mark se apertaram sobre sua cintura. Ele esperou.

Então as mãos dela se deslizaram sobre seus ombros. Uma se deslizou para trás de seu pescoço. Com uma gentil pressão, ela o fez baixar a cabeça.

O corpo dela se apertou ao dele. Sua cabeça se inclinou, seus olhos se fecharam, e sua boca se separou.

Mark não respirou. Seus olhos se fecharam.

A boca dela pressionou sobre a dele com a mais suave, mais doce urgência. Os delicados lábios beliscaram os dele para abri-los, e sua língua o provou em lentas, luxuriosas lambidas. Sua mão se apertou sobre sua nuca, e sua língua se moveu mais profundamente. Mark gemeu e arrastou seus braços ao redor dela. Passion o beijou e o beijou, sugando sua língua, a sua boca e acariciando-a com a sua.

Os músculos de Mark se esticaram. Um forte pulso palpitou em sua virilha. Uma onda de vertigem o percorreu. Com um baixo gemido, a contra gosto, arrancou-se do abraço de Passion e pôs uma mão na parede para estabilizar-se.

Ela o sustentou com seu ombro, e um cenho preocupado enrugou sua testa.

— Sente-se bem?

Mark baixou o olhar e expulsou um bufo sem poder acreditá-lo. Seu membro estava tenso, grosso e duro contra a sua calça, forçando-a a adotar um estranho ângulo. Não era estranho que sentisse a cabeça tonta. Ele olhou o cenho preocupado de Passion e sentiu uma onda quente.

— Sim. Estou muito bem.

Jogando um olhar para baixo, o olhar dela ficou parado.

— Oh — sussurrou ela, lambendo-se imediatamente os lábios.

Mark se estremeceu quando sua ereção respondeu imediatamente com um duro golpe contra seu confinamento. Maldita seja! Onde infernos estava seu controle? Uma cólera repentina lutou com sua luxúria. Ele tentou contê-la.

Passion levantou sua mão para ele.

Ele apertou sua mandíbula e grunhiu,

—Sugiro que te parta antes de que eu te impeça.

Ela se sacudiu, afastando-se. Um cenho enrugou suas sobrancelhas, então se deu volta para ir-se. Mark deu um passo para dela. Ela fez uma pausa na estreita saída. Seu coração palpitou. E se...? Ela inclinou para frente sua cabeça cautelosamente. E se ela não voltava como tinha prometido? Ela deu um passo, saindo.

—Passion —chamou ele, tratando de alcançá-la.

Ela se tinha ido.

Capítulo Quatro

Matrimônios Forçados

Passion estava pintando. O tema era uma hortênsia azul. Mas uns olhos profundamente azuis, umas sobrancelhas escuras rasgadas, e uma boca sensual rondavam em sua mente. Mark. Seu corpo se estremeceu, como se uma carga de eletricidade o atravessasse.

—Lamento que fosse impossível me reunir contigo na exposição ontem —disse Charlotte enquanto tentava duplicar uma rosa rosada ante ela.

—Está bem.

O pincel de Passion girou sobre o prato. Ela podia ouvir a voz dele baixa e urgente, podia sentir suas mãos, fortes e seguras. E seus beijos, seus profundos e famintos beijos, fazendo-a sentir débil e sem fôlego.

—Mamãe seguiu me pressionando para que fosse, mas realmente tinha o pior das dores de cabeça.

—Umm. Hum.

Passion banhou o pincel em azul celeste e recordou a sensação da cabeça de Mark apertando-se contra seu seio, correndo sobre seu mamilo. Esse pensamento a fez umedecer de necessidade. Seu aroma, o sentir-se em seus braços, trouxe-lhe um desejo embriagador envolvendo-a consoladoramente. Como podia ser?

—Inclusive tinha toda minha roupa estendida. Ela nunca faz isso. Não sei por que estava tão insistente.

—Hum! Estranho.

O braço de Passion flutuou, dirigindo o pincel. Detrás de seu biombo, tinha estado em outro mundo. Um mundo feito só para os dois. Um mundo onde o desejo e a satisfação cruzavam do reino de sonhos ao da realidade.

—Se não tivesse começado a chorar, penso que ela na realidade me teria obrigado a ir.

—Sério?

Passion aplicou cor ao pincel. Mark era muito real. A imagem de seu membro, elevando-se grosso e duro contra sua calça, estava arraigada em seu cérebro. Se se concentrasse com bastante força, quase poderia sentir a sensação incrível de o ter dentro dela. Passion trocou de posição em sua cadeira enquanto um pulso formigante palpitava entre suas pernas.

—Não está zangada comigo, verdade? Disse a mamãe que não o estaria.

—Não.

Mas no final, ele tinha estado zangado. Por que? Tinha-lhe pedido que o beijasse e em seguida tinha rechaçado que lhe tocasse e lhe havia dito que se fosse.

—Vá antes de que te impeça —lhe havia dito.

Por que desejaria zangá-lo? Isso não tinha acontecido antes. Ainda a desejava? Desejaria-a amanhã?

Franziu o cenho. Que Deus a ajudasse, ainda o desejava. Mais urgentemente.

Charlotte suspirou.

— Você está zangada comigo. Posso senti-lo.

Passion finalmente olhou a sua prima. A cálida luz do sol que se filtrava através das janelas do jardim da Tia Matty iluminava os cachos castanhos de Charlotte.

— Charlotte, não estou zangada contigo.

— Sua nota de desculpas estava aqui quando chegamos em casa. Eu não estava zangada contigo então. E não o estou agora.

Charlotte riu.

— Me alegre.

Pôs um pouco de tinta branca fresca sobre a paleta.

Passion voltou para sua pintura. Quão diferente teria sido seu dia se Charlotte tivesse ido ao seu encontro. Era possível que o caminho da vida de alguém pudesse girar por um pouco tão inconseqüente como uma dor de cabeça? Certamente hoje percorreria um caminho diferente ao que percorria faz dois dias. Parecia o mesmo em muitas maneiras, como agora, sentada aqui pintando com Charlotte. Mas atrás do biombo do Palácio de Cristal, e nas curvas ocultas de seu corpo, tudo parecia diferente.

Que estranho que todo o resto continuasse como sempre.

Fez uma pausa em sua pintura. Certamente, queria que tudo continuasse como sempre. Assim era a vida. O que passou atrás do biombo no Palácio de Cristal estava relegado a um reino de sonhos e segredos. Sim, tudo deve continuar como sempre.

Passion jogou uma olhada à paleta de cores. Franziu o cenho ao ver sua faca de aço molhada com tinta branca.

— Charlotte, usou a faca de aço para misturar o branco Lacroix?

Charlotte jogou uma olhada por cima do prato de porcelana ante ela, com o pincel agarrado fortemente em sua mão.

— Sim, não está bem?

Passion deixou sair sua frustração. Tudo como sempre.

— Não, querida. O branco e os amarelos se danificam pelo contato com o metal. Deve usar a faca de madeira. A faca de aço é para as outras cores.

— Oh, Passion, sinto muito. Está arruinado então?

O desgosto de Charlotte se refletiu claramente sobre seu bonito rosto.

— Bom, sim.

Passion deu a sua prima a terebintina.

— Toma. Limpa a faca com isto.

Passion suspirou. Acabava de comprar aquele pote de branco, e agora a metade havia se desperdiçado. Raspou a pintura poluída da paleta e tirou o resto com um pano de musselina empapado de terebintina.

Quando elevou a vista, encontrou Charlotte olhando-a com um cenho de preocupação.

— Quando formos as compras, comprarei-os.

A tensão de Passion se aliviou. Aos dezesseis anos, Charlotte era de temperamento amável e bem intencionada que Passion nunca podia zangar-se com ela por muito tempo. Riu.

— Não se preocupe, querida. É somente um pouco de tinta. Mas temo que terá que começar de novo seu prato.

Charlotte a olhou consternada.

— E isto é o melhor que alguma vez tenho feito.

Passion jogou uma olhada à rosa de aspecto flácido que estava no centro do prato.

— Está melhorando. O próximo será ainda melhor.

Charlotte jogou uma olhada ao prato de Passion, e seus olhos se alargaram.

— Ah, Passion. É formoso. Ainda melhor, é magnífico!

Passion examinou a hortênsia que tinha pintado sobre a porcelana. Embora menos exigente e mais artística que seu trabalho habitual, estava viva. Parecia flutuar sobre o prato, um vestígio flutuante do jardim, esperando para ser arrancada e salva por um banho refrescante dentro de um vaso com água. Essa era a qualidade de trabalho que sempre tentava, mas nunca alcançava. Como, em nome do céu, tinha-o obtido hoje, sem sequer pensá-lo?

— Prata — disse Charlotte pensativamente. — Deve pratear-lo.

— Sim — Passion assentiu enquanto assinava P.E.D. sob a flor —. Prata será perfeito.

— Passion, por que assinas tudo com P.E.D.? Não deveria usar o nome de seu marido?

Ela olhou fixamente as iniciais. Nunca poria o nome de seu marido sobre seu trabalho. Era dela, não dele.

— Para o mundo, sou a Senhora Passion Elizabeth Redington. Mas em meu coração e em minha arte, sou Passion Elizabeth Der. E até que realmente entregue meu coração, permanecerei assim.

O som de vozes chamou sua atenção.

— Estou muito agradada de que pudesse vir a nos visitar, Senhor Swittly — a voz de Tia Matty, era de um tom alto inclusive quando tentava ser discreta, chegou ao jardim da sala contígua.

— Quando conhecer você a minha sobrinha, não deve alarmar-se por seu nome. Não é absolutamente um reflexo de seu temperamento, que é tão refinado como o de qualquer senhora. Nunca saberei por que meu querido irmão permitiu que a menina fosse batizada com esse nome. Foi tudo idéia de sua mãe, o asseguro.

Charlotte riu bobamente com a mão sobre a boca, Passion entreabriu os olhos. Ela quase podia ver sua tia mover a cabeça com desaprovação.

— Por favor sente-se, Senhor Swittly. Trarei-lhe minha sobrinha e sua prima.

A cabeça de Tia Matty apareceu embainhada em uma touca de renda no jardim.

— Garotas, garotas — sussurrou fortemente — venham imediatamente.

Passion e Charlotte se pararam e se tiraram seus aventais de pintar.

— Venham, garotas — as urgiu Tia Matty, enquanto olhava a ambas com cuidado —. Charlotte, tem pintura no dedo. Passion, querida, você em troca está perfeita.

Passion esperou que Charlotte se limpasse o dedo e logo Tia Matty as introduziu na sala.

Um homem alto, corpulento com uma tez corada e um arbusto de cabelo grosso, rebelde e loiro se ergueu quando entraram.

— Senhoras, tenho a honra de lhes apresentar o Senhor Alfred Swittly, sobrinho de minhas queridas amigas, as senhoritas Eustacia e Arabella Swittly.

Passion sentiu a mão de sua tia empurrando-a para que avançasse.

— Senhor Swittly, ela é minha sobrinha, a Senhora Passion Redington.

Passion assentiu enquanto o enorme homem se dobrava ante ela.

— Encantado, Senhora Redington — disse ele, em um tom baixo enquanto seus olhos verdes a analisavam rapidamente de cima a baixo.

A Tia Matty riu com aprovação.

—E ela é a senhorita Charlotte Lawrence, prima de Passion.

—Encantado de novo —então Alfred Swittly.

A Tia Matty levou Passion e Charlotte para o sofá enquanto o gigante retornava a seu assento. Se os móveis pudessem gemer, Passion estava segura que a fina cadeira o faria. A cadeira rangeu perigosamente enquanto Alfred Swittly se acomodava entre seus braços curvados.

—Deve você me perdoar, senhorita Lawrence, por interromper sua lição de pintura —Alfred olhou a Passion—. Intirei, Senhora Redington, por sua tia, que ensina a sua prima os pontos mais sutis para pintar botânica sobre porcelana. Devo dizer que acredito que tal propósito é o mais apropriado para que uma senhora se ocupe. As mãos devem manter-se ocupadas, enquanto não se exija muito à mente. E o resultado final é uma curiosidade pequena e encantadora com a qual decorar a casa —sorriu—. Essas elegantes e domésticas habilidades são um verdadeiro atrativo em uma senhora.

Que áspero. Passion levantou as sobrancelhas e riu.

—Apenas sei como digerir tal louvor, senhor. Temo que possa passar fatura a minha pobre mente se tento formar uma resposta apropriada, em troca, sentarei-me, e aceitarei recatadamente sua sabedoria superior.

A Tia Matty dirigiu um cenho de suspeita por cima de seu leque a Passion, mas Alfred Swittly positivamente se inchou com condescendência.

—Encantador. Encantado —jogou uma olhada entre Passion e Charlotte antes de retornar seu olhar à Tia Matty.

—Você deve estar muito orgulhosa, senhorita Der, de ter sobrinhas tão encantadoras.

A Tia Matty riu.

—Estou-o, Senhor Swittly. As filhas de meu irmão são as meninas de meus olhos. Entretanto, Charlotte, essa querida menina, não é minha sobrinha. A mãe de Charlotte —e nesse ponto a voz da Tia Matty traiu seu desdém—, uma certa Senhora Abigail Lawrence, era prima da mãe de Passion.

A Tia Matty se abanicou energicamente e procurou Passion em busca de ajuda.

—Isto que faz o que de Charlotte? Prima irmã ou segunda prima?

Passion pôs sua mão sobre Charlotte e dirigiu um pequeno sorriso a Alfred Swittly.

—Charlotte é minha segunda prima.

A Tia Matty franziu o cenho e deixou de abanar-se fazendo uma pausa.

—E então que relação vem tendo ela comigo?

—Uma relação por matrimônio distante mas querida —disse Passion, apertando a mão de Charlotte.

A Tia Matty se encolheu de ombros e voltou a abanar-se.

—Nunca posso manter essas coisas em minha cabeça corretamente. Você pode, Senhor Swittly? Primos todos, digo eu.

—Na verdade, Senhorita. Na verdade —Alfred Swittly deu um toque sobre seu enorme joelho—. Embora, como você, Senhora Redington, também, tenho um segundo primo a quem tenho... como poderia dizê-lo?... sob minha custódia. Embora não lhe ensine pintura —riu a gargalhadas—. Não, longe disso. Um jovem deve ser guiado para perseguir outros interesses.

Passion quase poderia jurar a insinuação de um olhar lascivo brilhando brevemente nos olhos verdes de Albert Swittly.

—De todos os modos —seguiu ele, tirando o lenço do bolso —você e eu, ambos, a nosso modo, influímos na maturidade de nossos jovens primos. Que magnífico.

Passion o considerou com cuidado enquanto ele se limpava o suor da testa.

—Claro, senhor.

Ele se inclinou para frente, tirando outro rangido da desesperada cadeira.

—Deve saber, Senhora Redington, que você e eu temos mais em comum do que poderia imaginar. Você, Oh! É uma viúva e eu, Oh! Sou um viúvo.

Ele falou com tal prazer desta feliz coincidência que Passion se sentiu obrigada a comportar-se mal. Enrugou a cara em uma careta de desespero.

—Ai! —ofegou, baixou a cabeça e pescou o lenço de seu bolso. Tirou-o, e o passou por seus olhos enquanto falava—. Me perdoe, Senhor Swittly. Temo que neste momento, só pensamento em minha dolorosa situação fira meu coração de novo.

—Bem, eu, eu ... —Alfred gaguejou—. Sua tia me assegurou ...

Passion soprou fortemente e se passou de novo o lenço.

—E minha tristeza só se vê acrescentada pela sua própria —o olhou, afligida— que, estou segura, é profunda e duradoura.

O suor cobriu de sua testa.

—Bem... acredito que, sim! —sobressaltado pelas palavras dela, trocou sua expressão de aberto desgosto a dor afetada—. Ainda me aflijo, um pouco cada dia, por minha defunta esposa querida.

Seu corado rosto desfigurado em um cenho a efeitos de transmitir uma expressão de forte dor. Realmente esteve muito bem feito.

Ele sacudiu a cabeça.

—Meu coração não está menos afetado que o seu próprio, Senhora Redington.

Passion liberou um longo suspiro.

—Como conterrâneo na pena, sei que você me perdoará por expressar minha dor em privado, em meu travesseiro —Passion ocultou seu rosto no lenço.

—Certamente, Senhora Redington.

Quando Passion se levantou, Charlotte também o fez, e deslizou seu braço ao redor do ombro de Passion.

Alfred se levantou da cadeira, que chiou de alívio.

—Espero que na próxima vez que nos encontrarmos, possamos ter uma conversa mais feliz, Senhora Redington —ele se inclinou—. E que este vínculo de dor que compartilhamos possa converter-se em um vínculo de amizade.

Passion sorriu fracamente.

—É mais do que eu desejaria, senhor. Boa tarde.

—Boa tarde —Alfred Swittly sorriu. Então, pareceu recordar que a tristeza era a emoção do momento, e rapidamente reorganizou seu rosto cheio confirmando-lhe um ar sombrio. Fez uma reverência a Charlotte—. Boa tarde, senhorita Lawrence.

—Boa tarde, Senhor Swittly.

Quando Passion e Charlotte olharam à Tia Matty, encontraram-na franzindo o cenho com desconfiança. Mas em presença de Alfred Swittly, rapidamente evidenciou interesse e agitou as mãos as afastando.

—Vão então, minhas queridas.

Passion e Charlotte caminharam lentamente da sala, Passion soprou fortemente umas vezes mais enquanto se afastavam. Uma vez no corredor, ambas puseram as mãos sobre suas bocas e se dirigiram às escadas.

Na metade de caminho, a voz de Tia Matty flutuou de lá embaixo.

—... nascida para o matrimônio.

Passion se congelou.

—Gracioso —ofegou Charlotte, chocando-se com ela.

Passion pôs um dedo em seus lábios.

—... não estão feitas para permanecer viúvas —disse Alfred Swittly— Na verdade. Sua beleza, sua graça, seu comportamento feminino, toda me convenceu que ela seria a adição perfeita a minha casa. Perdoe minha franqueza, Senhora Der, mas um homem não encaixa completamente com os deveres domésticos.

—Oh, sei, Senhor Swittly. Sei. Se não fosse por Passion, a casa de meu irmão seria um desastre. Quando ela voltou para casa depois da morte de seu marido, Deus o tenha na glória, ela não teve nenhum problema em retomar suas obrigações. E da idade de doze anos, depois da morte de sua mãe, que Deus benza sua alma, Passion se converteu em uma mãe para suas duas irmãs. E como você pode ver, até a senhorita Lawrence a adora.

Passion e Charlotte se encolheram para trás quando uma criada cruzou a sala com uma bandeja de chá.

—Obrigado, Margie, eu servirei. Por favor tenha uma bandeja pronta para minha sobrinha e sua prima.

Quando a criada partiu, Passion e Charlotte se desdobraram avançando de novo.

Uma beligerante rangido soou da cadeira.

—Maravilhoso. Maravilhoso. Uma mulher deve ser mais que uma esposa, Senhora Der, verdade? Me perdoe, mas a vida de uma mulher não está realmente incompleta sem a maternidade que a arraigue firmemente à domesticidade?

—Estou de acordo, Senhor Swittly, estou de acordo. Inclusive damas como eu, que nunca fomos bentas com um marido e meninos próprios, devemos encontrar o modo de aplicar nossos instintos maternos. Eu sempre tentei ser uma figura materna para minhas sobrinhas, e realmente acredito que elas se beneficiaram de meus esforços a respeito.

Passion quase podia ver Tia Matty falar sobre sua xícara de chá.

—E está muito bem que assim o fizesse. Justamente li no periódico que as mulheres que permanecem sem meninos têm mais probabilidade de experimentar vários graus de loucura que as mulheres que têm deveres maternos.

—Sério? Bem, aí o tem. Eu sempre acreditei que esquecer de tomar chá podia enviar alguém a Bedlam.

—Não tomar chá? Bem, eu ... Nunca tinha pensado nisso.

—Bem, deveria, Senhor Swittly. Justamente ontem, não tomei chá, e sabe o que aconteceu? Um homem me pisou em um dedo do pé —transcorreu uma pausa breve. Passion imaginou a sua tia levantando as sobrelhas prateadas com a expressão de "e o que pensa você disso"?

—quase não posso caminhar hoje, Senhor Swittly. E sabe que mais?, Passion quase foi cegada.

—O que?

—É verdade. Por uma folhagem de palma! Posso lhe dizer, senhor, que a carência de chá na hora apropriada causa muitas travessuras. Imagine se o mundo inteiro renunciasse ao chá. Perdição, Senhor Swittly. Caos!

Passion sacudiu a cabeça e intercambiou um olhar com Charlotte, que ocultava seu sorriso zombador atrás da mão.

—Eu ... Então me encarregarei sempre de observar a hora do chá.

—Faça-o —algo soou na bandeja de chá—. Agora, sobre minha sobrinha, Senhor Swittly. Embora ela não esteja oficialmente aqui para a temporada, Passion sai do luto na semana que vem.

E embora ela só concordou vir a Londres para passar os dias festivos comigo e guiar a sua prima na pintura, Charlotte e eu temos a intenção de fazê-la sair.

—Claro, Senhora. Claro.

—A abertura do Palácio de Cristal não podia ter sido em melhor momento, havendo tantos acontecimentos apaixonantes planejados nele, tanto que duvido que qualquer jovem pudesse resistir a eles inclusive Passion — Passion podia ouvir o regozijo na voz de sua tia. - Será a oportunidade perfeita para que você comece seu cortejo. Mas deve ser sutil, Senhor Swittly, sutil.

—Sou um modelo de sutileza. Senhora Der, um modelo.

Passion se apoiou no corrimão e se cobriu o rosto com as mãos. Que Deus a ajudasse. Havia-lhe dito a sua tia que não queria casar-se, havia-lhe dito que estava contente de como era sua vida. Ela tinha estado de acordo em passar os dias festivos em Londres só para passar um tempo com sua tia e sua prima e possivelmente desfrutar de um pouco da sociedade depois de que saísse do luto, nada mais.

Enquanto Charlotte lhe acariciava as costas, Passion imaginou Alfred Swittly suando sobre ela enquanto tentava impregná-la com sua origem. Estremeceu-se. Nunca! Além disso, nem sequer era possível. Durante três anos de matrimônio, ela não tinha concebido, um fato que sua tia engenhosamente tinha evitado.

Passion se endireitou e apertou o corrimão. Apesar do íntima que era essa informação, ela teria que dizer-lhe. Asseguraria-se que Alfred Swittly soubesse que seu corpo não era fértil para conceber um menino. Passion tomou a mão de Charlotte e se apressou a subir pela escada.

Por Deus, ela não se casaria de novo; nem agora, nem nunca.

—Senhora, não tenho intenções de me casar. Nem agora. Nem nunca —murmurou Mark com os dentes apertados.

Sentada em sua cadeira como uma rainha, Abigail Lawrence levantou seu formidável queixo e jogou uma breve olhada para a porta da sala fechada antes de falar.

—Não vejo como você possa evitá-lo, milord.

Mark apertou os braços da cadeira.

—Poderia evitá-lo muito facilmente se você se retratasse desta ilegal e imoral chantagem.

—Me retratar? Com que motivo? Quando as leis ou a moralidade condenaram alguma vez a uma mãe dedicada a melhorar a vida de sua filha? —Abigail bebeu a sorvos de sua xícara de chá—. Se o filho de uma mãe passa fome, ela roubará e mentirá para alimentar a esse menino.

Mark fixou seu olhar sobre a corpulenta mulher.

—Nem você, nem sua filha, passam fome, Senhora.

—Bom, isso é relativo, não é assim, milord? —Abigail Lawrence devolveu sua xícara à mesa—. Além disso, eu simplesmente aproveito a oportunidade —se encolheu de ombros—. Quando a oportunidade toca...

—O diabo freqüentemente se disfarça de oportunidade, Senhora. Não sente você o calor de seu fôlego sobre seu pescoço, inclusive agora?

Nenhuma tênue luz de incerteza se vislumbrou nos frios olhos cinzas da matrona.

—Por que não faz essa pergunta a sua mãe? Ela se deitou com ele faz muitos anos.

Esse era um dardo bem pontudo, mas Mark era imune. Extraiu a carteira do bolso de seu peito.

—Se ela for sua velha prostituta, então você é a nova.

—Perdão!?

Ele atirou a letra bancária sobre a mesa frente a ela.

Seus olhos se alargaram e sua mão começou a mover-se para frente antes de retirá-la de repente. Olhou-o airadamente.

—O que é isto?

—O pagamento. Agora me dê a carta.

Abigail Lawrence se inclinou para trás em sua cadeira, para afastá-lo mais possível da letra de 25,000 libras que a olhava da mesa. Ela levantou as sobrancelhas com altivez.

—Temo que a nova prostituta do diabo seja mais cara, milord.

A fúria o atravessou.

—Quanto? —indicou ele.

Ela sorriu.

—Seu condado, certamente. O dinheiro pode ser esbanjado, milord. Um título é para sempre. E minha Charlotte merece um título.

Mark mal podia manter-se calmo.

—E meu irmão? Não merece ele sua vida? Não merece casar-se com a dama que ame? Expõe sua concepção, e ele perderá tudo.

Abigail se encolheu de ombros.

—Você tem o poder de salvar a seu irmão, milord. O título que quero é seu para dá-lo.

—Com suficiente dinheiro, você pode comprar um título.

Abigail sacudiu a cabeça.

—Isso toma muito tempo e energia. Além disso, todos sabem quando alguém o faz. Não tem nenhuma honra.

Mark riu severamente.

—Senhora, aos chantagistas não se permite usar a palavra honra —Ele se levantou e se moveu atrás de sua cadeira para afastar-se dela—. Você rescindiu todos os direitos à honra —suas mãos agarraram o respaldo da cadeira até que seus nódulos se tornaram brancos—. Não use essa palavra em minha presença. Ouvir-la de você me ofende.

Abigail se inclinou para frente. Os cachos apertados a um e outro lado do rosto apenas se moveram.

—Você manterá sua educada língua calada, milord, ou publicarei a sórdida cartinha de sua mãe— disse ela bruscamente.

—Não, você não o fará —grunhiu Mark—. Você quer meu título desesperadamente —se inclinou para frente—. Me entenda bem, senhora. Nunca ofereço cortesia a gente descortês —se inclinou ainda mais perto—. portanto não me ameace, —pronunciou despectivamente, articulando cada palavra.

Abigail Lawrence se encolheu em sua cadeira, e Mark viu um brilho de incerteza em seus olhos. Ele girou e cruzou de uma pernada o quarto sem outra palavra. Antes de que alcançasse a porta da sala, ela falou.

—Mande um contrato de matrimônio a seu advogado, milord, com a data do casamento em dez de junho.

Mark girou e sentiu ferver seu sangue.

—Um mês? Do que está falando, Senhora? —ele necessitava de tempo. Tempo para encontrar uma saída para essa situação—. Se assumirá que tenho desonhado sua filha e lhe deixei um bebê no ventre.

—O que quero dizer, meu lorde, é que quero me assegurar do futuro de minha filha quanto antes. Não lhe dou nenhuma possibilidade. Quero ver um anúncio no jornal esta semana.

Mark se sentiu ferver com fúria impotente.

—Vá-se ao diabo!

Sem fazer uma pausa, deu um puxão para abrir a porta e a fechou de repente atrás dele. Quase atropelou a uma criada, que se apressou a sair de seu caminho e se afastou rapidamente para a parte traseira da casa. Franzindo o cenho e furioso, jogou-lhe uma olhada. Tinha estado ela escutando?

Mais tarde naquela noite, Passion fechou a porta do dormitório e girou a chave. Enfim só com seus pensamentos sobre Mark. Não tinha sido capaz de tirar-lo de sua mente em todo o dia. Qualquer outro pensamento ou consideração, qualquer outro dever ou obrigação, era uma interrupção irritante a suas reflexões sobre ele.

Pelos projetos de sua tia, Passion só tinha dois dias mais no Palácio de Cristal. Só dois dias mais e depois tudo voltaria para modo em que era antes... como devia ser. Ela tinha uma vida.

Oh, ela podia insistir em voltar ali uma e outra vez, mas com que fim? O que Mark e ela tinham não era parte da vida real. O que eles tinham só podia existir no mundo pequeno, de sonho atrás de seu biombo. Sua breve relação tinha nascido ali e, em dois dias, devia morrer ali. Mas até então, ela queria deleitar-se em sua experiência, recordar cada pedacinho disso, cada pedacinho dele.

Abrigando-se com seus braços, cruzou para a janela e a abriu. O ar da noite a tocou com seu fôlego fresco, agradável. Inclinou-se sobre o batente e olhou fixamente às estrelas. Esta noite pareciam brilhar mais resplandecentes do que estavam fazia tempo. O jardim amuralhado de Tia Matty era escuro, mas o aroma do jasmim florescido flutuava abaixo até encher os sentidos de Passion.

Fechou os olhos e imaginou a Mark enquanto abotoava seu vestido, seus intensos olhos azuis de repente suaves e lânguidos, sua boca cheia sem sorrir e ainda relaxada. Uma fresca calidez percorreu sua coluna. Ele era tão incrivelmente formoso.

Passion se retirou da janela e caminhou até seu penteadeira. Tirando os alfinetes de seu cabelo, pô-los em um montão ordenado enquanto recordava a textura de seu cabelo e como se sentia sua nuca contra seus dedos. Recordou a força sólida de seus amplos ombros e os músculos flexíveis de seus braços.

Seu penteado se desenrolou, e ela suspirou enquanto seu pesado cabelo caía por suas costas. Sacudindo um pouco sua cabeça, percorreu com seus dedos os fios grossos e massageou seu couro cabeludo. Captou sua visão no espelho, de repente se perguntou como ele a via. Movendo-se para captar todo o reflexo, inclinou cabeça. Seu cabelo castanho e ondulado caía ao redor de seu rosto. Seus grandes olhos cor avelã voltaram a piscar. Sabia que era bonita. Mas formosa? Ele o havia dito no primeiro dia que se encontraram? Tinha estado tão nervosa, que não podia recordá-lo. Jogou seu cabelo para trás e começou a desabotoar seu sutiã. Não importava. Ele a tinha feito sentir-se formosa.

Depois de tirar o vestido, Passion desatou suas anáguas e se sacudiu as cinco capas de algodão, além de uma rígida feita com crina de cavalo. Deixou-as entre os braços de uma cadeira.

Enquanto se desabotoava a coberta do espartilho, recordou as mãos grandes de Mark trabalhando com cuidado sobre os diminutos botões. Recordou como, avidamente, ele se tinha atirado sobre seus mamilos. Separando a coberta do espartilho, baixou o olhar para eles, aparecendo eretos ante o mero pensamento dele. Tirou-se a regata e passou as pontas de seus dedos sobre seus bicos nus. Suspirou quando se endureceram e se alargaram mais. Recordou como ele os tinha beliscado e mordiscado, recordou a visão de sua bochecha pressionando seu seio. Essa visão se formou uma e outra vez em sua mente. Tinha que imprimir em sua memória

cada detalhe dele, para que quando o tempo a afastasse ainda mais destes dias, ela pudesse recordá-lo sempre.

Tirando-se regata, Passion deixou cair a coberta do espartilho com as anáguas e, em nada mais que espartilho, apressou-se a sua escrivainha. Baixou o olhar a seu bloco de papel de desenho. Poderia capturá-lo sobre o papel? Ela tinha desenhado antes a suas irmãs, e até a seu pai, mas era porque os conhecia muito bem. Como poderia desenhar a um homem que conhecia intimamente e ainda assim não de tudo? Depois de sentar-se, abriu o bloco de papel de desenho e folheou as páginas de representações florais antes de encontrar uma folha em branco. Possivelmente somente seus olhos. Aqueles formosos, inteligentes olhos que pareciam examinar sua alma. Olhos nos quais ela vislumbrou necessidade e esperança através da escura sombra de cinismo que os velava. Ela levantou o lápis e começou a desenhar.

Dois dias mais no Palácio de Cristal. Dois dias mais nos quais experimentar sorte suficiente para que durasse toda uma vida. Dois dias nos quais guardaria suficientes lembranças que a consolassem quando o inevitável vazio retornasse.

—Retornaste.

Mark separou os olhos de seu desenho arquitetônico para olhar a seu irmão.

—Era hora —comentou Matthew, cruzando o escritório—. Onde estiveste toda a tarde? Vim para ouvir sobre sua mulher misteriosa. Esperei quase duas horas, mas não apareceu.

Mark deixou o lápis e se reclinou na cadeira.

—Sim, Cranford me informou que rondou por aqui durante horas.

—Bem, onde estava?

Como desejava dizer a Matt sobre a chantagista Abigail Lawrence. Encolheu-se de ombros.

—Tinha um negócio de que me ocupar.

Matt meio se sentou no canto da escrivainha.

—Bem, não me diga isso.

Mark sorriu.

—Mas insisto em saber se encontrou a sua bela mulher no Palácio de Cristal.

A risada de Mark se alargou.

—Fiz-o.

—Maldição, eu sabia que ela estaria ali —Matt se inclinou para frente— Agora não seja grosseiro e não me faça tirar-lhe isso à força. O que aconteceu? Quem é ela?

—Tenho-a de novo, e seu nome é Passion.

Matt sorriu abertamente.

—Não pode ser.

—Sim. É. Ela nasceu no domingo de paixão.

Matt sacudiu a cabeça.

—Ah, É muito bom. Continua. Continua.

—Adivinha qual é seu evangelho favorito?

—Tem um evangelho favorito? Cristo, está com uma mulher que nasceu em uma festividade religiosa e tem um evangelho favorito?

—Marcos. Seu evangelho favorito é Marcos.

—Isto se faz muito teológico para mim. Vá à parte de transar.

Mark se inclinou para frente e examinou o desenho enquanto recolhia o lápis de novo.

—Transamos. —disse com desdém.

—Bons, foi tão bom como ontem?

— Melhor.

Matt arrebatou o lápis da mão de Mark e o deixou sobre a escrivaninha.

— Como demônios pôde ser melhor que ontem?

Mark recordou o alívio que o atravessou quando viu Passion.

— Foi melhor porque quis que ela estivesse ali e estava. Foi melhor porque tivemos mais tempo para estar juntos.

— Sêrio? — disse Matt em um lento tom que soava a seriamente?

Mark franziu o cenho, irritado.

— O que?

Matt se encolheu de ombros.

— É só que não recordo que alguma vez queria passar “mais tempo” com uma mulher, inclusive uma com a que estivesse dormindo. Transar e fugir, recorda? Estava acostumado a dizer isso.

O cenho de Mark se fez mais profundo. Não gostava da falta de controle que tinha demonstrado ao separar-se de Passion. Deveria ter estado satisfeito e preparado para abandoná-la. Em troca, seu corpo tinha traído seu verdadeiro desejo: ficar e tê-la outra vez.

— Bem, esta mulher faz que ficar valha a pena.

— Por que? O que faz ela para que valha a pena ficar?

— Quando te voltou um curioso? — Mark se sentou e cruzou os braços sobre o peito — Sabe por que foi melhor? Foi melhor porque ela me deixou chegar mais profundo dentro dela. Foi melhor porque ela tem o sexo mais quente, mais apertado, mais doce que alguma vez tenha tido. Foi melhor porque sei que eu poderia ter empurrado meu membro inteiro dentro dela, mas não o fiz porque vou tê-la outra vez amanhã, e nesse momento, planejo ter meu membro, de uma vez por todas, dentro de uma mulher.

— Ah — assentiu Matt — um louvável objetivo.

Mark esperava ver sarcasmo na expressão de seu irmão, mas não o encontrou.

— Chorou outra vez? — perguntou Matt.

Mark sentiu seus ombros relaxar-se e quase sorriu. Seu irmão tinha inclinação pelas lágrimas.

— Sim. Chorou de maneira encantadora, lágrimas silenciosas.

— Mmm — Matt estava absorto —. Tem uma agradável boca larga?

Agora Mark riu.

— É um sátiro! Sabe Rosalind de sua paixão pelas lágrimas e pelas bocas largas ?

Matt sorriu astutamente.

— Não, mas saberá.

Mark se inclinou para frente e recolheu o lápis outra vez.

— É bom que você goste tanto dar como receber.

— Então, tem-na? Tem Passion uma boca para...

Mark jogou a seu irmão um olhar de advertência, mas sob a escrivaninha seu membro vibrou quando a recordou lambendo-os lábios.

— Não vou discutir isso contigo — jogou uma olhada ao vulto nas calças de seu irmão e sentiu uma faísca de cólera —. E te economize suas malditas ereções para Rosalind.

Matt riu em silêncio enquanto se erguia e se acomodava a si mesmo.

— Isto é para Rosalind. Mas uma história tentadora é uma história tentadora — tirou as luvas do bolso — Me diga, por que não vem até a casa dos Benchley comigo? Vou tocar esta noite.

Mark pensou. Matt tocava o violoncelo magnificamente.

— Rosalind vai arruinar sua atuação com esses golpes que lhe dá ao piano?

Matt sorriu.

—Provavelmente.

—Por hoje passo —Mark se inclinou sobre seus desenhos—. Tenho trabalho que fazer, de todos os modos.

Matt foi para a escrivaninha e observou sobre o ombro de Mark.

—Estes são os planos para a biblioteca?

—Sim.

Mostrou a seu irmão o desenho da cúpula de sustentação que formaria um arco sobre a rotunda principal da biblioteca. Um cristal que iluminaria o espaço com luz natural.

Matt assentiu.

—É magnífico, irmão —sorriu a Mark e apertou seu ombro—. Lorde Fitzgerald estaria louco se desse o trabalho a alguém mais. Apesar de seu Palácio de Cristal, Joseph Paxton não tem possibilidades.

Mark olhou aos olhos marrons de seu irmão, olhos herdados de um jardineiro. Doía-lhe que Matt fosse só seu meio irmão. Em última instância, isso não mudava nada, mas lhe doía. Matt era a única pessoa que lhe importava no mundo. Significava muito que fossem irmãos, que fossem próximos não só de nome, mas também também pelo sangue. Agora eram menos próximos. Maldita fosse sua mãe!

A testa de Matt se enrugou.

—O que? Não achas que te merece o trabalho?

Mark forçou um sorriso zombador.

—Demônios, sim, acredito que mereço o trabalho. E o melhor que ele pode fazer é me dar-lo, de outro modo, apunhalarei-o no coração com meu compasso.

Matt riu e aplaudiu o ombro de Mark com a mão.

—E o faria —ele se afastou da escrivaninha, mas então se voltou como se acabasse de recordar algo—. Sabe, mãe me disse que pensava que irias visitar os Lawrence hoje. Fez-o?

Mãe deveria manter sua boca fechada.

—Sim —disse Mark de forma casual—. Me detive aí.

—Então conheceu essa Charlotte Lawrence?

Mark apagou uma mancha no desenho arquitetônico.

—Não. Não estava em casa.

—Um!. Esta dama se tornou bastante misteriosa. Está seguro que realmente existe?

—Ai!, Sim.

—Ah!!

Mark levantou o olhar para encontrar a seu irmão assinalando-o com o índice.

—Ah!, O que?

—Sabia que não estava interessado nessa garota —continuou Matt—. O que passa? Sempre juraste que não te casaria. Embora nunca te acreditei totalmente, a idéia de que poderia considerar uma moça sem título, a quem nunca conhecestes, e por sugestão de nossa mãe, não tem nenhum sentido para nada.

Mark pensou rápido.

—Penso que apesar de que não tenho nenhum desejo de ser um marido, poderia gostar de ser pai —havia algo de verdade nisso. Era o único aspecto de sua decisão de não casar-se que lhe causava algum pesar.

Matt o olhou confundido.

—Nem sequer você gosta dos meninos.

—Não em geral. Mas estou seguro que sentiria de maneira diferente com um meu. Então — seguiu Mark rapidamente —, como não posso ter um menino sem uma esposa, e como não tenho nenhum respeito para os podres ideais de nossa classe, simplesmente dou a esta senhorita Lawrence alguma consideração.

Mark sacudiu seu rascunho entre os dedos e amaldiçoou a sua mãe por convertê-lo em um mentiroso.

—Quanto a nossa mãe, sua associação com os Lawrence não tem nenhum peso sobre minha decisão, a qual, neste momento, está totalmente sem decidir.

Matt sacudiu a cabeça.

—É horrível. Absolutamente horrível. Compadeço a esta pobre senhorita Lawrence se na realidade te digna a cortejá-la. O que fará, enviar sua oferta com um mensageiro?

—É um plano excelente —Mark sorriu quando seu irmão elevou os olhos para o céu—. Mas é pouco provável que as coisas tenham que chegar tão longe. Já estou perdendo interesse na idéia —Mark sacudiu o rascunho. Encontraria o modo de conseguir essa maldita carta. Ele não ia se casar com ninguém, menos ainda com Charlotte Lawrence.

Matt colocou as luvas.

—Tenho que ir. Seguro que não virá? Rosalind gostaria de ver-te.

—Mas eu não gostaria de ouvi-la. Como pode você, um músico superior, estar comprometido com uma mulher que faz um açougue de Beethoven sempre que se senta ao piano?

Matt sorriu abertamente.

—Bem, ela realmente tem uma boca ampla e agradável...

Mark elevou uma sobrancelha.

—Adivinho que é uma razão tão boa para casar-se como qualquer outra.

Matt sacudiu a cabeça com um pequeno sorriso.

—O amor é uma coisa maravilhosa, meu irmão duro de coração. Deveria tentá-lo algum dia.

Uma antiga lembrança apareceu claramente a mente de Mark.

—Não te amo! —tinha-lhe gritado sua mãe a seu pai—. Nunca o fiz!

Mark franziu o cenho. Quantos anos tinha ele quando tinha olhado pela porta aberta? Sete? Oito? E logo sua mãe o tinha olhado. Na realidade, ela tinha uma careta de desgosto quando o olhou.

—Nem a ti tampouco, pequeno mucoso.

Ele havia mais chorado mais de uma vez. Recordava vagamente sentir seu travesseiro, molhada sob sua bochecha. Hoje, sentia só repugnância. Amor! Amor, claro.

—Só porque não tenha funcionado para papai não significa que não funcione contigo — sugeriu Matt.

—Suficiente! —Mark resistiu ao impulso de pegar um golpe com seu punho na escrivaninha. Estava sendo chantageado por uma cadela, seu irmão não era senão seu meio irmão, e a puta de sua mãe estava, como sempre, no coração de todos seus problemas. Não era momento para uma maldita conferência sobre as vantagens do amor.

—Nossa mãe dormiu com a metade de Londres e os condados contíguos, isso só demonstra que o amor realmente não “funciona” para ninguém —disse tenso.

Matt levantou suas mãos com resignação e se dirigiu para a porta.

—Não direi mais —se deu volta para sair, mas logo fez uma pausa—. Passion. Amanhã quero ouvir tudo sobre sua aventura com ela. Intriga-me.

—Não está chegando tarde para um mal Beethoven?

Matt se foi com um sorriso.

Mark suspirou profundamente e descansou a cabeça nas mãos. Esfregou seu couro cabeludo. Seu irmão era um idiota. O amor conduz às mentiras. Um dia sua querida Rosalind o trairia e ele estaria arruinado, tal como seu pai o tinha estado. Não, não seu pai, o pai de Mark. Malditas mulheres. Que as condenassem a todas.

Levantando a cabeça, olhou fixamente as chamas que saltavam na lareira no outro lado do quarto. Reviveu em sua mente sua reunião com Abigail Lawrence. Tinha estado tão seguro que ela tomaria o dinheiro. Irritou-lhe que não o fizesse. Se pensava que ele simplesmente ia girar-se e lhe deixar dirigir sua vida, estava equivocada.

Girou o lápis entre os dedos enquanto se permitia breves fantasias de assassinato e incêndio intencionado. Infelizmente, tinha alguma moral.

Deixou de fazer girar o lápis. Um pequeno roubo, entretanto, não seria inadmissível. E ele conhecia um jovem ladrão de carteira que podia levá-lo a cabo. Golpeou o lápis ociosamente sobre a madeira. A pergunta era, Abigail Lawrence tinha a carta em sua casa? Mark recordou sua arrogância e o fato de que ela tinha guardado esta carta durante anos, esperando o tempo necessário para usá-la.

Sim. Uma mulher como ela nunca deixaria a carta fora de sua vista. Devia estar ali. Levaria tempo procurar pela casa sem ser descoberto, mas poderia fazer-se. Tinha até em nove de junho. Certamente, ele teria que responder às demandas de Abigail Lawrence nesse ínterim. Deixou o lápis. Não o faria cordialmente, mas o faria. Amanhã enviaria seu ladrão.

Olhou fixamente ao fogo de novo. Amanhã veria Passion. A antecipação o percorreu. Por que a necessitava tanto? Realmente não sabia nada sobre ela. Era tão falsa como a maioria de mulheres? Não, ela não se parecia em nada à maioria de mulheres.

Seus ombros se relaxaram. Tudo nela parecia genuíno e verdadeiro. Inclusive as cortesãs eram tanto atrizes como prostitutas. Mas com Passion, não havia nenhum artifício, nenhuma pretensão ... nenhum intercâmbio de nada exceto prazer honesto, mútuo.

Mark recordou seus assombrosos seios e o longo arbusto de cabelo castanho que caía sobre sua bochecha. Seu membro se agitou. Pensou nas palavras de seu irmão e imaginou Passion com sua encantadora boca aberta ao redor de seu membro. Gemeu quando seu sangue se precipitou e sua ereção cresceu. Sim. Ele tinha encontrado a situação ideal: uma mulher formosa com quem compartilhar a satisfação sexual, sem o pretexto asqueroso de amor ou o afeto.

Ele riu enquanto se acomodava. Amanhã desfrutariam um do outro de uma maneira totalmente diferente. Amanhã ... a ansiedade de repente o embargou quando recordou o modo em que se separaram. Se ela se apresentava amanhã.

Capítulo Cinco

Acabado

Portanto lhes digo que tudo o que orando pedireis, acreditem que o receberão, e lhes virá.

Marcos 11:24

Passion suspirou. Sabia que suas orações não eram do tipo ao qual se referia Jesus. Ainda assim, não podia evitá-lo. Rezava a Deus para que lhe concedesse outra hora entre os braços de Mark. Rezava por sentir seu firme contato. Rezava por sentir seu fôlego sobre sua orelha. Um quente formigamento lhe desceu pela coluna. Por que Deus lhe concedeu um corpo se não podia

experimentar as delícias das que era capaz? Por que Deus lhe concedeu emoções se não podia inundar-se em suas profundidades?

—Desculpe —uma voz grave ressonou junto a ela.

O coração de Passion galopava enquanto se voltava. A decepção a atravessou. Um homem atraente com um colete xadrez lhe sorria.

—Peço-lhe perdão por me intrometer. Você estava tão quieta e tão absorta em meio desta multidão. Encontra-se bem?

Algo em seu sorriso lhe recordou o de Mark. Passion percorreu o quarto lotado com o olhar. Havia uma multidão hoje, uma multidão sem Mark.

Passion se voltou novamente para cavalheiro. Inclusive o ângulo de sua mandíbula se parecia um pouco a de Mark.

Suas sobrancelhas se franziam levemente por cima de seus olhos escuros. Não eram os olhos de Mark.

—Está você bem? —Seu tom era gentil. Estava sendo amável.

Passion sorriu.

—Sim. Obrigado. Estou perfeitamente —Fez um gesto para a Bíblia—. Somente lia.

Ele deu uma olhada ao livro e lhe devolveu o sorriso.

—São Marcos, verdade?

—Sim.

Ele a estudou atentamente um momento. Depois jogou uma olhada à Bíblia e pareceu meditar antes de falar.

—Marcos é complicado, mas vale a pena o esforço.

Passion elevou as sobrancelhas.

—Acreditas nisso?

—Assim é —O homem lhe sorriu—. Pode ser realmente grosseiro, mas sob o duro exterior há ouro.

Passion lhe devolveu o sorriso.

—É raro encontrar a alguém que fale do evangelho de forma tão pessoal. Sóis um teólogo, senhor?

—Não, senhora —Ele a observou sem pestanejar—. É só que conheço Marcos muito bem.

—Ah.

O homem olhou sobre seu ombro e a expressão de seus olhos indicou a ela que alguém se aproximava.

Passion tremeu quando sentiu uma mão deslizando-se ao redor de sua cintura. Um levíssimo aroma de limão verbena acariciou seus sentidos. Elevou o olhar. A excitação se disparou através dela. Mark!

Ele franzia o cenho observando ao cavalheiro.

—Este homem está te incomodando, querida?

Passion empalideceu. Supunha-se que eram estranhos um ao outro. Ninguém deveria saber que se conheciam. Ainda assim, o coração dela respondeu ao termo de querida com uma palpitação agradável. Tão rápido como o sangue tinha abandonado seu rosto, voltou de novo lhe provocando um intenso rubor.

—Eu... não. Este cavalheiro e eu só conversávamos sobre o evangelho.

—De verdade? —perguntou Mark arrastando as palavras, seu tom destilando sarcasmo.

Olhando rapidamente ao outro homem, Passion se surpreendeu ao lhe ver sorrindo. Embora seus pensamentos se dispersaram quando Mark a puxou, aproximando-a mais a ele.

—Sim, de verdade —respondeu o homem. Girou-se por volta dela e seu sorriso se suavizou—. Agora que sua escolta chegou, senhora, desejo-lhe um bom dia.

Passion sorriu.

—Bom dia, senhor.

O homem saudou Mark com a cabeça antes de perder-se entre a multidão.

O olhar de Mark seguiu ao cavaleiro que se retirava. Seu braço ainda a rodeava, e ela podia sentir o calor de sua mão sobre sua cintura. Por que seu simples contato lhe provocava vertigem? Um estremecimento de prazer zumbiu sobre sua pele.

Ele baixou o olhar para ela e seu cenho se abrandou. Sua boca se suavizou e o duro olhar de seus penetrantes olhos desapareceu ao observá-la.

—Olá, Passion.

O emprego de seu nome foi como uma carícia íntima. Seus mamilos se endureceram.

—Olá, Mark.

Algo escuro flamejou nos olhos dele.

—Sua voz me põe duro.

Passion suspirou. Um grande grupo de espectadores passou junto a eles. A mão de Mark se apertou em sua cintura antes de soltá-la. Voltaram-se para o genuflexório.

Ele pareceu estudar a página.

—Sinto chegar tarde. Fui detido duas vezes por grupos de pessoas que conheço.

Passion assentiu. De repente se perguntou como seria formar parte das pessoas às quais conhecia. Era um bom amigo? Seus instintos lhe diziam que sim. Apesar de seu comportamento externo, ela recordou sua ternura ao vesti-la e como lhe tinha colocado o laço. Ainda assim, nunca saberia de verdade, já que somente se conheciam no secreto mundo atrás do biombo. No mundo real, eram estranhos.

—Algo vai mal? —Ele tinha o olhar fixo nela.

Passion se deu conta então de que um cenho se formou entre suas sobrancelhas. Ela sorriu para relaxá-lo.

—É só que me perguntava que tipo de homem és. É obvio que compreendo que nunca saberei. Mas isso é estranho, verdade? —Passion sentiu que o calor se apropriava de suas bochechas—. Quero dizer, dadas as circunstâncias.

Mark a observou atentamente. Outro grupo grande de pessoas se moveu atrás deles, esperando para ver o enorme biombo. Os olhos dele percorreram as feições dela. A multidão se apertou mais perto. Ele não ia responder. As bochechas de Passion arderam. O falatório da multidão se intensificou.

De repente Mark estava atrás dela. Suas mãos rodearam sua cintura e sua voz ressonou junto a sua orelha.

—Não sou do tipo de homem que você gostaria de conhecer, Passion. Vivo só para mim. Faço o que desejo e não poderia me preocupar menos do que as pessoas pensam a respeito disso. Se algo me agrada —suas mãos acariciaram seus quadris— o persigo enquanto durar o meu interesse.

Passion se esticou quando um comichão nasceu entre suas pernas.

—Mas quando acabei —Suas mãos se apartaram lentamente—. Acabei.

Passion se sentiu despojada de seu contato. Apesar de suas palavras, desejava-lhe. Desejava-lhe porque amanhã poderia ser o último dia juntos... amanhã ela “acabaria”. Isso era uma sorte, porque sabia que não poderia suportar ser jogada de lado outra vez.

Ele retornou a seu lado.

Ela encontrou seu sério olhar azul.

—Sentirei falta de seu contato quando nos separarmos. Sinto falta dele agora.

Um repentino sorriso suavizou a boca dele enquanto, por dentro das dobras da saia dela, tomava sua mão e entrelaçava seus dedos com os seus.

—Não vais tentar me convencer de que estou equivocado? Não vais tentar me imbuir de todo tipo de nobres qualidades que não possuo?

Passion sorriu.

—Por que faria isso? —Inclusive a sensação de sua mão enluvada ao redor da sua lhe parecia a glória.

Mark encolheu os ombros.

—Não sei. A maioria das mulheres o fazem.

—Ah sim? —Passion passou uma página da Bíblia distraidamente enquanto suprimia uma breve pontada de ciúmes.

—Deve ser agradável não dever nada a ninguém. Eu não sei o que é isso.

O polegar dele acariciou sua palma.

—Não, não imagino que o saibas - fez um gesto com a cabeça em direção a sua mão esquerda, a qual descansava sobre a página—. Fale-me dele.

Passion baixou o olhar. Sua aliança de ouro era visível através de suas luvas pretas de crochê. Não desejava falar dele.

—O que quer saber?

—Tudo o que queira me contar.

Passion procurou algo que dizer.

—Estive casada com meu marido durante três anos antes de que morresse. Matou-se em um acidente com o cavalo. Foi totalmente inesperado.

O olhar azul de Mark se cravou nela, parecendo que examinava seus pensamentos. Passion inspirou profundamente. Estava a habitação menos repleta? Ou acaso tudo, inclusive o som, desvanecia-se em sua presença?

—Amava-lhe?

O peito de Passion se contraiu. Nunca ninguém lhe tinha feito essa pergunta. Suas irmãs não tinham necessitado fazê-la. Tampouco seu pai. Eles sabiam a resposta.

—Não —A palavra saiu como um sussurro.

O olhar dele a aprisionou.

—Ele te amava?

De repente as lágrimas alagaram os olhos de Passion. Afastando o rosto, ela piscou para as conter enquanto baixava o olhar para a cinta de ouro que rodeava seu dedo. A carência de amor era tão dolorosa? Ou era o fato de reconhecê-lo em voz alta que fazia que doesse tanto?

Mark se aproximou mais a ela.

—Me responda, Passion —a animou brandamente, enquanto a empurrava para o biombo— Ele te amava?

Ela se tragou as lágrimas.

A mão dele se apertou ao redor da sua.

—Fez-o?

—Não —ofegou ela—. Não!

E então se encontraram atrás da sombra do biombo. As luvas caíram ao chão. Os braços de Mark a rodearam. Sua boca desceu sobre a sua. Seu aroma a envolveu.

Passion gemeu em sua boca e se apertou contra ele. Sob a força de seu profundo beijo, sua tensão se derreteu. Tudo se derreteu: a dor, os anos perdidos, o desesperado desejo. Quão único importava agora era este beijo, este momento.

Ela se entregou completamente. Arqueando-se contra ele, uma mão se arrastou ao redor de sua nuca enquanto a outra cavava o firme ângulo de sua bem barbeada mandíbula. Sua boca se abriu para receber a arrasadora carícia da língua dele. Ela reagia com pequenos ofegos ante o embate, gozando da firme pressão de seus lábios e de seu embriagador sabor.

As mãos dele rodearam sua cintura e subiram por suas costas. Capturou sua boca uma e outra vez. Seus dedos esfregaram seu endurecido mamilo e depois o beliscaram. Passion se estremeceu. Sua cabeça começou a girar. Ela podia sentir a dura longitude de seu membro entre eles. Palpitava com força e, entre as pernas dela, seu sexo respondeu com igual força. Ofegou quando uma cálida inundação molhou suas coxas.

Quando finalmente Mark liberou sua boca, ela deixou escapar um gemido de desilusão enquanto abria os olhos. Seu coração galopava.

—Seus beijos me fazem perder a cabeça —ofegou ela, estirando-se para lhe tirar o chapéu.

O espesso arbusto de cabelo castanho caiu sobre a testa dele.

—Está feita para o sexo —lhe disse em voz baixa— Sabe isso, Passion? Não te limita a desejá-lo —Ele flexionou seus quadris, provocando uma profunda inspiração por parte dela— O necessita —Seus dedos esfregaram seus mamilos através do vestido— E seu corpo está feito para isso.

Passion se mordeu o lábio. Era certo? Recordou as brincalhonas, embora sensuais conversas que suas irmãs e ela tinham mantido quando meninas, sua ávido desfrute de La Canção do Salomão, memorizada depois de tantas ocasiões em que a tinha lido em voz alta. Mas tinha subestimado seus próprios desejos e necessidades durante tanto tempo que essas lembranças se debilitaram. Ela se tinha debilitado.

Ela desenhrou a curva da boca dele com a ponta do dedo. Não importava. Amanhã era seu último dia juntos. Então tudo voltaria a ser como antes. E as lembranças seriam um consolo que não permitiria que se desvanecessem.

Ele apanhou seu dedo entre os dentes e o tocou com a língua. Um quente tremor esticou os mamilos dela e acelerou a palpitação entre suas pernas. Então enquanto com a língua acariciava seu dedo, ele começou a mover-se ritmicamente contra ela.

Passion ofegou e sua feminilidade gritou. Soaram vozes procedentes da frente do biombo. Ainda assim a sensação da língua dele movendo-se sobre seu dedo, combinado com o impulso de seu pênis, voltou-a louca de necessidade. Com ambas as mãos envolveu o duro membro dele e começou a lhe acariciar.

Ele inspirou com força e desatando as cintas que seguravam o chapéu dela, enviou-o de um puxão ao chão.

—Isso está bem —a animou ele, enquanto se apoiava contra a parede— No futuro, não espere tanto para me tocar.

Futuro? Não, eles só tinham o hoje e o breve futuro do seguinte dia.

Passion passeou suas mãos por todas as partes do corpo dele, até abranger sua grossa protuberância através da fina lã de suas calças. Seu contato, ver como suas calças se esticavam devido à palpitante força de sua grande ereção, excitou-a e acalorou de desejo.

—Quer que o tire? —perguntou ele.

Seu útero se apertou.

—Sim!

—Muito bem —Mark soltou lentamente os botões de sua calça, revelando a longa e marmórea coluna de carne que ela tanto desejava. A glândula, grande e inchada, sacudiu-se para ela com impaciência.

A boca de Passion lhe fez água. Era muito formoso, muito poderoso. Ela se estirou para alcançá-lo, mas a mão de Mark o impediu.

Ele sorriu.

—O que me diz se fizermos uma troca?

Passion vacilou.

—Uma troca? O que quer dizer?

—Bom —murmurou ele—, obtiveste um bom olhar do meu membro. Mas eu não vi nada de ti.

O pequeno núcleo junto à entrada do sexo dela pulsou ansioso.

—Viu meus seios.

—Certo —Mark se lambeu os lábios—. E nunca vi dois seios mais perfeitos. Mas referia-me a esse pequeno e succulento lugar entre suas pernas.

As sobrancelhas de Passion se elevaram com a surpresa.

—Quer olhar aí? Aí embaixo?

—Deus, sim —ofegou ele, desenhando os lábios dela com o dedo— Quero ver-te, te cheirar e te tocar.

O ruído procedente da sala de exposição se intensificou.

Uma velha lembrança encheu a mente de Passion... suas irmãs e ela no lago depois de tomar um banho. Vestidas unicamente com umas blusas molhadas, com muitas risadinhas tinham terminado comparando os sexos de cada uma. Aquilo tinha sido antes de seu matrimônio, quando ainda acreditava nas alegrias do amor e da vida.

Agora Mark desejava vê-lo. Passion sentiu suas bochechas avermelhar e suas pernas tremer de excitação. Sentia quente a ponta do dedo sobre seus inchados lábios. Tal como tinha feito ele, tocou-o com a língua. O sorriso dele desapareceu quando deslizou o dedo mais profundamente na boca dela.

Uma ardente onda de sensualidade se derramou através do corpo de Passion, acendendo seus nervos e esquentando seu sangue. Fechou os olhos enquanto fechava os lábios ao redor do dedo dele e o chupava. A umidade desceu gotejando por sua coxa enquanto ele deslizava seu comprido dedo dentro e fora da boca dela.

—Ah, isto está muito bom —sussurrou Mark com força.

Passion gemeu. Ela sabia porque esse singelo ato a excitava tanto... recordou as numerosas ocasiões em que suas irmãs e ela espiavam Wilson, seu açougueiro, durante sua diária ejaculação das duas da tarde na boca de Mary, a donzela do andar de cima. A vida rural e, talvez, muita liberdade tinha procurado a suas irmãs e a ela uma equilibrada educação.

Seu coração galopou ante a longínqua lembrança, tão vívido de repente. Desejava saborear Mark, sentir seu formoso membro contra a língua. Incapaz de resistir mais, estirou a mão em sua busca. Seus dedos acariciaram a venosa longitude, mas ele se tornou para trás, tirando o dedo da boca dela.

Com um gemido de frustração, Passion encontrou o duro olhar de Mark. Toda ligeireza lhe tinha abandonado e sua sensual boca formava uma linha firme.

—Que pequena libertina és —murmurou ele—. Mas e a nossa troca?

Passion se estremeceu de necessidade. Seus lábios tremeram. Olhou com desejo o pulsante membro dele. A grande cabeça brilhava.

Mark lhe elevou o queixo com um dedo.

—Não lhe darei isso até que me dê o que desejo.

Realmente poderia ele negar-se? A cabeça de seu membro tinha já uma cor escura pelo desejo.

—Então, se me nego —disse ela com suavidade—, desejará-me bom dia e ambos iremos daqui insatisfeitos?

A boca dele desenhou um meio sorriso de depredador de seu primeiro encontro.

—Insinúas que é um blefe, Passion?

Ela queria saber até onde chegava seu desejo por ela. Igualava o dela por ele?

—Sim, Mark.

O sorriso dele desapareceu.

—O certo é que não tenho nenhuma intenção de te deixar sair daqui sem obter satisfação, tanto para ti como para mim —Suas mãos alcançaram as saias dela, as levantando—. De modo que se te negar, tomarei de qualquer modo em que possa. Mas —sua mão se introduziu entre as pernas dela, abrangendo seu sexo, enquanto depositava um suave beijo sobre seus lábios—, não vejo nenhum motivo para que rechace um pedido tão inocente.

Passion tremeu quando ele a empurrou até apoiá-la contra a parede. Ele deixou cair uma chuva de beijos sobre seu rosto enquanto deslizava a longitude de seu pênis entre as coxas dela cobertas com suas bombachas.

—Vamos, Passion —ofegou ele—. Me deixe ver esse pequeno e doce cantinho.

Os músculos dela tremeram com deliciosa antecipação enquanto desfrutava da sensação do grosso membro dele deslizando-se dentro e fora entre suas pernas.

A mão dele se apoiou sobre o seio dela.

—Está tão molhada e quente —Ele cheirou seu pescoço enquanto lhe desabotoava o sutiã—. Diga que não te negará. Diga que não me rechaçará.

Passion ofegou quando ele abriu seu vestido.

Os dedos dele trabalhavam velozes com a coberta de seu espartilho.

—Diga que me dará tudo o que desejo. Diga que nunca ocultará seu corpo de mim.

Ela arqueou as costas quando ele abriu a coberta e passeou suas mãos sobre os inchados mamilos. Ainda contidos por sua blusa, apareciam por cima do espartilho.

Mark deixou cair um úmido beijo sobre na volta de um seio.

—Agora, baixa sua blusa para mim.

Passion levantou umas mãos trementes. O som procedente da sala de exposição cresceu ainda mais. Mas ela não podia lhe rechaçar. Não desejava fazê-lo. E quando baixou o tecido que cobria seus seios, ele gemeu ante a visão.

Ele se lançou, voraz, sobre um dos grossos mamilos e esfregou o outro entre seus dedos. Passion conteve um grito ante o rude puxão de sua boca. Ainda assim se arqueou contra ele, entregando-se enquanto enredava os dedos entre seu cabelo para lhe aproximar mais. Ele a saboreou durante mais tempo e mais insaciavelmente que no dia anterior. E cada investida de sua língua, cada faminta sucção, enviava um vertiginoso relâmpago de prazer diretamente ao ventre dela.

Seu peito palpitava e seu coração galopava quando ele liberou o dolorido mamilo e se movia para o outro. Ela baixou o olhar e se assombrou ao vê-lo tão inflamado e ereto. Os dedos de Mark o acossavam sem parar, beliscando e puxando ele, enquanto provocava o outro até um estado similar de inchada excitação.

Passion se agarrou a ele lhe mantendo perto e apertou as coxas ao redor de seu enorme membro. Podia ficar assim para sempre enquanto ele a beijava, sugava, mordida e... Se tão somente transasse!

Ela não esteve segura de quando seus quadris começaram a balançar-se. Somente foi consciente quando ele a soltou e se voltou para trás para observá-la. Ela se estirou para ele e se estremeceu ante sua própria necessidade.

—Mark, por favor...

—Por favor, o que?

Passion se retorceu.

—Por favor... me ajude...

Ele franziu o cenho e se deslizou uma e outra vez entre as tensas coxas dela.

—Por favor me ajude a chegar lá —disse ele, encontrando as palavras que ela não podia—. Diga-o, Passion. Por favor me ajude a chegar ao orgasmo.

A voz dela tremia.

—Por favor, Mark, me ajude a me acabar... Lhe suplico isso...

—Isso é —A boca dele se suavizou—. Como eu gosto de ouvir sua formosa voz dizer as palavras. Agora, levanta suas saias para mim.

Fez o que lhe pedia e conteve o fôlego enquanto ele se ajoelhava ante ela. Nunca tinha visto isso.

—Separa as pernas.

Sem quase respirar, ela separou os pés. Fechou os olhos fortemente enquanto ele abria a fenda de suas bombachas. Mas no seguinte instante, abriu os olhos de repente quando ele rasgou o frágil tecido até sua cintura. Ela se inclinou para ver por cima de suas saias e viu com os olhos muito abertos seu sexo exposto. Graças ao Senhor pelo alto volume dos bate-papos na habitação.

Mark olhava atentamente ante ele. Seus olhos apenas mudaram enquanto enredava os dedos entre os castanhos cachos dela. E depois separou sua carne, abrindo-a.

Passion estava paralisada. Seu defunto marido nunca a tinha olhado ali, muito menos explorado. Tudo tinha ocorrido entre a roupa de dormir rapidamente levantada, a qual era igual de velozmente substituída.

Os dedos de Mark se deslizavam entre suas úmidas dobras. Então introduziu um comprido dedo em seu interior. Ela ofegou e seus olhos pestanejaram. Ele introduziu outro dedo e ela sentiu que um fio de umidade gotejava de seu interior. O polegar dele pressionou o ponto que pulsava e palpitava.

Passion suspirou de alívio, já que a pressão suavizou um pouco a terrível palpitação. Mas os dedos dele continuaram deslizando-se dentro e fora dela, alimentando seu desejo de satisfação.

—Deus, está molhada —disse ele, mais para si mesmo que para ela.

Deslizou outro dedo dentro e ela inclinou os quadris para diante. Embora parecesse lasciva, não podia evitá-lo. Tremia de necessidade e ele não lhe dava o bastante.

—Muito agradável. Mas quero ver mais —murmurou ele—. Baixa as mãos e te abra para mim.

Quando ela vacilou, ele levantou o olhar.

—Faz-o, Passion. Não te arrependerá.

Com o coração galopando, ela baixou as mãos e afastou as dobras de seu sexo.

—Mais —cantarolou Mark—. Abre-o mais.

Passion deixou escapar um ofego afogado. Sentia-se completamente exposta. Deveria cobrir-se. Mas em troca, fez o que lhe pedia.

—Ah... é tão formoso —Ele deu uns golpezinhos com o polegar—. Clitóris inchado e vermelho.

Ele se chupou o polegar e a seguir empurrou seus dedos no interior dela. Os quadris de Passion saltaram para frente e ficou gelada, em suspense, enquanto ele introduzia um quarto dedo e continuava entrando e saindo de sua sensível carne. Passion se mordeu o lábio. A fricção cresceu e cresceu, até que cada embate provocava um jorro de umidade.

Então foi quando ele tirou os dedos. O corpo dela se esticou e acreditou que poderia começar a gritar se não lhe concedia a satisfação.

—E agora —grunhiu ele—, é como eu gosto disto.

E então a boca dele esteve sobre ela. Lábios e língua cobrindo sua exposta carne. Passion suprimiu um agudo grito ao mesmo tempo que seus quadris saltaram para frente. A boca aberta dele se deslizava por sua carne. Ela sentiu sua língua lambendo a umidade que saía de sua vagina, sentiu seus dentes mordiscando seus inchados lábios inferiores e sentiu o roçar áspero de sua bem barbeada mandíbula.

Que sensação! As coxas de Passion se dobraram e seus joelhos tremeram enquanto impulsionava os quadris ainda mais a frente. Ele bebeu de seu corpo, chupando a umidade diretamente dela. Sua língua limpava a lisa pele dela e seus palpitante clitóris, deixando-a louca com um prazer quase doloroso.

Os quadris dela saltavam para frente e para trás de um modo incontrolável. Sua cabeça dava voltas. Fechou os olhos para bloquear tudo exceto a intensa sensação que estava experimentando. Crescia e crescia. Todo o resto se desvaneceu. Nada importava exceto sua satisfação. Nada importava exceto a boca dele que a conduziria à liberação. Desejava-o. Necessitava-o. Devia o ter. Agora!

Com um ofegante suspiro, Passion entrelaçou seus dedos entre o cabelo de Mark e esfregou freneticamente seus ardente clitóris contra a úmida língua dele. Mais e mais rápido. Um zumbido baixo começou a crescer em seu ouvido. Onda de sensações líquidas se derramavam para o tenso botão. Enchendo-o cada vez mais... até que estalou.

Afogando seu próprio grito, todo o corpo de Passion ficou rígido. Mas ela não podia conter a explosão. Ardentes dardos de prazer a alagaram, sacudindo-a incontrolavelmente enquanto se estendiam por todos seus nervos.

Passion lutou para permanecer em silêncio durante o feroz ataque. E justo quando acreditava que não poderia suportá-lo um instante mais, justo quando acreditava que não poderia deter a sacudida de seu corpo, tudo se concentrou entre suas pernas até morrer em um estalo final.

Com um suave gemido, caiu de joelhos e aterrisou entre os braços de Mark.

Não esteve segura de quanto tempo permaneceu assim, inclinada contra a sólida silhueta dele e aspirando o fresco aroma de seu pescoço. Os sons do exterior pareceram incrementar-se de novo.

Se tão somente pudesse ficar ali com ele. Se tão somente...

Deixou escapar um suspiro.

Então sentiu o queixo dele esfregando sua bochecha. Depois um beijo esquentou sua testa.

—Passion? —A mão dele abrangeu o montículo de seu seio, elevado por seu espartilho.

Ela respirou profundamente e levantou o rosto para lhe olhar. O cabelo dele estava despenteado e seus olhos azuis resplandeciam com um fogo interior. Ela seguiu a linha reta de seu nariz até a boca cheia e sensual. Uma boca que, momentos antes, estava entre suas pernas com uma fome ardente. O peito dela se esticou enquanto aproximava sua boca a dele.

O beijo começou brandamente mas rapidamente se fez mais profundo quando Mark se apertou contra ela. Passion sentiu seu próprio saber nos lábios dele. Nunca soube que um homem poderia dar prazer a uma mulher com sua boca. Wilson nunca tinha feito algo assim com Mary. Ou se o fez, tinha-o feito em outra hora que não as duas da tarde.

Passion fechou as mãos ao redor do excitado pênis de Mark. Ele gemeu em sua boca e seus quadris se inclinaram para frente. Lhe acariciava enquanto lhe beijava, sabendo o que desejava fazer mas envergonhada de dizê-lo.

Mas ela não tinha tempo para a vergonha. O tempo de ambos era curto e se desejava lhe ter tal como ele a tinha tido a ela, precisava dizê-lo. Depois de tudo, ele sempre insistia que ela dissesse o que desejava.

Interrompeu o beijo e depois pressionou seus lábios um pouco mais.

—Mark —sussurrou contra sua bochecha— quero... quero te saborear —Os dedos dela apertaram seu membro levemente de modo que ele captasse o que queria dizer.

A língua dele roçou o canto de sua boca antes de voltar-se para trás, obrigando-a a encontrar seu olhar.

—Quer isso? Agora?

As pestanas de Passion bateram as asas brevemente.

—Sim.

—E alguma vez saboreaste a um homem?

—Não.

—Ah —ele seguiu o contorno do lábio inferior dela com o nódulo do dedo—, uma boca virgem.

Ele deslizou o dedo entre os lábios dela e Passion suspirou enquanto esfregava a língua contra ele e chupava levando-o a interior de sua boca.

—Isso está bem —ofegou ele— justo assim, Passion —Ele colocou outro dedo entre seus lábios—. Somente língua e boca. Nada de dentes, de acordo?

Passion assentiu com uma lenta piscada.

Ele ficou em pé ante ela, deixando que seus dedos escorregassem de sua boca.

O coração de Passion pulsava com excitação. O pênis de Mark se curvava enorme e grosso ante ela. As proeminentes veias palpitavam e a inchada cabeça estava brilhante com umidade. Ela se lambeu os lábios com antecipação.

Agarrando-a pelo queixo, Mark lhe levantou o rosto enquanto se inclinava para ela. Seus olhos eram como cristal azul.

—Quanto de mim quer saborear?

—Tudo.

Seu polegar esfregou a mandíbula dela.

—Talvez você não goste que me acabe em sua boca.

Mary sempre tinha parecido bastante faminta de Wilson. E agora, Passion sentia a mesma fome.

—Por que? Eu me acabei em sua boca.

—Não é o mesmo. Nunca tem feito isto antes, e vou me acabar com força.

Ela não ia deixar passar esta experiência pela metade.

—Diga que não me rechaçará —sussurrou ela, citando suas próprias palavras—. Diga que me dará tudo o que desejo.

Os olhos de Mark se obscureceram e um raro cenho enrugou sua testa.

—Por Deus. Sua voz é como o canto de uma sereia — Lentamente se endireitou —. Muito bem — Sua mão soltou o queixo dela com uma carícia —. Não diga que não lhe adverti isso.

Sentando-se sobre seus calcanhares, Passion enfrentou o objeto de seu desejo. Sobressaía-se, grosso e duro, de um arbusto de escuro pêlo castanho. O contraste entre o escuro arbusto, o pilar marmóreo de carne e o úmido e inchada glândula, fascinava-a. Seus clitorís palpitou em reconhecimento como se dissesse, sim, não é magnífico?!

Passion passou os dedos pelo áspero pêlo e depois, com ambas as mãos, traçou um caminho rápido como uma pluma sobre a dura longitude dele.

Ele se estremeceu e ela levantou o olhar.

—Não?

A mandíbula dele se esticou.

—Sim.

Ela baixou os dedos e viu uma gota de um fluido claro na abertura que havia na ponta de seu membro. Seu próprio corpo se umedeceu ante a visão. Quando fechou as mãos e apertou, derramou-se descendo pelo inchada glândula como se fosse uma lágrima.

Os mamilos de Passion se endureceram e sua carne se esticou. Sem mais demora, rodeou a úmida glândula com seus lábios famintos. Apenas escutou o afogado grunhido de Mark por cima de seu próprio gemido, devido a que a sensação de lhe sentir em sua boca era um estimulante afrodisíaco. Passou a língua por toda a suave e sensível cabeça, sugando avidamente a umidade que agora escapava ainda mais. Tinha um sabor salgado, igual às lágrimas.

Baixando os lábios por cima da palpitante glândula, deslizou a língua ao redor da borda enquanto acariciava o membro com as mãos. Ele era a perfeita combinação de dureza e suavidade. Sua pele, fina e lisa, parecia o paraíso contra sua língua. Mas debaixo daquela sedosa vagem pulsava um forte coração... um coração que fazia que umas grossas veias ondulassem a lisa superfície, um coração que inchava o sensível membro até derramar fluido de seu dilatado orifício.

Passion deu voltas com a língua sobre a glândula, chupando com força enquanto baixava uma mão até rodear os pesados testículos.

Mark gemeu quando ela acariciou e apertou seu testículo, sem afastar a boca da incrivelmente inchada cabeça de seu membro.

Então os dedos dele se envolveram no cabelo dela, segurando-a ao mesmo que seus quadris saltaram para frente uma, dois, três vezes, cada embate um pouco mais profundo que o anterior.

Ele se esticou. E quando uma exalação gutural soou sobre ela, Passion lhe sentiu crescer ainda mais em sua boca. Com pequenas e pulsantes vibrações, seu inchado membro a obrigou a abrir ainda mais a boca. Ela se abriu para ele, desejando tomá-lo todo.

Então ele voltou a empurrar. A boca dela estava cheia dele e cada embate enviava seu ávido membro mais profundamente dentro dela. Acariciou-lhe e chupou seguindo o ritmo de seus movimentos, desfrutando dos ansiosos embates que conduziam a quente e grossa carne dele dentro e fora de sua faminta boca.

As mãos dele se apertaram em seu cabelo. Ele inspirou de forma irregular. E de repente estava empurrando mais e mais rápido. Segurou-a tal como ela lhe tinha segurado, imóvel, enquanto encontrava a paz que trazia a liberação. Segurando-se com uma só mão, dava profundas e rápidas estocadas dentro da boca dela.

Passion sentiu uma inundação de poder sensual invadi-la quando ele se esticou, empurrou uma vez mais e ficou imóvel. Pôde sentir a fervente onda do orgasmo dele subindo por seu ereto membro. Derramou-se em sua boca, quente, espesso e cremoso, e cada gole ansioso, seguido pelo

urgente movimento da mão dele, trouxe mais e mais e mais. Apanhada no arrebatamento da erótica gulodice, ela bebeu com um prazer aberto e pleno, tomando tudo o que se derramava dele e finalmente, chupando as últimas gotas salgadas que lhe derramou na boca.

Sentindo um enjôo quase ébrio, girou a língua ao redor do membro já brando antes de que ele se separasse dela e caísse de joelhos. A respiração dele retornou rapidamente e segurou o rosto dela entre suas mãos. Seu olhar era intenso. Captava o apaixonado orgulho dela por lhe haver brindado sua liberação?

— Fez isto antes — disse ele, com a voz tensa.

— Não — negou Passion brandamente — Nunca o tinha feito — Olhou nos olhos. Era importante que acreditasse. Somente restava o dia de amanhã. Desejava que ele soubesse a profundidade do presente que lhe tinha entregue — Nunca... quero dizer, meu marido nunca... — As lágrimas alagaram de repente seus olhos. Por que podia chorar tão facilmente diante dele quando não tinha chorado durante anos? Piscou e desejou que suas lágrimas não caíssem.

Mark pressionou sua boca contra a dela.

— Alguma vez há... o que? — sussurrou ele entre beijos.

— Nunca experimentei nada como o que você me deu nestes últimos três dias — suspirou Passion contra os quentes lábios dele — Acreditava que o prazer existia, sabia que existia, mas não acreditava que existisse para mim. Não soube a profundidade de minha necessidade, não sabia o que tinha em meu interior.

— Esteve casada durante três anos — Ele desenhrou um caminho de beijos por sua testa — O prazer pode existir sem amor — Suas mãos passearam sobre os seios dela.

Passion fechou os olhos. Durante todo seu matrimônio, nunca tinha sentido prazer corporal que não tivesse obtido por sua própria mão. E inclusive essa pequena indulgência tinha sido esquecida um longo tempo atrás. Era tão solitária, tão vazia. Melhor enterrar sua necessidade por completo que mantê-la viva, faminta e ansiosa sem a plena satisfação.

— Meu marido não me proporcionou nenhum prazer — pôde dizer ela —. Nem lhe interessava fazê-lo.

O olhar de Mark passou por seus traços, baixou até seus seios nus e retornou a seu rosto.

— Então era um bastardo.

Passion não pôde deter o sorriso que curvou seus lábios.

Mark assentiu e acrescentou olhando-a aos olhos.

— Um estúpido e cego bastardo que não reconheceria a Passion embora esta jazesse nua a seus pés.

O sorriso de Passion se fez mais ampla.

— Especialmente quando nunca me viu nua.

Mark sacudiu a cabeça e tocou sua bochecha com um dedo.

— Formosa covinha — Deslizou o dedo sob seu queixo e elevou seu rosto para unir a boca com a dela em um longo e lento beijo.

O peito de Passion se esticou. Quanta falta sentiria dele!

— Estou contente de que nunca te visse nua — disse ele, esfregando seus lábios contra os seus —. Porque eu tenho toda a intenção de ver-te nua. E quando o fizer, terei algo de ti que ele nunca teve.

Ele continuava aludindo ao futuro. Lhe encantaria estar nua com ele. Oh, para lhe sentir, carne contra carne. Mas isso não podia ocorrer. O manhã chegaria muito cedo. Passion suspirou.

— Já tiveste mais de mim que ele. E já me deste muito mais do que ele me deu — Ela acariciou sua mandíbula com os dedos —. Obrigado.

A testa dele se enrugou um momento.

—Não, obrigado a ti.

—De nada —disse ela com um pequeno sorriso.

Ele se sentou sobre seus calcanhares, os joelhos descansando a ambos os lados das pernas dela. Seu membro, ainda um pouco duro, descansava sobre suas saias. Tão satisfatório como tinha sido seu encontro, de repente ela desejou que pudessem transar. Desejava-lhe profundamente em seu interior. Desejava-lhe outra vez e no futuro que não podia ser.

Ele a olhou fixamente, com os braços a seu lado.

—O que ocorre?

Passion sentiu que suas bochechas se avermelhavam. Negou com a cabeça.

Ele olhou para baixo e outra vez para ela.

—Veste-me —Sua voz soava rude, mas seu olhar era terno.

Ela agarrou seu abrandado membro entre as mãos. Antes de devolvê-lo a suas calças, tomou um momento para senti-lo. Esse momento demonstrou ser um erro.

O olhar dele nunca abandonou o rosto dela, enquanto esta lutava por conter a carne que se endurecia velozmente. Suas bochechas se acenderam ainda mais. A cabeça do membro dele desafiava suas tentativas por cobri-la. O olhar dele tinha o calor do fogo. Ela se mordeu o lábio inferior e pressionou uma mão contra ele enquanto tratava de puxar a abertura de suas calças com a outra. Não podia fechar os botões com uma só mão.

Consternada, finalmente Passion elevou os olhos para ele. Surpreendeu-se ante a ternura com a qual ele a olhava. Seu coração revooou sob seu peito.

—Não posso fazê-lo —disse ela lentamente.

—Não, não pode —murmurou ele—. Porque isto é o que me provoca. Acabo de te ter, mas te desejo outra vez —Seu olhar sustentava o dela e sua voz permanecia terna e regular—. Seu marido era um maldito idiota. Escuta-me? Não te merecia. Fosse qual fosse o problema, e lhe asseguro isso, ele tinha um, não foi você —Ele levou a mão dela para sua ereção. Isso é o que inspira. Isto é o que merece.

Algo em Passion estalou. Não esteve segura de que se abriu ou se fechou, mas seu sangue ferveu e seus olhos arderam.

Suas irmãs tinham insistido em que ela não era a responsável por seu matrimônio sem paixão. Mas elas eram parciais por causa de seu amor por ela e, como mulheres, não podiam realmente opinar a respeito de seu atrativo. Mark não tinha semelhante prejuízo e claramente a desejava. Mas inclusive mais significativo que suas palavras era o fato de que as pronunciasse e com tal veemência. Era de uma grande amabilidade.

Ela levantou umas mãos trementes até as magras bochechas dele.

—Obrigado —suspirou—. Obrigado por que até me conhecendo tão pouco, se ponha de meu lado —Ela passou o polegar por seu lábio inferior e outro dedo por uma de suas escuras sobrancelhas—. Acredito que terei saudades suas mais desesperadamente do que acreditava.

Os formosos olhos azuis a apanharam.

—Não falemos disso agora. Há tanto que ainda temos que compartilhar —A boca dele se curvou ligeiramente enquanto se acomodava e fechava as calças—. Ainda não terminei contigo.

Passion deixou cair as mãos sobre seu colo. Não podia ignorar mais a verdade.

—Mark, t...temo que amanhã seja nosso último dia.

Em um abrir e fechar de olhos, o cálido olhar dele se converteu em gelo.

—O que?

Capítulo Seis

Propostas

O corpo de Mark ficou rígido.

—Por que amanhã é nosso último dia?

—Só estou visitando Londres —respondeu Passion—. E amanhã é o último dia que vou vir ao Palácio de Cristal.

Suas vísceras se retorceram.

—Vais deixar Londres?

—Não, ainda não —suas longas pestanas revoaram—. Mas vou ficar com minha tia, e não posso seguir vindo aqui dia após dia.

—Quanto tempo? Quanto tempo antes de que se vá?

—Algo menos de dois meses.

Deixaria ele de sentir luxúria por ela em dois meses? Possível, mas tendo em conta o modo em que se esteve sentindo, não provável.

—E depois?

—Para casa.

—Onde está essa casa?

Passion fez uma pausa.

Mark agarrou suas mãos.

—Passion, onde está essa casa?

Ela elevou sua vista para ele, seus olhos avelã urgentes.

—Mark, tem que entendê-lo. Nunca tenho feito nada como isto antes. Além de meu marido, você é a única pessoa com a qual tive relações íntimas. Meu pai é vigário. Em casa, sou uma viúva respeitável. Não posso seguir contigo assim para sempre, e certamente, não depois de que voltar para casa.

Jogando uma olhada a seus formosos seios, empurrados para cima pelo espartilho, Mark pensou que parecia completamente respeitável tal e como estava.

—Não estou interessado em algo eterno. Estou interessado em algo que dure até que um de nós perca o interesse. E embora não tenho muito respeito pelo que se considera respeitabilidade, não tenho nenhuma intenção de danificar sua reputação —lhe veio um pensamento repentino—. Tomarei precauções para me assegurar de que não terás um menino.

—Não posso ter meninos —uma ponta de tristeza tingia sua voz.

Mark fez uma pausa. Por que sua admissão era tão surpreendente? Por que deveria lhe preocupar? Melhor para ele.

—Então só precisamos nos preocupar com a discrição. Como viúva, tem certo grau de liberdade. Já considere as formas e os meios de te colocar em minha cama, Passion. Pode fazer-se —seu membro palpitou com o pensamento—. Se fará.

Passion empalideceu escandalizada. Parecia que ela nem sequer tinha considerado semelhante idéia.

—Sua cama? ?Ela sacudiu a cabeça?. Quando estava falando com aquele homem antes, você me rodeou com o braço e me chamou de querida. Se tivesse sido alguém a quem conhecesse, teria-me arruinado aí mesmo. E quer que eu vá a sua cama?

—Ele não era alguém a quem conhecesse.

—Mas poderia havê-lo sido.

—Eu sabia que você não o conhecia.

—Como podia saber isso?

—Porque o conheço, maldita seja!

Os olhos de Passion se alargaram, e um longo silêncio surgiu entre eles.

Mark chiou os dentes. O zumbido da multidão de repente parecia mais alto.

Finalmente, ela falou.

—Conhece-o?

—É meu irmão.

Suas bochechas se tornaram rosadas.

—Obviamente, ele sabe tudo sobre mim —o rubor tingiu até os altos montes de seus seios.

Mark sentiu uma pontada de desconforto, mas a rechaçou.

—Ele é meu irmão, pelo amor de Deus. É a única pessoa no mundo a quem diria algo pessoal. E te conhecer foi um acontecimento bastante extraordinário.

Passion o considerou durante um longo momento e depois se colocou de um puxão a camisa sobre os seios.

—Bem, que seja seu irmão explica muito? Agarrou o espartilho e o colocou pelos ombros.

—Meu irmão é um cavalheiro, Passion. Sua reputação está a salvo com ele.

Seus magros dedos deixaram por um momento de trabalhar com os diminutos botões do espartilho, e logo voltaram a começar.

—Acredito-te. De fato, preferiria a ele.

Um brilho quente de inexplicável ciúmes flamejou sob a pele de Mark.

—Você gosta dele? Mal se falaram —sua voz soou zangada, inclusive para si mesmo.

Passion lhe olhou.

—Você e eu falamos pouco, e ainda assim me agradas muitíssimo.

Ele a olhou airadamente.

—Essa é uma comparação bastante vergonhosa.

Lhe passou a suave palma de sua mão através da têmpora.

—Tem razão. Não existe comparação. Nenhuma absolutamente —seu dedo seguiu o rebordo de sua orelha, enviando um tremor quente através de seu corpo—. Acredito que seu irmão se preocupa profundamente por ti —seus grandes olhos indagaram os dele—. E é por isso que me agrada.

Algo quente e confortável correu através dele.

—Além —ela começou a abotoar seu sutiã—, vou falar com minhas irmãs de ti. Assim não posso resentir-me por que você o há dito a seu irmão, verdade?

Mark olhou a pele pálida de seu decote desaparecer sob a escura seda marrom de seu vestido.

—E onde residem suas irmãs?

Ela se apoiou sobre seus calcanhares e ficou de pé com um suave sussurro de seda.

—Minha tia me estará esperando. Devo ir.

Mark não se moveu e agarrou seu braço enquanto ela se dobrava para recolher seu chapéu.

—Maldita seja, Passion! —sua voz era um sussurro mal contido—. Não quero que isto termine ainda. É... é muito cedo.

Ela jogou uma olhada à mão em seu braço.

—Obrigaria-me? Expor-me, se te rechaçar?

—Certamente que não —Ele a liberou, e ela colocou seu chapéu enquanto avançava para a borda do biombo... Se te rechaço. Ela havia dito "sim". Ele seguiu: —Você tampouco deseja que isto termine já. Sei que não o quer.

Ela elevou seus formosos olhos aos seus.

—Não, não o faço. Nem sequer remotamente.

O alívio se precipitou por ele. Aproximadamente nesse momento ela recuperou a razão.

Alisou-se para trás o cabelo da testa.

—Entretanto, estou acostumada a não ter o que desejo.

No instante que lhe levou registrar suas palavras, ela se escapuliu.

—Ah, não vais fazer-lo! —grunhiu ele. E encasquetando-se seu chapéu, seguiu-a.

Sob a sombra de uma pereira no jardim de Tia Matty, Passion afastou a vista de seu bloco de papel de desenho. O rosto de Mark a olhava fixamente nele. Ela tinha capturado a curva cínica de sua boca tão bem que quase esperava que a imagem se risse dela. Passou seu dedo sobre a linha ao carvão de sua testa, suavizando-a.

Seu coração revooou tanto com alegria como com agitação. Era o melhor desenho que tinha feito em muito tempo. Era tão bom como alguns dos muitos rabiscos que tinha feito de suas irmãs e de seu pai. Quanto tempo fazia que ela não realizava um desenho tão bom? Anos? Mas uma representação acertada não significava que ela pudesse considerar-se por cima de outros.

À parte, estudou o desenho, Mark era o modelo perfeito. Seus traços clássicos suplicavam pela mão de qualquer artista. Como gostaria de pintá-lo. As imagens relampejaram em sua mente: sua cabeça apertada contra seu peito; suas mãos trabalhando em seus botões; seu rosto, aquela manhã, enquanto tinha elevado a vista para ela, ajoelhado.

Seu corpo ardeu ante a lembrança. A vulnerabilidade que havia sentido e depois o poder sensual que tinha exercido, emocionaram-na. Embora seu encontro tinha sido satisfatório, ela desejava mais. Sua liberação tinha sido incrivelmente intensa, mas nem por isso dolorosa. Fechou os olhos e tentou evocar a sensação dele dentro dela. Não havia nada como estar cheia dele. Seu corpo ansiava a plenitude da dor que sua união lhe dava. Isso a satisfazia de uma forma que a experiência de hoje não tinha feito.

A experiência de hoje... Sua resistência a sua partida a tinha surpreso. Sua admissão de que tinha estado pensando maneiras de colocá-la em sua cama tinha sido tentadora e a tinha sobressaltado ao mesmo tempo. Até esse momento não lhe tinha ocorrido que sua relação poderia existir fora do Palácio de Cristal. Uma coisa era dar-se a si mesma a essa incrível, impossível experiência. Outra completamente distinta era procurar ativamente que ocorresse.

E por que tinha estado ele tão resistente a separar-se? Com tudo o que ele havia dito, tinha esperado que aceitasse facilmente. Um homem como ele certamente podia encontrar qualquer número de mulheres dispostas a lhe agradecer. Ele não a necessitava para isso. Assim que o que era aquilo? Por que essa relutância em deixá-la ir? Poderia ser que ele a quisesse para algo mais que para a satisfação física? Embora era um pensamento tentador, ela o desprezou rapidamente. Mark tinha sido totalmente claro quanto à natureza de sua relação. Era melhor tomar a palavra. Seria muito fácil cair na armadilha de acreditar que ela era mais importante para ele do que realmente era.

Ela, depois de tudo, tinha sido enganada por sua própria esperança antes. Seu marido lhe tinha feito a corte com bastante urgência e encanto. Ele a tinha cortejado com bonitas frases e um bom discurso. E embora tinha mostrado momentos de desinteresse, ela tinha chegado a acreditar que ele a queria, que se preocupava com ela. Embora ela não o amava, introduziu-se no

matrimônio com a expectativa de que o amor podia crescer. Ela tinha acreditado que seu matrimônio poderia enchê-la e que se transformaria, com o tempo, em algo maravilhoso. Em troca, só tinha sido uma casca vazia de existência.

Com um suspiro frustrado, ficou de pé. Não havia sêmen quente umedecendo suas coxas como os dias anteriores. Ela estava vazia. Vazia como sempre. Que familiar era o vazio. Seu peito estava dolorosamente apertado. Desejava Mark. Não teria sido melhor não experimentar alguma vez tal prazer, a sofrer este novo e terrível desejo? Um desejo não só de seu corpo, mas também também por suas mãos que atavam seu chapéu, por seus olhos que parecia que nunca a deixavam, por seu abraço que de algum modo a tranqüilizava.

Ela percorreu com os dedos a borda de sua imagem. E suas palavras... Seu marido era um maldito idiota... Ele não te merecia. Fosse qual fosse seu problema... não foi você. Quando ela pensou em suas palavras amáveis, palavras que ele não tinha por que haver dito, seu coração pareceu inchar-se, empurrando contra seus pulmões e acelerando seu fôlego.

Por Deus, se ela se sentia dessa forma agora, como se sentiria se passasse mais tempo com ele? Não, tinha razão ao terminar sua relação. Mas nunca devia arrepender-se dela. Nunca!

—Passion, aqui está, —chamou-a tia Matty—. Olhe quem veio a nos fazer uma visita.

Fechando de um golpe seu bloco de papel de desenho, Passion girou e gemeu em seu interior. Alfred Swittly e outro homem, mais jovem, ladeavam a sua tia e estavam cruzando rapidamente o jardim.

—Senhora Redington —bramou Alfred Swittly enquanto se aproximava—, que magnífico é vê-la outra vez. Vejo que tem seu caderno na mão. Espero que não lhe importe nossa pequena intrusão em sua incursão no reino artístico.

Passion negou com a cabeça e conseguiu esboçar um sorriso.

—Estou segura de que minha sobrinha agradece a diversão de um pouco de companhia. Esteve sentando-se aí só por muito mais do que é bom para ela —a tia Matty sacudiu a cabeça—. Muita tranqüilidade me dá dor de cabeça. Não acontece com você, senhor Swittly?

—Certo, senhora Der, certo —disse Alfred—. Mas por favor, senhora Redington, me permita lhe apresentar ao meu primo, o senhor John Crossman, de quem lhe falei ontem.

Passion intercambiou saudações com o homem. Embora alto, loiro e de olhos verdes, John Crossman de algum modo conseguia não parecer-se nada a seu primo. Atraente e com um sorriso rápido e fácil, tinha uma largura de ombros que parecia muito ampla para sua magra, bem vestida figura. Passion supôs que devia ser só ligeiramente maior que ela.

—O senhor Crossman é o herdeiro da Crossman Shipping, querida —a tia Matty levantou as sobrancelhas significativamente.

—Crossman Shipping?

Um modesto negócio familiar, senhora Redington —reconheceu o jovem.

—Modesto negócio familiar —Alfred riu entre dentes—. Tolices! O modesto é meu primo, senhora Redington.

—Você deve perdoar a minha sobrinha, senhor Crossman. Passion é do campo e não tem conhecimento algum de quem são as pessoas importantes em nossa formosa cidade.

—Não é necessária nenhuma desculpa. É um prazer ser desconhecido.

Alfred riu e aplaudiu a seu primo no ombro.

—Você deve ficar para tomar o chá, senhor Crossman. Vai ficar, verdade? Certamente que o fará —a tia Matty deu a volta, só para voltar-se outra vez—. Sabe você que o outro dia estive a ponto de ficar mutilada por vida? E que minha querida Passion mal escapou da cegueira? —

levantou um dedo—. Tudo devido à carência de chá. Chá, senhor Crossman! Nunca subestime sua importância.

John Crossman manteve uma expressão séria.

—Como não desejo sofrer nem mutilação, nem cegueira, ficarei, senhora Der, para o chá.

—A sabedoria e os belos traços poucas vezes são vistos juntos, senhor Crossman. Você, entretanto, parece ter sido abençoado com ambos. Venha, senhor Swittly —a tia Matty tomou o braço de Alfred e puxou o pouco disposto homem para ela—. Eu gostaria de falar com você em privado.

Quando eles estavam a certa distância, John Crossman se voltou para Passion.

—Ela é maravilhosa.

Passion gostou do homem imediatamente e sorriu.

—Sim é. De verdade —ambos olharam a sua tia. Estava afugentando um inseto do braço de Alfred Swittly com seu lenço—. Muita gente pensa que é um inseto raro, mas ela é realmente amável e encantadora. E também leal.

Passion girou para encontrar John Crossman contemplando-a atentamente.

—Essas características estão na família, pelo que vejo.

Ela riu de sua adulação.

—Eu vejo que a gentileza é um de seus traços, senhor Crossman.

Ele sorriu abertamente.

—Simplesmente reconheço o óbvio. Esta manhã, eu estava em companhia de uma senhorita que se sentiu na necessidade de desculpar várias vezes a sua irmã menor por não ter sido abençoada por uma medida tão grande de beleza. Ela poderia ter mostrado à moça alguma bondade, amor, e lealdade em lugar disso —Ele a olhou, pensativo, e logo cabeceou—. Se o tivesse mostrado, teríamos combinado muito melhor —Lhe jogou uma olhada e levantou uma dourada sobrancelha—. Depois de tudo, senhora Redington, quando me puser gordo e calvo, não quereria que ela se desculpasse por mim.

Passion riu.

—E posso ver que você corre muito perigo disso, senhor Crossman, quer dizer, gordo e calvo.

Ele riu com ela e assinalou ao banco.

—Sentamo-nos, senhora Redington?

Passion olhou a sua tia e a Alfred Swittly enquanto se sentavam.

—Ouvi do senhor Swittly que você e ele são muito próximos. Está-o assessorando em algo, Senhor Crossman?

As sobrancelhas douradas de John Crossman se elevaram e em seguida riu entre dentes.

—Acabo de me réencontrar com meu primo na semana passada, senhora Redington. Deu a casualidade de que nos encontrássemos na loja de luvas onde ele se apresentou a mim.

Passion franziu o cenho.

—Oh...

John se encolheu de ombros.

—Meu pai faleceu recentemente, senhora Redington. Estou encontrando todo tipo de antigos amigos e familiares estão interessados em renovar a relação agora que estou ao leme da Crossman Shipping.

—Oh, já vejo —disse Passion— Bem, lamento muito sua perda. Estou segura de que é um momento terrivelmente difícil para você.

John assentiu.

—Meu pai me preparou bem, senhora Redington. Mas sinto a falta dele.

Passion se aproximou, igual a seu pai fazia quando consolava a algum de seus paroquianos.

—Certamente que o faz, senhor Crossman.

Ela curvou seus dedos ao redor da encadernação de seu bloco de papel de desenho. Embora eles se acabassem de conhecer, algo no comportamento do homem a fez acreditar que ele podia dar boas-vindas a algumas palavras de consolo.

—Tantas emoções acompanham à morte —disse— Quando minha mãe morreu, eu estive triste e zangada, e me assustei, também. Meu pai se afligiu terrivelmente; mas, como vigário, ele tinha deveres que não podia deixar de lado. Assim como a mais velha, muitas responsabilidades recaíram sobre mim.

Ele a olhava fixamente, seus olhos verdes sérios e firmes.

Ela seguiu: —Foi difícil ao princípio. Mas conforme o tempo passou, acomodei-me a meu novo papel, inclusive encontrando orgulho nele. Acho que pode haver uma grande satisfação no cumprimento do dever.

Passion fez uma pausa. Embora ela o houvesse dito a si mesmo mil vezes, hoje suas palavras pareciam um eco da verdade, não a verdade completa. Ela franziu o cenho, de repente insegura do que era a verdade completa. Indecisa, ela sacudiu a cabeça.

—Me perdoe, senhor Crossman. Não sei se o que digo tem algum sentido. De todos os modos, estou segura de que você não tem nenhuma necessidade de meu conselho.

John considerou suas palavras por um momento. Então disse, —Não, desculpe-me você por perturbar a paz de seus pensamentos com meus problemas —ele sorriu—. E realmente aprecio seu conselho.

Passion conseguiu sorrir, mas, de uma vez, desesperadamente desejou que ele se fosse. Precisava estar sozinha com seus pensamentos.

—Chá! —a tia Matty os chamou enquanto se aproximava com Alfred. O gigantesco homem lhe ofereceu sua mão—. Posso escotá-la para dentro, senhora Redington? —bramou.

Passion olhou a John Crossman, ao qual encontrou olhando-a atentamente, e depois outra vez, a Alfred e a tia Matty.

Não havia forma de escapar, nenhuma desculpa.

A tensão se abatia sobre suas costas. Estava obrigada a ficar.

Ela queria gritar.

Ela queria Mark.

Ele queria Passion.

Ele não queria o doce-aspecto-açucarado de Charlotte Lawrence, que se sentava em frente a ele. Nem sequer queria estar na mesma habitação que ela. Jogou uma olhada à porta que o depreciativo mordomo tinha fechado de repente quando saiu do quarto. Como desejava Mark que ele, também, pudesse sair majestosamente e dar uma portada a essa habitação de depravação, maquinações e mentiras.

Mark chiava os dentes enquanto escutava a Abigail Lawrence.

—Acabo de informar a minha filha esta mesma manhã de sua oferta, milord. Expliquei-lhe como você a viu na Ópera italiana, como encontrou sua beleza além de toda comparação e sua graça sem par.

Mark deslizou seu olhar a Charlotte. Cachos marrom claro caíam por seus ombros. Sob seu olhar, ela baixou seus nervosos olhos cinzas. Bonitos, possivelmente. Formosos, não.

—Charlotte se sente honrada e desejosa e, é obvio, estará orgulhosa de ser sua prometida — seguiu Abigail—. E que feliz coincidência, que você e eu nos conhecêssemos, condessa. Quanto tempo passou da última vez que nos vimos?

Mark jogou uma olhada a sua mãe e esteve contente de vislumbrar o brilho de aversão em seus olhos. Bom. Ele esperava que odiasse cada momento.

—Bem, estou segura de que passaram anos, senhora Lawrence —disse Lucinda em um tom gelado—. Eu havia quase esquecido nosso conhecimento. Foi a Senhora Rimstock quem a trouxe para minha mente quando me pergunto o que tinha sido de minha velha amiga, Abigail Lawrence —os olhos de Lucinda brocaram à outra mulher enquanto acentuava a palavra velha—. Lhe disse que não tinha nem idéia do que tinha sido de você.

Os lábios de Abigail se apertaram em uma magra linha.

—Bom, parece que nos veremos bastante mais uma à outra agora, verdade? E minha Charlotte será a nova condessa —a voz da mulher foi quase um grunhido.

Os ombros de Mark se apertaram. Cristo, se elas eram lobas da mesma ninhada.

Sua mãe levantou uma sobrancelha.

—Como você não se move por nossa sociedade, Senhora Lawrence, você não pode saber que meu filho tem a reputação de evitar os nobres valores de sua própria classe. Ele sempre se há sentido mais cômodo movendo-se em círculos inferiores —o mais leve dos sorrisos se pousou na boca de sua mãe—. E embora entenda o desafortunado encanto de travar amizade com esses das classes inferiores, tais relações nunca duram, porque sua vulgaridade sempre se acaba tornando pesada —ela fez uma pausa, e as bochechas de Abigail Lawrence avermelharam com a cólera reprimida—. Entretanto, meu teimoso filho é seu próprio amo e não se deixará influir por mim.

Mark levantou as sobrancelhas. Finalmente, umas palavras certas.

Lucinda jogou uma olhada a Charlotte.

—Espero que sua filha tenha a graça e inteligência necessárias para vencer seu berço. Ser condessa de Langley não é nenhum título pequeno.

—Atrevo-me a dizer, condessa, que minha filha trará para o título mais graça e beleza da que jamais se viu —cuspiu Abigail Lawrence.

Lucinda moveu brevemente seus olhos na direção de Charlotte.

—Com esse vestido, não.

As mãos de Abigail Lawrence realmente se enroscaram em punhos.

—Pode ser que você tenha esquecido a estatura financeira de meu último marido, condessa. Minha filha está mais luxuosamente vestida que muitas nobres. Esta renda, empurrou um dedo na direção do xale de sua filha, é de Bruxelas!

Sua mãe se encolheu de ombros desdenhosamente.

Mark deteve a conversa quando se levantou e tirou seu relógio. Tinha tido suficiente de briga de gatas. Queria ir-se.

—Parto-me.

—Parte? —Abigail Lawrence se levantou de seu assento e jogou um olhar a sua filha—. Você não deseja falar com Charlotte, milord?

Mark levantou suas sobrancelhas.

—Falar com ela? Não estava a par de que ela pudesse falar, senhora. Você falou por ela todo o tempo que estive aqui —sua mãe riu disimuladamente enquanto ele se voltava para Charlotte. A moça estava mal ocultando um sorriso, mas sua expressão se tornou séria ante seu cenho franzido. Qual era seu papel neste plano? Poderia opor-se a casar-se com ele? Estava sua saída de pé, em frente a ele? —Você, de fato, aceita esta proposta, senhorita Lawrence? Certamente, uma moça

como você com tão alta... como o disse a senhora Lawrence?, “estatura financeira”, tem muitas propostas de cavalheiros.

A moça olhou nervosamente a sua mãe e depois outra vez a ele.

—Eu... bem, não-não sei nada sobre propostas, milord —ela retorceu suas mãos—. Mas eu-eu realmente aceito sua oferta.

O cenho de Mark se fez mais profundo. Não sentia nenhum respeito pelas garotas de mente simples. Elas faziam coisas às quais sobreviviam para arrepender-se, e então faziam que todo o mundo se lamentasse por isso. Sentiu sua cólera flamejar.

—Você realmente está preparada para converter-se na esposa de um homem ao qual nem sequer conhece, senhorita Lawrence? Quando minha mãe tinha sua idade, ela se casou com um homem ao qual não conhecia —ouve o ofego de sua mãe, mas continuou sem alterar-se—. Ela cresceu para odiá-lo por roubar sua preciosa juventude e por fazê-la engordar com seu filho. Embora ele tratou de amá-la, ela fez sua vida miserável. Nada do que ele fez foi bastante bom para ela.

—É suficiente! —cortou sua mãe.

—Te cale! —gritou-lhe ele. Sua voz se tornou mais e mais áspera. Ele olhou airadamente a Charlotte—. É isto o que você quer, senhorita Lawrence? Converter-se em uma amargurada senhora velha que lamenta o dia em que deixou a outros decidir seu destino?

A moça lhe olhou fixamente, seus olhos muito abertos pela surpresa e pela confusão.

—Eu... eu...

Minha filha não é sua mãe, milord —disse com muita frieza Abigail Lawrence—. Que direito lhe permite assumir que ela se comportaria de semelhante maneira?

—Ela é sua filha, verdade? Tenho o direito de assumir tudo o que me agrada, senhora.

—Falando de presunções, milord —se mofou Abigail Lawrence—, minha filha está de acordo com a presunção de que você deseja sua mão. Está ela confundida quanto a isto? —estreitou os olhos—. Se for assim, digamo-lo agora, para que eu possa saber o curso a tomar.

Vadia! Ele quis mandá-la ao diabo e que se apodrecesse ali. Chiou os dentes para manter as palavras. Matt. Devia lembrar-se de Matt. Sua mãe estava lhe olhando e devia haver sentido como se cambaleava a beira da indecisão.

—Certamente que ele deseja sua mão —disse ela—. Meu filho está zangado comigo e, como todos os homens, confunde seus sentimentos neste cruzamento de caminhos tão importante em sua vida.

Mark quis enfurecer-se com todas. Ele não estava confundido. Ele sabia exatamente como se sentia. Manteve a boca fechada.

Sua mãe girou para olhar à desconcertada Charlotte.

—Meu filho escolheu a você, senhorita Lawrence. Agora devemos determinar o melhor modo de proceder para que a sociedade a aceite tão de bom grau como ele —ela elevou a vista—. Sente-se, Abigail. Isto levará algum tempo.

Bem. Mark cruzou a habitação. Deixaria-as tomar um longo tempo para trabalhar todas as maquinações sociais. Quanto mais tempo se tomassem, melhor para ele. Ele necessitava esse tempo para conseguir aquela carta.

Na porta, ele fez uma pausa e encontrou a todas olhando-o. Nos olhos de sua mãe viu aborrecimento. Abigail Lawrence o olhava com arrogante insolência. Charlotte lhe olhava confusa. Ele não sentiu nenhuma compaixão por ela. Ela era a faca em seu pescoço. A ignorância não era desculpa para o caráter débil, e era seu caráter débil o que a fazia tão facilmente manejável. Ele odiava a debilidade.

Passion deixou o sonho a contra gosto. Tinha estado descansando no abraço de um enorme leão. Ainda assim ela não tinha tido medo. Piscou sonolenta. O que a tinha despertado? Quis voltar para o sonho, a quente e envolvente presença do leão. Deu-se a volta e fechou os olhos outra vez.

Então o ouviu, um som em sua janela. Despertou instantaneamente, sentando-se na cama. A luz da lua iluminava a janela, a qual ela tinha deixado entreaberta para que a fragrância do jasmim pudesse encher seu quarto. Não havia nada ali.

Ela esperou e escutou. Então ofegou quando um palmadinha, seguida de outro, soou contra a janela. Algo se pousou no chão com um pequeno som metálico.

Deslizando-se cautelosamente para fora da cama, levantou-se e, ajoelhando-se ao lado do diminuto objeto, recolheu-o. Era uma das pequenas pedras lisas que decoravam a terra ao redor do bebedouro de pássaros do jardim.

Uma emoção profunda mas nervosa transpassou seu corpo. Havia só uma pessoa que tinha a razão e o atrevimento para lançar objetos a sua janela. Mas era impossível. Não podia ser. Ele nem sequer sabia onde ela vivia.

Mas quem mais? Uma visão do rosto redondo de Alfred Swittly encheu sua mente. Oh, céus, não! Ela ouviu como outro golpe soava contra a janela.

Insegura, levantou-se devagar e se moveu ao lado da janela. Ocultando-se nas sombras das cortinas de renda, deu uma olhada ao redor da beirada. Seu coração saltou. Com o braço estirado para lançar outro objeto, Mark estava de pé justo debaixo de sua janela! Mark, no jardim da tia Matty! Seu corpo inteiro ficou quente.

Devia ter feito algum movimento, já que ele de repente olhou justo aonde estava e deixou cair o braço. Passion se congelou, o sangue correndo em suas veias e com as pernas tremendo abaixo dela. Tentou conter a respiração. Oh, Deus! Era regozijo o que a enchia, não alarme. Ela deveria estar alarmada, mas enquanto ele estava de pé, olhando para cima, ela sentia só alegria.

Ela se encontrou movendo-se para a janela e levantando-a. Enquanto aparecia, a trança balançando-se em seu ombro, ele não se moveu absolutamente. Olharam-se fixamente um ao outro durante um longo momento, nenhum falou.

Então sua voz se elevou até ela, baixa e rude.

— A casa está adormecida. Me deixe entrar.

Seu corpo se sacudiu com necessidade e apreensão por sua voz de tenor. Como poderia deixá-lo entrar? Ela não podia fazer isso. Seus nervos se esticaram. Seu peito subiu e baixou. Isso seria muito. Não haveria volta atrás.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não posso.

Ele imediatamente deu um passo adiante e, agarrando a grade, começou a subir.

Passion se tornou para trás com um ofego e voltou para quarto. Seus joelhos tremiam tanto que se teve que apoiar no poste da cama. A silhueta de sua cabeça e seus amplos ombros apareceram e logo suas longas pernas varreram o batente da janela.

Ele se sentou aí.

— A escada teria sido mais fácil — disse brandamente.

Ela podia cheirá-lo.

— Tenho que falar contigo — disse —. Posso entrar?

— Já está dentro — sussurrou ela.

— Passion, não tinha intenção de vir aqui esta noite.

— Ainda assim aqui está. Como sabia onde me encontrar?

— Depois de nossa conversa de hoje, pensei que nunca poderia ver-te outra vez, que poderia desaparecer — fez uma pausa —. Tinha um encontro que não podia anular, assim fiz que meu irmão te seguisse quando deixou o Palácio de Cristal.

— Fez-o? — Por que isso não a assustava? Ela deveria estar assustada.

— Sim. Ele rondou no beco por mais de uma hora antes de que aparecesse nesta janela — fez uma pausa outra vez —. Se não te apresentava amanhã, então eu saberia como te encontrar.

— Mas está aqui agora.

— Sim.

Ele não se moveu. Pensou que ela tinha medo.

— Tenho que falar contigo, Passion.

Um estremecimento lhe desceu pela coluna. Ele disse seu nome como uma carícia.

— Não demonstramos ser capazes de manter uma mera conversa.

Sorria ele? Ela não podia vê-lo bastante bem com a débil luz.

— E se prometer não te tocar? — não havia nenhuma alegria em sua voz. De fato, soava rígida.

— Isso estaria muito bem. Mas você não é o único por quem estou preocupada.

Um silêncio comprido surgiu entre eles.

Então:

— Só por uns momentos, Passion — sua voz era suave outra vez —. É tudo o que peço.

Passion pressionou sua testa ao poste da cama. Era perigoso. Deveria lhe pedir que partisse. Mas como podia fazê-lo quando lhe desejava tanto? Quando seu aroma a fazia querer apertar-se contra ele?

Ela se separou do poste da cama.

— Me deixe acender um abajur.

Cruzando o seu quarto, arrastou sua bata todo o caminho e a pôs antes de acender um fósforo. Quando prendeu a mecha do abajur de azeite, seu quente brilho ainda deixou sombras nos cantos da habitação. Mas podia vê-lo, e seu coração pulsou mais rápido.

Ele não usava chapéu, e seu cabelo estava enredado. Sem gravata, sua camisa caía aberta no pescoço, desabotoada. Parecia não levar colete ou jaqueta sob seu casaco comprido. E a estava olhando, olhando tão fixamente como ela estava olhando a ele.

— Por que não te afasta da janela? — sua garganta seca fez enredar suas palavras. Tragou—. Ficam algumas brasas na lareira.

Quando ele se levantou e cruzou à cadeira junto a lareira, dominou seu delicado quarto. Tudo parecia pequeno em sua presença.

Uma vez instalado na cadeira, seus olhos voltaram para ela.

— Não se sentará comigo?

Passion olhou a cadeira vazia frente à sua. Suas longas pernas quase a tocavam.

— Acredito que é melhor que não o faça.

— Passion, por fav... — ele se cortou e jogou para trás seus pés com botas—. Prometi não te tocar.

Havia-lhe dito ele alguma vez por favor antes?

Não.

— Por favor, é uma palavra difícil de dizer para ti, verdade?

Ele franziu o cenho e olhou fixamente a lareira. Algo em sua expressão, uma sombra de dor, possivelmente, fez-a apelar-se. Quando se sentou na cadeira, seu olhar voltou para ela. A luz

débil fez que seus olhos parecessem escuros. Percorreram-na inteira. Ela moveu seus pés nus para trás, sob a coberta de sua bata verde escuro, quando ele os olhou.

—É formosa —disse ele finalmente.

O coração de Passion se saltou um batimento do coração.

—Obrigada.

—Quero ver mais de ti. Não quero me separar ainda.

—Sei. Eu tampouco.

—Mas o fará. Por que? —Ele se inclinou para frente—. Por que amanhã é o último dia que visitará o Palácio de Cristal? Que diferença há se nos encontramos ali ou em outra parte? Que diferença há em uma semana de prazer roubado ou em um mês?

—Que diferença? —Passion não acreditava. Sacudiu a cabeça—. Uma vez, um dos moços da paróquia de meu pai foi visto recolhendo uma maçã que havia caído de um carro de maçãs. O moço era pobre e não tinha dinheiro. Depois de um breve momento, ele comeu a maçã. O vendedor de fruta quis que o castigassem. Mas meu pai, que conhecia moço, entendeu que ele nunca teria se aproximado do carro e teria roubado a maçã realmente. A maçã caiu, e o moço tinha fome. Embora cometeu um engano de julgamento, este não era tão grande como o fruteiro se empenhava em insistir —Passion girou a cabeça a um lado—. Uma pessoa faminta pode ser culpada por comer quando o alimento cai em seu colo?

Mark se apoiou para trás e descansou a têmpora contra seu punho.

—Assim que eu sou a maçã em sua pequena parábola.

Passion se pressionou a mão contra o coração.

—E tive tanta fome, Mark. Muita fome para resistir.

Seus olhos se obscureceram.

—Ainda tem fome.

Passion tentou ignorar o calor que alagou seu corpo.

—Sei. Mas não posso deixar que minha culpa cresça.

—Culpa? —Mark se passou a mão pelo cabelo—. Pode te aplacar com graus de culpa se o preferir. Mas quer saber a verdade, Passion? O moço comeu a maçã. Se caiu em sua mão, roubou-a, ou a comprou com dinheiro, o resultado final é o mesmo: ele comeu a maldita maçã —seus olhos brocaram os seus—. Justo como você fez.

O coração de Passion palpitou. O desgosto devia mostrar-se claramente em seu rosto, para que sua voz se abrandasse.

—Justo como fiz —Ele se inclinou mais perto—. E tão horrível é? Fizemos dano a alguém? Alteramos o curso da história? Trouxemos alguma circunstância horrível que tenhamos que suportar por ter estado juntos?

Não. Teve que admitir que a resposta era não, mas não podia dizê-lo. Apertou seus olhos fechados e citou a seu pai.

—Quando as leis de Deus se rompem, o mundo sofre.

—Passion.

Seus olhos se abriram.

—O único sofrimento aqui é o sofrimento que você mesma se inflinge. Sofrimento desnecessário, poderia acrescentar —Ele pôs seus cotovelos sobre seus joelhos, e suas mãos quase a tocaram—. Agora, sei que isto não pode continuar assim para sempre. Estas coisas nunca o fazem. Mas também sei que não pode estar mal compartilhar um prazer que nos realiza mutuamente. O que temos entre nós está bem. É por isso que aconteceu em primeiro lugar, porque era correto.

Era isso verdade? Parecia verdade. Ou era seu desejo o que falava?

Seus olhos indagaram nos seus.

— Você disse que te tinha dado um presente. Tomei a palavra.

— Certamente! — sussurrou ela.

— Então como podes tirá-lo? Ainda lhe ofereço isso.

A resolução de Passion se derrubava. Ele tinha derrubado suas justificações e tinha posto em dúvida seus motivos para as ter em primeiro lugar. Sua asserção de que eles estavam fazendo o correto tinha o sentido da verdade. E ainda assim, não traziam os secretos problemas?

Com seu corpo tão tenso como uma corda de um violino, as lágrimas brotaram. Ela as apartou com as mãos. Sua certeza se foi, e tudo o que ficou era a imperiosa necessidade de estar com ele e uma voz constante que sussurrava, não.

— Passion, me escute. Tenho uma proposta.

Ela levantou os olhos aos seus. Ele estava tão perto. Ansiava tocá-lo.

— Em dois meses, deixará Londres. Se concordar em seguir com nossa relação, eu concordarei a te dizer adeus ao final desses dois meses.

Uma piscada de preocupação tocou o coração de Passion. Quanta dificuldade haveria em lhe dizer adeus depois de outros dois meses?

— Você não quer dizer adeus agora. O que te faz pensar que quererá então?

— Pode que não queira. Mas o farei.

— Está seguro? — sussurrou Passion.

Ele olhou para baixo, a suas mãos, tão próximas, mas não as tocou.

— Hoje, quando disse que manhã era nosso último dia, surpreendeu-me. Eu não gosto das surpresas. Se estou preparado, posso confrontar algo.

— Pode, realmente?

Uma ruga torceu sua testa.

— Maldita seja se puder. Está de acordo ou não? E antes de que responda, que saiba que te quererei tão freqüentemente como é possível: em sua cama, em minha cama, em qualquer parte onde seja factível. Em troca, prometo discricção extrema. Ninguém saberá jamais.

Ele sustentou seu olhar.

— Quando os dois meses chegarem a seu fim, separaremos-nos para sempre. Você voltará para sua vida. Tudo será como era antes.

— Agora, Passion, qual é sua resposta?

Capítulo Sete

Êxtase

Mark se sentou rígido. A ansiedade esticou seus nervos quando ela continuou sentada, olhando silenciosamente suas mãos dobradas em seu colo. Pensou que poderia romper-se se se movesse. Qual era sua resposta, maldição?

Finalmente, ela elevou seus olhos e respirou para falar. Moveu seus ombros, e uma dor lhe transpassou o pescoço.

— É muito persuasivo — disse ela com sua voz justo por cima de um sussurro —. Entretanto, uma parte de mim ainda me impulsiona a me negar.

Um grande peso fez pressão sobre ele.

Seus olhos brilharam com lágrimas não derramadas.

—Mas seus argumentos, junto com o desejo que sinto por ti em meu coração e meu corpo, são muito poderosos para superar. Apesar de meus medos, tremo por sua proximidade e sinto falta de seu abraço —seu lábio tremeu—. Aceito sua proposta, Mark.

Ele encheu seus pulmões respirando profundamente. Suas palavras atuaram sobre ele como um bálsamo calmante. Sua tensão se desfez, e uma série de emoções alívio, satisfação, comodidade, e... o que? Desejo? Sim, certamente, desejo. Sempre, desejo.

Deus, mas ele a queria. Seu cabelo solto emoldurava um lado de seu rosto enquanto o resto pendurava retorcido em uma grossa tranca que caía contra seu peito. Suas bochechas estavam ruborizadas e seus lábios úmidos. Mas eram seus olhos os que o apanhavam. Um aberto desejo e súplica brilhavam em suas profundidades. Era isso o que o chamava, o que o obrigava a persegui-la?

—Trato feito —murmurou Mark.

A mão dela era quente nas suas.

—Trato feito —suspirou ela.

Ele acariciou com seus dedos a palma de sua mão enquanto se reclinava em sua cadeira.

—Vêem, Passion.

Ela se levantou em um impulso e ficou de pé entre seus joelhos abertos. O casaco dele se abriu e revelou sua ereção avultando sua calça. Não havia necessidade de ocultá-la.

—A porta está fechada?

—Sim —disse ela brandamente, seus olhos se moveram sobre ele.

—Onde dorme sua tia?

—No outro lado da casa. Ela rouca forte.

—Que apropriado. Criadas?

—Nos quartos do apartamento de cobertura que dão à rua.

—Te tire a bata.

Fazendo uma breve pausa, ela abriu a fila de botões e encolheu os ombros para tirar a seda verde. Caiu para trás com um suave barbalhar.

Ela ficou de pé em uma camisola de cambraia com pescoço alto e mangas longas. Poderia ter parecido a imagem da modéstia se não fosse por seus mamilos que com impaciência se sobressaíam contra o tecido fino. Isto, junto com a expressão de seu rosto, fez que o sangue dele se acelerasse.

Ela umedeceu seus lábios, e ele pensou em como tinha brilhado ela com seu pênis na boca, recordando a embriagadora sensação de acabar-se em sua boca. Isso tinha sido maravilhoso. Mas esta noite ele queria seu corpo.

Sua ereção palpitou.

—Abre sua camisola.

Desta vez ela não se moveu.

—Abre sua calça.

O coração de Mark pulsou um pouco mais rápido. Sua voz baixa e suave afetou a seu corpo como um roçar. Desabotoando sua calça, ele liberou sua ereção desenfreada e seu pesados testículo, dando um coice enquanto o fazia. Ele não usava roupa interior, tinha vindo diretamente de sua cama, e já estava ereto.

Passion olhou fixamente, e ele se sentiu crescer ainda mais sob seu olhar. Os olhos dela se obscureceram, e sua língua passou lambendo seus lábios.

O que estava pensando?

—Me diga algo —murmurou ele.

Enquanto ela parecia considerar suas palavras, seus olhos afundaram nele.

— Anseio te sentir dentro de mim. Anseio a plenitude de te ter dentro de mim — suas mãos acariciavam seu abdômen—. Tão satisfeita como hoje estive, não passou muito tempo antes de que eu sentisse falta da dolorosa ternura que sinto depois de que você transou comigo.

Ela era a única mulher que ele tinha conhecido que fazia que o som da palavra transar devesse ser escrito em poesia. Seu peito se esticou. Ela falava de seu desejo. Estar dentro dela, ser envolto por ela. Ser aceito, completamente, em seu corpo de mulher.

Seu pênis pulsou quase dolorosamente. Ele tomou uma profunda e acalmada respiração. Havia tempo. Ele a teria. Não havia nenhuma necessidade de precipitar-se. Nenhuma necessidade de preocupar-se com as pessoas.

— Te tire a camisola, Passion.

Seus dedos longos, cheios de graça liberaram cada pequeno botão rapidamente, embora não com suficiente rapidez. Sua respiração se acelerou enquanto a extensão de pele crescia lentamente, até que uma profunda mas estreita amostra apareceu entre a aberta camisola.

— Nunca me despi diante de um homem antes — sussurrou ela.

— Bem — sua garganta se sentia seca.

As mãos dela se levantaram, empurrando o delicado tecido de um ombro e logo do outro.

Estava ele contendo seu fôlego?

Com um pequeno encolhimento, a branca camisola caiu ao chão e ondeou ao redor de seus tornozelos em uma sussurrante nuvem.

As cinzas revoaram na lareira.

Luz e sombra jogavam com a pele dela, iluminando as curvas convexas de bochecha, peito, e quadril com o brilho de ouro do abajur de azeite, enquanto a escuridão perseguia assinalando os vãos do cotovelo, cintura, e coxa interior.

Ele queria tocá-la, sentir a textura de sua pele e a curva de seu quadril, mas suas mãos estavam muito pesadas para as levantar. Possivelmente era suficiente com apenas olhá-la. Seguir a cativante turgidez de seu seio, a linha firme de suas costelas... Examinar o vale de seu umbigo e remontar a inclinação de seu osso pélvico... Olhar fixamente suas longas pernas e a cor mogno escuro que se frisava em sua intercessão, olhá-la tanto tempo como ele quisesse.

— Me diga algo — ela repetiu seu anterior pedido.

O fino tecido de sua camisola caía ao redor de seus tornozelos como a espuma fina sobre a areia.

— Você é Afrodite.

Que estranha soou sua voz. Aquelas palavras não eram suas. Ele as havia dito antes de pensar. Ele nunca diria coisas tão ridículas.

Ele franziu o cenho. Deveria lhe dizer algo verdadeiro, algo real.

— Eu não podia dormir te desejando, não podia dormir com a incerteza de se voltaria a estar contigo outra vez. Tinha que ver-te esta noite — seu olhar se moveu sobre seu delicado corpo—. Tinha que te ter esta noite.

— Me toque, então.

Ele deslizou suas mãos ao redor de sua delicada cintura, moldando sua palmas à forma dela e apertando seus dedos em sua pele suave. Ela era ao mesmo tempo firme e flexível. Sua respiração se acelerava quando suas mãos a percorriam. Aproximando-a, ele pressionou sua bochecha contra um seio cheio e amassou o outro enquanto ele acariciava sua nádega. Sua urgência se aumentou enquanto os braços dela o rodeavam. Ele queria tocá-la por toda parte imediatamente. Abriu sua boca e sentiu a carne cheia de seu seio contra sua língua. Ele espremeu

seu mamilo enquanto escorregava seus dedos sob a curva inferior de seu traseiro para tocar as dobras suaves de seu vale.

Ela ofegou e se moveu contra ele. Ele beliscou o mamilo de seu seio enquanto empurrava seus dedos dentro dela. Suas mãos se moviam pelo cabelo dele e ao redor de seus ombros. Ela tirou seu casaco, mas ele não podia permitir a ela fazê-lo. Ela enchia seus braços e sentidos com tudo o que ele necessitava.

Ela soltou um pequeno suspiro e apertou seu abraço sobre ele quando a pôs em seu colo. Ele gemeu, tanto por seu abraço como por sentir seu corpo nu em seus braços.

Seu quadril descansado contra sua ereção. A pressão aprazível tentando e lhe aliviando ao mesmo tempo. Suas mãos vagaram, sentindo a linha larga de sua perna e a curva de seu traseiro. Ele pressionou seu nariz em seu pescoço e, provando sua pele sensível, sentiu o rápido tamborilar de seu pulso contra sua língua. Só o aroma dela fez que seu sangue corresse e seu membro pulsasse com impaciente expectativa.

As mãos dela lhe tocavam acariciando brandamente sua nuca, escorregando pelo pescoço aberto de sua camisa enquanto pressionava seus lábios contra sua testa. Seus beijos suaves o esquentavam e o chamavam. Ele enroscou sua mão em sua trança e puxou ela aproximando-a a seus lábios para lhe dar um beijo que alimentou e exacerbou sua fome. Mais profundamente, aproximando-se mais a ela, ele queria mais dela, até que ambos estivessem sem fôlego e ofegando.

Sua cabeça girou quando Passion retrocedeu. Suas mãos cavaram os lados de seu rosto, e seus olhos luziam suaves como o veludo na débil luz. Seu fôlego chegou em pequenas fervuras de seus úmidos, inchados lábios.

—Estarei sozinha em minha nudez, Mark? —suas mãos caídas sobre as lapelas do casaco, moveram-se para os botões da camisa — Eu te veria e sentiria, enquanto você me vê e me sente.

Seu testículo se apertaram.

—Não pergunte. Faça-o.

Mark olhou como ela desabotoava a camisa e separava a seda branca. Nu do pescoço aos testículo, lhe olhou fixamente um momento sem lhe tocar. Então passou suas mãos através de seu peito, escorregando seus dedos por seu claro pêlo. Ele conteve o fôlego e seu pênis palpitou quando as pontas de seus dedos apenas tocaram seus mamilos e logo se arrastaram para seu estômago.

—Me deixe levantar, Passion.

Ela ficou de pé quase a contra gosto, mas logo se afastou dele quando se levantou da cadeira. Enquanto ele se tirava seu casaco, ela se moveu a sua cama e se refugio atrás do pilar da cama. Ele quase sorriu. Não há escapatória agora.

Sua camisa seguiu, logo suas botas. Ele viu seus dedos apertar-se sobre a madeira esculpida antes de que ele empurrasse para baixo sua calça e a deixasse no chão.

Os lábios dela se separaram e seus olhos se moveram sobre ele com absorta atenção.

Liberado dos limites de sua calça, seu pênis aumentou a seu pleno tamanho. Vinte e sete centímetros de dura carne rosada levantada em túrgida disposição.

Ele ficou onde estava e lhe permitiu olhar. Sabia que podia estar intimidando sem a influência civilizada de sua roupa. Também sabia que a maior parte das mulheres o encontravam desejável. De fato, a maior parte de mulheres eram selvagens com ele, até que tentava entrar nelas mais profundamente do que elas queriam.

Seu olhar caiu ao ponto onde sua longa perna se curvava ao lado do pilar da cama.

Mas Passion conhecia sua necessidade de violar o vão mais profundo de seu corpo. Ela sabia, e ela o desejava de todos os modos. De fato, ela parecia necessitar tudo o que ele tivesse que dar.

Ela finalmente levantou seus olhos para ele.

— É esplêndido.

O prazer oscilou em seu ventre.

Ela sacudiu sua cabeça contra o pilar da cama.

— É Laocoon feito carne.

Mark conhecia a escultura de Laocoon, lutando com as serpentes. Ele dobrou seu braço e sorriu.

— Se não recordar mal, as coisas não foram bem para Laocoon.

Passion devolveu seu sorriso.

— Isso é verdade. Mas foi uma luta épica — sua covinha se fez mais profundo enquanto seus olhos olhavam sua ereção —, para um herói de dimensões clássicas.

Mark afogou uma risada surpreendida.

— Meu Deus, é uma moça descarada.

Inclusive na débil luz, ele pôde ver suas bochechas obscurecer-se com um rubor profundo. Algo quente saiu dele. Um rubor tão encantador. Ele admirou a delicadeza de seus traços enquanto cruzava até ela. Seu sorriso se desvaneceu, e ela elevou a vista para ele com vacilação.

— Eu gosto de seu descaramento — murmurou ele—. E a luta de Laocoon não foi nada comparada a tenho aqui sem te tocar — ele baixou devagar sua cabeça e tomou sua boca em um beijo suave, lento com uma poderosa promessa.

E logo ela estava em seus braços. Lhe tocou por toda parte, acariciou sua pele, esquentando-o, tão por dentro como por fora, enquanto seus beijos famintos alimentavam um novo fogo em seu ventre.

Ele empurrou suas mãos em seu cabelo e bebeu tão profundamente de sua boca que quase esqueceu respirar. Roçando sua boca com a sua, ele tomou um fôlego ofegante e olhou fixamente seurosto. Seus olhos eram luminosos; suas bochechas rosadas, e seus lábios, vermelhos e inchados.

Uma fera, possessiva intensidade, que ele nunca havia sentido antes, percorreu-lhe o corpo. Suas mãos se fecharam em seu cabelo.

— Você é minha — lhe grunhiu.

Passion apertou seus braços ao redor dele.

— Sim.

Ele roçou seu pênis contra seu firme ventre.

— Diga-o. Digas que é és minha — por que demônios ele se sentiu de repente zangado? — digas que sou o único que te faz amor.

Ela o olhou durante um momento, como se tentasse ver seu interior. Ela se perguntava por sua cólera? Ele não podia ocultá-la.

Ela o tomou por suas mãos e dirigiu uma mão a sua cintura e outra a seu seio.

— Eu sou tua, unicamente tua. Completamente e sem reservas — seus olhos bateram os cílios e pressionou seus quadris contra os dele—. Você sabe que é o único.

Tão rapidamente como tinha estalado, sua cólera desapareceu. Ele tomou uma profunda, e tranqüilizadora respiração. O duro broto de seu mamilo pressionava contra sua palma. Ele o roçou com seus dedos, obtendo um suspiro suave dela.

Sua trança pendurava sobre seu ombro como uma grossa corda. Ele a agarrou e passou sua mão pela suave longitude da cinta atada no final. Com um ligeiro puxão, soltou-a. Ele colocou seus dedos por entre as grossas júbas, desenredando seu comprido cabelo.

Baunilha e brotos de flor-de-laranja flutuavam de suas suaves ondas castanhas quando caíram através de seu ombro e seio.

Recolhendo a pesada cabeleira, ele aspirou profundamente.

—Cheira a doçura e desejo.

Os lábios dela se curvaram em um pequeno sorriso, e suas mãos passaram em suaves carícias sobre sua cintura e a parte inferior de suas costas. E que mãos.

Dando um passo atrás, ele deixou escorregar seu cabelo entre seus dedos. Seu encaracolado cabelo roçava a curva de seu quadril, alguns obstinados com terna consideração, como se tivesse passado muito tempo da última vez que tinha abraçado tão adoráveis curva. Ela era Afrodite.

Seu sangue corria e seu membro palpitava dolorosamente. Tão dolorosamente, que ele baixou o olhar. Cristo! Seu membro era tão grande; parecia terrível inclusive a ele. A cabeça se elevava escura e púrpura no topo de seu avermelhado eixo, ainda nenhuma umidade escapava para aliviar sua estirada pele. Ele estava seco, seco e duro como o aço.

—Dói?

Ele sentia seu escroto tiro pesado.

—Sim. Assusta-te?

—Um pouco. Mas me excita mais.

Seus músculos saltaram.

—Me mostre quanto te excita.

A cabeça de Passion se inclinou para um lado.

—Mostrar-me isso

Seu testículo se apertaram.

—Sente-se e abre suas pernas. Ponha seus calcanhares sobre a beirada da cama.

Ela só fez uma pausa um momento antes de levantar seus bonitos pés e permitir que seus longos membros caíssem abertos.

As dobras suaves de seu formoso sexo se separaram e, enquanto ele olhava, uma corrente nacarada de umidade gotejou de seu rosado sexo. Um desejo quente alagou o corpo de Mark. Ele queria estar dentro dela. Ele precisava estar dentro dela.

Ele se moveu tão rapidamente, que a assustou. Agarrando-a pelos joelhos, esfregou-lhe toda a extensão de seu membro e seu testículo contra seu molhado sexo. Seus quadris se sacudiram, e ela empurrou seu quente e molhado sexo com força contra ele.

Ele a atraiu para si e esmagou seus lábios sob os seus. Apertando contra ela, ele empurrou sua língua profundamente em sua doce boca.

Ela se abriu para ele, e seus braços e pernas o sustentaram com uma força que rogava que a enchesse.

Ele apertou sua mão em seu cabelo e o puxou para trás, então ele pôde examinar seu formoso rosto.

—Quero te derrubar e me colocar dentro de ti. Quero empurrar e empurrar e empurrar — grunhiu ele —, até que esteja tão profundamente dentro de ti que meu membro se converta em outro órgão de seu corpo, tão necessário para ti como seus pulmões, o fígado, ou o coração.

Um gemido suave escapou dela e tremeu em seus braços. Seus olhos estavam cheios de um desejo urgente e uma sensualidade que ele adorava ver ali. Mas esta noite, tudo estava magnificado. Ela exsudava sexo, e desejo por ele.

Ele se sentiu como se estivesse de pé sobre um precipício sem saber o que havia abaixo, ainda sabendo que ele devia saltar. Sua mão se apertou em seu cabelo.

—Tenho que ser parte de ti. Me diga que me deixará. Me diga que não me dirá que espere — cada músculo em seu corpo queria introduzir-se nela—. Uma vez que comece a transar contigo, juro Por Deus, não me deterei.

Ela o olhava com se desesperada necessidade.

—Quero isto. Por favor, Mark —seus olhos cheios de lágrimas—. Tenho que ser rota, trocada. Anseio-o. Se pudesse fazê-lo eu mesma, faria-o— seus lábios tremeram—. Não regule esforços. Por favor ...

Os últimos restos de sua reserva se dispersaram. Ele a lançou de costas sobre a cama. Seus seios ricochetearam, e um pouco de seu cabelo caiu como leque sobre os lençóis brancos. Ele caiu sobre ela, e sustentando seus quadris em alto, agarrou seu membro justamente abaixo da cabeça e o espremeu contra o botão entre os úmidos lábios de seu sexo. Com um forte impulso e um gemido, ele empurrou seu tenso membro na quente umidade de seu sexo, golpeando a ambiciosa cabeça contra a barreira de sua matriz.

Retrocedendo sob a força de sua entrada, Passion ofegou.

Mark se apoiou em seus cotovelos, cavou suas mãos ao redor de sua cabeça.

—Sinto muito, Passion —beijou seus ternos, cheios lábios—. Mas você tem o mais doce —ele empurrou, sacudindo-a outra vez—. O mais apertado —ele empurrou mais duro, sacudindo-a mais forte—. O mais formidável —Ele afundou de repente seu duro membro com força nela, com toda a força que ele pôde reunir e lhe arrancou um grito enquanto se sacudia debaixo dele—. O mais formidável sexo no que alguma vez tenha estado.

Os olhos dela brilharam e seus lábios tremeram enquanto suas coxas se abriam mais.

Ele a beijou brandamente.

—Além disso, isto é o que você pedia —ele se cravou com força—. Verdade?

—Sim! —seu rosto era todo súplica—. Desejava estar cheia de ti, te ter tão profundamente dentro de mim que não posso dizer onde começa você e onde termino eu.

O ventre de Mark se apertou.

—Merda! —ele enviou três fortes ataques contra sua matriz, tragou-se um gemido, e logo enviou outros três mais.

Seu sexo se apertou ao redor dele. Seu peito subiu e baixou.

Quando ele fez uma pausa, ela levantou suas trementes mãos ao rosto dele.

—Se for Afrodite, você é meu Hephaestus. Seja o martelo, e me molde-me a seu desejo —ela mordeu seu lábio inferior e inclinou seus quadris oferecendo-os —. Por favor, Mark.

Algo potente e indefinível chamecou seu coração com uma marca a fogo. Isso lhe doeu e lhe deu poder. Fez que seu esperma fervesse com a força do cio. Seus dedos apertaram o cabelo de Passion, e com seu membro duro como o aço, ele golpeou a porta a sua matriz com implacável ferocidade.

Cada golpe enviava cursos de prazer por seu membro e por seu testículo. Quanto mais duro a tocava, mais duro queria ele empurrar. E todo o tempo, os seios dela ricocheteavam grosseiramente e seu sexo espremia e chupava seu invasor membro com terno rigor.

Apoiando-se em seus calcanhares, Mark olhou o progresso de seu assalto.

Seu formoso sexo estava estirado tensamente ao redor dele, mas aproximadamente dez centímetros de seu membro, os dez centímetros mais grossos, ainda tinham que sentir a carícia sugadora de seu doce sexo.

Agarrando seus quadris com um murmurado juramento, ele a sustentou fixo enquanto enviava uma surriada de demolidores golpes contra sua desafiante carne. Ele a amaria e a amaria até sua resistente matriz se movesse e girasse.

Passion gemeu. Sua cabeça caiu para trás. Seus olhos se fecharam.

—Isto é o que precisa —ofegou ele—. Você me necessita para isto.

Todo o corpo dela se esticou.

Ele apertou sua mão sobre ela.

—Me olhe, Passion.

Seus olhos se abriram e seus quadris corcovaram.

—Serei o martelo, mas nunca me deterei. Desta noite em diante você é minha para te romper sempre que o escolha.

Ele viu a proximidade de seu orgasmo e empurrou com ferocidade contra ela três vezes mais. Ele queria que ela chegasse ao clímax. Necessitava-o.

Os olhos de Passion se obscureceram. Seu sexo se apertou.

Ele empurrou outra vez.

—Ouve-me, Passion? Você é minha. Você é a vagem para meu membro, e te trabalharei tão duro até que me ajuste como uma luva.

Seu corpo começou a tremer. Arqueou seu traseiro. Seus dedos agarraram os lençóis tão forte que seus nódulos ficaram brancos.

Mark conteve seu fôlego, esperando no momento perfeito. Esperando.

Com um gemido baixo, seu sexo começou a apertar. Com o primeiro forte, absorvente impulso, Mark se afundou com toda sua força, apertando a cabeça de seu membro contra a abertura de sua matriz.

O suor escorria de sua testa, e ele pensou que tinha ouvido o ofego de Passion. Mas ele sustentou seu inquieto corpo e manteve seus olhos sobre seu objetivo. A suculenta nata de seu clímax lubrificava seu eixo, e quando seu sexo se acabou outra vez, ele pressionou de novo, emprestando o peso de seu corpo a seus esforços.

De repente, quatro centímetros de sua exposta carne desapareceram no corpo de Passion. Mark ofegou por fôlego e gemeu. Ele podia sentir o colo do útero mover-se ligeiramente contra seu membro.

Passion se congelou, mas seu pequeno e faminto sexo seguiu puxando.

Com novas forças, Mark empurrou e empurrou, forçando a cabeça de seu membro contra a porta de sua matriz. Ele a podia sentir-lhe dando passagem, podia sentir seu colo do útero inclinando-se.

Passion começou a ofegar, e em instantes, ela começou a convulsionar-se debaixo dele. Mais umidade banhou seu membro.

Mark chiou seus dentes e, arriscando uma leve retirada, enviou uma final, poderosa estocada contra sua resistente carne.

Passion reprimiu um grito agudo.

E com um leve estalo que ele não esteve seguro se a ouviu ou se a sentiu, ele viu o restante de seu membro escorregando dentro do tremente sexo de Passion.

Um baixo, gutural gemido escapou dele, e sua cabeça girou enquanto um incrível entusiasmo e pura e paralizadora alegria o banhou de repente.

Olhando a Passion, ele a encontrou pálida e ainda debaixo dele. Ainda seus olhos estavam fixos nele e ardendo com algo que ele nunca tinha visto, algo selvagem e intocável. Ele tentou decifrar que era, mas seus pensamentos estavam intumescidos pela pura sensação física de estar completamente dentro dela.

Pela primeira vez em sua vida, ele estava até os testículo em uma mulher, não só qualquer mulher, Passion. Ele ainda podia sentir o apertado centro de seu colo do útero, mas agora estava debaixo, esfregando o grosso, e dilatada passagem que trazia seu sêmen. A cabeça pulsante de seu membro estava em um profundo bolso de carne em sua matriz. Isto era o puro céu, e ele estava desesperado por mover-se.

—Estás bem?

—Sim —a palavra veio em um fôlego—. Me sinto... Me sinto! Cheia —sua mão ficou sobre seu umbigo—. Posso te sentir aqui —ela deslizou sua mão mais abaixo, tocando a estirada abertura de seu sexo—. Posso te sentir aqui —seus olhos aveludados olharam a ele—. É a sensação mais deliciosa que alguma vez haja sentido.

Seu corpo tremia, e seu membro palpitava sem piedade, exigindo a satisfação. Ele só teve um momento antes de perder-se totalmente.

Inclinando-se sobre ela, ele se apoiou sobre seus cotovelos e falou contra de sua boca.

—Tenho que me mover, Passion. Tenho que transar —ela cheirava tão doce e seus braços estavam ao redor dele. Ele se balançou para frente outra vez—. Não sei se posso ser cuidadoso.

—Então não o seja —seus dedos pressionaram seus ombros—. Há muito de “cuidadoso” em minha vida.

Os músculos nas pernas de Mark saltaram. De todos os modos, com o último vestígio de sua vontade, ele retrocedeu tão devagar como pôde.

Merda! Seus braços tremeram e seus olhos se fecharam. A sensação não se parecia com nada que ele tivesse experimentado alguma vez. A pressão firme do colo do útero de Passion trabalhava o lado debaixo de seu membro com deliciosa pressão. Ele se retirou o suficiente para poder sentir a borda contra seu membro e logo se voltou a deslizar, entrando.

—OH, Deus... —gemeu Passion baixo e profundamente, e seus olhos brilharam com uma emoção indefinível—. Se eu só pudesse ter um prazer, um propósito, seria isto.

Suas palavras o tocaram como um vento quente e repentino. A chama que ele tinha estado mantendo sob controle explodiu e enviou uma corrente de fogo rugiente por seu corpo.

Seus quadris bombearam grosseiramente. Suas mãos retorceram seu cabelo.

—Este é seu propósito —ofegou ele—. Você foi feita para mim.

O corpo de Passion saltou debaixo dele.

—Sim —ofegou ela—. Sei.

Mark gemeu e começou a empurrar com uma sensação de gulodice. O profundo bolso que ele tinha feito em seu sexo era como nada que ele houvesse sentido nunca antes. O colo de seu útero trabalhava o sensível lado debaixo de seu membro enquanto seu sexo espremia o eixo e a grossa raiz. Em cada retirada, ele puxava a torcida cabeça de seu membro até a firme pressão de seu inclinado colo do útero antes de voltar a empurrar para entrar. Era a mais doce tortura, e ele não podia deter-se. Ele desejava empurar e empurar.

Passion ofegava com cada poderosa intrusão. Um brilho de transpiração reluzia em sua testa. E ainda assim, seu faminto, apertado sexo, levantava-se e apertava.

—É tão boa —Mark gemeu, sem deter-se—. Tão condenadamente boa —ele deixou cair sua boca sobre a sua, empurrando sua língua profundamente, enquanto seguia retirando-se e empurrando, retirando-se e empurrando. Ele mordeu seu lábio antes de deixar de beijá-la.

A torcida boca de Passion tremia, e o pulso em seu pescoço palpitava grosseiramente.

Os quadris dele bombeavam e bombeavam. Ele podia sentir que o orgasmo dela crescia. Ele desejava sentir o delicioso puxão. Ele desejava vê-lo em seu formoso rosto.

—Retira os joelhos com suas mãos —seu membro palpitou com conhecedora antecipação—. Não quero sentir nada, só seu sexo.

Passion fez o que lhe pediu, e de repente seu sexo totalmente aberto estava em um ângulo que não tinha absolutamente nenhum obstáculo. Ela respirou profundamente enquanto ele se afundava ainda mais fundo.

—OH, Deus, isto é bom —gemeu Mark, e seu membro derramou seu sêmen na delícia dela.

Ele tirou a cabeça de seu membro umedecido por seu esperma de seu inclinado útero. Mas esta vez ele se retirou mais, arrastando seu inchado membro sobre a carne firme.

Passion se congelou. Seus olhos ficaram frágeis. Sua respiração eram curtos ofegos.

Mark pensou que ele podia morrer de puro prazer. Seu clímax tinha sido tão rápido, mas esta larga, lenta retirada imprimia a mais succulenta pressão sobre a cabeça de seu inflamado membro. Então, com seus olhos sobre Passion, ele voltou a empurrar nela, detendo-se só quando roçou a firme abertura que protegia sua matriz.

O corpo dela se ondulou e seu ofego aumentou. Sem pausa, ele se retirou e voltou a entrar, desta vez mais duro e mais rápido.

Ela se esticou debaixo dele, cada músculo tirante e tremente. Uma e outra vez ele empurrou sobre seu apertado colo do útero, estabelecendo um ritmo curto, perfeito. Seu coração palpitou. Passion sacudiu sua cabeça. Seu membro se esticou, conduzindo-a, conduzindo-a ao clímax.

Então, com uma profunda inspiração, ela levantou a cabeça do travesseiro e a jogou de repente para trás. Seu pescoço se estirou, suas finas veias e tendões dilatados. Seu sexo se apertou ao redor dele, e seu corpo ficou rígido.

Ainda empurrando implacavelmente, Mark a olhou, paralisado

Na mais formosa demonstração que ele jamais tinha visto, ela encontrou o êxtase.

Com um dilacerador ofego, ela levantou sua cabeça outra vez. Ele olhou seus radiantes olhos. E logo, com um baixo e feroz grito, ambos se sacudiram com o violento estremecimento irradiado desde seu apertado sexo. Seu tenso corpo se sacudiu. Sua cabeça voou para trás, e seus joelhos se separaram ainda mais. As paredes de seu sexo puxaram, aferraram, e puxaram outra vez.

Os olhos dela se abriram subitamente e logo ficaram em branco enquanto seu voraz sexo tragava e tragava, fazendo-o entrar nela tão profundamente como nunca tinha entrado. Ela se sacudiu incontrolavelmente. Sua pélvis levantada. E com um grande, definitivo puxão e um grito surdo, ela deixou cair uma quente corrida que banhou seu membro.

Mark ficou imóvel em sua succulenta vagem. Seu corpo estava brando debaixo dele, e seu lábio sangrava por onde ela devia ter-se mordido para refrear seus gritos. Um rubor profundo tingia sua pele.

—É magnífica — sussurrou ele.

Seus olhos revoaram e se abriram, e o olhar neles era suave e frágil.

—Não. Você o é — seus braços trementes se levantaram e curvaram ao redor dele. As pernas dela pressionaram com os lados dele—. Vamos — sussurrou ela—, tira de mim o que necessitar. Até que não tenha sua satisfação, eu estou insatisfeita.

O ventre de Mark se esticou e um ofego afogado escapou quando seu membro pulsou com impaciência.

—O que necessitar? — ele empurrou profundamente—. Isto é o que necessito — ele empurrou outra vez, em seguida tirando seu membro quase até a metade para então voltar a empurrá-lo todo, até a raiz—. Tenho que estar dentro de ti.

Passion gemeu fracamente.

Ele beijou seus lábios machucados, e o gosto de seu sangue o acendeu. Pressionando seu estômago ao dele, ele tirou suas mãos debaixo das costas dela e aferrou seus ombros. Com cada empurrão dentro de seu corpo, ele sentia o poderoso golpe de seu membro dentro dela.

—Posso sentir meu membro te amando — grunhiu ele. Sua cabeça pulsando com regozijo— Está tão profundo dentro de ti.

Ele se afundou nela uma e outra vez, desfrutando com cada palpitante assalto.

Os olhos de Passion brilharam.

—Transa comigo — sussurrou ela. Seus braços apertados ao redor dele—. Transa comigo.

O sêmen de Mark se agitou em seu testículo. Sua visão se estreitou. Tudo desapareceu da vista, exceto Passion. Ela era a única coisa que importava. Ela era o exclusivo objeto de seu desejo. Ela era a taça em que ele verteria sua semente e sua esperança.

Ele transava com uma selvagem ferocidade. Seus quadris empurravam alto e duro, e com cada golpe profundo, seu pesado escroto, carregado de esperma golpeava seu firme traseiro. O som e a sensação de cada golpe o deixava louco de entusiasmo.

Seus músculos se esticaram. O sangue esmurrava em sua cabeça. Ele golpeou seu sexo com seu pênis e, pressionando seu corpo contra o seu, ele a tocou por toda parte: braços, torso, bochechas.

Pontos de luz cruzaram por seus olhos. Seu testículo se esticaram. Seu membro se sacudiu. O aroma dela enchia seu cérebro.

De repente, o som retrocedeu.

Ele pressionou seu rosto na curva de seu pescoço.

Sustentado em um casulo de silencioso esplendor, a sorte ardente o consumiu enquanto o quente esperma fundido surgia de seu membro em uma purgação dilaceradora. Surgia dele, queimando capas de sofrimento e dor em seu poderoso despertar. Ele sentiu o quente líquido, derramando-se sobre ele, enquanto inundação atrás de inundação saía a fervuras de seu membro.

E dentro do fogo, seu coração golpeava com uma alegria feroz, palpitando exuberantemente com cada potente ejaculação. Quanta mais semente transbordava de seu pulsante membro, mais completo se sentia seu coração. Ele sentiu como se pudesse explodir enquanto enchia as cavidades mais profundas da matriz de Passion com ele mesmo.

Se seu coração explorasse em mil pedaços, ele não se preocuparia. Passion o sustentava no paraíso de seu abraço pleno.

Ele nunca tinha estado no paraíso.

Capítulo Oito

Parentes molestos

A luz cor cinza azulada que pressagiava o amanhecer se filtrou através das pestanas de Passion enquanto piscava sonolenta. Alguma vez havia sentido esta tibieza e segurança? Pressionou-se com força contra o corpo forte curvado ao redor do dele. Mark! Seus olhos se abriram e olharam sobre seu ombro.

Ele estava acordado e apoiado sobre um cotovelo com sua cabeça apoiada na mão. Seu cabelo estava despenteado, e seus olhos azuis a olhavam seriamente. Somente Deus podia ter concebido olhos tão formosos.

—Bom dia — murmurou ele.

Passion sentiu que se ruborizava.

—Bom dia.

—Nunca dormi toda a noite com uma mulher.

A surpresa e um quente formigamento de prazer caíram sobre ela.

—Sério?

Um breve cenho enrugou sua testa.

—Durante seu matrimônio, compartilhou a cama com seu marido?

Surpreendida, Passion fez uma pausa.

—Bom, sim —por que tinha que perguntar por seu defunto marido?—. Mas nunca como isto —disse, jogando um olhar ao peito nu de Mark—. E as vezes quando... bom, você sabe... ele nunca me tocou. Ele dormia em seu lado da cama, e eu no meu.

O gesto franzido de Mark piorou e seu braço se apertou ao redor de sua cintura.

—Me alegre de que ele nunca te tenha tido deste modo.

Passion sorriu.

—Eu também —desejava que a beijasse, mas não o fez. Ela voltou o olhar à janela e em seguida ao relógio que estava ao lado da cama— Céus, são quase cinco horas —se afastou do abraço de Mark e agarrando a colcha aos pés da cama, sustentou-o contra ela antes de ficar de pé.

Uma profunda dor no interior de suas coxas a fez ofegar.

Mark se incorporou e estendeu a mão para ela.

—Estás bem?

Olhou por cima de seu ombro e viu seu cenho preocupado.

—Estou bem. Só dolorida.

—Mas pode caminhar?

Ela deu uns passos tentativos. Suas pernas lhe doíam, mas era a dor de seu sexo e matriz o que a assustavam e agradavam tanto. Saboreou o puxão de seus músculos enquanto se trasladava ao final da cama. À medida que passasse o dia, a sensação se suavizaria até converter-se em pulsado apenas perceptível. Sentiria saudades. Fazendo uma pausa ao pé da cama, ela sorriu de modo tranquilizador.

—Fui bem e verdadeiramente transada, isso é seguro.

Mark riu e agitou sua cabeça enquanto se reclinava contra os travesseiros.

—Adoro te escutar dizer essa palavra —levantando um joelho sob os lençóis, ele fixou seu olhar sobre o cobertor que ela sujeitava contra seu peito—. Um pouco tarde para a modéstia, não?

As bochechas dela se ruborizaram e cabeceou para o relógio.

—Deve ir. As criadas se levantam às cinco e trinta.

Quando ele não pareceu inclinado a mover-se, lhe franziu o cenho reprovadamente.

—Se somos apanhados aqui juntos, dará a minha tia um ataque apoplético, para não mencionar o escândalo.

Levantando seus braços, ele os cruzou atrás da cabeça de um modo depravado.

—Me beije e irei.

Senhor, um beijo podia ser sua perdição. Ela elevou uma sobrancelha.

—É uma promessa?

Seus enormes e esculturais ombros se elevaram em um pequeno encolhimento de ombros.

—É obvio.

Agarrando o cobertor, foi ao lado da cama e, dobrando-se rapidamente, deu-lhe um bicada sobre os lábios.

Olhou-a reprovadamente.

—Isso não é um beijo.

—OH, pelo amor de Deus... —Passion se sentou ao lado dele e, agarrando sua nuca, devorou-o para um beijo morno e úmido. Tinha querido que fosse breve, mas o sabor e o aroma dele, e o ardor com o qual respondeu, fizeram-na continuar.

Aprofundando o beijo, Mark arrastou a outra mão dela para debaixo dos lençóis. Ela gemeu quando sentiu seu membro, grande e firme.

Deus, inclusive dolorida ela o desejava.

Seus dedos se curvaram ao redor dele, e sua vagina se umedeceu quando sentiu o roçar de seus dedos sobre seus mamilos. Ofegando enquanto ele mordia seu lábio inferior, ela acariciou seu membro e levantou seu seio.

—Tem os seios mais formosos que já tenha visto —murmurou ele contra sua boca. Ela absorveu sua respiração e apertou sua mão ao redor dele enquanto lhe dava um firme beliscão a seus dois distendidos mamilos—. Teremos uma rápida relação? —sussurrou ele, massageando seus seios.

—OH, muito bem —disse ela suspirando.

Mark a beijou e ela sentiu seu sorriso.

—Sinto muito, não posso ficar. Prometi ir.

Passion abriu de repente seus olhos e franziu o cenho ao ver seu olhar risonho.

—Besta —deu-se conta de que tinha deixado cair o cobertor e o subiu enquanto ficava de pé.

Mark riu entre dentes enquanto pendurava suas pernas sobre o lado da cama.

—Só te estou deixando porque te vou ver no Palácio depois. Verei-te ali, não?

Ela recolheu sua bata do chão e a colocou pelos ombros rapidamente.

—Sim, estarei aí.

Enquanto ela se abotoava a bata, ele parou e se estirou. Ela não pôde evitar olhá-lo. Tinha um glorioso corpo grande, embora belamente esculpido. Largos ombros flexionados em cima de um peito firme e estreito torso. Ela admirava a musculatura de sua pélvis, o sobressalente poder de seu membro, e a força de sua coxa.

Ele deixou cair seus braços ao lado com um grunhido satisfeito e, colocando o cabelo para trás, cruzou aonde tinha deixado cair sua roupa. Seu membro, não totalmente ereto, bamboleava-se diante dele.

A Passion lhe fez água a boca e tragou. Não se podia negar que era enorme. Formoso e excitante, a potente masculinidade dele a fez molhar-se.

Olhando-a enquanto subia as calças, Mark sorriu com seu meio sorriso.

—Tem esse olhar de vêem-e-transa em seus olhos. Seguro que não deveria ficar ?

Ruborizando-se, ela tomou sua camisa da cadeira e a segurou para que ele a pusesse.

Ele fez uma breve pausa antes de girar deslizar seus braços em sua camisa. Voltando-se para olhá-la, beijou-a sobre a testa.

—Obrigado.

Enquanto fechava os botões de sua camisa, examinou as coisas que decoravam o suporte da latreira. Deteve-se ante seu prato com a hortênsia, inclinou-se enquanto o examinava. Voltou a cabeça para olhá-la.

—P.E.D.? Você tem feito isto?

—Sim.

Ele o olhou outra vez e depois a ela.

—É muito bom.

Ela sorriu ante a surpreendida admiração em seu rosto.

—Obrigado.

—Na realidade, é melhor que bom, é estupendo. Pinta sobre tela também, ou unicamente porcelana?

Seu coração palpitou com orgulho.

—Já pinte sobre tela, mas principalmente trabalho em porcelana.

Ele estudou seu prato outra vez e sacudiu sua cabeça.

—É muito talentosa.

Passion quase não pôde conter seu sorriso. Seu elogio a fez incrivelmente feliz. Pelo que sabia dele, não diria uma palavra que não pensasse. Nem sempre bonito, mas honesto e livre de travas.

—P.E.D. —tocou ligeiramente seus inclinadas iniciais e depois se voltou para ela—. Me vais dizer o que significam?

Que fácil seria lhe dizer! Que fácil voltar-se mais do que eles deviam ser!

—Acredito que melhor ficamos só no Passion e Mark.

Ele se sentou na cadeira e colocou suas botas.

—Sei onde vive. Poderia descobrir seu nome se quisesse.

Ela franziu o cenho.

—Mas não o fará porque te pedi que não o faça.

Estudou-a por um momento e depois se encolheu de ombros.

—Já sei de todos os modos.

Passion ficou tensa.

—Sabe?

—Sim —ele ficou de pé e recolheu seu casaco—. É Passion Ermintrude Dittsnapper.

Passion alargou seus olhos e deixou que sua boca se abrisse.

—Como sabe?

Olhou-a fixamente por uma fração de segundo e depois uma grave risada escapou dele.

—Muito bem, então. Já vejo como vai ser isto.

Ela sorriu abertamente e bateu suas pestanas por sobre seu ombro antes de cruzar para a janela. Que lhe servisse por tentá-la antes. Ela apartou as cortinas e fez uma reverência.

—Sua carruagem, milord.

Uma estranha expressão passou sobre seu rosto e desapareceu tão rapidamente como chegou. Ele se deteve ao lado dela, sua boca torcida em um pequeno sorriso.

—Que laçao mais encantador! —enterrou suas mãos em seu cabelo e pressionou um suave, lânguido beijo sobre seus lábios.

Passion suspirou e se agarrou pelas lapelas de seu casaco enquanto saboreava o sabor e a proximidade dele. Senhor, ele sabia tão bem.

Ele se retirou, beijando o canto de sua boca, antes de embalar seu rosto em suas mãos. Ela o olhou fixamente e soube que nunca tinha visto um homem mais arrumado.

—Ontem à noite —murmurou. Seus olhos azuis sustentando os dela—. Nunca hei sentido semelhante prazer.

Seu sangue se acelerou.

—Nem eu.

Pareceu como se ele queria dizer mais, mas então só sorriu e deixou cair outro beijo sobre seus lábios. Depois de olhar pela janela, ele subiu e saiu.

Passion agarrou a manga de seu casaco. Seu cabelo caía para frente, e suas mãos se deslizaram até a mão enquanto ele se movia baixando a grade. Ele levantou o olhar para ela, e seus olhos refletiram a cor azul do dia que começava.

—Verei-te no Palácio de Cristal —murmurou ele.

—Estarei lá.

Com uma suave carícia, seus dedos se deslizaram através dos dela enquanto descia. Saltando os poucos metros finais ao chão, voltou-se e correu através do jardim, seu comprido casaco elevando-se atrás dele. Ela não pensava que olharia para trás, mas quando subiu a parede de jardim, fez uma pausa.

Eles se olharam fixamente à distância. Passion tremeu. Seu interior se estremeceu. Seu sangue se acelerou em suas veias, precipitando-se a encher seu inchado coração. Ela ofegou e apertou seus dedos sobre o batente.

Como renunciaria a ele alguma vez?

Ele desapareceu sobre a parede.

Lágrimas brotaram.

OH deus, o que tinha feito?

Mark atirou seu casaco sobre a cadeira ao lado da mesa do vestíbulo. Apesar de que na noite não tinha dormido e o cedo da hora, estava completamente acordado e vigoroso. Durante a caminhada para a casa, sua mente tinha estado tão cheia de idéias de Passion que quase não tinha notado seu entorno. Empurrando seu cabelo para trás, sorriu abertamente. Isso é o que uma grande transa podia fazer a um homem.

Caminhou a seu escritório. Podia passar um par de horas trabalhando sobre os planos da biblioteca antes de precisar limpar-se e ir para o Palácio de Cristal.

Abrindo a porta, parou-se em seco. Matt estava sentado ao lado da janela, uma bandeja de café da manhã estava na mesa ao lado dele.

Matt o olhou.

—Bom dia, irmão.

Mark arqueou uma sobrancelha enquanto cruzava a habitação.

—Sinta-se como em sua casa —brincou enquanto se deixava cair em outra cadeira.

—Você sempre diz que deveria fazê-lo —respondeu Matt por sobre a borda de sua taça de café.

—Mmm —Mark franziu o cenho—. O fiz, não? —olhando a bandeja de comida, recolheu uma fatia de torrada.

—Por isso —Matt baixou sua taça—. Suponho por sua aparência despenteada, e o fato de que me fez seguir a certa dama para casa ontem, que acaba de vir da cama de Passion.

—Sim. E muito bem dito, a propósito —Mark mordeu sua torrada e deu um olhar a seu irmão. Matt não tinha sorrido uma vez— O que acontece?

Seu irmão recolheu a outra fatia de torrada.

—Parece-me que tem uma ávida atração por esta mulher. Estou equivocado?

—E se a tiver?

—Pensava que te conhecia, isso é o que acontece.

Mark franziu o cenho.

—Que demônios te passa?

—Direi-te o que passa —Matt atirou sua torrada no prato—. Estava jantando com mamãe ontem à noite. Ela continuava falando e falando sobre esta Senhorita Charlotte Lawrence, quão formosa é, o simpática, quão perfeita é para ti —Matt se inclinou aproximando-se—. Pensando para mim mesmo, Mark não está interessado em Charlotte Lawrence. Ele mesmo me disse isso. Além disso, acabo de me inteirar que está ardendo por uma beleza com o nome de Passion. E quando se trata de mulheres, meu irmão, nunca, divide seus cuidados.

Os ombros de Mark ficaram tensos. Tinha o pressentimento de que sabia por onde seguiria seu irmão.

—Assim —Matt continuou— eu, pensando em salvar a meu querido irmão de um indesejado desgosto, menciono a mamãe que deve deixar o tema da senhorita Lawrence. Que você está atualmente interessado em uma mulher bastante diferente e que ela deve te deixar tranqüilo.

O gesto franzido de Mark piorou. Essa era informação que sua mãe não precisava saber.

—Imagina minha surpresa quando ela me informa que devo estar completamente equivocado —Matt golpeou com sua mão sobre a mesa—. Porque de fato, você se comprometeu com a senhorita Lawrence esta mesma tarde!

—Que caráter —grunho Mark.

—Você é meu irmão —disse Matt, baixando sua voz—. Nos dizemos tudo. Como diabos pudeste tomar esta decisão sem me informar? Algo tão importante? —em sua expressão era de incredulidade—. Ter que escutar de mamãe! Nesse maldito tom condescendente que gosta de usar quando sente que leva vantagem.

Merda. Passion enchia tanto seus pensamentos que não estava considerando todos os fatores envolvidos em desembrulhar-se da chantagem de Abigail Lawrence. Se ele estava deixando a seu irmão às escuras, seus planos tinham que passar do filtro o-que-conto-a Matt.

Mark atirou o resto de sua torrada sobre a bandeja. Não estava dirigindo bem as coisas.

Sua mandíbula se apertou. Mentiras de merda. Odiava-as.

Ainda mais, odiava às mulheres confabuladoras que o forçavam a que as dissesse.

Olhou a seu irmão.

—Desculpo-me por não te dizer —Cristo, odiava isto!—. Não sabia que fosse tomar a decisão até que a tomei —se encolheu de ombros—. Quero filhos.

Uma repentina visão de Passion com seu estômago inchado encheu sua mente. Inspirou profundamente e se concentrou em seu irmão.

—É bonita. Parece bastante equânime. E sabe que nunca me preocupei por um título. Para falar a verdade, prefiro ter uma esposa inferior.

Matt o olhou fixamente.

—Os plebeus cometem adultério, também. Pensei que nunca quereria sofrer o destino de papai.

Mark tragou a aversão que crescia em sua garganta.

—A diferença de papai, não me estou casando com nenhuma expectativa de fidelidade. A diferença de papai, não penso adoecer em um inferno de abstinência. A diferença de papai, transar com qualquer uma de quem eu goste, quando o desejar.

—Justo como nossa mãe o fez.

O sangue de Mark começou a ferver.

—Vá ao inferno.

Sem alterar-se, Matt se sentou em sua cadeira e pareceu pensar.

—E Passion?

—Isso é temporário.

—Temporário? —Matt franziu o cenho—. Por que?

O corpo de Mark se esticou com cólera e frustração.

—Porque tudo é temporário, Matt. Todo o belo morre. Todo o doce se torna azedo. Só é questão de tempo.

—Não acredito nisso.

—Pois é uma pena.

Mark se levantou da cadeira e foi a sua escrivaninha. Os desenhos para a biblioteca estavam empilhados ao lado de suas ferramentas de trabalho. Não tinha absolutamente nenhum desejo de trabalhar.

Matt se aproximou e estirou sua mão.

—Felicidades por seu compromisso.

Mark a aceitou a contra gosto.

—Obrigado.

—Quando a conhecerei?

—Logo, estou seguro.

Matt assentiu.

—Não esqueça que tem que ir ao jantar dos Benchley esta noite.

Mark gemeu interiormente.

—Sim.

—E seja agradável, por favor. Faz que Rosalind fique nervosa quando estás taciturno.

—Estou seguro que te disse que fosse ao inferno. O que está fazendo ainda aqui?

—Esperando que me mostre o caminho.

Mark olhou enfurecido o sorriso petulante de seu irmão

Enquanto Matt recolhia seu chapéu da escrivaninha, uma chamada soou sobre a porta. Ante a resposta de Mark, Cranford entrou.

—Meu jovem parente chegou, milord.

—Excelente. Envia-me ele Cranford.

—Se você insistir, milord.

Mark quase sorriu. Cranford tinha trabalhado duro para ascender. Odiava o fato de ter parentes folgazões.

Mickey Wilkes entrou tranqüilamente ao escritório. Cranford dirigiu ao moço um olhar que equivalia a um cenho de advertência antes de inclinar-se e retirar-se.

Matt sorriu.

—O que está fazendo este jovem patife aqui?

—Mandaram-me buscar —disse Mickey. Olhou aos dois homens e logo tirou o chapéu.

Matt sacudiu sua cabeça.

—Pensei que tinha dado a este trombadinha de dedos ligeiros um posto em Hawkmore House. Não posso acreditar que a cidade seja lugar para tirar seus velhos hábitos.

—OH, eu deixei completamente meus velhos hábitos, Senhor Hawkmore —Mickey fez soar as moedas em seu bolso—. Sou um novo homem, sou. Completamente reabilitado de minhas velhas manhas.

Mark o duvidava. Embora só tivesse dezessete anos, Mickey tinha a despreocupada confiança de alguém que tinha passado por algumas confusões em sua vida e ainda assim, de algum modo, escapado de sérias conseqüências. Apostaria que o menino não estava “reabilitado”, como dizia.

—Necessito de um mensageiro —disse Mark a seu irmão.

Matt falou sobre seu ombro enquanto se ia.

—Terá sorte se não for detido em seu primeiro recado.

A porta do escritório se fechou com uma ligeira portada.

Mark recorreu a Mickey.

—Sente-se. Tenho um trabalho para ti.

—Nunca adivinhará quem esta aqui, querida —disse tia Matty lá de baixo.

Passion esfregou sua saia cinza de seda enquanto descia do patamar superior. O sorriso se congelou em seu rosto quando baixou o olhar e viu o radiante semblante de Alfred Swittly.

—Bons dia, Senhora Redington —com uma mão sobre o corrimão e um pé sobre o degrau inferior, ele pousava—. És o leste, e Julieta é o sol!

Passion desceu lentamente as escadas, um envergonhado rubor esquentando suas bochechas.

—Bom dia, Senhor Swittly. Que surpresa vê-lo!

—Sim, não é entretanto —tomou sua mão quando chegou ao último degrau. Passion rapidamente a retirou uma vez no vestíbulo—. Posso observar, Senhora Redington, que em sua seda cinza, é como uma flor a ponto de florescer. Como um pássaro tropical a ponto de levantar vôo.

—Como uma lagartixa a ponto de trocar sua pele —demarcou Tia Matty.

Passion apertou sua mandíbula para evitar rir.

—Bem, não exatamente —disse Alfred—. Mais como uma mariposa a ponto de perder sua larva.

—Sim, bem, as mariposas são encantadoras —esteve de acordo Tia Matty—. Mas, sabe você Senhor Swittly, em uma recente reunião da Sociedade da Natureza, observei a uma lagartixa trocar sua pele. Foi muito formoso.

—De verdade, Senhora Der?

Passion sentiu que estava em uma partida de tênis, seu olho movendo-se de Alfred para sua tia e voltando outra vez.

—Claro que sim!. Até escrevi um ensaio sobre o tema. Passion disse que estava muito bem redigido, e suas tias vão apresentar-lo para que o publiquem no boletim de notícias da Sociedade —Matty sorriu radiante—. É obvio, não há nenhuma garantia, mas estou segura que logo serei escritora.

—Que maravilhoso, Senhora Der. Você deve assinar uma cópia para mim.

Abanicando-se tranqüilamente, Tia Matty parecia tornar-se mais alta.

—Estaria encantada, Senhor Swittly.

Os dedos de Passion tremeram com impaciência. Como esses dois podiam continuar!

Imediatamente, sentiu-se envergonhada pela idéia. Tornou-se uma licenciada lasciva, pensando em nada mais que sua própria satisfação? Não devia deixar seus desejos carnavais ter prioridade sobre as necessidades de outros ou obstruir os normais acontecimentos da vida.

Ela devia ser tão paciente e controlada como sempre.

—É obvio, ninguém sabe como serão as coisas —continuou Tia Matty—. Li um brilhante ensaio sobre os aspectos paradoxais do caracol de jardim, paradoxais por que tem semelhante formosa e delicada concha espiralada e contudo é um voraz vilão no jardim, não?

O pescoço de Passion se agarrotou com o esforço.

Tia Matty se encolheu de ombros.

—Quando encontro um, nunca sei se o deixo onde estar ou atirá-lo sobre a parede de jardim. Mas se fizesse isso, estaria contagiando as rosas de meu vizinho, não? Quer dizer se a pobre coisa sobrevivesse. Por que só poderia ter acabado com ele fazendo-o pedaços, não?

Os ombros de Passion ficaram tensos. Franziu seus lábios fechados.

Tia Matty suspirou e agitou sua cabeça.

—Que dilema!

Passion respirou profundo enquanto observava o cenho perplexo de Alfred Swittly. Pobre Homem. Ele não estava acostumado a serpenteante mente de sua tia.

—Confesso, senhora, que nunca prestei tanta consideração ao comum caracol de jardim. Entretanto, de agora em diante, verei-os com novos olhos.

Passion apertou seus dentes e se cravou as unhas nas palmas das mãos.

—Muito bem, senhor. Muito bem —Tia Matty tocou seu braço—. Lhe importaria vê-lo agora?

Inclinou-se aproximando-se.

— Ver o que, senhora?

— Meu ensaio sobre a beleza da mudança de pele da lagartixa, é obvio. Importaria-lhe lê-lo agora?

— Mas tia! — as palavras quase voaram dos lábios de Passion. Alfred e Tia Matty a olharam com surpresa—. Não vamos ao Palácio de Cristal? — perguntou mais tranqüilamente—. É nosso último dia, e há tantas coisas que ainda quero ver.

Tia Matty assentiu.

— É obvio, minha querida, é obvio. Senhor Swittly. Devo declinar seu pedido de ler meu ensaio. Agora não é o momento, senhor.

— Uh, sim. Compreendo totalmente, senhora. Em outra ocasião.

Passion tomou o braço de sua tia.

— Lamento que devamos despedi-lo tão logo, Senhor Swittly. Sei que você mal chegou, mas minha tia e eu passamos toda a semana investigando o Palácio de Cristal, e hoje é nosso último dia.

Ele franziu o cenho.

— Mas...

— Querida, convidei ao Senhor Swittly a unir-se a nós hoje.

— O que? — o coração de Passion caiu a seu estômago.

Tia Matty bateu em seu braço e piscou os olhos intencionalmente.

— É obvio, deixarei-os aos dois explorar por sua conta. Estou segura que terão tanto do que falar.

Não! Queria gritar em protesto.

Mas ela não o fez.

Caminhou para o carro de aluguel, uma pasmada prisioneira da desilusão. Sua tia e Alfred a ladeavam. Tropeçando e empurrando-a pelo estreito caminho.

Tomou cada grama de vontade para não empurrar a ambos e pôr-se a correr.

Se corresse agora, provavelmente poderia escapulir-se entre a multidão. Mas não podia fazê-lo. Seria descortês e uma vergonha terrível para sua tia, inclusive se tratava de fazer que parecesse que ela e Alfred foram separados acidentalmente. Além disso, levantou o olhar para ele, simplesmente não podia ser tão ruim.

— Que multidão — comentou Alfred jovialmente—. Pessoalmente, Senhora Redington, eu gosto da multidão. Tantas pessoas para ver e serem visto.

E foi visto! Ele abria um largo caminho com seu enorme tamanho, colocando facilmente a um lado aos que não conseguiam sair de sua trajetória.

Ela precisava deixar-se ver por Mark por que não podia reunir-se com ele.

— Posso lhe mostrar o salão de móveis góticos, Senhor Swittly? Há algumas peças encantadoras aí.

— Certamente, Senhora Redington. Certamente. Hoje — se inclinou e lhe fez uma piscada — estou completamente ao seu dispor.

Passion se retirou ligeiramente.

— Que encantador!

Ele sorriu abertamente.

— Sim, verdade? Estamos entre os poucos afortunados, Senhora Redington, que têm os meios para permitir o ócio e o engenho de usá-lo para benefício pessoal. Pense, Senhora Redington, em todos os vis infelizes que trabalham como escravos toda sua vida em trabalhos servis e depois

gastam o pouco tempo livre e dinheiro que uma busca se desesperada para bebida. Existência horrorosa. Compadeço-os, verdadeiramente.

O homem falava com uma voz que podia ser escutada por todos os que passavam. Em efeito, parecia mais interessado na reação dos outros por suas palavras que na dela.

Passion se ruborizou de vergonha.

—Mas muitos primeiros serão últimos e os últimos, primeiros.

—Que é isso, Senhora Redington? —ele se esclareceu garganta—. Certamente não penso ser o último. Prefiro supor ser primeiro, se deve sabê-lo —largou uma gargalhada—. O primeiro será o último, o último, o primeiro. De onde tirou semelhante coisa?

Passion levantou suas sobrancelhas em recriminação.

—O evangelho segundo São Marcos, capítulo dez, versículo trinta e um.

—OH! —sua testa se enrugou quando assentiu pensativamente—. Sim, sabia que as palavras pareciam familiares. Agora, olhe este assombroso biombo, Senhora Redington. Viu alguma vez semelhante coisa?

Passion olhou o biombo. Seu corpo se relaxou. Estendeu a mão para tocar a madeira esculpida. Era o biombo deles. Girando lentamente sua cabeça, olhou sobre seu ombro.

De uma curta distância, intensos olhos azuis captaram os seus. O coração de Passion saltou jubiloso. Um pulso pulsou uma vez entre suas pernas. Fez uma tranqüila inspiração.

Ele ficou onde estava, no centro da habitação e ainda assim afastado da multidão, e dirigiu um gesto de desaprovação a Alfred Swittly.

Passion olhou ao homem grande, quem ainda estava dando sua opinião crítica sobre o biombo, depois voltou seu olhar a Mark.

Odiava que estivesse aqui, tão longe dela. Supunha-se que tinha que estar perto. Supunha-se que tinha que estar tocando-a. Deixou vagar seu olhar sobre suas imaculadas formas. Seus seios formigavam, e seu sensível útero tremeu em lembrança de sua noite juntos. Deus, como o desejava!

Quando ela elevou seus olhos aos seus, encontrou as azuis esferas cheias de fogo. Com lenta deliberação, ele deslizou uma mão em seu bolso. Enquanto seu braço se moveu para cima e para baixo em uma relaxada carícia, a umidade encheu a boca de Passion.

Seus doloridos músculos se convulsionaram e seu sexo se apertou.

—Depois de tudo, um pouco tão imenso alguma vez encaixaria, ou sim?

Passion voltou sua atenção a Alfred. Estava-a olhando com espera.

Passion tragou.

—Perdão?

—Disse, um biombo tão grande nunca caberia em uma casa.

Alfred o olhou com desdém.

—Totalmente pouco prático, se você me perguntar.

Passion voltou a olhar a Mark. Sua mão ainda estava em seu bolso, mas agora se estava se aproximando.

—Completamente ridículo, a sério —se mofou Alfred.

O corpo dela tremeu.

—Na realidade, eu gosto bastante. Às vezes se necessita algo grande para cobrir o vazio.

A verbena limão excitou seus sentidos.

Alfred voltou a olhar o biombo.

—Bem, vejo por que lhe pode gostar.

Passion tremeu quando os dedos de Mark se arrastaram por suas costas. Ele estava justamente ao lado dela, parecendo examinar o biombo.

—Mas você podia acomodar realmente algo tão grande? —perguntou-lhe Alfred.

Passion se voltou para ele enquanto Mark se movia para trás de suas saias. Ela curvou seus dedos ao redor de sua rígida ereção. Seu coração pulsou com força.

—Estou segura que nada menor o faria.

Ela enrijeceu e soltou a Mark enquanto Alfred elevava suas grossas sobrancelhas loiras.

—De verdade? Devo ver o lugar onde você poria semelhante coisa —disse, sorrindo—. Possivelmente poderíamos visitar sua casa algum dia qualquer. Estou seguro que a sua família gostaria de me conhecer, e admiro tanto o campo, com seus grandes e extensas casas.

Agarrando seu cotovelo, afastou-a do biombo.

—Sua tia me diz que seu pai a mantém. Deve ter uma vicaria bastante rica para poder manter a uma irmã solteira tão comodamente.

Passion liberou seu braço dos dedos grossos de Alfred.

—E —ele pôs sua mão sobre seu peito—, também deve ser rico em generosidade também.

—Meu pai é rico em muitos aspectos, senhor. Não é o menor deles o amor de suas filhas.

Enquanto entravam na repleta galeria principal, ela olhou atrás dela. Mark seguia com um escuro cenho pontudo sobre Alfred Swittly.

Passion quase salta fora de sua pele quando, repentinamente, a voz de Alfred retumbou e abriu seus braços de par em par.

—Me digam, minhas filhas, qual de vocês nos dirá que nos ama mais? Que nossa maior recompensa pode estender-se onde a natureza merece.. —a mão de Alfred foi descansar à parte baixa das costas dela.

Passion se voltou para afastar-se dos olhares curiosos dos que os rodeavam. Mark estava perto, seu olhar fixo nela. Por que não podia estar caminhando com ele? Por que devia estar com este homem pomposo e presunçoso?

Franzindo o cenho, Passion se separou das avaras mãos de Alfred.

—A diferença do Rei Lear, senhor, meu pai ama a cada uma de suas filhas por si mesmas e nunca outorgaria favores desiguais.

—Mas é obvio, é obvio —vociferou Alfred. Baixando sua voz, inclinou-se aproximando-se enquanto a levava pela galeria—. Devo lhe dizer, Senhora Redington, que estou muito impressionado por seus conhecimentos de Shakespeare. Ocorre que sou um erudito do grande homem. Me diga, você reconheceu a linha por minha majestosa declamação?

Outra vez a pesada mão de Alfred baixou a sua cintura. Outra vez, Passion a esquivou.

—Devo lhe dizer Senhor Swittly, que simplesmente adivinhei, pelo contexto da linha e o fato de que você citou Shakespeare antes.

—Então o que é isto Senhora Redington? —tomou as mãos dela e as apertou entre as suas—. Ou, ela faz arder brilhantes as tochas! Parece pendurar sobre a bochecha de noite, como uma rica jóia na orelha de um Etíope: Beleza muito rica para uso, por terra muito amada!

Passion se deu conta de que a tinha levado a uma seção muito tranqüila no final da galeria.

—Senhor Swittly, por favor!

Tratando de tirar sua mão, ela procurou Mark. Estava a certa distância, participando da conversa com um pequeno grupo de pessoas.

Ela ofegou enquanto Alfred a empurrou para trás de uma enorme estatua, sua mão ainda cativa de seu apertão.

—Me perdoe, Senhora Redington, mas não pude evitar notar a maneira em que você me esteve olhando —a apertou contra ele, forçando um assobio de ar de seus comprimidos pulmões—. Reconheço o olhar de desejo em seus olhos, Senhora Redington. Você não pode imaginar meu deleite ao saber que sua paixão, perdão pelo trocadilho, é igual à minha.

Os olhos de Passion se abriram com a comoção, e se retorceu contra ele.

—Deixe-me ir neste instante, Senhor Swittly!

—Não posso querida menina. Na verdade... sou muito carinhoso. . .

O homem estava tão imóvel como uma árvore! A tensão dela aumentou.

—Neste instante, Senhor Swittly!

Sua cabeça baixou. Uma gota de suor se escorria por sua têmpora.

—OH, deixará-me murchar tão insatisfeito?

Passion retrocedeu. Não podia respirar profundo. Uma frenética urgência por gritar estava construindo-se nela.

—Por favor, Senhor Swittly Deixe ir! Deixe ir, ou gritarei!

Sujeitou-a mais forte, e seus lábios molhados ficaram mais perto e mais perto.

—Parece-me que a dama protestou muito.

Justo quando ela abria a boca para gritar, um som de sobressalto e um grunhido escaparam a Alfred. Imediatamente, ela estava livre enquanto o enorme homem se deslizava ao chão, apertando um lado.

Passion olhou os olhos cheios de fúria de Mark.

—Estás bem? —grunhiu ele, suas mãos ainda convertidas em punhos a seus lados.

Ela desejava correr a seus braços.

—Sim.

Resfolegando, Alfred rodou e se apoiou em seus cotovelos. Levantou seus olhos avermelhados a Mark e assinalou com o dedo a Passion.

—Estou cortejando a esta mulher, senhor! Estamos aqui juntos. Sou seu acompanhante.

—Eu o escoltarei justo sobre seu traseiro se o vejo encurralando outra vez a esta mulher. Ela não tem necessidade de seus cuidados.

Alfred ficou de joelhos.

—Você, senhor, não tem direito a meter-se entre nós.

O punho de Mark se esticou assim Passion se adiantou.

—Obrigado, senhor, por sua ajuda —tocou seu braço e o olhou intencionalmente—. Mas temo que este homem interpretou mal um sentimento que ele pensou ter visto em meu rosto.

—É correto, senhor —soprando, Alfred pôs de pé. Puxou seu colete zangado—. E apesar do que pudesse parecer, minhas intenções para esta mulher são completamente honoráveis.

Uma estranha expressão passou pelos traços de Mark. Olhou fixamente Alfred por um momento antes de olhar a Passion. O que estava pensando?

Seus olhos azuis se aprofundaram nos seus.

—Este homem não a merece, senhora —tocou a aba de seu chapéu e girou sobre seus calcanhares—. Bom dia.

—Ouça! Está completamente equivocado, senhor. Sou totalmente merecedor dela! —disse Alfred às costas de Mark.

Passion saiu de trás da estátua e o olhou até que desapareceu na multidão.

Repentinamente se sentia desolada.

Quando o veria outra vez?

Capítulo Nove

Discussões, Anúncios e Mentiras

Mark desenhou um cuidadoso detalhe do festão que tinha que rodear a borda da cúpula externa da biblioteca. Este levaria um livro aberto e uma esfera unidos por um “acanthus swag”.

Tentou concentrar-se, mas a imagem de Passion abraçada por aquele gigantesco imbecil se interpunha. Pensava ela casar-se com semelhante caipira? Estava considerando na verdade casar-se?

Ele reparou uma linha desigual.

Ela não permaneceria de luto para sempre. Quantos homens desejariam possuí-la? Uma maré quente de cólera e de ciúmes surgiu dele. Apertou sua mão sobre o papel, enrugando-o. Com um juramento o jogou no chão.

Qualquer que fossem seus planos, ela era dele pelos próximos dois meses. E não tinha nenhuma maldita intenção de compartilhá-la com pretendentes caipiras e estúpidos!.

Um toque ligeiro soou sobre a porta. Deu um puxão a outra folha de papel, antes de permitir a entrada. Cranford abriu a porta.

— A condessa, milord.

Os ombros de Mark se esticaram quando sua mãe passou tranqüilamente.

— Feche a porta, Cranford — ordenou Lucinda.

Mark assentiu a seu mordomo e depois inclinou a cabeça para seu trabalho. Sua mãe se serviu de uma bebida antes de cruzar até sua escrivaninha. Dando volta a uma pilha de desenhos, folheou-os.

Mark a olhou por debaixo de suas sobranceiras marrons.

— Importaria-te dar um passo para trás? Terei que te retorcer o pescoço se derramas essa bebida sobre meu trabalho, e não tenho o menor desejo de ser enforcado por matricídio.

Lucinda puxou a folha em sua mão e retrocedeu um passo.

— Não pensa que o estilo clássico é um pouco antiquado? Isto se vê muito simples.

Mark seguiu trabalhando dando sombra ao desenho com cuidado.

— Sabe, eu vi um dos desenhos preliminares do Sr. Paxton no escritório de Lorde Fitzgerald. Era neo-gótico e completamente moderno. Poderia considerar em fazer algo mais nesse estilo.

— Joseph Paxton constrói espetáculos, não edifícios — disse Mark tensamente —. Isto deve ser uma Biblioteca Nacional, não um Palácio de Cristal.

Lucinda encolheu os ombros.

— Faz o que queira! Só tento ajudar.

Ele soprou.

— O que é o que quer mãe?

— Bem, irei diretamente ao ponto. Matt me há dito que está transando com alguém novo.

Demônios, isto não durará muito. Ele pôs a um lado o desenho e tirou o bosquejo da parte traseira do edifício.

— Disse-me que estás bastante cativado com ela, e que eu deveria deixar de empurrar Charlotte Lawrence sobre ti. Certamente, isso foi muito antes de que eu lhe contasse que seu estava comprometido com Charlotte.

Um músculo se esticou em seus ombros.

Lucinda bebeu a sorvos seu brandy.

—A propósito, encontrava-se bastante molesto porque não o havias dito. Ele não suporta sentir que se trai a confiança fraternal de maneira nenhuma. Então, como que terá que dizer mais mentiras, sugiro que considere o que dirá a seu irmão e quando. Tudo isso deve acabar com tão poucas perguntas como é possível.

Ele odiava escutar dela o que já sabia. Levantou seu ombro para aliviar seu músculo dolorido.

—O que me traz outra vez a esse teu assunto. Tem que deixar-la de lado.

Seu corpo inteiro se esticou.

—Não.

Sua mãe baixou de repente sua taça.

—Não compreende que o futuro de seu irmão está em jogo aqui? Felizmente, seu completo desdém e desagrado às normas de nossa classe fazem acreditável que tome a uma plebéia. Mas Abigail Lawrence e eu tentamos pintar um quadro de amor romântico entre Charlotte e você. A aceitação da Sociedade deste matrimônio depende disto, e Abigail não o terá de outro modo. Se se divulgar que estás transando com alguém mais, ninguém nos acreditará isto.

Ele se encolheu de ombros.

Lucinda pousou suas mãos sobre sua cintura.

—Pensa que ainda pode te liberar disto, não? Bom, não o fará! Há muito em jogo para que você esteja te deitando com alguma puta.

Ele chiou seus dentes.

—Cuida com o que diz mãe.

—Porá-lhe fim a isto.

Mark se obrigou a relaxar-se.

—Disse, não.

Lucinda se dirigiu à janela.

—O que importa se a abandona agora ou depois? Finalmente, cansas-te dela e ela de ti.

Dois meses. Eles só tinham dois meses.

—Não me importa —ele quase podia sentir a pele de Passion, o sabor de seus lábios. Olhou a sua mãe. -Isto é diferente. Ela é diferente.

Lucinda o olhou fixamente e de repente seus olhos se entrecerraram.

—Isso não tem nada de diferente, nem ela tampouco.

Alegrou-lhe que isso a irritasse. Retornou a seu trabalho.

Ela se dirigiu a sua escrivaninha balançando suas saias.

—O que? Acreditas que ela será sua leal pequena amante para sempre? Isso não vai acontecer!

Não, não para sempre. Sentiu um nó no estômago. Casaria-se ela depois que eles se separassem?

—E se achas que vais reter-la com esse monstruoso membro, equivoca-te.

A mão de Mark moveu bruscamente o lápis. Uma linha torcida danificou a perfeição do desenho arquitetônico.

—O que? Pensa que porque não te atendi, não te conheço —se mofou ela—. É meu filho.

Mark passou o lápis através da página, corrigindo o arco e seguindo as colunas. Calma. Ele devia manter a calma.

—É filho de seu pai —Lucinda apoiou a ponta de seus longos dedos sobre a escrivaninha—. Como sei que é consciente, seu grande lança não me reteve.

Mark franziu o cenho. Seus músculos tremeram. Não deixe que te provoque. Não o permita! Ele esboçou detalhes Coríntios nas colunas.

Lucinda se inclinou aproximando-se.

—Quer saber a verdade? Não é nada mais que uma novidade para ela. Não lhe interessa. Somente lhe importa essa coisa grande entre suas pernas. Até que dela se farte. Então te abandonará por outro grande membro.

A ponta do lápis de Mark se quebrou. Ele o lançou a um lado e recolheu outro.

—Basta.

Lucinda sorriu.

—O seu não é o único disponível, sabe. O mundo está cheio de grandes membros. Eu deveria sabê-lo, durante um tempo senti fixação por eles —inclinou a cabeça—. Mas sabe o que aconteceu? Descobri que o tamanho não é tudo, e deixei aos homens como você de uma vez e para sempre. Assim tome cuidado e também sua pequena preciosidade.

O lápis de Mark se quebrou em sua mão.

—Se detenha. Agora.

Lucinda se inclinou mais perto dele, sua voz aguda.

—Tem o mesmo problema que as mulheres formosas, meu filho, sempre em demanda por seus dotes físicos mas nunca por ti mesmo.

Sua mão se fechou em um punho.

—Te cale!

Ela retrocedeu.

—A fidelidade não se fez para nós. Somos muito inteligentes. Temos muitas vantagens. Para nós as relações são fugazes e sempre trocamos.

Lucinda levantou seu queixo com desdém.

—A monogamia sempre é uma escravidão para os camponeses, feios e incultos que não sabem como melhorar e não têm outra opção — elevou as sobrancelha—. E inclusive eles se perdem. Só pergunte ao pai de seu irmão. Ele tinha uma jovem e encantadora esposa quando estava transando comigo.

A cadeira de Mark se estrelou contra o chão, e enfurecido deu a volta ao redor da escrivaninha, sua voz um rugido.

—Me diga mãe, qual era meu pai? Feio ou estúpido?

Lucinda se estremeceu quando lhe arrancou o colar de diamantes e o sustentou em frente a seu rosto.

—Certamente ele não era pobre. Ainda muito depois de que você abandonasse seu grande membro por outra, ele se manteve fiel. Fiel a você. Sorrindo na cara de seus amantes em público, inclusive enquanto sabia que lhe trairias no momento em que te voltasse as costas.

Ele se inclinou mais, contendo apenas sua raiva.

—!Hmm!, Ele tampouco era feio. De fato, depois de que abandonasse seu enorme membro, um grande número de encantadoras damas lhe ofereceram consolo. Mas ele as manteve a distância. Não por que fosse estúpido se não por acreditar na honra e na lealdade. Por que apesar do fato de que estava casado com uma mentirosa, confabuladora, absorvente, egoísta cadela, ele te amava! —seus olhos a brocavam—. Até que você matou isso.

Lhe fez um gesto de desprezo.

—Agora, direi-te sua verdade. Não é nada mais que uma patética, envelhecida, muito usada puta, que encontra consolo em assegurar-se que todos a seu redor vivam tão miseravelmente

como é possível. E muito em breve, embora você possa não saber quem é ele, seu último amante se cansará de ti finalmente e te abandonará. Para sempre!

Mark sacudiu a cabeça.

—Não venha para mim nesse dia. Já que não terei compaixão —ele cravou o olhar nos frios olhos verdes de sua mãe—. Agora te vá!

Lucinda se deu a volta e atravessou de uma pernada a habitação. Voltou-se na porta e fez uma pausa.

— Nunca pedi a seu pai que se consumisse por mim. E não é menos certo que o matrimônio é um acordo de negócios entre famílias. Te casarás com Charlotte Lawrence, apesar de seu vulgar enredo com essa outra mulher. Fará-o, ou verá Matthew envergonhado como um bastardo.

Ela o olhou fixamente e seus olhos brilharam.

—Desejaria que fosse você. Se Matthew fosse meu primogênito, estaria tentada de dizer a Abigail Lawrence que falasse tudo.

—Não achas que não sei. E não achas que não sei que sua principal preocupação não é pelo Matthew se não, por ti. À sociedade nunca gostou de esfregar seu próprio nariz na sujeira e agora é mais certo que nunca. Se isto se souber, ninguém te receberia. Ninguém! Estaria condenada a viver no ostracismo, cada dia de sua vida, sem te atrever a aparecer na rua! Perderia-o tudo —disse ele com dureza—. Não pretendamos que não sei exatamente o que está em jogo aqui!

Ele lançou o colar de diamantes estrelando-o contra a porta perto de sua cabeça.

—Agora, maldição, te vá. E não volte a trazer sua embolorada presença a minha casa nunca mais.

Lucinda se inclinou, recolheu o colar, e partiu.

Passion levantou o olhar para Charlotte enquanto ela entrava no quarto ensolarado.

— Charlotte, querida, moveria esse vaso um pouco à esquerda?

— Olá! A ti também —brincou Charlotte enquanto movia o vaso.

Passion riu com sua prima.

—Sinto muito!.

—Sente-se Charlotte e tome uma taça de chá —ordenou Tia Matty—. Os pão-doces estarão aqui em seguida.

—Em um momento Tia Matty. Primeiro, tenho um anúncio a fazer —Charlotte apertou suas mãos—. Tenho sua completa atenção?

Deixando seu lápis Passion, notou um papel metido sob o braço de sua prima. Ela intercambiou um olhar inquisidor com Tia Matty.

—Estão preparadas? —perguntou Charlotte entusiasmada.

—OH, Por Deus do céu, menina, diga-o-A apressou Tia Matty.

Charlotte suspirou.

—Estou comprometida para me casar!

Os olhos de Passion se aumentaram de assombro enquanto ela sorria.

—O que?

Tia Matty ficou com a boca aberta.

Charlotte assentiu feliz.

—É verdade!

—Me valha Deus, felicitações! —exclamou Passion. Ficando de pé, deu a Charlotte um firme abraço. Senhor, porque de repente sentia compaixão por si mesma? Colocando a um lado os

sentimentos pouco caridosos e empurrou a sua prima a uma cadeira —. Sente-se e nos conte tudo. Quem é o homem?

—Sim —Tia Matty tinha conseguido levantar a mandíbula—. Quem?

Charlotte se sentou mais direita e levantou seu queixo.

—Charlotte Rebecca Lawrence, está comprometida para casar-se com Randolph Hawkmore, Oitavo Conde de Langley.

—Oit-oita-oitavo Conde de Langley —gaguejou Tia Matty.

—Vou ser uma condessa —proclamou Charlotte.

—Mas isto é incrível —Passion sorriu amplamente—. Como é que manteve em segredo algo assim?

Charlotte se encolheu de ombros inocentemente.

—Porque nem eu mesma sabia.

A Tia Matty soprou.

—Céus, Charlotte! Como é que foi cortejada por um conde e não sabe?

Charlotte tomou o papel debaixo de seu braço.

—Ao que parece, o conde me observou uma tarde na Ópera italiana —ela se ruborizou—. Embora então ele não demonstrou seus sentimentos, pensou que eu era a mulher mais encantadora dali. Ao passar os dias, constantemente pensava em mim.

Pensava Mark nela constantemente?

—Ontem, ele ofereceu o matrimônio.

Mark alguma vez quereria casar-se?. O peito de Passion se apertou.

Sua prima lhe ofereceu o papel.

—A história inteira está nas páginas de sociedade de hoje.

Passion trouxe profundamente os sentimentos que a perturbavam.

—OH, Charlotte, que romântico!

Ela tomou o papel, e esclarecendo sua garganta, leu em voz alta:

“anuncia-se que Randolph Hawkmore, Oitavo Conde de Langley, está comprometido com a senhorita Charlotte Rebecca Lawrence. As núpcias terão lugar nos dia dez de junho, em uma cerimônia privada, na Capela de Hawkmore House.”

Passion fez uma pausa.

—“(Contrato pendente)”.

—Mãe diz que isto é somente porque tudo vai muito rápido —disse Charlotte—. O contrato será assinado logo.

A Tia Matty elevou as sobrancelhas como dizendo “já veremos isso”.

—OH, Tia Matty, a sério —a arreganhou Passion. - Isto é absolutamente maravilhoso para Charlotte.

—Sei, sei — Tia Matty olhou a Charlotte—. Estou feliz por ti, menina. Realmente o estou. Mas agora, sua mãe estará mais que impossível. Ela sempre pensou que era superior a nossa família. No dia que a mãe de Passion se casou com meu querido irmão, sua mãe nos desprezou. Bom, ela apenas nos reconhece. Estou segura que agora, deixaremos de existir —Tia Matty levantou o queixo—. Não, é que eu sinto a falta dela, você sabe.

—Tia Matty! — exclamou Passion.

Charlotte sacudiu a cabeça.

—Esta bem, Passion. Conheço minha mãe melhor que ninguém —suspirou—. Mas ela é minha mãe.

Passion apertou a mão de Charlotte.

—Certamente que o é. E você não tem que defender-la de nós —Passion enviou um olhar a sua Tia.

Tia Matty lhe devolveu o olhar. Mas então, ela lançou um suspiro de resignação.

—OH, muito bem. Não pensarei absolutamente em Abigail Lawrence —assinalou o papel—. Diz algo mais?

Passion leu o comentário abaixo do anúncio:

“O Conde de Langley evitou por muito tempo as convenções e os ideais de sua nobre classe, quase não é uma surpresa para aqueles na sociedade que ele se comprometeu com uma simples Senhorita Qualquer, o que porá as línguas em movimento é o extraordinário feito de que o conde esteja apaixonado pela moça! Quem poderia ter adivinhado que o cínico e mundano do Langley alguma vez se apaixonaria? Já está isso confirmado! Ao que parece o conde se apaixonou completamente pela encantadora senhorita Lawrence, quando ele a viu na Ópera italiana. E segundo os que o conhecem, ele está impaciente de fazê-la a Condessa de Langley!”

“Salas e salões já estão fervendo. O que acontecerá, queridos leitores? Esta senhorita Lawrence será acolhida ou desprezada? O amor romântico prosperará ou fracassará? Quem será o primeiro em convidar ao encantador casal para a sua noitada? E QUEM será convidado ao bendito acontecimento em Hawkmere House?”.

Passion sorriu para afugentar o nervoso olhar no rosto de sua prima.

—Sem dúvida, você será acolhida. Não se preocupe por isso.

—É obvio que o farão, menina —assentiu Tia Matty.

Que maravilhoso que sua prima tivesse um marido amoroso. Outra pontada de dor acompanhou seu pensamento. Qual era o problema com ela? Devia pensar na felicidade de Charlotte, e não em sua própria dor.

—OH, Charlotte, estou tão contente por ti. E junho está tão perto. Céus, deve ter mil coisas por fazer.

—Sim, minha futura sogra, a condessa, e minha mãe tomaram as coisas completamente em suas mãos. A condessa diz que tudo deve fazer-se perfeitamente e que assim a nobreza me aceitará. Devo ir aonde ela diz e fazer o que me peça. Ela deve aprovar todos meus vestidos antes de que me presente em público —Charlotte franziu o cenho—. Temo não poder seguir com minhas lições de pintura neste momento, Passion. Haverá muito por fazer...

— Meu Deus!, Charlotte, a pintura pode esperar.

O cenho de Charlotte se intensificou.

—Não poderei te acompanhar aos eventos que tínhamos planejado. Infelizmente meu programa social não está mais em minhas mãos —suas sobrancelhas se elevaram—. Mas você deve ir a tudo. Seu luto acabou já, e quero que tenha uma temporada maravilhosa. Me prometa que ainda irá.

—Prometo-o —Passion olhou a sua tia—. Além disso, você não deixará que fique em casa, verdade?

—Certamente que não —Tia Matty deixou sua xícara de chá e olhou para a porta—. Onde estão esses pão-doces? —ela voltou sua atenção a Charlotte—, de fato, estou muito convencida de que Passion anunciará seu próprio compromisso antes de que seu tempo comigo finalize.

—Não me casarei outra vez, Tia Matty.

—Que tolices —sua Tia entregou a Charlotte uma xícara de chá—. Agora, nos conte sobre seu prometido, Charlotte. Que tipo de homem é este conde?

Charlotte ficou um pouco nervosa.

—Bom, devo confessar que nossa primeira reunião não foi o que imaginei.

Tia Matty se inclinou para frente sobre sua cadeira, com interesse.

—Por que? Ele é feio? Aleijado? Empobrecido?

Os cachos de Charlotte se balançaram quando sacudiu a cabeça.

—Não nada disso. De fato, é um dos homens mais varonis que eu tenha conhecido. E ele é um dos homens mais ricos do reino.

—OH —Tia Matty pareceu um pouco decepcionada.

—Então, qual é o problema? —perguntou Passion.

Charlotte pareceu pensativa.

—É só que ele não pareceu particularmente apaixonado por mim. De fato, apenas me olhou. Passion franziu o cenho, confundida.

—Ele foi extremamente grosseiro com a condessa e com minha mãe —seguiu Charlotte—, e quando ele se foi, pela expressão em seu rosto, parecia furioso com todas nós.

—Quem poderia estar furioso contigo? —disse Passion—. Talvez levava o peso de outros problemas sobre dele.

—Possivelmente o dedo do pé lhe doía —sugeriu Tia Matty—. Quando meu dedo do pé foi pisoteado, pus-me de um caráter terrível.

Passion compartilhou um pequeno sorriso com sua prima.

—Aí o tem, Charlotte. Deve ter sido seu dedo do pé.

—Estou segura que ambas estão certas —Charlotte apoiou a xícara da qual tinha estado bebendo a sorvos—. Sua mãe disse que ele estava zangado com ela. Suponho que eles tinham estado discutindo.

Tia Matty se desculpou para ir ver o que retinha os pão-doces.

Assim que ela se retirou, Charlotte se inclinou para frente.

—Digo-te, prima, deu a sua mãe e à minha semelhante repreensão! Não poderia acreditá-lo, até havê-lo visto. Ele estava tão ofuscado —Charlotte entrelaçou suas mãos—. Tenho que confessar, encontrei-o maravilhosamente emocionante. OH, Passion, tenho que me morder a língua, e me manter tranqüila tantas vezes com minha mãe. Bom, nunca a desafiei lhe falando como ele o fez. Mas o desejei milhares de vezes —Charlotte baixou seus olhos—. Por favor, não pense que sou horrorosa. Mas só por isso, eu poderia amar a este homem.

Passion não sabia o que dizer. Não se conhecia Abigail Lawrence por sua bondade e encanto, mas mesmo assim, um filho devia honrar a sua mãe.

—Estou segura de que encontrei muitos motivos para amar ao conde, querida. Não só porque ele te ama.

Charlotte lhe cravou o olhar.

—Se ele ainda me ama. Penso, que depois do encontro com minha mãe, ele acha que posso ser como ela. Acredito que por isso, ele se mostrava tão frio.

—Bom, então você lhe demonstre que não é verdade.

—OH, espero que sim —os olhos cinzas de Charlotte se tornaram sonhadores—. Posso imaginá-lo com seu traje tradicional de noivo.

Uma visão de Mark de pé a seu lado, dizendo os votos, chegaram à mente de Passion. Rapidamente os afastou. Essa era uma parte do trato que eles não compartilhariam.

—Ele é tão formoso, Passion. Espera até que o conheça. Parece-se com um deus.

Passion sorriu e não pôde evitar que seu coração pulsasse mais rápido. Viria Mark a vê-la esta noite?

Charlotte suspirou.

—Tem os olhos azuis mais extraordinários que alguma vez tenha visto. Inclusive cheios de cólera são fascinantes.

Passion recordou a ternura nos olhos de Mark desta manhã, e o ardente olhar deslizando-se sobre ela na noite anterior. Nenhum homem poderia ter os olhos mais formosos que ele.

Mark olhou os marrons olhos de Rosalind Benchley e se esforçou por sorrir enquanto lhe oferecia outro chocolate de um prato de cristal esculpido.

—Não, obrigado, Lady Rosalind.

As notas baixas do violoncelo de Matt se escutavam ao fundo.

Ela pôs o prato a um lado.

—A tia diz que deveria confiar em nós, para ajudar na aclimação social de sua prometida, milord.

Mark apertou sua mandíbula. Poderia assassinar a sua mãe por colocar esse maldito anúncio.

—Não é isso o correto, tia?

A tia de Rosalind levantou a vista dos naipes que tinha em sua mão.

—Quem poderia rechaçar o verdadeiro amor?

“Cristo” Ele intercambiou um olhar com Matt.

Lorde Benchley soprou.

—Amor verdadeiro. Que monte de tolices. Os matrimônios são com o objetivo de aumentar o prestígio de alguém, ou a riqueza preferentemente de ambos —olhou por cima de seus óculos para Mark—, a única razão de que você pode levar isto a cabo, milord, é porque seu prestígio e sua riqueza não necessitam de nenhum reforço —ele jogou um naipe—. Suponho que você pode permitir o amor.

Matthew deixou a um lado o violoncelo e se uniu a Rosalind no divã.

—Sua filha e eu estamos apaixonados, milord.

—Um episódio feliz mas sem importância —comentou Lorde Benchley—. Você se casará com minha filha, meu querido jovem, porque é um Hawkmore e, certamente, porque você tem muito dinheiro.

A tia de Rosalind olhou com o cenho franzido a seu irmão.

—Realmente, milord.

Matthew sorriu amplamente a Rosalind e beijou a ponta de seus dedos.

—Você ainda me amaria se eu fosse pobre?

—É obvio —Rosalind riu bobamente.

Mark cruzou os braços sobre o peito.

—Você lhe amaria se ele não fosse um Hawkmore?.

As sobrancelhas de Mark se levantaram com surpresa e imediatamente se aproximou de Rosalind.

—Sim, poderia?

—Bom, certamente que sim —ela sorriu outra vez—. Mas você é um Hawkmore, querido meu, e realmente é muito rico.

Mathew mordiscou seu dedo discretamente.

—Mmm, boa coisa, isso.

Mark olhou aos dois. Sentiu uma repentina quebra de onda de aversão para com Rosalind Benchley. Ela mentia. Ao menos seu pai era honesto.

Mas claro, que outra coisa ia dizer ela? “Não, querido Matt, na realidade te deixaria de amar se fosse pobre e não fosse um Hawkmore.”

Ela só dizia o que Matthew queria escutar. E na verdade, na verdade não eram perguntas justas.

De todos os modos, ele odiava toda a mentira. Fechou os olhos e esfregou sua testa. Por que de repente sentia como se estivesse rodeado de mentiras? Mentindo a Matt, mentindo aos Benchleys. Agora, com o anúncio no jornal, mentindo ao mundo. Isso fazia que se sentisse doente.

Passion. Passion era seu tônico. Com ela, não existia nenhuma mentira. A tensão em seus ombros se relaxou. Quando ele estava com ela, todo o mal desaparecia e todo o bom aumentava.

No Palácio de Cristal, ele tinha estado tão irritado porque ela não estava sozinha. Mas quando ela o viu, a expressão que apareceu em seu rosto o tinha deixado sem fôlego. Cada emoção exibida claramente. Anseio, desejo, ternura. E esse algo indefinível elevando-os... a algo maravilhoso.

— Estás bem, irmão?

Ele a necessitava. Necessitava-a agora.

Mark assentiu.

— Sim, só estou cansado — ficou de pé e sentiu pulsar seu membro —. Devo ir.

Algo na expressão de Matt lhe disse que ele sabia aonde iria.

— Então que tenha uma boa noite. Enviaste a carruagem de volta, verdade?

Ele assentiu para lorde Benchley.

— Vou jogar umas mãos antes de me retirar.

Mark saiu tão rápido como pôde. Seu corpo conhecia o caminho, e quando se recostou no interior da carruagem, seu membro estava torcido e empurrava contra a calça.

Ele ordenou a seu chofer que o deixasse a umas ruas da casa de Passion, e em seguida o enviou de retorno a casa dos Benchley. Mas, a curta caminhada só serviu para aumentar seu desejo. Em silêncio escalou a grade. Um débil resplendor iluminava o quarto. Ela ainda o esperava? Sorriu quando se encontrou a janela entreaberta. Passou por cima do marco, entrou rapidamente deixando cair a cortina atrás dele.

Embora seu coração pulsava acelerado, ele se manteve imóvel um momento. Passion descansava sobre um lado, com os olhos fechados. Ela estava voltada para a janela, como se assim pudesse ter estado esperando-o. Um abajur de azeite que ardia baixo sobre a mesa de noite, iluminava-a em um círculo de suave luz.

Mark se tirou seu chapéu. Despojou-se de seu casaco e gravata, caminhando à cabeceira. Os lábios dela estavam entreabertos, e suas sobrancelhas, sob a influência de algum sonho, agitavam-se delicadamente. Seu cabelo castanho estava estendido em ondas sobre o travesseiro como um manto de seda.

Deus, era tão formosa.

Com cuidado para não despertá-la, apoiou suas mãos sobre a cama e, aproximando-se dela, aspirou seu doce aroma. A baunilha e flores-de-laranja invadiram seus sentidos. Ela murmurou algo no sonho e se voltou sobre suas costas com um suspiro.

Seus lábios se encontravam muito perto para resistir. Ele roçou sua boca contra a sua e em seguida a beijou com ternura. Seus lábios eram suaves e quentes mas só foi um breve momento antes de que ele sentisse que começavam a lhe responder. Então a mão dela se curvou ao redor de sua nuca e a outra deslizou por sua bochecha enquanto o aproximava mais a ela, aprofundando o beijo.

Mark gemeu contra sua boca e se obrigou a separar-se.

Seus olhos cor avelã piscaram ao abri-los.

— Olá! — disse ele.

Os lábios dela se curvaram em um pequeno sorriso.

—Olá! Não estava segura se viria.

—Disse-te que estaria contigo tão freqüentemente como fosse possível.

—Sim —ela puxou devagar a sua gravata, afrouxando-a—. Você disse isso.

Mark se sentou a um lado dela, sobre a cama.

—Abre sua camisola.

Devagar ela se incorporou. Ele não podia afastar seus olhos dela enquanto desprendia cada diminuto botão.

—De agora em diante deve dormir sem roupa —ele puxou sua gravata e afrouxou o pescoço—. Não a necessitará.

Um rubor rosado cobriu suas bochechas. Seu cabelo caiu ao redor de seus ombros, e sua camisola ficou aberto até a cintura.

O membro de Mark se endureceu com impaciência. Ele tirou os sapatos. Deus, nunca se havia sentido tão quente com nenhuma outra mulher. Ela olhou como tirava o colete e desprendia as abotuaduras de madrepérola de sua camisa. Ele a desejava desesperadamente.

—Mantenho para ti um chocolate quente sobre a lareira —disse ela em voz baixa.

Mark ficou quieto, e algo se estremeceu muito dentro dele.

—O que?

—Um pouco de chocolate quente —ela alcançou sua mão para liberar facilmente a abotuadura de seu punho—. Pensei que poderia gostar de algo quente.

Ele olhou fixamente enquanto ela liberava seu outro punho. Várias de suas amantes lhe tinham oferecido inumeráveis bebidas: brandy, uísque escocês, vinho do porto. Mas nunca lhe tinham oferecido chocolate quente. Nunca lhe tinham oferecido algo que não fosse um estimulante sexual.

Ela colocou a abotuadura sobre a mesa e levantou seus encantadores olhos. Inclusive quando era um menino jamais lhe tinham dado algo parecido. OH, ele havia possuído mais coisas do que que necessitava, mas nada que não fosse parte de uma lista de compras. Nada pura e simplesmente para seu bem-estar. Nada solicitamente oferecido antecipando-se a sua necessidade.

Seus olhos ardiam.

Nada quente e tranqüilizador lhe tinha sido dado sem ter tido que pedi-lo.

Ele tinha deixado de pedir fazia muito.

A testa de Passion se enrugou.

—Não gosta de chocolate quente?

A mão dele tremia enquanto a deslizava no cabelo dela. Aproximou-a para ele e pressionou os lábios em suas sobrancelhas.

—Eu adoraria uma taça de chocolate quente.

Capítulo Dez

Sonhos, Desejos, e Justificações

Passion sonhou com o leão. Enfrentou-a e lhe rugiu mostrando seus dentes. Inclusive embora ela estivesse assustada, se aproximou. Com cada passo que dava, ele se tornava mais temível. Ela se deteve um momento, querendo lançar-se contra ele, ainda assustada de fazê-lo.

Por que? Por que o tentava? Ela acreditava que ele a protegeria? Como poderia, quando ele mesmo se machucava? O sangue escapava de uma navalhada sobre seu coração.

Ele voltou a sacudir sua cabeça e rugiu com ira ao céu. Faria-a em migalhas? Não, ele já poderia havê-lo feito. Não. Não, ele nunca a machucaria.

Com repentina determinação, ela foi para ele.

Passion abriu seus olhos. O abajur de azeite ainda ardia. Mas nenhum corpo quente tocava o seu. Ela se sentou na cama e depois suspirou feliz.

Levando só sua calça, Mark se reclinava em uma das cadeiras perto da lareira. Ele a estava olhando.

—Pensei que te tinha ido —disse ela.

—Não.

Passion olhou o relógio. Quase as três da manhã. Deslizando-se da cama, ela tomou o cobertor por modéstia.

—Eu deveria ter ocultado essa coisa enquanto dormia.

Passion sorriu enquanto se aproximava. Ele tomou sua mão e a puxou sobre seu colo.

Lhe empurrou o cabelo que havia caído em sua testa.

—Por que não está na cama?

—Não podia dormir —seu olhar oscilou à porção de busto que se revelava por cima do cobertor—. Teria sido muito tentador te despertar se tivesse ficado.

Passion traçou a curva de sua orelha.

—Isso teria estado bem.

—Pensei que poderia estar ainda dolorida —sua voz soou rouca.

Ela sacudiu sua cabeça.

—Faz muito que passou. A única dor que sinto agora é a necessidade de te ter dentro de mim.

—Por Deus —murmurou ele—. É minha tentação. Não posso resistir a ti.

Ela balançou seu quadril contra sua ereção.

—Então não o faça. -Ela inspirou antes de tomar seus lábios em um suave, indagador beijo. Ela sentiu que o cobertor caía e o deixou ir.

Antes, ele a tinha levado a um tremendo clímax com apenas usar seus dedos. Apoiado em seus cotovelos, ele tinha visto cada ofego e estremecimento. Ele a tinha animado com os ternos beijos que deixava sobre seus lábios. Agora ela queria devolver-lhe.

Deslizou-se para um lado para terminar sentada escarranchado, sobre suas pernas, e lhe desabotoou a calça. Ele já estava duro. Ainda assim, enquanto ela o olhava, seu tamanho se incrementou.

Ele roçou seus mamilos com as palmas de suas mãos antes das cavar sobre os lados de seus seios.

A respiração dela se acelerou. Ela adorava seu roçar, adorava o poder e a força dele. Ela acariciou toda a longitude de sua suave carne com a ponta de seus dedos.

Mark aspirou bruscamente, e seus quadris se inclinaram debaixo dela enquanto suas mãos foram descansar sobre seus quadris. Ele levantou seus olhos para os dela. Refletiam uma crua, dolorosa necessidade. E brilhando intensamente atrás da necessidade, estava a dor.

O coração dela se saltou um batimento do coração em seu peito.

Por um momento ela não soube o que dizer ou fazer.

Então deu de si mesma o único no que podia pensar. Ela se apertou contra ele e o abraçou forte.

—Estou aqui —sussurrou ela. Beijou-lhe o suave lóbulo de sua orelha— Está a salvo comigo. Não sabia de onde vieram as palavras, só que ele parecia as necessitar.

Seus braços se apertaram ao redor dela, e suas mãos a apertaram a ele.

Ela deixou beijos sobre a forte coluna de seu pescoço, inalando o limão verbena, enquanto esfregava as úmidas dobras de seu sexo ao longo de seu membro.

Lhe mostraria o caminho. Ela o levaria ao êxtase.

Ele gemeu em seu ombro, e uma de suas mãos se curvou ao redor de seu seio.

Passion se levantou contra ele e capturou sua boca em um beijo que lhe ofereceu tudo o que tinha. Ele se pegou a ela com a boca aberta com uma fome que revelou a verdadeira profundidade de sua ânsia. E enquanto seu molhado sexo massageava seu membro, deixou-lhe dar um banquete com ela durante todo o tempo que necessitasse. Quanto mais tomava ele, mais dava ela, até que finalmente ele a liberou com um dilacerador ofego.

Enjoada e ofegando, ela se moveu subindo contra ele, deslizando a torcida carne de seus clitoris até a congestionada cabeça de seu membro. E ali permaneceu, esfregando um contra outro, enquanto ele introduzia seu mamilo na boca. Ele a devorou vorazmente. Ela envolveu seus braços ao redor dele e o atraiu para si.

Ele tremeu debaixo dela, e seu próprio corpo tremeu com necessidade contida. Mas ela queria levá-lo mais longe. Ela queria lhe fazer esquecer toda essa dor, embora só fosse por um momento.

Ela se moveu um pouco mais acima e pressionou a molhada abertura de seu corpo sobre a cabeça de seu membro.

Um gemido profundo escapou dele enquanto ela empurrava ligeiramente e depois se retirava.

Seu corpo saltou debaixo dela enquanto ela fazia isso uma e outra vez e outra vez. Seus braços a esmagaram, suas mãos agarradas a seu cabelo. Ainda assim, ela os conduziu sobre cada breve pinga de promissor banquete.

Os quadris dele começaram a empurrar.

O suor apareceu sobre a testa dela.

—Eu... eu te preciso — ofegou ele.

Passion baixou o olhar para ele, emoções e físicas sensações se mesclavam dentro dela. O obséquo era seu para dar.

Ele pressionou sua bochecha a seu seio. Seus quadris levantados.

—Deus, Passion! Preciso-te — repetiu ele com voz rouca.

O corpo dela estava tenso e palpitante.

—Estou aqui — disse ela e se deslizou baixando sobre ele tomando-o até o final.

Ele a apertou abraçando-a, uma mão agarrando sua nádega enquanto sua boca percorria seu mamilo tão forte que ela sentiu um pequeno puxão em seu seio.

Enquanto o sustentava contra ela, sem sequer mover-se, a poderosa palpitação que mostrava a liberação dele lhe trouxe a própria. Ela ofegou de prazer.

Os quadris dele se elevaram.

Os dedos dela se apertaram em seu cabelo. Ela se estremeceu e sacudiu ao redor dele.

A língua dele lambeu seu inchado mamilo.

O coração dela palpitava. Afogou um grito.

Ele tremeu e a agarrou enquanto ela deixava cair uma quente, absorvente torrente de umidade.

Seus braços se apertaram ao redor dele.

—Vamos, Mark. Vamos — disse ela sem respiração.

Ele gemeu e corcoveou debaixo dela e depois banhou sua matriz com a espessa torrente de sua semente.

Ela não queria deixá-lo ir, mas toda sua força abandonou seus membros imediatamente. Ela se derrubou sobre ele, descansando sua cabeça sobre seu ombro.

Ele a sustentou durante um longo momento, acariciando seu cabelo e pressionando beijos sobre sua testa. Finalmente ele disse,

—Obrigado. Acredito que agora posso dormir.

Passion riu e se obrigou a descer dele. Cruzando até a cama, ela se deslizou sob o lençol e se atirou sobre o travesseiro. Ela o olhou enquanto tirava sua calça. Ele se uniu com ela, mas não se deitou.

Inclinando-se, ele retirou uma mecha de cabelo de seu rosto.

—Você está além da formosura —sussurrou.

Um quente estremecimento fez cócegas em seu interior.

—Agrada-me que pense isso.

Seus notáveis olhos se moveram sobre seus traços enquanto ele se sentava e se apoiava nos travesseiros. Um franzido enrugou sua testa.

—Quem era esse homem contigo hoje?

Passion se sentou.

—Perdão por isso. Acabo de conhecê-lo —ela se voltou para enfrentá-lo e cruzou suas pernas—. É o sobrinho de uma das melhores amigos de minha tia.

—Realmente está te cortejando?

Ela elevou suas sobrancelhas.

—Suponho. Mas não acredito que o estará por muito tempo.

—O homem é um asno —Mark franziu o cenho—. E um libertino também. Eu poderia lhe haver quebrado os braços por te agarrar assim.

Passion se absteve de comentar o fato que ele tinha feito muito mais que tentar beijá-la quando eles se encontraram pela primeira vez.

Ele a olhou, e ela soube que tinha adivinhado seus pensamentos.

—Não há nenhuma comparação. Você me desejava.

Ela tomou sua mão.

—Sim.

O olhar dele se enlaçou com a dela.

—Tenho-te por dois meses. Quão último tolerarei é a um lascivo caipira metido em meu caminho. Desfaz-te dele.

Que ele sentisse irritação por Alfred Swittly tanto como ela, surpreendeu-a.

—Farei-o. De fato, depois que te partisse, encontramos um casal em companhia de um grupo bastante grande de meninos. O senhor Swittly comentou sobre eles, então deixei cair sobre o lamentável feito de que nunca teria semelhante família —ela baixou seus olhos. Isto deveria dissuadi-lo. Mas de todos os modos, devo ter em conta a minha tia. Não posso envergonhá-la por ser grosseira.

—O que é vergonhoso é a sugestão que esse homem seja apropriado para ti. Cristo, ele é um oportunista da pior classe. Ele se casará contigo, meninos ou não, para depois ficar com tudo —Mark de repente franziu o cenho—. Qual é sua situação, Passion? Diz que é a filha de um vigário, embora o corte e qualidade de sua roupa sugere mais riqueza do que essa profissão permite. Seu marido era rico?

Passion se moveu incômoda. Pensar em seu marido era sempre uma não bem-vinda intrusão.

—Meu marido era um próspero latifundiário. Depois de sua morte, passei toda a propriedade a meu pai. Eu tomei só uma pequena pensão —ela se encolheu de ombros—. Também recebo algum dinheiro de um fideicomiso. Minha mãe trouxe um considerável dote com ela quando se casou com meu pai. Certamente, segundo seu lado da família, ela desmereceu seu valor por casar-se abaixo de sua classe. Eles apenas nos reconhecem —Passion encontrou o olhar azul de Mark—. Mas minha mãe era feliz. Ela se casou com meu pai por amor e nunca se arrependeu disso.

Mark não apartou o olhar.

—Esse pomposo caipira não te fará feliz.

Passion sorriu.

—Sei —ela traçou as linhas da palma da mão dele— É só que estou saindo do luto, e minha tia adora dar uma de casamenteira. Ela é, em geral, muito boa nisso.

Mark parecia tenso.

—É por isso que vieste a Londres? Para encontrar um novo marido?

Por que estava ele nervoso? O que pensava? Senhor, pensava que ela tentava apanhá-lo?

—Vim a Londres para umas muito necessárias férias, para ver minha tia e primas, ver os monumentos, e atender alguns assuntos —ela o olhou nos olhos. - Isso é tudo.

Sua expressão não se aliviou. O que lhe poderia dizer, e por que isto começava a lhe fazer mal?

—Mark, em dois meses voltarei para casa. Voltarei para a mesma vida que deixei. Você estará livre, quero dizer, você é livre para fazer tudo o que lhe dê vontade.

Seu cenho se fez mais profundo.

—E quantos homens estão em casa? Quantos estão esperando que te desfaça de seu luto para assim eles poderem começar a te perseguir?

Tanto alívio como confusão surgiu nela. Por que estava ele atuando ciumento? Qual era sua preocupação?.

—Mark, tenho muito poucos admiradores —ela sacudiu sua cabeça e sorriu—. Minhas irmãs os têm. Penso que entre elas possuem todos os corações do condado.

Ele não sorriu com ela.

—Sem intenção de ofender, doçura, mas é uma inconsciente.

Passion inclinou sua cabeça a um lado com um sorriso perplexo.

—O que?

—Notei-o hoje, no Palácio De cristal. Foi completamente inconsciente de todos os olhos que lhe seguiam.

Agora ela franziu o cenho.

—Que olhos? De quem?

—Mais que suficientes —grunhiu ele—. E apostado que ao menos tem uma dúzia de vizinhos brincalhões farejando atrás de suas saias em casa.

Passion pensou nisso.

—Sério, só posso pensar em três cavalheiros que poderiam ter pensamentos nesse aspecto —ela o olhou—. Mas não estou interessada em nenhum deles.

Ele enroscou um pouco de seu cabelo em seu dedo enquanto seus olhos azuis encontravam os dela.

—Em quem está interessada?

Esta era a mais estranha conversa. Ele havia dito que chegaria o dia em que estaria satisfeito. Eles tinham um tempo já estabelecido juntos. Então por que ele se preocupava no que faria ela depois?

— Não tenho nenhum interesse matrimonial em ninguém.

Os olhos dele não abandonaram os dela.

— Mas um dia, esperas voltar a te casar?

Por que queria ele saber? Qual esperava que fosse sua resposta? A imagem deles que ela tinha afastado antes floresceu em sua mente, onde ele havia sustentado sua mão e tinha pronunciado uns votos que ela só o ouviria pronunciar em seus sonhos.

Seu olhar azul sustentava a dela. Seu coração lhe doía.

— Não sei — admitiu ela brandamente —. Estava acostumada acreditar que não. Mas agora... — ela baixou o olhar à mão dele unida à sua — eu poderia sonhar com isso.

Ele esteve em silêncio por longo momento. Quando ela finalmente levantou seus olhos, ele ainda a olhava.

— Não acredito em relações duradouras. Entretanto, se você alguma vez voltar a casar-se e o descobro, penso que odiarei a esse homem.

Ele se deitou e a atraiu para ele enquanto grudava seu corpo ao dela.

Uma afiada tristeza percorreu a coluna de Passion. Mas que justificação tinha para a tristeza? Desde o começo, ela tinha entendido a natureza transitiva de sua relação. Quando tinha aceito sua oferta, ela tinha sabido que haveria conseqüências. Esta dor era a conseqüência inevitável de sua decisão de estar com ele. Desejar a um homem que não acreditava em relações duradouras. Desejar o que ele nunca daria. Ansia um futuro que nunca seria dele.

Estes desejos impossíveis eram a prova que sua maldade ambiciosa nascia da fornicção, o pecado engendra pecado.

Suas emoções estavam equivocadas, eram indefensáveis. Seu peito se esticou.

Quando rompemos as leis de Deus, o mundo sofre.

Passion atraiu o lençol sob seu queixo. Ao menos este sofrimento era inteiramente seu. Ela teria que suportá-lo. Ela devia suportá-lo.

Ela não podia fazer nada mais, já que não podia resistir a ele.

O braço de Mark se apertou ao redor dela, e sua mão se moveu para sustentar seu seio.

Ela suspirou, e seu corpo se esquentou em consolo.

A absoluta verdade era que não podia resistir a seus próprios sentimentos por ele. Ela se sentia fisicamente realizada. Sentia-se mais forte e mais atenta. Ela tinha interesse renovado em sua arte.

Ela se sentia viva.

Como podiam todas estas coisas boas vir de algo incorreto? Eram elas seu "preço de Judas" por trair-se a si mesma?

Não! Esta era a verdadeira Passion. Senhor, tinha esquecido a moça que ela era antes de seu matrimônio? Tinha esquecido a despreocupação e a risada que tinha enchido seus dias? Tinha esquecido suas esperanças e sonhos?

Ela tinha traído a seu verdadeiro eu fazia muito. Havia voltado as costas com a dor de seu estéril matrimônio e tinha permitido que sua tendência natural para o dever e a obrigação se convertesse tanto em seu escudo como em seus atributos de definição. Tinha sido mais fácil fazer constantemente por outros do que enfrentar sua própria negligência.

Seus dedos se curvaram sobre o lençol. Sempre e quando não ferisse ninguém mais, quão mal podia ser agradar sua necessidade por um tempo? Que mal podia haver em encontrar seu

velho eu, que tinha amado e rido, o eu que tinha entrado em seu matrimônio com felicidade e esperança?

Bastante cedo, sua relação se terminaria. Até então, ela toleraria o sofrimento e abraçaria as alegrias de estar com ele. Embora não soubesse onde a conduziria o caminho, enquanto as consequências de sua viagem as agüentasse ela sozinha, que dano fazia? Que dano...?

Mark despertou lentamente.

O quarto estava iluminado com a débil luz do começo da manhã. Em algum lugar, justamente fora da janela, um pombo arrulhava a sua companheira.

Em seus braços, Passion suspirou e se aconchegou mais estreitamente contra ele. Sua bochecha jazia contra seu peito, e seu cabelo cobria seu braço.

Ele não queria mover-se. Ele desejava dormir ao lado dela nas últimas horas da manhã. Desejava levantar-se com ela e compartilhar o café da manhã com ela. Desejava falar com ela. Ele queria vê-la vestir-se. Depois desejava despi-la.

Ele arrastou seu dedo pela ponte de seu magro nariz. Queria ficar, somente ficar, com ela.

Suspirou. Mas ele tinha prometido discrição. Empurrando para trás seu cabelo e ignorando sua ereção matinal, ele se obrigou a olhar o relógio. Quase cinco horas. Hora de levantar-se e partir.

Lentamente, para não despertá-la, deslizou seu braço debaixo de sua cabeça e saiu debaixo dos lençóis. Recolheu sua roupa de onde estas jaziam, colocando-as enquanto as encontrava.

Enquanto se vestia, ele a estudou. Embora um pouco mais alta que a maioria das mulheres, ela tinha uma delicadeza de traços e formas que lhe davam um aspecto refinado. Ainda assim não havia fragilidade nela. Suavidade e desejo, sim, inclusive súplica. Mas inteligência e força também.

Estando vestida, seu elegante aspecto nem sequer insinuava os detalhes íntimos de seu corpo. Ele nunca teria adivinhado que seus adoráveis seios tinham sido agraciados com semelhantes grossos, apetitosos mamilos. Ele nunca teria adivinhado que esse pequeno sexo apertado que ele primeiro tocou com seus dedos o alojaria tão completamente. Ele nunca teria adivinhado que sua doce boca o chuparia tão deliciosamente.

Ele jurou baixo ante o curvo vulto em sua calça e se deu volta afastando-se dela.

Sobre a escrivaninha, ele notou uma paleta de pintura e um bloco de papel de desenho aberto. Enquanto se atava a gravata, ele baixou o olhar a uma formosa íris pintada em aquarela. Parecia tão delicado como o original, que estava em um floreiro ao lado da paleta. Intrigado, volteou as páginas. Seguiam outros três desenhos de plantas, cada um tão formoso como o anterior.

Na quarta folha, ele se deteve e olhou fixamente. Duas jovens mulheres sentadas juntas em um quarto que estava só vagamente representado. Mas as mulheres em si mesmos eram magníficas. Uma, com uma cabeça cheia de desenfreados cachos, tocando o violoncelo. Seus braços curvados ao redor do instrumento com a graça de uma bailarina, e seu formoso rosto luzindo uma quase encantada concentração. A outra sentada de cara à primeira. Com sua bochecha apoiada em sua mão, lia um livro. Seu formoso perfil, a curva de seu pescoço, a inclinação de seus ombros, tudo, indicava paz e tranqüilidade.

Debaixo da imagem estavam escritas as palavras "Patience e Prim". Não, não palavras. Nomes. Elas deviam ser as irmãs de Passion, já que ele podia ver vestígios de sua beleza em seus rostos.

Ele sacudiu sua cabeça. Ela era mais talentosa do que ele tinha pensado. Uma coisa era capturar a essência de uma flor. Era completamente distinto capturar o espírito individual e complexo de uma pessoa.

Ele olhou fixamente o desenho, pouco disposto a voltar a página. Isto era uma pequena ponta da vida de Passion, uma pequena idéia do que nunca seria parte.

Ele de repente desejou ter um desenho dela. Volteou mais páginas, esperando encontrar um auto-retrato. Só encontrou páginas em branco.

Então, no final do livro, encontrou algo que nunca teria esperado: a ele mesmo.

Assombrado, sua garganta constrangida. Assim era como ele luzia? Ele reconheceu seus traços e a expressão em seu rosto, mas havia algo mais no desenho que ele não reconhecia. Algo em seus olhos que ele não sabia que mostrava ao mundo, algo, possivelmente, que só podia ser visto do ângulo que ela o tinha desenhado. O que era?

Ele olhou atentamente a imagem, simultaneamente estudando-o e maravilhando-se. Fosse o que fosse, estava mais que seus olhos. Estava na curva de sua boca e a determinação de sua mandíbula também.

Ele sacudiu sua cabeça. Por sua vida que ele não podia entendê-lo. Mas cada quadro era um reflexo da visão do artista. Se ela o via de aparência tão agradável, bem. Isso lhe deu uma ardente sensação em suas vísceras.

Ele voltou a olhá-la. Ela ainda dormia, respirando profunda e regularmente. Lhe escreveu uma nota rápida.

Inclusive dormida, é formosa. Virei outra vez esta noite.

M.

P.D. Passion Ermagine Diddlemot?

Ele a deixou sobre seu mesinha de noite, onde seria seguro que ela o visse.

Ele desejava voltar a arrastasse na cama com ela.

Mas não podia.

Sentou-se na cadeira perto da lareira para colocar suas meias e sapatos. Ele a olhou outra vez e notou sua mão de finos dedos jazendo com a palma para cima. Essas suaves, prazenteiras, talentosas mãos. Ele sacudiu sua cabeça enquanto se parava. Ele nunca o teria suposto.

O pote de chocolate ainda apoiado sobre a lareira. Ele o olhou fixamente e depois a olhou por sobre seu ombro. Essa tinha sido a maior surpresa de todas, a oferta de chocolate quente.

De repente e de improviso, as palavras de sua mãe surgiram ante ele.

O que? Você acha que ela será sua leal amante para sempre? Não é nada mais que uma novidade para ela.

Seu pescoço ficou rígido com muita dor. As palavras o enfureceram. O pensar que Passion poderia cansar-se do que eles tinham, que poderia cansar-se dele, era mais inquietante do que ele podia explicar. Ele odiava só pensá-lo.

Ainda assim quem era ele para abrigar semelhantes sentimentos? Nunca ninguém tinha mantido seu interesse por mais de quatro meses. E inclusive isso tinha sido estirando sua consideração.

Ele teria que renunciar a Passion em dois meses.

Ele recolheu sua camisola dos pés da cama e aspirou a fragrância que se aderira a ela. Seus olhos se fecharam.

Mas quando se apagaria este anseio por ela?

Quando deixaria de desejar cada próximo momento que pudesse estar com ela?

Ele deixou escorregar a camisola por entre seus dedos.

Por que desejava que dois meses pudessem ser dois anos?

—Me perdoe, Senhora Redington —recitou melodicamente Alfred Swittly —mas você luz justo como me imaginei que Hermia poderia aparecer enquanto ela entra correndo no bosque atrás de seu querido Lysander.

Alfred Swittly dançava a valsa com ela ao redor da lotada pista de baile do pavilhão. Situado no parque do Palácio de Cristal, o pavilhão foi construído depois do Palácio de Cristal. A larga pista de baile, que tinha sido dividida essa tarde para uma festa privada, podia acomodar quase mil casais. As poltronas se alinhavam contra as paredes, e seis salas se estendiam separadas do salão principal.

—Obrigado, Senhor Swittly —Passion forçou um sorriso.

Embora ele parecesse querer comportar-se como se nada absolutamente tivesse ocorrido no Palácio de Cristal, ela se sentia incômoda em seus braços e o terminante estômago dele continuava golpeando-a. Também, embora seus cuidados se esfriaram ligeiramente quando lhe informou que não podia ter filhos, seu entusiasmo foi imediatamente renovado quando ele se inteirou que a prima de Passion estava comprometida com um conde.

Enquanto eles voltavam para onde sua tia e as irmãs Swittly se sentavam, Passion viu John Crossman com elas. Perfeito!

—OH olhe, Senhor Swittly, seu primo. Possivelmente nós deveríamos ir saudar-lo.

—Totalmente correto, Senhora Redington. Totalmente correto.

John Crossman a olhou duas vezes enquanto ela se aproximava, logo um lento sorriso se estendeu através de seus formosos traços. Ele nem sequer parecia ver seu primo, mas lhe estendeu sua mão enquanto ela se aproximava.

—Por Deus, Senhora Redington, está você formosa esta noite —ele beijou sua mão—. Tomo como que você está oficialmente fora do luto.

Ela sorriu e começou a responder, mas Tia Matty falou primeiro.

—Ela certamente o está e já era hora, também. Que uma jovem viúva leve luto por dois anos completos, pergunto-lhe? —ela olhou às irmãs Swittly, que se sentavam a ambos os lados dela—. Um ano, certamente. Dezoito meses, possivelmente. Mas dois anos! Ridículo! Não tenho razão, senhoras?

As irmãs Swittly assentiram energicamente, como sempre faziam. Alfred lhes uniu.

—Tia Matty, por favor —rogou Passion.

John Crossman lhe sorriu compreensivamente antes da voltar-se para sua tia.

—Não posso estar de acordo, Senhora Der. Por que então me tivesse perdido a vista de sua assombrosa transformação.

—Bem, isso é verdade, Senhor Crossman —Tia Matty se abanicou e sorriu orgulhosa a Passion—. Passion tem um colorido pouco comum —admitiu ela—. Não há outra senhora que eu conheça que pudesse levar essa cor. A ela, entretanto, senta-lhe à perfeição.

—Não poderia estar mais de acordo, Senhora Der —disse Alfred—. Não podia estar mais de acordo.

John Crossman deu a mão a Alfred, mas rapidamente voltou sua atenção sobre ela.

Passion alisou a seda acobreada de seu vestido. Ela desejou que Tia Matty não falasse como se não estivesse presente. Mas estava contente que sua tia pensasse bem de seu aspecto. O vestido era austero, embora elegante, bem talhado. Um fino cordão dourado rodeava o decote, ombros, e

costas, e uma bandagem com uma pátina esverdeada cruzava em diagonal através do sutiã. Esta se envolvia uma vez ao redor de sua cintura antes de cair, do centro, descendo por atrás de sua saia. Tomara que Mark pudesse vê-la.

—Passion tem uma particular afeição pela roupa fina —seguiu Tia Matty—. Os passados dois anos, ela esteve relegada às cores de luto. Os Aborrecimentos sobre ela. Mas esta noite, parece-se com uma princesa —disse sorrindo.

—Uma rainha! Uma imperatriz! —Exagerou Alfred.

As irmãs Swittly sorriram e assentiram.

Passion se sentiu ruborizar. De todos os modos ela sentia um prazer quase vertiginoso ao estar envolta em seda acobreada e o adorno com a pátina esverdeada.

Era bom que seu pai não se houvesse oposto ante o gasto em um novo guarda-roupa. Ela desejava que ele pudesse havê-la visto esta noite. Ela sentia falta dele.

John se inclinou e ofereceu seu braço enquanto as primeiras notas de outra valsa começavam.

—Concederia-me você esta dança, Senhora Redington? —ele olhou a Alfred, que pareceu que ia protestar—. Não pode tê-la toda a noite, primo.

Passion tomou seu braço com prazer, e eles deram voltas sobre a pista de baile.

Os acordes da valsa enchiam o enorme pavilhão. Eles deram um passo e giraram passando a um casal depois de outro, até que se perderam entre a multidão de bailarinos. Passion desfrutou muitíssimo. Não tinha dançado em tanto tempo e, embora ela não pudesse desejar menos que ele fosse Mark, John Crossman demonstrou ser um companheiro capaz. Ele a girou em amplos arcos que os mesclou com os outros bailarinos sem um golpe. A música aumentada; ela girava.

—Capitaneia você os navios que constrói, Senhor Crossman? Navega a pista de baile com o passo seguro de um marinheiro.

John sorriu.

—Interessante que você dissesse isso. De fato, nunca capitaneei um navio. Meu pai não o permitia —ele se encolheu de ombros—. Eu era seu único herdeiro. Ele se preocupava.

Passion esperou que a seguinte série de voltas passasse.

—Então quando se embarca?

John riu.

—Não o decidi ainda. Gostaria de uma taça de ponche?

—Sim, por favor.

Ele sorriu e a levou direto à entrada do salão de refrescos.

Enquanto eles entravam, Passion ouviu um sobressaltado ofego a seu lado.

—Passion!

Passion se voltou ante o som da voz de Charlotte. Sua prima se precipitou em seus braços e logo se afastou imediatamente.

—OH, Passion, corri-me até aqui com a esperança de ver-te. Está imponente!

Passion riu.

—Você também!

Charlotte deu um passo ao redor e olhou o cabelo de Passion e as costas de seu vestido.

—OH, Passion, emociona-me ver-te assim. Te permitir escolher a mais perfeita cor —tocou brandamente as douradas rosas acobreadas e folhas esverdeadas no cabelo de Passion—. Onde encontrou estes?

—Charlotte! O que está pensando ao deixar nossa festa? —disse baixo a severa voz de Abigail Lawrence—. Pára de ficar encantada como se ela fosse o porco de cinta azul em uma feira

de povo —ela forçou um sorriso a um casal que passava e depois fixou um rápido olhar irado em Charlotte —. Está dando um espetáculo.

O sorriso se apagou do rosto de Charlotte.

—Mas senhora —John Crossman deu um passo adiante— era um espetáculo encantador —sorriu a Charlotte —. É estranho ver um espetáculo tão espontâneo de feliz admiração de uma mulher a outra —ele fixou seu olhar fixo em Abigail—. Oxalá mais mulheres pudessem ser tão amáveis e seguras.

Abigail sustentou sua língua. Passion sabia que foi só porque ela não conhecia quem lhe estava falando.

—Bem, Passion —disse Abigail autoritariamente—. Não vais apresentar a sua escolta?

Desde sua chegada a Londres, esta era a primeira vez que tinha visto Abigail Lawrence. Nenhuma só vez tinha sido convidada à casa Lawrence. Charlotte sempre vinha a de Tia Matty.

—É um prazer vê-la outra vez, Senhora Lawrence. Minha família envia suas saudações e rezas por seu bem-estar.

Abigail levantou seu queixo.

—Pode você lhes enviar minhas saudações também. E suponho que deveria lhe agradecer por tentar ensinar Charlotte a pintar. Isso foi um valente esforço, estou segura. Mas ela tem coisas mais importantes que fazer agora. E temo que não terei a oportunidade de as convidar, a você e sua tia, a minha casa.

Passion assentiu. Muito melhor, sempre e quando ainda tivesse a possibilidade de ver Charlotte de vez em quando.

Ela se voltou para John.

—Senhor Crossman, me permita lhe apresentar à prima de minha mãe, a Senhora Abigail Lawrence, e sua filha, a senhorita Charlotte Lawrence.

Enquanto John tomava a mão de Charlotte, Abigail se aproximou.

—Você tem alguma relação com os Crossmans da Crossman Shipping, senhor?

John assentiu, mas manteve seus olhos sobre Charlotte.

—Sim, senhora.

Abigail levantou suas sobrancelhas com arrogância para Passion, como se dissesse, "Meu Deus, não o fazemos bem por nós mesmos e não é surpreendente? "

—Bem —Abigail sorriu tão calorosamente como pôde— é muito agradável havê-lo conhecido, Senhor Crossman. Espero que você nos perdoe, entretanto. Estamos comprometidos esta noite para uma festa privada no outro lado do pavilhão; é a primeira saída de noite de minha filha com seu prometido —Abigail tomou o braço de Charlotte—. Vamos, Charlotte, não queremos fazer esperar ao conde.

Charlotte se atreveu a fazer esperar Abigail um momento enquanto ela fazia uma pausa para dar um beijo de despedida em Passion na bochecha.

—Luzes formosa, e sinto o de sua Mãe —sussurrou ela antes de que Abigail conseguisse separá-la.

Passion suspirou.

—Supõe você que sua vassoura está no guarda-roupa? —perguntou John.

—Sua o que?

—Sua vassoura —John enlaçou seu braço com o de Passion—. Não é assim como a Senhora Lawrence chegou esta noite, sobre uma vassoura?

Passion riu enquanto ele a conduzia à mesa de refrescos.

—Chegamos tarde — comentou Matt—. Mamãe estará molesta.

Mark se encolheu de ombros enquanto eles entravam no pavilhão.

—Quanto menos tempo tenha que passar em exposição, melhor.

Matt sorriu.

—Você realmente odeia isto, verdade? —eles fizeram uma pausa justo na entrada—. Isto não é só pelo bem de Mamãe. É por sua noiva também. Os convites das bodas estão sendo entregues. Se não pôr boa cara nisto, a nobreza a condenará ao ostracismo.

Mark levantou suas sobrancelhas. Convites? Assim que ele tivesse essa carta, ele enviaria as notas de cancelamento.

—E o que. Quem necessita sua aceitação? —ele fez um gesto às altas cortinas e cordas de seda que separavam a nobreza da pequena nobreza e a classe média acomodada que enchia o resto do pavilhão—. Olha-os, todos em cachos aqui juntos. Eles não são melhores que a gente do outro lado dessas cortinas, como se o céu proibisse que eles devessem dignar-se a mesclar-se.

Matt o agarrou pelo ombro.

—Desce desse alto cavalo, sim? Lorde Fitzgerald esteve planejando este acontecimento durante semanas. E embora um pouco original para a primeira aparição pública de sua prometida e você, é na realidade perfeito. Todos estarão aqui. Inclusive o Príncipe Albert pode aparecer —Matt arqueou uma sobrancelha—. E já que eu não te vejo te tornando um marido adorável, o menos que pode fazer é fazer um bom espetáculo disto e te assegurar que sua futura esposa tenha alguma companhia.

Mark franziu o cenho. Sua futura esposa estava sendo forçada a aceitá-lo e se podia ir ao diabo no que a ele concernia. Mas Matt não sabia isso. Matt era bom e decente e queria que Mark o fosse, também.

Maldição, ele odiava lhe mentir.

Ele assentiu a seu irmão.

—Suponho que posso suportá-lo durante um minuto ou dois.

Matt sorriu abertamente.

—Excelente.

Mas resultou que sua tolerância não durou nem sequer esse tempo. No momento que viu sua mãe e a Abigail Lawrence de pé juntas, sua cólera aumentou. Charlotte estava ali, também, de pé ao lado de sua mãe.

Tomou uma vontade de ferro manter sua cara relativamente em branco enquanto se movia entre a multidão. Todos os que não estavam dançando, e muitos dos que o estavam, pareciam olhá-lo. Viu-se obrigado a cabecear saudações, dar a mão, e inclinar uma e outra vez antes de alcançar às três mulheres que o esperavam.

Elas sorriram enquanto ele se inclinava ante elas.

—Senhora Lawrence. Mãe —ele se inclinou ante Charlotte—. Senhorita Lawrence.

Ante uma quase imperceptível cotovelada de sua mãe, Charlotte levantou sua mão. Cristo, ela era nada mais que uma maldita marionete, movendo-se pelas ordens do professor a seu lado.

Ele tomou sua mão e se refreou de esmagar seus brancos dedos enluvados com os seus quando se inclinou e tocou com seus lábios a pelica.

Liberando-a rapidamente, ele apresentou a Matthew. Seu irmão foi tão encantado como sempre, e Lucinda sorriu com orgulho por seu filho favorito.

Enquanto Matt solicitava a segunda dança com Charlotte, Abigail Lawrence deu um passo aproximando-se de Mark. Ela sorriu amplamente, mas seu tom foi de gelo.

—Jamais você volte a manter esperando a minha filha e a mim. Ouviu-me?

—Foda-se. —murmurou ele.

Tenso pela fúria contida, ele olhou a sua mãe. Ela só o olhou.

E que diabos esperava ele? Que ela viesse em sua defesa, que dissesse algo para deter a odiosa Lawrence, que, de algum infinitesimal modo, demonstrasse que ela era sua mãe assim como a de Matthew?

Isso nunca aconteceria. Isso nunca aconteceu.

Sua cabeça palpitou. Ele se odiava durante estes momentos de debilidade. Eles só ocorriam quando era forçado a estar em presença de sua mãe e Matt juntos, o que em geral conseguia evitar.

Ao menos, depois de sua discussão do dia anterior, ela teve o bom senso de permanecer em silêncio.

Ele se voltou para Charlotte. Ela sorriu docemente. Ele odiava isso, seu açucarado sorriso. Ele queria arrancar-lo de seu rosto. Talvez isso golpearia algum pequeno sentido na moça. Seu sorriso se murchou.

Ele ofereceu seu braço.

—Dançamos, senhorita Lawrence?

E assim foi durante as intermináveis seguintes duas horas. Enquanto era obrigado a suportar o constante controle de sua mãe e de Abigail Lawrence, quem continuamente o atava ao pé de Charlotte, ele alternou entre distintos graus de frustrante fúria e raiva.

Ele suportou suas maquinações, e as repugnantes diretivas de Abigail Lawrence, pensando em Passion. Se tinha que rir, ele pensava nela. Se tinha que falar cordialmente, ele pensava nela. Se ele dançava com qualquer das três mulheres que odiava, ele sonhava com ela.

Mas agora, ele se sentia perto de quebrar-se. Ele tinha escapado momentaneamente e estava de pé com os Benchleys, embora sua mãe estava vindo para ele. Abigail Lawrence, com Charlotte a reboque, tentava dar um passeio de maneira casual.

Ele tinha que escapar. Sem uma palavra a Matt ou aos Benchleys, saiu da área protegida e se introduziu entre a multidão que formada redemoinhos. Ele respirou mais fácil. De verdade, quanto mais longe ele ficava do final do salão, melhor se sentia.

Logo, ele se iria e iria com Passion. Então ele poderia esquecer a miserável noite. Tomando um calmante e profundo fôlego, ele fez uma pausa a um lado da pista de baile para olhar aos bailarinos.

Ela atraiu sua atenção imediatamente.

Ele a olhou fixamente por detrás enquanto ela dançava com o homem. Seu espesso cabelo castanho, decorado com rosas brunidas de ouro, estava retorcido e trançado em um estilo intrincado que só ocultava sua nuca. Enquanto ela se movia, ele notou o jogo de seus ombros nus e a curva de sua cintura rodeada por uma bandagem seda. Ele conhecia a sensação dessa cintura.

Mas como podia ser? Ele olhou com cenho franzido o lustroso brilho acobreado de seu vestido. O cordão dourado brilhava descendo através de suas costas e ombros. Seu companheiro era um alto, atrativo jovem, não o grande caipira. Não podia ser; ela não podia estar aqui, não com esse vestido, e não com esse homem.

Seu estômago caiu enquanto ela girava elegantemente.

Era Passion, luzindo como ele nunca a tinha visto.

Ela não o viu. Sorria amavelmente a seu companheiro enquanto falavam. Ela o estava passando bem.

Uma quente labareda de ciúmes o queimou. Ele estava invejoso, não só de sua felicidade, se não de ser excluído dessa felicidade. Enquanto ele tinha estado sofrendo fúria e desdita, ela tinha estado divertindo-se.

Seu coração esmurrou em seu peito. Deus, ela era formosa. Ele a desejava. Ela era dele, maldita seja!

Matt passou ao lado dele e olhou a pista de baile. Mark soube, pelo assobio baixo de seu irmão, o momento em que ele tinha descoberto a Passion.

—Cristo, ela luz formosa —comentou Matt.

—Você não viu o mais formoso dela —respondeu Mark.

Matt o olhou, mas Mark manteve seus olhos sobre Passion. Parecia haver uma certa comodidade entre ela e seu companheiro. Ele odiava isso. Mas sobre tudo, ele odiava ao homem por ser capaz de dançar com ela mais que nada. O facilmente que a sustentava através dos passos.

Inspirando profundamente, ele olhou para o outro lado do pavilhão. Os topos das altas cortinas estavam tão distantes. Ele poderia escapar?

—Eu não o faria, se fosse você —disse Matt baixinho—. O modo em que a alhas, o modo em que ela te olha, qualquer que os veja saberá.

Mark franziu o cenho.

—Somente uma dança.

Matt agarrou seu braço.

—Quer arruiná-la? Seu tem uma reputação, irmão. E tanto como você gostaria de acreditar que todos os do final do salão estão escondidos atrás daquelas cortinas, asseguro-te, vi a muitos passeando por aqui —seu apertão se fez mais forte—. Qualquer que te conheça assumirá que está transando com ela, coisa que faz. Haverá perguntas sobre quem é ela. Realmente quer isso?

O cenho de Mark se fez mais profundo enquanto olhava a Passion.

—Não.

Matt liberou seu braço.

—Além disso, é um homem comprometido agora. Você, não pode dançar com quem te agradar. Ao menos não quando sua noiva está no outro salão.

Os ombros de Mark se esticaram. Ele odiava que lhe dissessem o que não podia fazer.

A música terminou. O companheiro de Passion a tirou da pista e em seguida partiu depois de uma breve troca de palavras.

Ah, estava o grande caipira. Ele abandonou a Passion e começou a expor sobre algo. Embora ela sorria, Passion luzia cansada. Ela pressionou a palma de sua mão sobre sua testa, enquanto a mulher mais velha ao lado dela a olhava atentamente através de um monóculo.

Demônios, queria tomá-la em seus braços e levá-la a sua carruagem. Ele a levaria a casa com ele, tiraria-lhe seu vestido acobreado, e a deitaria em sua cama. Ali, ela poderia dormir todo o tempo que necessitasse e ele a manteria para ele.

Ela disse algo à mulher e ao caipira, em seguida se voltou para enfrentar a pista de baile. Seus olhos percorreram lentamente os casais dançando, chegando cada vez mais perto dele.

Suas vísceras se apertaram. Me encontre, Passion. Me olhe.

Ela estava perto, tão perto. Sua cuidadosa busca fez uma pausa em algum lugar à esquerda dele.

Se ele não podia ir a ela, ao menos deixa-a que me veja, lhe deixe saber que ele estava ali, desejando poder estar com ela.

Seu olhar seguiu seu caminho. As mãos dele se apertaram em punhos a seus lados.

Aí, tão perto. Agora!

OH, Deus... Seu queixo se levantou e seus lábios se separaram, como se ela tivesse suspirado. O tranqüilo desinteresse desapareceu de seus olhos, e estes se encheram com a mais

terna alegria e desejo. Ela o sustentou no abraço de seu olhar e o tocou com uma implorante carícia.

Seu sangue se encrespou e seu coração se elevou.

—Jesus Cristo —murmurou Matt.

As mãos de Passion se levantaram, uma a seu lado, a outra a seu estômago. Seu peito se elevou e, com uma rápida palavra à mulher com ela, ela girou e escapou.

Sim! Vá-te.

Mark deu um passo adiante. Encontrarei-te.

Matt agarrou seu braço.

Ele voltou o olhar para seu irmão.

—Deixe-me ir.

Capítulo Onze

Valsas e Feridas

Passion mal ouviu os protestos de Tia Matty enquanto se escapulia. Depois de sair do pavilhão, encaminhou-se na direção oposta à multidão que convergia para observar os foguetes. Recolhendo as saias, correu por um dos caminhos bordeado de estátuas. Não olhou para trás, mas sim continuou correndo afastando-se cada vez mais.

Seguiria-a? Esperava que o fizesse.

Então por que corria?

Era a única pessoa que percorria o caminho. A música do pavilhão soava distante. Colocou-se atrás da estátua de um enorme leão.

Por que se ocultava?

Pressionou as palmas de suas mãos e sua testa contra a suave base de mármore da estátua. Resultou-lhe fresca e calmante contra sua acalorada pele.

Depois de uns instantes, uma sombra apareceu atrás do canto da estátua. Fechou os olhos quando a débil essência do limão tocou seus sentidos.

—Estive lhe desejando toda a tarde —disse brandamente.

—E eu a ti. —lhe respondeu ele.

Sentiu como seu corpo vibrava. Separou-se da estátua.

Ele cortou a distância que os separava. Era tão incrivelmente formoso.

—Não me disse que deixaria o luto —lhe disse.

—Não.

Fez uma pausa ante aquilo.

—Deveria me haver dito isso.

—Por que?

Ele traçou sua clavícula com o dedo.

—Porque quero saber essas coisas.

Um tremor se deslizou sob a pele dela.

—Porque quero te conhecer —disse ele brandamente.

Passion elevou seu olhar para ele. O que estavam iniciando? Um nível mais alto de intimidade só faria que resultasse ainda mais difícil a separação.

Lle havia dito, não acredito em relações duradouras.

Não deveria permiti-lo.

Mas como podia resistir a algo que queria tão desesperadamente?

Deixou a um lado a fria lógica e seguiu a seu coração.

— Também quero te conhecer.

Apoiou-se nele e sentiu como a abraçava. Por que era como estar no céu?

— Estava cansada — disse ela —. Não danço a muito tempo. Desfrutei-o, mas ao cabo de um momento me cansei de desejar que meu companheiro de baile fosse você. Quis partir — deslizou a mão até sua nuca e elevou a vista para ele —. Pensava em ti e de repente apareceu.

Ele a reteve com esse intenso olhar. Uma grossa mecha de cabelo caiu sobre sua testa. Agitou a cabeça negando.

— É diferente de todas as mulheres que conheci.

— Acredito que isso é bom.

Ele baixou sua cabeça.

— É-o.

Beijou-a terna e profundamente.

E quando ele começou a afastar-se, ela tomou o comando, desfrutando ante sua resposta, a pressão de seu corpo e de seus braços, o profundo gemido que exalou.

O acorde de outra valsa viajaram pelo ar.

— Dança comigo — murmurou ele contra os lábios dela —. Dança comigo.

Começaram lentamente, mas conforme ia aumentando a distante música, giraram e giraram sobre a úmida erva.

Seu coração pulsava apressado.

Seu branco pescoço brilhou à luz da lua. Seu corpo pressionado contra o dela. Seu resplandecente sorriso.

Ela riu, e sua saia voou a suas costas.

Uma explosão estalou sobre eles. Um brilhante fogo choveu na noite.

Ainda assim, dançaram sem cessar, enquanto as explosões de cores se sucediam, iluminando o céu.

O coração de Passion elevou o vôo.

Certamente, esta felicidade era um presente de Deus, pois só Ele poderia criar uma noite tão perfeita como esta.

Mark inspirou o frio ar da manhã e sorriu enquanto se permitia entrar em casa. A noite anterior tinha sido uma tortura até encontrar Passion. Depois disso, tinha sido pura felicidade.

Atravessou o escritório. Tomaria uma taça e depois se deitaria. Onde estava Cranford?

Deteve-se na entrada e gemeu. Matt estava apoiado na janela.

— Merda. Imagino que segue sendo um madrugador — retirando o cabelo para trás, dirigiu-se ao divã e se deixou cair —. Sei que te disse que poderia vir quando quisesse, mas está começando a desgastar essa boa-vinda.

Matt permaneceu junto à janela.

— Teve uma noite agradável?

Mark ficou rígido ante o tom de seu irmão. Só podia distinguir sua silhueta desenhada pela luz que entrava atrás de suas costas.

— Sabe que a tive.

— Bom dia, milord — Cranford entrou levando uma fumegante bandeja de café da manhã.

— Bom dia, Cranford. Traz aqui essa bandeja, sim?

Seu mordomo não duvidou em nenhum momento.

— É obvio, milord.

Mark esperou que Cranford colocasse a bandeja. Enquanto seu mordomo vertia o café, o silêncio na estadia se agudizou sob o suave tinido da porcelana contra a prata.

—Necessita algo mais, milord?

Mark manteve os olhos sobre seu irmão.

—Não, obrigado, Cranford.

Seu mordomo fechou a porta do escritório com um ligeiro estalo.

—Agora – franziu o cenho para Matt – se te conhecer, o que faço, sei que tem muita vontade de tomar o café da manhã. Se o quiser, terá que te aproximar para tomá-lo. E não estou de humor para agüentar sua teima. Se não poder dizer de uma maldita vez o que tem que dizer, não me incomode.

Matt permaneceu quieto tão só um momento, antes de aproximar-se para sentar-se no divã em frente. Amontou em um prato ovos, salsichas, uma torrada com manteiga e frutas, junto com uma cerveja, e apoiou os cotovelos sobre suas pernas estendidas.

—É uma forma malditamente incomoda de tomar o café da manhã — resmungou.

Mark levantou seu café e descansou os pés sobre a mesa, acomodando-se sobre o divã. Deixou que seu irmão comesse. Desde meninos, Matt tinha tido um apetite voraz pela manhã. Mark estava convencido de que o motivo pelo qual seu irmão se levantava tão cedo era porque os grunhidos emitia que seu estômago lhe despertavam.

—Recorda quando na escola, escondia parte do jantar na jaqueta para assim poder comer isso pela manhã?

Matt sorriu enquanto mordida a salsicha e fez um gesto afirmativo. Deixou o prato e bebeu lentamente o café.

—Recorda quando aproveitava para furtar e me conseguir bolinhos quentes se isso não era suficiente?

—Sim.

Mark teve uma clara visão de sua mãe agitando o dedo para ele.

—Assegurará-te que a Matt não falte nada, ouve-me? Espero que lhe cuide.

Fez o que lhe pediu.

Nunca o agradeceu ou lhe elogiou.

Suas sobrancelhas se elevaram para depois descer. Não importava. O teria feito de todos os modos. Passaram bons momentos. Eles sozinhos, longe de sua influência.

A voz de Matt lhe tirou de suas lembranças.

—Por que não me conta que diabos está fazendo.

—O que quer dizer?

—Refiro-me ao assunto que tem com Charlotte Lawrence — Matt afiançou os cotovelos sobre seus joelhos e se inclinou para frente —. Por que te comprometeste?

A tensão cobriu os ombros de Mark. Tirou os pés da mesa.

—Porque quero herdeiros.

—Essa é a única razão?

Demônios!

—Como plebéia ficou tão agradada com o fato de ser condessa que renunciou ao longo noivado necessário para a gente de nossa classe. Tampouco tenho que suportar asquerosas negociações matrimoniais com nenhum aristocrata faminto de dinheiro ou prestígio como seria o habitual com um futuro sogro.

Ele se estremeceu. Tinha-o tentado. Mas maldito seja, ao menos isso era certo.

—E esta senhorita Lawrence, é uma sem desejos de dinheiro ou prestígio? Há dito que é feliz com o simples feito de converter-se em condessa. E que passa com a mãe? Cristo, podia-se ver a avareza a sessenta passos —franziu o cenho—. Eu não gosto. Apesar de seus sorrisos e sua adulação, chateia-me —Matt lhe assinalou com o dedo—. E sei que você também o sente.

Graças a Deus, agora podia dizer a verdade.

—Não. Eu não gosto. Absolutamente.

—Então esquece esse compromisso. Encontra a maneira de suspendê-lo. Toda esta história está mal.

—Caso-me com a filha, não com a mãe.

—OH, bem. Sinto muito, esquecia que a conhece muito bem — disse Matt, com sarcasmo—. Me dou conta que a adora e de quão excitado estás por começar a criar esses herdeiros dos que falas. Cristo, morria por sair dali. O que me traz de volta a minha verdadeira opinião —continuou.

Mark se ergueu e se esfregou a testa com gesto dolorido.

—Acreditei que já me tinha dado sua “verdadeira opinião”. Há outra? Hei-te dito que fosse malditamente direto.

—Te cale e me olhe! —grunhiu Matt.

Que diabos? Totalmente encolerizado, Mark deixou cair a mão e elevou os olhos para seu irmão.

Por que Matt parecia tão tenso como ele?

—Fixou-te em como te olhava Passion ontem à noite? —a voz de seu irmão era dura—. Te deu conta?

—Certamente que o vi —estalou Mark.

Não gostava que Matthew falasse dela. Pertencia-lhe, e não queria que seu irmão a manchasse com algo que dissesse.

—Isso é quão único tem a dizer? Certamente que o vi? —Matt se passou a mão pelo cabelo, sacudiu a cabeça e depois olhou a Mark—. Vou te dar um conselho e quero que o siga —se inclinou para frente—. Te case com Passion. Tenha seus herdeiros com ela. Coincide com suas exigências de esposa comum. E ainda com o pouco que a conheço, não posso evitar pensar que sua família será uma presença menos repugnante que a da Sra. Lawrence, quem, por certo, é uma maldita cadela.

Mark observou fixamente a seu irmão. Casar-se com Passion? Como poderia casar-se com Passion? Não tinha intenção de casar-se com ninguém.

Tinha-a?

Casar-se com Passion.

—Não posso —disse finalmente.

—Por que demônios não?

—Passion não pode ter filhos.

Não era a verdadeira razão, embora fosse certo, e servia como desculpa.

O gesto de Matt se escureceu, para no instante seguinte se iluminar com uma indecisa esperança.

—Realmente importa? Certamente Rosalind e eu teremos um filho ou uma filha e lhe podemos batizar com seu nome. Enquanto o moço leve sangue Hawkmore em suas veias, o que importa se for teu ou meu?

Cristo maldito! Mark pressionou as mãos contra seus olhos. Sentiu como sua garganta se contraía. Isto era endemoniadamente muito.

—Ela é perfeita para ti, Mark. É única. Não a deixe escapar. Não o faça.

Mark se levantou e se dirigiu para a janela. Olhou ao exterior sem ver nada. Tudo estava mal! Tudo estava completa e absolutamente mal!

O irmão ao qual amava, que era só seu meio-irmão, tentava desesperadamente lhe dar a felicidade. O problema era que Matt não sabia tudo. O problema era que Matt vivia enganado. O problema era que Matt não tinha nem maldita idéia de nada e, apesar de tudo, estava toda a razão.

O problema era, doía como o inferno admiti-lo, que não queria lhe passar o título ao neto de um jardineiro.

Seus olhos se cobriram de vergonha. Não era melhor que aqueles que criticava.

—Aprecio o que tenta fazer —disse entre dentes—. Mas já tomei uma decisão.

O silêncio planou pesadamente na estadia.

—Então deixa que Passion se vá.

Mark sentiu como se paralisava seu coração.

—Não quero.

—Tem que fazê-lo.

Girou-se e se encaminhou para seu irmão.

—Hei dito que não.

Matt se levantou; sua testa mostrava o carrancudo de seu olhar.

—Vais fazer-lhe mal. Sei que o fará.

Mark tremeu e apertou os punhos a seus flancos.

—Abusaste de suas boas-vindas.

Matt lhe olhou longamente, depois passou a seu lado.

Escutou como abria a porta e depois a voz de Matt.

—Perdoarei-te isto. Pode que até Passion te perdoe. Mas não sei como vais conseguir perdoar a ti mesmo.

O suave estalo da porta ao fechar-se ressonou em seus ouvidos como um trovão.

—Francamente, Tia Matty! —Passion metade ria metade franzia o cenho—. Faz que seja muito difícil te desenhar, ao não permanecer quieta.

—OH, pelo bem do céu, sabe o desesperadamente difícil que é para mim me manter imóvel. De todos os modos, Quanto tempo necessita para me fazer um retrato?

—Horas. Até dias.

—Horas! Dias!

Charlotte entrou no solário.

—OH, Charlotte. Graças ao céu que está aqui —Tia Matty ficou de pé de um salto—. Se sentaria um momento aqui por mim, verdade? É uma boa garota. Simplesmente me moverei um pouco, ou de outro modo sofrerei algum tipo de ataque!

Passion sorriu a Charlotte, enquanto Tia Matty claramente fugia do solário.

—Esta é minha primeira tentativa de fazer um retrato a óleo e já perdi a minha modelo.

Charlotte inclinou a cabeça para um lado.

—Estava acostumado a dizer que seria uma retratista —se aproximou para observar o que Passion tinha estado fazendo—. Mas isso foi faz muito. Pensei que tinha abandonado essa idéia.

—Fiz-o.

Charlotte prestou atenção ao esboço.

—O que te fez mudar de idéia?

Mark tinha mudado seus objetivos.

Ruborizando-se, encolheu-se de ombros.

—A verdade, é que não tem importância. Recordei quanto eu gostava. Então alguém me disse quão talentosa era, alguém que nunca mente. E recuperei a fé em mim mesma.

Charlotte examinou o desenho.

—Tem talento.

Passion olhou a sua prima. Seu tom de voz carecia de sua habitual ligeireza, e seus encantadores traços se mostravam sérios. Ao pensar nisso, percebeu que não se riu ao observar como Tia Matty fugia da estadia.

—O que passa, querida?

Charlotte se deixou cair na cadeira.

—OH, Passion, ontem à noite foi horrível.

Passion deixou de lado o tecido junto com seu desenho e aproximou uma cadeira.

—Por que? O que aconteceu?

—Não sei. Tudo. O conde chegou tarde e mamãe estava furiosa por isso. Já sabe como é. Queixa-se de tudo, quando esta zangada, sobre tudo de mim.

—Querida, não deve tomar isso tão a sério. É boa e amável. E ontem à noite estava preciosa. Não tive oportunidade de lhe dizer isso mas parecia um anjo —sorriu—. Lhe juro isso, John Crossman quase não podia tirar os olhos de cima de ti.

Os lábios de Charlotte tremeram.

—Então deveria haver-me comprometido com John Crossman, porque acredito que meu noivo me odeia.

—O que? —Passion abraçou impulsivamente a Charlotte—. Deve estar confundida. Por que pensa isso?

—Vi-o em seu rosto, Passion, no instante em que chegou. Olhou-me como se fosse alguém vil.

—Sentiu-se assim toda a noite?

—Não. A maioria do tempo pareceu não ver-me.

Passion se afastou e segurou as mãos de Charlotte entre as suas.

—Bem. Falou contigo? Dançou contigo?

—Falou muito pouco. Mas dançamos —Charlotte olhou suas mãos entrelaçadas—. Suponho que resultou ser o melhor da noite. Houve momentos em que senti, possivelmente, que podia lhe gostar dele —Charlotte elevou seus cinzentos olhos, e eles continha uma certa esperança—. Momentos nos que me sustentou mais perto e seus olhos pareceram abrandar-se. Mas só foram alguns momentos.

Passion pensou em Mark e em sua dança sob os foguetes. Sentia profundamente que Charlotte não pudesse viver uma parte dessa felicidade.

—Um momento já é algo —propôs—. Sei que não estive lá, mas simplesmente foi sua primeira saída pública juntos. Apenas lhe conhece, Charlotte. Possivelmente seu noivo tem aversão às reuniões sociais. Possivelmente simplesmente seja um homem tranquilo e estóico, de natureza séria.

Charlotte agitou a cabeça.

—Seus sorrisos em nenhum momento chegaram a alcançar seus olhos, Passion.

—Ah, mas sorriu. Já sabe que, antes de que estivessem casados, minha mãe pensou que meu pai não a queria. Estava acostumado a nos dizer que apenas lhe falava e poucas vezes lhe sorria. A verdade era que meu pai estava apaixonado por ela, e por esta razão, estava tão nervoso ao estar a seu lado, que não podia lhe falar de seus sentimentos. Isso fez que quase a perdesse para outro homem, antes de conseguir reagir.

Charlotte franziu a testa.

—Acreditas que poderia ser este o caso?

—Isto é distinto. Recorda, Charlotte, ele lhe pediu isso. Por que o teria feito se não te quisesse?

—É algo que sigo me perguntando.

Passion recordou nesse momento sua confrontação com Abigail Lawrence.

—Outra coisa, Charlotte. Antes me hás dito que tinha aversão a sua mãe, e que até parecia zangado com a sua. Ontem à noite não estavam as duas mulheres ali?

—Sim.

—Então é possível que seu comportamento tivesse mais que ver com elas do que contigo. Ou possivelmente... —Passion reconsiderou como dizer a sua prima que tinha que ser menos covarde—. Possivelmente acredita que estás muito influenciada por sua mãe. Possivelmente acha que se misturará em suas vidas constantemente, ou, como sugeriu, que possa te parecer ou ser como ela.

Charlotte a olhou surpreendida.

—Se não fosse minha mãe, também me assustaria. É minha mãe, e me assusta.

Passion conteve um sorriso.

—Como boa filha, deve ser obediente e respeitosa, como Deus manda. Mas se permitir que saia um pouco mais de sua personalidade, possivelmente teria a fé de que chegado o momento não sairá em seu contrário. É a única maneira de que ele possa saber que não te parece com ela.

Charlotte fez um gesto afirmativo.

—Sei que devo ser mais forte —apertou as mãos de Passion—. Serei mais forte.

—Temos visita, queridas —Tia Matty precedia a John Crossman—. Por favor sente-se, Sr. Crossman, e pedirei o chá.

—Boa tarde, Sr. Crossman —lhe sorriu Passion enquanto afastava sua cadeira de Charlotte—. Conhece minha prima, a senhorita Lawrence.

John se inclinou sobre a mão de Charlotte.

—interrompi algo? Posso vir em outro momento.

—Não, por favor, una-se a nós. Simplesmente comentávamos o acontecido na noite de ontem. Não é uma maravilha o parque?

—É-o —John tomou assento ao lado de Charlotte e prosseguiu—. Não tive a oportunidade de lhe comunicar meus melhores desejos no referente a seu compromisso, senhorita Lawrence. Sua mãe me disse algo referente a um conde. Quem é seu futuro marido?

—Obrigado, Sr. Crossman. Estou comprometida com Randolph Hawkmore, o conde de Langley.

—Seriamente? —as sobrancelhas de John se elevaram mostrando sua surpresa—. Sou conhecido de sua senhoria.

Charlotte se inclinou para frente.

—Conhece-lhe?

John fez um gesto afirmativo.

—Só sua reputação. Mas é um grande investidor do Crossman Shipping. Meu pai lhe conhecia.

Passion lançou um olhar para Charlotte.

—Se não se importar, Sr. Crossman, nos fale de sua reputação. Seu pai comentou alguma vez o que pensava dele?

—A diferença de muitos de sua classe, é um homem com bom sentido do negócio. Portanto, a meu pai agradava muito. Quanto a sua reputação... —fez uma pausa e olhou a Charlotte—. Conhecem por sua honestidade e integridade. E a diferença da maioria de sua classe, não é encontrado freqüentemente nas mesas de jogo ou o hipódromo —vacilou—. A verdade é que alguns lhe vêem como uma pessoa bastante severa e do tipo misantropo. Mas seus amigos são poucos e muito próximos, portanto quem sabe na realidade como é?

A esperança cobriu a Charlotte.

Passion riu aliviada.

—Aí esta. Vê Charlotte?

—Chá? Alguém há dito chá? —disse Tia Matty quando entrou—. Deus benza à Rainha, e Deus benza ao chá! Já está em caminho!

Passion e John intercambiaram sorrisos.

Charlotte riu.

Mark estava atrás da escrivaninha e observava os desenhos pulverizados por toda a superfície. Em geral o trabalho o fazia sentir-se bem, mas hoje não. Desde seu café da manhã com Matt, tinha estado tentando compreender suas emoções.

Embora havia sentido sempre certo pesar ante a idéia de não ter filhos próprios, tinha-lhe consolado o fato de poder passar seu condado a um filho de Matthew. Mas naquele momento aquilo significava a morte de sua linhagem e continuava vendo o rosto de seu pai.

Com um grunhido de frustração, lançou o lápis sobre a mesa e se dirigiu à janela. Seu jardim estava repleto de flores. Tinha-o desenhado bem, cuidando cada detalhe. Mas tampouco lhe ajudou a relaxar-se.

Passion seguia ocupando seus pensamentos. Perguntou-se quanto influiu em seus sentimentos. Não porque desejasse que pudesse lhe dar um herdeiro, que não poderia, mas sim por que o fazia exigir-se mais a si mesmo.

Antes de conhecê-la, tinha acreditado que sua vida, em sua maior parte, estava já estabelecida. Continuaría da mesma maneira, desfrutando de tudo o que pudesse de seu papel de tio, e seu trabalho seria o mais importante de sua vida.

Mas Passion lhe tinha inspirado uma completa gama de novas emoções e desejos. Agora sentia como se sua vida anterior tivesse estado vazia e fria.

Franziu o cenho. Não estava seguro do que queria, mas sabia que não era o que tinha sido antes.

Um golpe soou sobre a porta e a cabeça de Crandfor apareceu.

—Me perdoe milord, mas o Sr. Wilkes solicita ser recebido.

Cristo bendito, permite que o tenha encontrado!

—Lhe deixe passar.

Mickey passou majestuosamente pela frente de Cranford, e Cranford fechou a porta a suas costas um pouco mais forte que o normal.

—Conseguiu-o?

Mickey tirou o chapéu.

—Não, milord. Ainda não, todavia não averiguo nada. Mas pensei que devia lhe mantenha informado de minhas pesquisas e por isso que venho.

Mark cruzou os braços sobre o peito.

—Esteve no pavilhão toda a tarde. Imagino que o primeiro que fez foi procurar em seu quarto?

—Fiz-o milord, fiz-o. Encontrei um montão de cartas. Mas temo que não a que o senhor pretende. Hei conseguido —elevou um magro dedo—me congarçar com uma das criadas de cima. E no primeiro dia de trabalho em casa de Lawrence já sou menino dos recados.

—De verdade?

Assentiu com a cabeça orgulhosamente.

—Pois sim, milord. Há muitas maneiras de esfolar a um gato, como se diz. Sempre há uma forma, se souber qual é, verdade. E lhe direi algo —se inclinou apoiando-se indolentemente contra o respaldo do sofá.

Mark o permitiu.

—Resulta que todos ali sabem que a Senhora Lawrence é uma verdadeira trapaceira. Todo mundo a odeia —Mickey entortou os olhos—. O que nos vem bem, senhor. Pois quando todos lhe odeiam, fazem o que seja para te apertar as cavilhas. Por isso —pisou os olhos— estou pensando que nos havemos conseguido uma casa cheia de ajudantes.

Mark recordou como notou a brincadeira do mordomo, quando visitou Lawrence. Assentiu.

—É muito impressionante. Entretanto, use-os se puder. Mas em caso de que se equivoque, não devem saber seu verdadeiro objetivo.

—Por suposto que não. Só é um truque, verdade? Sou um profissional, isso sou. Sou uma mosca sobre a parede, isso sou. Tão inocente como um bebê, isso sou. O Mickey nem pensa em se meter com ninguém. Amos é um moço muito simpático, isso é o que é o Mickey —sorriu descaradamente— Isso é o que dizem eles de mim, milord.

Mark fez gestos afirmativos.

—Excelente, Mickey. Excelente —se dirigiu ao moço e lhe levantou do sofá lhe sujeitando pelas lapelas. Uma vez em pé, arrumou-lhe a enrugado tecido com as mãos—. Agora me escute. Quero essa carta. E a quero logo —compôs um pequeno sorriso—. Utilizará tudo o que possa esses dedos tão ágeis que tem para consegui-lo. Entende?

—A perfeição, milord. A perfeição.

—Bem. Pois volta para o trabalho.

Mickey colocou o chapéu de novo sobre a cabeça com um sorriso zombador.

—Bom dia, milord.

Mark se colocou atrás da escrivaninha quando o moço partiu. Sentiu-se melhor do que se sentiu durante todo o dia. Apesar de sua juventude e sua fanfarronice, Mickey Wilkes era tão preparado como um látego. E a verdade é que tinha obtido bastante em só um dia.

Mark recolheu o lápis.

Mickey encontraria a carta.

Desaparecia depois da sombra das colunas.

Obteria-o.

Capítulo Doze

Amor

Passion se recostou no carro de aluguel e colocou bem o véu negro que havia posto. A excitação percorria suas veias. Tinha passado mais de uma semana desde que tinha saído do luto. Embora suas noites as tinha passado com Mark, seus dias e tardes tinham estado ocupadas com quase constantes visitas e excursões. Charlotte vinha quase todos os dias, embora fosse por pouco tempo, a maior parte para reafirmar-se sobre seu noivo e as bodas. Pelas tardes, a tia Matty a tinha

acompanhado a eventos sociais, e se tinham unido habitualmente Alfred Swittly e John Crossman, quem, felizmente, matizava o comportamento excessivamente ciumento de Alfred.

Mas hoje ela havia dito a sua tia que ia fazer algumas compras. Quando tia Matty protestou, Passion lhe recordou que era perfeitamente aceitável que uma viúva saísse um pouco só durante o dia.

É obvio, não ia às compras. Estava indo a casa de Mark. Um estremecimento de ansiedade a percorreu ante o risco que tomava. E um indício de remorso gotejou por ela por mentir a sua tia. Embora sabia que não desculpava seu comportamento, decidiu que pararia em algumas lojas no caminho de casa, para não ser de todo falsa.

Uma ligeira chuva começou a cair no telhado da carruagem enquanto se detinha até parar-se. Passion lançou uma olhada pela janela. Só havia umas poucas pessoas rua abaixo. Parecia seguro. Depois de pagar ao condutor, saiu e abriu seu guarda-chuva. Enquanto a carruagem se afastava, olhou a dianteira da casa. Situada na esquina, elevava-se dois níveis sobre o chão. Os frontões estavam pintados de branco, e a porta principal era verde escura com uma grande aldrava com forma de cabeça de leão. Olhou-o fixamente durante um momento. É obvio, não ia entrar pela porta principal.

Apressando-se ao redor da casa, ocultou sua cabeça e agarrou seu guarda-chuva ainda mais firmemente enquanto uma fria brisa a golpeava. Tinha sabido que o leão de seus sonhos era Mark, mas quão estranho era que aparecesse em sua casa.

Rapidamente e sem olhar ao redor empurrou uma grade e entrou em um pequeno pátio. Aí estava a entrada de serviço. Justo no momento em que a alcançava a porta se abriu e ela foi empurrada ao interior, com guarda-chuva e tudo. A porta se fechou de uma portada e os braços de Mark a rodearam.

Ele retirou seu véu e sorriu.

—Por que demoraste tanto?

Ela agüentou o guarda-chuva sobre eles e a água gotejou no chão.

—Cheguei tarde?

Ele tomou sua boca em um breve mas intenso beijo.

—Não, por que demoraste tanto em caminhar da entrada até este lado?

—OH, bem, eu...

Ele a beijou de novo, lhe tirando o fôlego com sua urgência.

Ela ofegou e logo sorriu quando ele se apartou.

Seus olhos azuis cintilaram.

—Deus, é preciosa —lhe tirou o guarda-chuva e, fechando-o de um golpe, pô-lo no aparador— Não se preocupe. Dei o dia livre a todos —ofereceu sua mão— Seu casaco e chapéu, senhora. Ou deveria chamá-la senhorita Passion Elvira Dartpoof?

Passion riu.

—OH, sim, essa sou eu! —enquanto se tirava os objetos, disse—: Tenho que ir as três horas. Tenho um importante compromisso para jantar esta noite.

Ela admirou discretamente a Mark. Vestia uma bata azul escuro sobre um par de calças de pigamas.

Um breve cenho franziu sua testa.

—Eu o tenho, também. Entretanto, não é nada importante. De fato, não me importaria em evitá-lo.

Embora lhe havia visto nu muitas vezes, nunca lhe tinha visto vestido como se estivesse preparado para tomar um banho. Ruborizou-se enquanto lhe tendia seu chapéu e casaco.

Sujeitando suas coisas, ele a olhou.

— Esse vestido é da cor dos ranúnculos — disse, com voz ligeiramente rouca.

Passion sorriu. O vestido era um de seus favoritos, e o tinha posto esperando que o notasse.

Ele tomou sua mão.

— Vêem comigo.

Lhe seguiu através da entrada traseira até a dianteira da casa, onde saíram a um vestíbulo principal com uma elegante escada em caracol a um lado.

— Tem uma casa preciosa — comentou ela enquanto ele a empurrava escada acima.

— Obrigado. É uma casa de Robert Adam — olhou sobre seu ombro enquanto subiam ao segundo piso —. Eu gosto como troca as formas das habitações.

— É um arquiteto, suponho.

Mark sorriu.

— Sim, do século passado.

No patamar, ele se encaminhou para a parte traseira da casa. Empurrando uma porta a abriu e a introduziu no interior de sua habitação. Era grande e ampla, ocupando a maior parte da longa parte traseira da casa. Uma enorme cama, coberta de seda verde escura e ouro, ocupava um dos extremos. No outro lado, um alegre resplendor ardia na lareira e uma cômoda zona de assentos lhe chamou a atenção.

Uma grande mesa de escritório estava situado junto à luz das janelas. Enquanto passava junto a ele, viu que estava coberta de desenhos. Deteve-se e se aproximou mais. Interpretações arquitetônicas exatas e intrincadas cobriam cada página.

Olhou-lhe enquanto ele cruzava a estadia para ela.

— É arquiteto.

Ele se colocou a seu lado.

— Sim.

Ela sacudiu sua cabeça ante o assombroso detalhe desenhado de um templo clássico.

— Isto é formoso.

— Obrigado. São meus planos para a nova Biblioteca Nacional. Quer dizer, se consigo o projeto.

Passion olhou quatro desenhos que refletiam diferentes setores da biblioteca. O desenho era limpo e elegante. Era Mark.

— Acredito que acertaste ao escolher um estilo clássico. Tudo é neogótico agora, mas isto... isto é perfeito.

— Me alegro de que você goste dele — se deteve —. O escolhi porque penso que um edifício tem que representar mais seu propósito que sua época. Uma biblioteca deve estar livre de adornos estranhos e cheia de luz para promover a busca do conhecimento. Queria um edifício que refletisse a iluminação e a aprendizagem...

Passion escutou Mark enquanto ele compartilhava sua visão. Olhou seus desenhos enquanto ele assinalava os detalhes importantes. Seu coração se enfraqueceu. Isto era o que lhe comovia. Isto era o que era importante para ele. Sentiu-se privilegiada por ele estar compartilhando com ela algo de tanta importância.

Sorriu.

— Conseguirá o encargo.

— Espero que tenha razão — ele se girou para as janelas —. Olhe ali embaixo.

Através do vidro salpicado de gotas de água de chuva, Passion olhou para o jardim. Uma fonte estava colocada no centro, e ilhas incríveis de cor rompiam o verde, suavizando a formalidade do espaço.

—Que jardim tão formoso —comentou em voz baixa.

Mark descansou suas mãos sobre seus ombros.

—A fonte é nova.

Passion a olhou e um lento sorriso curvou seus lábios.

—Essa é Afrodite?

Ele beijou o ponto sensível atrás de sua orelha.

—Quem mais se não ela? —seus braços a rodearam e a aproximou mais a ele—. Ainda não funciona, mas o fará logo.

Ela se reclinou contra ele.

—Sua casa é formosa, Mark. Simplesmente formosa.

—Me alegro de que você goste dela —respirou ele em seu pescoço.

Passion tremeu e depois suspirou enquanto as mãos dele abrangiam seus seios e os apertavam.

Girou-a em seus braços e começou a desabotoar seu sutiã.

—Por muito que te admire vestida assim, acredito que prefiro ver um pouco mais de ti.

O coração de Passion começou a pulsar mais rápido, e começou a lhe ajudar afrouxando sua saia e anáguas enquanto ele fazia um bom trabalho com o cobre-corsé.

Os olhos dele a percorreram, e Passion tremeu sob a súbita intensidade de seu olhar.

—Não te mova —disse ele enquanto se movia para sua mesa de escritório.

Os olhos de Passion se abriram ao ver como ele agarrava um par de tesouras. Viu, congelada, como cortava as cordas e depois arrancava o tecido dela.

Com as aletas do nariz inflamados, ele cortou o tecido da camisa que levava sobre o espartilho, despindo os altos montículos de seus seios.

O coração de Passion palpitou e seu sexo se estremeceu enquanto uma sensual vulnerabilidade a percorria. Estava sozinha com Mark, em sua casa. Ela confiava nele, mas também estava completamente a sua mercê.

—Assim está melhor —deixou as tesouras na mesa e tirou sua bata enquanto se colocava de pé junto à cama.

Quando se girou, Passion se sentiu umedecer ante a vista de sua enorme ereção inchando-se sob suas ajustados calças.

—Levanta mais seus seios —disse ele asperamente—. Quero ver seus mamilos.

Passion se ruborizou mas fez o que dizia. Seus mamilos se endureceram e incharam ante o ligeiro toque de sua própria mão e, entre suas pernas, seus clitoris pulsou ansiosamente.

—Te solte o cabelo —disse ele brandamente.

Passion elevou seus braços e cuidadosamente retirou todas as forquilhas de seu cabelo. Caiu, finalmente, em um pesado cilindro sobre suas costas.

Ele elevou sua mão.

—Me dê as forquilhas.

Seus olhos não a abandonaram enquanto ela caminhava para ele. Suas botas de salto baixo se deslizavam silenciosas contra o grosso tapete sob seus pés.

Ela olhou sua grande mão enquanto lhe entregava as forquilhas. Tinha fortes e capazes mãos. Mãos às que ela se entregava completamente.

Ele colocou as forquilhas em uma caixa sobre a mesa de noite e depois rodeou o espaço para colocar-se atrás dela.

Passion conteve a respiração. Lhe arrepiou quando ele percorreu com seus dedos suas omoplatas. Ele moveu as mãos para baixo e as descansou em sua cintura. Ela escutou como sua respiração se acelerava.

—Eu gosto assim —seus dedos pressionaram contra ela—. A curva de sua cintura me enlouquece —arrastou sua mão através de seu traseiro e brandamente acariciou as dobras de seu sexo por trás.

Ela arqueou as costas, inclinando seu traseiro.

—Está bem —seus dedos a tocaram mais ainda—. Deus, está úmida de desejo —disse enquanto deslizava dois dedos em seu interior.

Ela se arqueou mais e se estirou para trás para lhe rodear a nuca com sua mão.

—Acredito que meu membro se apaixonou por ti —murmurou ele em seu pescoço.

Passion tremeu enquanto ele deslizava outro dedo dentro dela.

—O está? —murmurou.

Ele pressionou seus quadris plenamente contra ela, que sentiu sua dura e tensa longitude contra suas nádegas. Seu sexo se apertou avidamente enquanto sua outra mão se deslizava para segurar a dele.

Ele acariciou seu seio.

—Sempre que entra na habitação, fica firme —beliscou e fez rodar seu mamilo, respirando-o a inchar-se inclusive mais enquanto afundava profundamente seus dedos em seu sexo—. Está completamente desanimada e indiferente o resto do tempo.

Bem! Melhor que ficasse duro só por ela.

Passion inspirou profundamente enquanto a mão dele se movia desde seu seio a seus clitóris. Sabia exatamente como tocá-la.

—Está-te pondo mais quente e úmida —disse perto de sua orelha—. Me deseja agora, não é assim?

Ela ofegou e seus joelhos tremeram.

—Desejo-te sempre.

Ele se deteve pelo mais breve dos momentos. Seus dedos se deslizaram de seu sexo. Caminhou para ficar diante dela, ainda acariciando seus palpitante clitóris enquanto sua outra mão apertava seu traseiro.

As mãos dela foram imediatamente a suas calças. Não conseguia soltar o suficientemente rápido os botões. Mas logo que foi capaz, curvou ambas as mãos ao redor de seu eixo e o acariciou em sua inteira e pesada longitude.

Os olhos dele estavam escuros e intensos enquanto baixava sua boca para ela. Beijou-a dura e profundamente, e Passion se abriu para receber sua possante língua. Sua mão se deslizou além de seus clitóris e seus dedos empurraram em seu sexo.

Ela apertou as mãos ao redor de seu palpitante membro. Desejava-lhe desesperadamente.

De repente, ele a retirou e se agachou diante dela.

Ela olhou, sem respiração, enquanto ele desatava e lhe tirava suas botas. A cinta que atava sua liga se moveu quando um músculo de sua coxa tremeu.

As mãos dele varreram sua perna do tornozelo à coxa, acariciando sua meia enquanto o fazia. Fez o mesmo com a outra mas se deteve para beijar sua coxa enquanto deixava que suas mãos vagassem pela parte posterior de suas pernas.

Passion gemeu enquanto ele a agarrava por atrás e deslizava os dedos no interior de suas úmidas dobras. E enquanto a acariciava, seu queixo fez cócegas na sensível pele do interior de sua coxa ao mesmo tempo que beijava e lambia a umidade que saía dela. E quanto mais ficava ali, mais se molhava ela.

Passion tremeu de tensão. Seus clitóris palpitava sem piedade, e pensou que poderia morrer de necessidade. Suas mãos se apertaram a ambos os lados de seu corpo e depois no cabelo dele.

—Por favor —rogou.

Devagar, ele se elevou frente a ela, detendo-se para sugar com força um de seus mamilos enquanto se liberava de suas calças.

A saliva encheu sua boca e a umidade seu sexo quando viu que a cabeça de seu membro estava de cor olho escuro e lhe gotejem de líquido pre-seminal.

Ele viu a direção de seu olhar e acariciou seu lábio inferior.

—Está faminta por isso?

—Sim —respirou ela — Sim!

Sentou-se em um canto da cama.

—Vêem então.

Enjoada de desejo, deixou-se cair sobre seus joelhos e deslizou sua língua da base de seu membro para a cabeça. Os quadris de Mark saltaram para frente. Lhe acariciou com ambas as mãos enquanto envolvia seus lábios ao redor da úmida cabeça de seu membro.

Faminta, sugou o salgado fluido de sua inflamada ponta, percorrendo com sua língua o bordo e o choro conduto uma e outra vez. E durante todo o tempo, deslizou suas mãos pelo eixo, espremendo mais gotas em sua faminta boca.

As mãos de Mark se enredaram em seu cabelo, e seus quadris começaram a empurrar. Isso a fez voltar-se selvagem de necessidade, e começou a empurrar seus lábios mais abaixo em seu eixo, pressionando sua língua contra a dilatado passagem de que provinha sua corrida.

Ele gemeu e empurrou, introduzindo-se um pouco mais nela. Seu sexo se apertou e se relaxou, rogando sua própria culminação.

Passion gemeu e sugou mais fundo. As coxas dele se voltaram rígidos em seus flancos.

Ele puxou ela para si e, sacudindo-a, deixou-a cair na cama. Passion ofegou enquanto ele saltava limpamente sobre ela.

Sujeitou sua cabeça em suas mãos e acariciou seus lábios com um penetrante beijo. Ela abriu seus lábios e suas pernas. Seus quadris se arquearam.

—Esta é minha casa, Passion —disse ele contra sua boca—, e eu digo como funciona isto.

Seu coração palpitou com desejo e submissão por igual.

—Sei.

Com um juramento afogado, ele a colocou sobre seu estômago. Ela levantou seus quadris enquanto sentia o impulso da cabeça de seu membro contra as dobras molhadas de seu sexo. As mãos dele se colocaram em sua cintura, e enquanto ela continha o fôlego, com um longo e forte empurrão, introduziu-se em seu interior.

Passion exalou um fundo gemido enquanto se estirava sobre ele. Seu sexo palpitava de êxtase ao ser finalmente cheio.

Cada uma das vezes que ele tinha entrado nela tinha sido o céu, mas hoje se sentia mais cheia e mais vulnerável que nunca. Seus clitóris palpitava, e seus quadris se inclinaram mais.

—Sim, Passion —murmurou ele—. Isso é, meu doce —lhe elevou quadris. Isso é.

Ela ofegou quando ele empurrou mais para frente, pressionando contra seu útero com uma pressão mais direta da que nunca havia sentido. Uma corrente de umidade quente fluiu dela ante a deliciosa sensação.

Quando ele se deslizou para trás, ela gemeu pela perda.

—Não, não pares —disse sem respiração. Ele tinha encontrado a profunda abertura em seu sexo três vezes desde aquela primeira ocasião em sua habitação, e cada vez o tinha feito durante a maré de seu orgasmo. Hoje ela queria a experiência sem diluir. Queria a Mark sem diluir—. Por favor.

Ele tremeu atrás dela, mas não se moveu.

—Possivelmente não seja capaz de parar uma vez que comece —sua voz era tensa—. Não quero te ferir.

—Tome agora —suplicou ela brandamente—. Quero sentir cada polegada de ti em meu interior.

Suas mãos agarraram sua cintura como um apertado espartilho. Ele tomou ar profundamente.

Passion fechou os olhos e deixou escapar um suspiro.

Ele se retirou devagar e depois empurrou duramente nela, extraindo um grito de seus abertos lábios. Agarrava-lhe tão forte a cintura que seu corpo se inclinava pela firmeza de sua força.

Não se deteve, mas sim empurrou de novo. Passion ofegou. A reverberação dentro dela era tão profunda e forte que se sacudiu e se abrandou sob seu poder.

Ele se retirou só uma vez mais antes de descarregar o último e demandante empurrão contra a porta de seu útero.

Ela devia render-se. Sem mais duvida. Sem mais resistência. Pertencia-lhe.

E então ele empurrou e empurrou, inclinando-se duramente sobre ela e fazendo pressão direta.

—Te abra —ofegou—. Te abra para mim, Passion.

Ela arqueou as costas e entregou seu corpo a suas ordens. Ele tomou o que lhe oferecia e pressionou todo o peso de seu corpo sobre ela.

—Bom —grunhiu—. Isto é bom.

Passion tremeu e ofegou. Seu sexo se estremecia, e seus clitóris palpitava.

—OH, Deus —grunhiu ele—. Está indo, está indo.

Passion ofegou e depois conteve um grito enquanto sentia a pressão crescer e crescer.

Mark gemeu atrás dela.

Agarrou com suas mãos o cobertor. Sentia-se como se se estivesse rompendo, e apesar disso, a sensação era deliciosa. Enquanto a pressão crescia, igualmente o fazia sua plenitude. Seu corpo estava abrindo-se e seu sexo estirando-se. E justo quando pensava que poderia abrir-se em canal, algo cedeu dentro dela. A pressão cessou. Gritou enquanto ele a enchia com tudo o que tinha.

Gemeu e ofegou e o sentiu palpar dentro dela. Seu coração palpitou. Isto era para o qual ela era feita. Isto era onde ela pertencia.

—OH, Deus! Tem que te dar sempre desta maneira —sussurrou ele, apertando suas mãos em sua cintura—. Não resista para mim, e poderei te encher assim cada vez —se balançou contra ela—. Você gostaria disso, não é assim?

Ela exalou um fôlego enquanto a ponta de seu membro a tocava em algum lugar muito acima no interior de seu corpo.

—Sim —ofegou. Deixaria-lhe tomá-la assim por sempre!

Ele retrocedeu, e de repente a pressão cresceu de novo enquanto ela sentia sua torcida ponta empurrar de novo contra a firme abertura de seu inclinado útero.

Choramingou e tremeu. Seu sexo se apertou com ferocidade.

Ele permaneceu ali, sem retirar de tudo nem enchê-la plenamente, mas empurrando contra esse escuro e tremendo ponto.

—Sente isto —ofegou ele—. Sente quão bom é. Não te acabe. Só sente-o.

Passion não podia mover-se enquanto suportava o torturante prazer que ele infligia dentro dela. Embora estava morrendo pela liberação, manteve-a contida. E enquanto ele continuava empurrando e empurrando, a pressão pareceu crescer. Ela gemeu de novo.

—É bom —ofegou ele—. É muito bom. Deus, estou-me fazendo maior.

Ele se inchou dentro dela, aliviando a pressão e estirando seu sexo. Ela gemeu e o suor apareceu em sua testa enquanto sentia a cabeça de seu membro pressionar firmemente contra algum órgão desconhecido em seu corpo.

—OH, Deus —gemeu ele. Balançou-se contra ela, acomodando-se gentilmente.

Passion soluçou e empurrou contra a cabeceira da cama, lhe ajudando a mergulhar em suas profundidades. Seu corpo começou a tremer incontrolavelmente.

Agarrando sua cintura com um baixo grunhido, Mark começou a empurrar grosseiramente.

Passion gritou. Ofegou em busca de ar. Com cada poderoso empurrão, ele se retirava o suficiente para esfregar-se contra a firme carne de sua nuca, antes de conduzir-se para tocar o irresistível órgão de seu corpo. E com cada impulso, seu pesados testículo golpeavam os estirados e inchados lábios de seu sexo.

O coração dela palpitava e sua cabeça desfalecia. Tudo o que ela era ou tinha sido estava concentrado entre suas pernas.

Seu sexo se apertava e sugava seu magnífico membro com o ardor de um ofegante faminto. Seus clitóris tremia e pulsava, levando o sangue de seu coração a este sensível broto.

E ainda ele se introduzia nela, implacável em sua determinação de lhe levar ao clímax. Ela só precisa submeter-se. Suas costas descansava e se arqueava cada vez mais. Sua visão se reduziu a um único ponto de claridade.

Só necessitava a rendição.

Com um feroz e irreprimível grito, ela abandonou toda inibição de pensamento e a emoção caiu sobre ela. Seu coração se encheu do amor por ele que tinha recusado reconhecer. Seu sexo palpitou e se apertou sobre ele. Seus clitóris tremeu exuberantemente. E enquanto ele gemia sobre ela e lançava quentes rios de semente em seu corpo, ela se abrasou em milhares de cintilantes faíscas de êxtase e alegria.

Esporeada pelo amor, sua liberação continuou e continuou. Ela ainda tremia e se apertava contra ele muito tempo depois de que ele se derrubou sobre ela.

Ele pressionou suaves e úmidos beijos ao longo de seus ombros, e ela se deleitou no terno toque de seus lábios. Poderia ficar assim para sempre.

Para sempre...

—Tenho um presente para ti —murmurou ele.

Seu coração revoou.

—Você é meu presente.

Ele acariciou seu cabelo apartando-o de sua testa e beijou o canto de sua boca.

—E você é minha.

Ela gemeu brandamente quando ele se retirou dela. Deslizou uma suave carícia sobre seu traseiro antes de levantar-se da cama.

Olhando-o por cima do ombro, lhe viu cruzar a habitação. Amava sua ampla e alta forma. Amava seu passo crédulo.

Amava-lhe.

Quando tinha acontecido? Não era novo. Sabia agora. Tinha-lhe acontecido no pavilhão. Tinha acontecido na noite que ele foi pela primeira vez a sua habitação.

Ele voltou para ela com uma cesta de pic-nic e uma caixa negra atada com uma cinta de cetim de cor berinjela. Deteve-se e a olhou.

—Eu adoro ver-te em minha cama. Quando está aí, é minha.

Se ele tão somente soubesse.

—Sou tua onde quer que esteja.

Seus olhos a sustentaram um momento e depois se sentou a seu lado. Ela se sentou, e ele colocou a caixa em seu colo.

—Para ti —disse ele calmamente.

O peito de Passion se esticou. Acariciou a malha negra que cobria a caixa e deixou correr a cinta acetinada entre seus dedos.

—Nunca comprei nada a nenhuma mulher antes —disse ele, com voz áspera—. Mas isto parecia que te pertencia.

Ela baixou seu rosto para ocultar as lágrimas que a ameaçavam. Cuidadosamente, afrouxou a longa cinta e elevou a tampa. Papel de seda negro ocultava o conteúdo. Retirou-o e revelou arrebatadores estampados de cachemira em tons vermelhos, verdes, azuis e negros sobre um fundo dourado. Elevando-o reverentemente, tirou um xale de cachemira de corpo inteiro. Sua beleza e qualidade eram adequadas para a rainha, de quem se dizia que tinha vários.

As lágrimas caíram enquanto o admirava. Mas mais maravilhoso que isso, ele o tinha escolhido para ela, e era perfeito.

Colocou-o sobre seus ombros e se atreveu a elevar seus olhos para ele.

—Obrigado, Mark. Adoro-o.

Ele a beijou brandamente.

—Por esta reação, deveria te haver comprada centenas.

E então ela soube. O amor lhe tinha sussurrado o primeiro dia que se conheceram.

Mark deixou a sua mão vagar sobre o joelho de Passion.

—Desejaria que tratasse de ficar quieto —lhe sorriu Passion enquanto colocava de um puxão o lençol sobre suas pernas cruzadas.

Tinham comido da cesta de pic-nic e estavam sentados, nus, na cama.

Ela tratava de desenhar seu perfil. O xale estava atado sobre seus ombros, mas ele não podia parar de acariciar sua coxa e tocar ligeiramente as suaves dobras de seu sexo sob os lençóis de linho.

—Mantenho minha cabeça completamente quieta —disse ele.

Seu sorriso se ampliou.

—Se quiser que isto seja bom, não deveria me distrair.

Ele suspirou e tomou um sorvo de vinho.

—Recorda aos impaciente meninos da escola dominical que desenhei. Por que não me conta uma história? —sugeriu ela.

—Uma história?

—Mm...hmmmm. Algo de sua juventude, possivelmente.

Ele apertou a mandíbula.

—Não tenho histórias de minha juventude.

Lhe olhou. Seu olhar era tão terno.

—Algo, então —disse.

Ele encontrou seus olhos por cima de seu caderno de desenho.

—Quando estava em Oxford, tive o recorde do membro maior.

Passion riu. Estendeu a mão e lhe girou o rosto de novo para lhe ver o perfil.

—Não tinha nem idéia de que semelhantes créditos se ganhasse em Oxford.

—A maioria das pessoas não tem nem idéia. Também obtive o recorde do maior volume de ejaculação. Posso encher um copo de um golpe.

Passion baixou o caderno, mostrando incredulidade em seus olhos.

—Está brincando, não é assim? Realmente não existem essas competições.

Ele a olhou benevolente e empurrou o caderno para cima para que ela seguisse trabalhando.

—Bom, na realidade Matt e eu temos o recorde conjunto. Quanto à distância coberta pela ejaculação, o recorde é de sir Peter Wells. Tinha o membro mais pequeno, mas sua ejaculação realmente podia voar —Mark se encolheu de ombros—. Matt e eu não podíamos acreditá-lo. Finalmente decidimos que nosso espermatozoide era muito pesado para percorrer a distância que podia fazer o de Wells.

Passion deixou cair o caderno em seu colo.

—Não posso acreditar que isto ocorra em Oxford. Não posso acreditar que os jovens participem deste tipo de competição.

—Estudamos algo, também.

Passion pôs os olhos em branco.

—OH, bom, isso está bem.

—O que acontece, você alguma vez tem feito algo ao menos um pouco vergonhoso, antes de mim, como isso?

As bochechas de Passion se coloriram de rosa.

—Ah! —Mark se girou e sustentou o peso sobre seu cotovelo—. Me conte uma história. E que seja uma boa.

O rubor de Passion se intensificou.

—Durante o verão, minhas irmãs e eu estávamos acostumados a nos banhar em um pequeno lago perto de nossa casa. Deixávamos as roupas na borda e nadávamos de camisa.

As sobancelhas de Mark se elevaram.

—De verdade?

Passion sorriu abertamente.

—Sim, de verdade. Agora, quer ouvi-lo ou não?

Sob os lençóis, seu membro assentiu.

—OH, definitivamente. Que idade tinha quando fazia isso?

—Fizemo-lo durante anos. Mas tinha uns quinze na época que te estou contando.

—Excelente. Segue.

—Bom, um dia particularmente quente, estávamos estendidas na erva depois do banho, quando Prim se levantou de um salto gritando, levantou sua camiseta e começou a golpear com ela entre suas coxas. Patience e eu nos aproximamos, mas resultou não ser nada mais que uma joaninha. De qualquer modo, enquanto eu a tirava da coxa, Patience disse: “Tem uma bonita marca em seu sexo, Prim” —Passion avermelhou ainda mais—. Assim antes de que qualquer uma de nós soubesse o que fazíamos, estávamos sentadas ali, examinando os sexos das outras à beira do lago.

A respiração de Mark se acelerou.

—Tocaram-se umas as outras?

Seu olhar era tão cálida.

—Um pouco.

Seu membro se endureceu completamente. A imagem de Passion com as pernas abertas e a camiseta ao redor da cintura, tocando-se a si mesma e sendo tocada por suas irmãs era mais erótica do que ele tinha esperado. Não porque desejasse a suas irmãs, mas sim porque desejava a ela, e era a inocente embora sensual prova da mulher em que ia se converter.

Embora se tinham olhado com interesse e curiosidade e sua exploração tinha sido entre elas, e não para excitar a um observador, não podia evitar desejar ter estado ali. Tivesse afastado Passion de suas irmãs e se introduzido com ela na relva.

—Cristo, desejaria te haver conhecido então. Te teria seguido todos os dias a aquele condenado lago —empurrou a mão dela até sua rompante ereção—. E muito em breve, meu doce, te teria ensinado o prazer de uma boa transa.

Passion sorriu, mas depois ficou séria.

—Oxalá te tivesse conhecido —lhe olhou—. Se tivesse estado em minha vida, nunca me teria casado com meu marido.

O pensamento de sua vida com algum frio filho de puta lhe enfureceu. Franziu o cenho.

—Não. Não te teria deixado.

—Não me teria deixado?

—Não.

—Mas como o terias evitado?

A resposta chegou imediatamente.

—Teria-me casado contigo eu mesmo.

As palavras flutuaram no ar entre eles.

Mark sabia que eram certas. E estranhamente, não sentiu surpresa ou desconforto ao as dizer em voz alta.

—Mas disse que não acreditava em relações duradouras —sussurrou Passion—. Disse, quando se acabou, acabou-se.

Havia-o dito. Havia-o dito porque isso era o que sempre passava. Havia-o dito porque isso era o que a vida lhe tinha ensinado.

Mas quando estava com ela, tudo que sentia era diferente. Com ela, a vida parecia cheia de felicidade e possibilidades. Com ela, ele tinha fé no “para sempre”.

—Sim —respondeu—. Mas se te tivesse conhecido de jovem, acredito que teria idéias completamente distintas sobre isso.

—Mas me conheceste agora.

—Sim —deslizou um dedo entre seus seios—. Graças a Deus.

Deixou que seu dedo baixassem até seu precioso umbigo e então recordou. Franziu o cenho.

—Sabe, só porque não tenha tido um menino com seu marido não significa que não possa.

Passion lhe olhou fixamente.

—O que quer dizer?

—Quero dizer que o problema bem podia ter estado em seu marido.

—Não o estava.

—Como sabe?

Seus olhos brilharam com lágrimas não derramadas.

—Meu marido transava com uma das criadas. Vi-lhe fazê-lo mais de uma vez, com mais entusiasmo e vigor dos que nunca tinha tido quando transava comigo —suas lágrimas se derramaram e ela as secou de um tapa—. Muito em breve ela ficou grávida. Foi a meu marido e lhe deu dinheiro. E então se foi.

—Cristo, sinto-o —Mark a atraiu a seus braços. Nunca deveria ter tirado o tema—. O sinto, Passion.

Maldito bastardo! Se seu marido não tivesse estado já morto, teria-o matado.

Acariciou seu cabelo em sua úmida bochecha e beijou seus lábios trementes.

—É a mais formosa, a mais desejável mulher que nunca conheci —murmurou. Tomou sua boca em outro profundo beijo para particularizá-lo. Sua entusiasta resposta e seu doce abraço despertaram uma egoísta exaltação de saber que seu marido nunca tinha conhecido o que ela tinha para dar.

Apartou-se e limpou uma lágrima com o nó de seu dedo polegar. Os olhos dela pareciam molhadas folhas de marrom, verde e dourado. Ele queria que brilhassem de alegria, não de tristeza. Queria lhe dizer que só porque seu marido estivesse se deitando com a criada não significava que o menino fosse dele. A condenada criada poderia ter estado transando com outros muitos homens.

Mas não podia lhe dizer isso. Poderia estar equivocado, e lhe dar falsas esperanças seria miserável.

Assim tratou de lhe falar de sua outra dor.

—Alguns homens perdem o desejo por suas mulheres no momento em que saem da igreja —disse brandamente—. Não tem nada que ver com a mulher; é só que uma mulher está muito disponível, muito permitida. Desejam a todas as mulheres que não podem ter.

Passion pareceu considerar suas palavras. Olhou-lhe depois de um momento.

—É por isso pelo que você me deseja tanto? Porque não estou disponível, nem permitida?

Ele franziu o cenho. Seus sentimentos estavam muito afastados disso, nem sequer tinha pensado na comparação.

—Sabe que não é por isso pelo que te desejo.

—Sei —seus olhos investigaram em seu interior—. Só queria te ouvir dizer que não era por isso.

Ele elevou seu queixo e a beijou gentilmente.

—Desejo-te porque te deste toda inteira. Desejo-te porque não me pediste nada, mas tomas tudo o que te ofereço —franziu o cenho—. O que faz que deseje que me pedisse algo, faz-me desejar que me pedisse algo que ninguém mais pudesse te dar.

Os olhos dela brilharam com uma emoção indefinível. Sabia ela que estava ali? Olhou-a fixamente e reconheceu que era o mesmo algo intangível que tinha visto no desenho que ela tinha feito dele. O que era? O dar-se conta parecia tão perto, mas de algum jeito, ainda, escondia-se justo sob sua vista, um pouco além de seu alcance.

Sua voz tremeu.

—Desejo-te porque é tudo o que sonhei que poderia existir.

Passion alisou o suave cós de seu xale. Via-se formoso contra a seda de cor vermelha escura de seu traje. Envolveu-se mais nele enquanto John Crossman a escoltava para o caminho à casa Lawrence.

As janelas estavam cheias de luz. Todo o clã Lawrence estaria preparando-se para o jantar de compromisso de Charlotte, junto com os parentes Netherton de Abigail.

Subiu os degraus no braço de John. Seria a única representante dos desafortunados primos do campo, essas relações Der das quais nunca se falava. Charlotte se tinha assegurado que Passion e sua família fossem convidados à bodas. O convite formal tinha chegado nesse dia. Devia ser a responsável pelo convite de esta noite também. A tia Matty tinha sido significativamente excluída, enquanto Abigail tinha tido o descaramento de sugerir que o senhor Crossman seria uma apropriada escolta para Passion.

Passion tinha querido enviar suas desculpas apoiadas neste assunto, mas tia Matty tinha insistido em que fosse pelo bem de Charlotte.

John se deteve antes de chamar.

— Acredita que a senhora Lawrence montará sobre sua vassoura esta noite?

Passion riu. Ele era uma boa companhia, e nada, nem sequer Abigail Lawrence, podia fazer diminuir sua alegria esta noite.

— Em minha experiência, que obviamente é limitada, nunca está sem ela.

John sorriu e se encolheu de ombros.

— Então fiquemos fora de seu caminho.

Passion ampliou seu sorriso.

— De acordo.

Ele bateu na porta, e foram admitidos pelo mordomo. O zumbido de vozes vinha dos salões de cima. Abigail desceu as escadas para lhes saudar. Enquanto desceia, seus olhos se moveram sobre Passion com um olhar avaliador.

Saudou primeiro a John Crossman.

— Que amável de sua parte unir-se a nós esta noite, senhor Crossman. Não sabia se sua agenda social lhe ia permitir assistir.

Passion se deu conta de que se John não tivesse podido vir, ela tampouco o teria feito. Poderia ter vindo sem acompanhante, mas conhecendo tão poucos convidados, certamente não o teria feito. Abigail provavelmente o tinha esperado.

— Não é nenhuma amabilidade, senhora. Sempre me sinto privilegiado de estar em companhia da senhora Redington. Deixaria plantado à rainha para estar com ela.

Passion lhe olhou com um sorriso agradecido, mas ele estava olhando Abigail com uma expressão completamente séria.

— Sim, bem — Abigail se girou para ela —. Charlotte se sentirá agradada de ver-te, Passion. Mas não a monopolize. Quando está presente, pega-se a ti como um marisco. Quando lhe apresentar a seu prometido, mantenha as distâncias.

Passion assentiu e, agarrando o braço de John, seguiu Abigail escada acima.

— Acredita que os degraus da frente serão suficiente distância? — murmurou John.

Passion sorriu e lhe deu uma cotovelada nas costelas.

— Muito obrigado, por certo, por defender o mérito de minha companhia.

Ele a olhou.

— Dizia-o a sério.

Passion intercambiou um sorriso com ele.

— Como se realmente tivesse deixado plantada à rainha.

Ele riu entre dentes.

— Por você, poderia fazê-lo.

O volume da festa aumentou quando cruzaram a entrada, Abigail devia ter convidado a todos os que conhecia.

Seguiram-na à ruidosa sala. Passion sorriu e cabeceou para os poucos rostos que reconhecia. E então, enquanto cruzava a habitação, seus olhos se fixaram em um familiar, altas e amplas costas.

Capítulo Treze

Quando as leis de Deus são quebradas ...

Passion franziu o cenho. Olhou fixamente os amplos ombros e o duro torso. Conhecia esse corpo, inclusive completamente coberto pelo adorno imaculado da tarde. Conhecia o tato de sua nuca e a textura de seu cabelo negro.

Seu corpo tremeu e seu coração cavalgava em seu peito. Mas como podia ele estar ali? E como passaria ela a tarde inteira sem lançar-se em seus braços? Deus, eles pareciam estar movendo-se diretamente para ele. Ela conteve seu amor e ocultou seu sorriso.

—Milord —disse Abigail.

Milord? O mundo se deteve ao redor deles.

—Me permita lhe apresentar à segunda prima de Charlotte, a Senhora Redington, e seu acompanhante, o Senhor John Crossman da Crossman Shipping.

Por um momento, ninguém se moveu. Então, finalmente, a alta figura que ela tinha estado admirando se voltou.

Os olhos azuis de Mark se fixaram diretamente sobre ela. Sua boca se separou, e uma sombra escura cruzou seu olhar.

Passion tentou sorrir. Ele não estava feliz ao vê-la?

—Passion! —Charlotte se apressou a abraçá-la.

Ela devolveu o abraço a Charlotte. Não tinha visto sua prima até aquele momento. Viu que o irmão de Mark também estava ali, e outra mulher que devia ser sua mãe.

Mark estreitou a mão de John Crossman. Seu irmão lhe olhava fixamente com expressão curiosa. Deu um passo a frente e recolheu sua mão. Seus escuros olhos estavam cheios de compaixão.

O coração de Passion se desbocou. Charlotte não havia dito que seu prometido tinha os olhos azuis? Ela piscou. O que acontecia?

—Encantada de conhecê-la, Senhora Redington —ele disse brandamente. Sua mão parecia sustentá-la.

Charlotte saudou a John Crossman.

O estômago de Passion se contraiu pela dor. Ela se aferrou à esperança.

—Tenho o prazer de saudar o Conde de Langley, milord? —sua voz tremeu—. Você é Randolph Hawkmore, não é assim?

Ele franziu o cenho e inclinou sua cabeça.

Mark tomou sua mão da de seu irmão. Seus dedos acariciaram sua palma. Ela examinou seus formosos olhos azuis.

—Eu sou o Conde de Langley, Senhora Redington. Mark Randolph Hawkmore, a seu serviço.

Não! Deus, não!

—Todos os condes de Langley são batizados de Mark, Senhora Redington, assim adquirimos o hábito de nos pôr segundos nomes para nos distinguir.

Seu fixo olhar era suave.

—Só os mais próximos a mim usam meu nome.

A cabeça de Passion parecia dar voltas, e seu estômago se retorceu em um nó. Ela tentou respirar e não pôde.

Mark franziu o cenho e pôs sua outra mão em cima da sua.

Ela começou a tremer de modo incontrollável.

—Passion —Charlotte se apressou a seu lado—. Estás branca como uma folha.

A transpiração brotou de sua testa.

—Eu... Eu me sinto indisposta —ofegou ela. Não podia olhar a Mark, embora ele ainda sustentasse sua mão. Girou-se até John—. Senhor Crossman, por favor —via pontos negros diante de seus olhos—. Estou doente.

Ele agarrou seu cotovelo.

—Necessita de um médico?

—Não..., eu —tinha que sair ali antes de que desmaiasse. Elevou a vista até ele e quase não conteve suas lágrimas—. Por favor, tenho que ir para casa.

—Posso levá-la a um quarto de em cima —disse Mark.

—Não! —seu estômago parecia rasgar-se. Quando tentou dar um passo, seus joelhos fraquejaram.

Mark lhe estendeu a mão, mas John Crossman a pegou pela cintura.

Mark deu um passo a frente, seu rosto tenso pela tensão, mas seu irmão agarrou seu braço enquanto John a levava.

Charlotte ficou ao lado de Passion enquanto se apressavam pela sala.

—Minha prima está indisposta —ofereceu Charlotte como explicação aos rostos embevecidos que passaram.

Passion pressionou sua mão contra seu estômago e lutou contra o impulso de vomitar. Não podia agüentar a presença de Charlotte, não podia tolerar seu contato.

—Por favor, Charlotte —lhe pediu quando alcançaram o patamar. Tentou sorrir— Volta para sua festa, querida.

Mark saiu da sala, com seu irmão lhe pisando nos calcanhares.

Passion tragou a bílis e, dando a volta rapidamente, apressou-se pelas escadas. Temendo que Mark a procurasse, escolheu descer correndo a longa escadaria. Os degraus rabiscados por seus olhos cheios de lágrimas. Não podia ver, mas tampouco podia deter-se. Os soluços se engasgaram em sua garganta.

Mark, seu amor, seu amor, era o prometido de Charlotte! Com um grito, ela tropeçou, mas John estava ali para sustentá-la. Ela foi aonde ele lhe conduziu, já que podia ver pouco por suas lágrimas e sua dor.

Onde estava Mark?

Ela não podia pensar.

John disse algo a alguém sobre sua carruagem enquanto a levava ao exterior.

As palavras de Mark voltaram para sua memória. “Não sou o tipo de homem que você gostaria de conhecer... vivo minha vida para mim mesmo. Faço o que quero, e não poderia me preocupar menos o que as pessoas pensem”.

Ela se balançou sobre seus pés.

Todo o tempo que ele tinha estado tocando-a, beijando-a, transando com ela, tinha estado lhe mentindo!

Ela tremia violentamente, e a pressa por descer a escadaria da frente resultou mais do que podia suportar. No meio-fio, ela se dobrou e vomitou seu sofrimento no chão.

—Deixa-a ir —grunhiu Matt em seu ouvido—. Ele pode consolá-la. Você não pode.

Mas ele poderia consolá-la. Ele a consolaria. Precisava contar-lhe tudo.

Abigail e Lucinda saíram do salão.

—Meus convidados esperam sua volta, milord —disse Abigail rigidamente.

—Nos estávamos ocupando de Passion, Mãe —disse Charlotte com uma frágil voz.

—Passion —soprou Abigail—. Espero que agora veja por que não a queria aqui, Charlotte.

Ela arruinou minha festa com sua enfermidade inoportuna e sua mal educada saída. Agora todos falarão sobre como sua prima adoeceu, mais que de ti.

Mark quis golpeá-la. Ele seguia vendo o rosto de Passion quando lhe disse quem era.

—Cale-se ou partirei eu também, e realmente terão algo sobre o que falar.

Os olhos de Charlotte se abriram consternados, e Matt agarrou seu braço discretamente.

Os olhos de Abigail se estreitaram.

—Se partir, juro que lhe farei lamentar-se disso.

Mark apertou seus dentes com fúria suprimida. Agora mesmo Passion estava pensando em cada terrível idéia possível. Estava sofrendo, enquanto ele estava ali de pé em uma encruzilhada. Maldita seja!

Justo quando ele dava um passo atrás, Matt deu um passo para frente, olhando venenosamente a Abigail.

—Que diabos acredita que faz ameaçando a meu irmão? Sinceramente, senhora, você deveria ajoelhar-se sobre seus gordos joelhos agradecendo que o Conde de Langley se rebaixou a relacionar-se com sua filha.

Lucinda riu disimuladamente e acariciou o braço de Matt. Ela sempre parecia sentir prazer com a estranha mas feroz perda de controle de seu filho.

—Não sei quem pensa você que é, mas recordes a quem se dirige —grunho Matt—. Ou lhe farei lamentá-lo.

—Sério? —respondeu Abigail, sua voz gotejando superioridade e raiva.

O coração de Mark palpitou. O grupo estava fechado, e os insultos voavam. Parecia que todo o assunto ia explodir.

E ele seria livre, livre para convencer a Passion de ficar com ele pelo tempo que desejasse.

Matt girou para ele.

—Vamos. Esta mulher é insuportável.

Mark deu um passo. Passion o necessitava. Matt poderia sobreviver ao escândalo. Ele poderia.

—Matt, querido, estás aqui —Rosalind saiu do salão—. Está tudo bem? Ouvi que alguém se encontrava mal enquanto eu estava no quarto de música.

Os ombros de Mark se esticaram, e apertou suas mãos ao lado em necessitada frustração enquanto via suavizar a expressão de Matt.

—Tudo está bem, querida —disse Matt—. Mas por que não chama a seus pais. Acredito que nos partimos.

As palavras de Lorde Benchley a Matt soaram nos ouvidos de Mark: Você se casará com minha filha, querido moço, porque é um Hawkmore.

Matt poderia sobreviver ao escândalo, mas seu compromisso, seu amor, nunca o faria.

A breve euforia de Mark morreu. E com sua morte, uma fria, impotente fúria caiu sobre ele. Uma fúria que incluía a todos, inclusive Matt.

—Não.

Matt se voltou para ele.

—O que?

—Você não tem que ficar, mas eu o farei.

Lucinda suspirou. Abigail riu com desdém e, girando, voltou para salão.

— Para que diabos quer ficar ? —perguntou Matt com irritação.

Mark passou seu olhar de Matt a Charlotte. Como a odiava. Ela o encarcerava com sua mera existência. Ela o retinha enquanto Passion o necessitava.

—Por ela —ele cabeceou para Charlotte.

Matt se voltou, e uma capa de sua irritação caiu de seu rosto. Ele franziu o cenho.

—Espero que saiba que minha cólera não estava dirigida a você, senhorita Lawrence. Cheguei a conhecê-la um pouco nesta passada semana, e vi que você é tão suave como sua mãe é difícil. Mas não posso me manter à margem enquanto ela dirige vazias ameaças contra meu irmão —ele inclinou sua cabeça—. Me perdoe. Não lhe desejo nenhum mal.

Charlotte assentiu, mas pareceu insegura se devia ficar ou ir-se. Seus olhos cinzas estavam indecisos quando os levantou para Mark.

—Se eu fosse você, pensaria que minha mãe é horrorosa, também. Mas eu não sou em nada como ela. Serei uma esposa amável e leal a você, milord.

Mark a olhou fixamente. Como aborrecia seus “se” e seus “mas”. Como desprezava as patéticas tentativas que ela tinha feito durante toda a semana para rechaçar a sua mãe. Não serviram de nada. Ela não deveria haver-se incomodado.

—Reunirei-me com você no salão —disse ele.

Charlotte assentiu com a cabeça e partiu com Rosalind.

Matt olhou a Lucinda e depois se voltou para ele e o assinalou com um dedo.

—Disse-lhe isso. Disse-te que lhe faria mal —ele se deu a volta para ir-se, mas voltou a girar—. Isto, devo admitir, foi muito pior do que poderia haver imaginado. Mas deixei que o fizesse do pior modo possível.

Mark se esforçou em manter seus punhos aos lados.

—Merda. Eu não tinha nem idéia que ambas se conhecessem.

—E você está colocando-a de lado, assim pode te atar a essa vil cadela dali. Sabe que, irmão meu, deves necessitar sofrimento em sua vida.

A cólera percorreu os tensos músculos de Mark. Ele se afastou de Matt, de sua mãe e das portas abertas do salão.

Mas Matt lhe seguiu.

—Sim, isso. Não pode tolerar a felicidade. Não. Nem sequer é capaz de reconhecer a felicidade.

Mark se girou e lhe pegou um murro diretamente na mandíbula a seu irmão. Matt se cambaleou para trás, sustentando o queixo. Lucinda ofegou e se apressou para eles.

Mark se aproximou dele e o assinalou.

—Por Deus, se disser uma maldita palavra mais, lançarei-te escada abaixo tão rápido e tão forte, que sua amada Rosalind —disse as palavras com ironia— terá que dever recolher seus pedaços e costurá-los depois.

Lucinda puxou o braço de Mark.

—Não volte a tocar em meu filho! —vaiou—. Me ouve? Deixa-o tranqüilo.

Mark retirou seu braço do aperto de Lucinda e se afastou de Matt.

Sua mãe se voltou para seu favorito. Matt se afastou dela e depois, antes que Mark pudesse reagir, seu irmão esbofeteou a sua mãe.

Lucinda ofegou assombrada e pôs sua mão em sua bochecha.

— Isto é tudo tua culpa — grunho Matt—. Ele também é seu filho. Se lhe tivesse mostrado embora seja a mais pequena maternal consideração, talvez ele não se estaria casando para sofrer. Mas graças a ti, ele não conhece nada mais.

Matt girou e, controlando sua mandíbula, afastou-se a pernas para o salão.

Lucinda se voltou para Mark.

— Tudo isto é tua culpa. Por que o tem que fazer tudo tão difícil? Por que não pode ser tão agradável como...

— Como Matthew? — terminou Mark por ela. Quantas vezes tinha ouvido isso desde que era um moço?

Ele olhou sua bochecha avermelhada.

— Se só tivesse sabido que significava realmente “agradável” para ti, eu te teria agradecido faz muito.

Ele passou diante dela e olhou seu relógio. Ainda era condenadamente cedo. Não poderia ir com Passion até passadas umas horas.

Deus, o que pensaria ela? O que faria?

Esgotada e exausta, Passion pôs os lençóis sob seu queixo e se fez um novelo. Tinham passado horas desde que Tia Matty e John Crossman a tinham deixado soluçando em seu travesseiro. Sua garganta ainda ardia de biles e seus olhos pelas lágrimas. A dor que rasgava seu coração a asfixiava com o peso da traição, do pecado, e da perda.

Ela exalou um fraco suspiro. Ela tinha sido ambas as coisas, a traída e a traidora, o pecado e o pecador. Pior, seu amor, sua esperança de amor, era nada mais que uma ilusão desesperada cimentada em engano e maldade.

Seu coração gritava de dor. Ela ofegou e pressionou a palma de sua mão contra o encolhido órgão. Não. Não uma ilusão. Seu amor era profundo e verdadeiro, e não correspondido.

E imerecido. Como podia ele lhe haver dado tanto de si mesmo, levá-la a sua casa, quando ao mesmo tempo preparava seu futuro com Charlotte?

Um soluço seco se elevou em sua garganta. Com Charlotte! Deus, com sua prima! Sua prima, que era uma plebéia como ela.

Por que Charlotte?

Por que não ela?

Ela fechou fortemente os olhos com vergonha ante esse pensamento. Mas não podia manter as perguntas contidas.

As respostas eram todas muito simples. Charlotte era rica; Charlotte era jovem. As lágrimas emanaram de seus doloridos olhos. E um conde necessitava de herdeiros, os que ele sabia que Passion não podia lhe prover.

Ele se tinha declarado a Charlotte depois de saber que ela era estéril. O teria proposto, se ela não o fosse? Que pergunta tão inútil. Mas em sua casa, lhe havia dito coisas que lhe fez acreditar que ele se preocupava com ela.

Ela se mordeu o lábio e voltou seu rosto para o travesseiro. Seus pensamentos eram patéticos, e ela se odiou por os ter. Mas como sobreviveria ao matrimônio de sua prima com o homem ao qual amava? Que Deus a salvasse, porque ela não podia deixar de amá-lo.

Novas lágrimas caíram. Seu amor se atenuaria? A dor se aliviaria com o tempo? Que malévolos giros do destino tinha conspirado para fazer isto?

— Estava seguro que encontraria a janela fechada.

Passion ofegou ante o som da voz baixa de Mark e girou o rosto de seu travesseiro.

Quando ele a viu, seu cenho franzido pela preocupação se fez mais profundo.

—OH, Passion.

Ele deu um passo para ela, mas ela levantou sua mão enquanto se sentava.

—Não. Não te aproxime mais.

Ela tinha estado esperando-o. Mas agora que ele estava aqui, retendo-a com seu olhar azul, questionou-se sua decisão de falar com ele.

—Fechei e abri a janela uma dúzia de vezes —disse ela, com voz irregular—. Mas finalmente, compreendi que nós... Que eu tinha que te dizer adeus.

—Não há nenhuma necessidade de dizer adeus, Passion.

Sua cabeça deu voltas. Como podia dizer ele tal coisa? Suas mãos se apertaram ao redor do lençol.

—Muito em breve, será o marido de minha prima —as palavras fizeram que seu estômago se revolvesse e seu coração se rasgasse—. Como pode me dizer que não há necessidade de um adeus? —sua voz tremeu—. Nós deveríamos haver dito adeus faz muito. Nunca deveríamos ter estado juntos.

Ele franziu o cenho.

—Não diga isso. É mentira —ele a olhou fixamente—. Você é a parte mais perfeita de minha vida, a única parte perfeita. Isto não é um engano. Não é um equívoco.

Passion pressionou sua mão sobre seu palpitante coração quanto mais lágrimas caíam pela dor.

—Tudo isto é um equívoco. Não pode vê-lo? Pertence a minha prima.

—Ela é segunda tua prima, e não lhe pertença —lhe repreendeu ele—. Nem sequer eu gosto dela —e se passou a mão por seu cabelo— Quer saber em que te equivoca, Passion? Em tudo.

Ele arrastou uma cadeira ao lado de sua cama e se sentou, com o corpo rígido. Ele olhou seus punhos apertados um momento antes de levantar seus olhos para ela. Eram frios como o gelo.

—Recentemente fui informado por minha mãe, a quem desprezo, que meu irmão é um bastardo. Claro, essa foi uma notícia bastante inquietante por si só. Entretanto, havia mais. Resulta que ela escreveu uma carta a uma amiga em que se gabava de sua gravidez adúltera.

A mandíbula de Mark era uma dura linha.

—Esta suposta amiga, uma mulher muito rica sem título mas com aspirações à aristocracia, conservou a carta durante anos, esperando até que sua própria filha estivesse em idade casadoira.

A Passion doeu a cabeça. Poderia ser?

O rosto de Mark parecia granito.

—Logo, justo faz um mês, ela enviou a minha mãe uma cópia da carta original com uma demanda.

—Não —sussurrou Passion.

—Sim —vaiou Mark—. Me caso com sua filha e a faço Condessa de Langley, ou ela publica as repugnantes notícias de minha mãe no jornal. E como meu irmão não tem nem idéia de que ele é ilegítimo, e atualmente está prometido a uma dama de alta linhagem, pode imaginar o que semelhantes notícias poderiam lhe fazer.

Passion não queria acreditá-lo, mas isso era justo o tipo de coisa vil que Abigail faria. Ela deixou cair sua palpitante cabeça em suas mãos. Não era assombroso que Charlotte se queixasse de que seu prometido parecesse frio e retraído.

—Sinto-o —disse ela brandamente.

—Sente-o? —ele se ouviu tão amargurado—. Lhe ofereci uma fortuna por essa maldita carta, mas ela quer meu título e meus herdeiros.

Passion levantou o olhar e suspirou ante a fúria gravada em seus traços.

—Assim é, Passion. Não só exige que me case com sua prima, exige que tenha filhos com ela. Só depois de que lhe entregue um mínimo de três saudáveis meninos, sendo ao menos dois deles moços, essa cadela, Abigail Lawrence, porá a carta em minhas mãos.

Apertou os dentes fortemente.

—Certamente, isso é o que ela diz, mas não acredito que me dê isso alguma vez.

Passion lutou contra suas emoções. Todas se amontoavam sobre ela em uma sucessão implacável. Ele não queria a Charlotte. Lhe estava sendo imposta. Sentiu alívio, mas se envergonhou por esse alívio. E como devia ser para Mark? Ele não era um homem que tolerasse a submissão. Horror, pena, angústia, e amor, todos caíram sobre ela com um peso insuportável.

—Deve amar a seu irmão muitíssimo —sussurrou ela.

—Matt é a única razão pela que não hei dito a Lawrence que faça o que quiser com essa maldita carta.

Passion assentiu. Isso queria dizer que ele a amava. Olhou fixamente a suas mãos apertadas nos lençóis. Não. Não, isso era um engano. Graças a Deus ele não o fazia. Ela tentou tragar sua dor, mas esta fechava sua garganta.

—Esta é a última vez que nos veremos, Mark —as lágrimas encheram seus olhos—. Apesar de toda a maldade de Abigail, Charlotte é inocente. Deve ser um marido amável para ela.

—Não! —negou ele—. Não, não te deixarei. Não tenho nenhuma intenção de me casar com Charlotte Lawrence —seu cenho se fez mais profundo—. E ela está longe de ser inocente. Ela é débil, sorri com afetação, é uma marionete imbecil que se dobra a cada ordem de sua mãe. Achas que eu te deixaria por ela?

Passion franziu o cenho.

—Mas o que quer dizer, não tem intenção de te casar com ela?

—Quero dizer que tenho a alguém procurando essa carta. E assim que ele a encontre, e me dê isso, mandarei ao diabo a Abigail Lawrence e a sua filha com ela.

Lhe olhou com os olhos cheios de lágrimas.

—Mas não pode fazer isso. Se abandonar a minha prima, ela estará arruinada.

—Possivelmente não o entendeu, estão-me chantageando Passion. Estou sendo malditamente chantageado —grunhiu Mark—. Espera que o aceite como se fosse nada? Esperas que não faça tudo o que está em meu poder para me liberar desta asquerosa tirania? Esperas que te deixei por algo ou alguém? Porque, se for assim, estás profundamente confundida.

Passion deixou cair mais lágrimas. Suas palavras eram uma alegria e uma tortura. OH, terrível orgulho, terrível amor!

—Espero que seja o homem que conheço, um homem nobre e honorável.

—Não me fale de nobreza e honra —cuspiu—. A nobreza e a honra destruíram a meu pai. Não tenho nenhuma aspiração a qualquer dessas características.

Ele podia conhecer-se tão pouco? Deus, como tinha ela vontade de tomá-lo em seus braços.

—Não pode evitar ser quem é —murmurou—. E eu não posso ficar contigo. Você pertence a minha prima.

—Não pertença a ninguém mais que a ti —respondeu ele, com voz rasgada.

Passion suspirou enquanto seu coração palpitava com ferocidade em seu peito.

—Isso foi certo.

Mark se inclinou, aproximando-se.

—Isso é certo. Aquele primeiro dia que fui ao Palácio de Cristal, supunha-se que eu ia à exposição de porcelana a me encontrar com sua prima. Mas eu tinha decidido não fazê-lo. Matt e eu vagamos pelo lugar durante uma hora e me dispunha-me a partir quando mudei de idéia. Nesse momento, não soube por que —lhe sustentou seu olhar—. Agora sei que fui ali para te encontrar. Você é a mulher com a qual, supunha-se, encontraria-me nesse dia. Você, Passion Elizabeth Der, não sua prima.

Os olhos de Passion transbordaram pelas lágrimas de angústia. Ela não deveria ouvir isto, não agora. Mas não podia pará-lo.

—Sabe que o que digo é verdade —a voz de Mark soou urgente—. Quando te tirei do caminho daquela árvore que caía. Cheirei-te e te senti e você encheu meus braços. Então, quando contemplei seus formosos olhos, vi algo que fez que meu coração pulsasse mais rápido e meu sangue corresse. Tive que me obrigar a te liberar. Mas quando me afastei, senti que não era correto. E quanto mais me afastava, mais incorreto o sentia.

Ele se inclinou para frente na cadeira.

—Disse-me que te olharia uma última vez, e quando me dava a volta, tive medo de que te tivesse ido. Mas não o fez. Estava ali, me olhando diretamente. Soube então que te queria mais do que alguma vez tinha querido algo.

—Detenha-se! —gritou Passion em um sussurro—. Detenha-se! Você é mais que um arquiteto, é um conde. Os condes requerem herdeiros —ela pressionou suas mãos contra seu estômago—. Hoje, quando falamos, deixei-me levar pelo sonho de que poderia ter uma vida contigo. Mas é impossível. Ambos sabemos.

Ele a olhou fixamente, seus olhos cheios de emoções ilegíveis.

—Não te deixarei —repetiu ele—. Não o farei.

—Não é só o que você faça. Isto ultrapassou nosso segredo —dos segredos nasciam os problemas. Ela tinha que dizer-se isso—. Aos olhos da sociedade, você pertence a Charlotte.

—Não o faço.

—Faz-o!

Os olhos dele brilharam.

—Não a amo!

—Mas eu a quero!

O rosto de Mark se tornou uma máscara.

As lágrimas de Passion se derramaram por suas bochechas. Amo-te!

—E não a trairei!

Mark não se moveu.

—Não o vê? Tudo o que temi, e mais, passou. Eu sabia que era um engano estar contigo. Sabia que arriscaria meu coração e mais. Mas pus minhas próprias necessidades antes do decoro, antes do dever. Não fiz caso da minha moral e me dava, de bom grado, à tentação que me ofereceu. Seu roçar, seus beijos, sua mera presença me chamava fortemente. Desfrutei-me em minha queda. E agora pago um preço maior do que sonhei imaginável —ela tragou e se afogou com suas lágrimas. Isto vai mais à frente que entre nós dois. Meu pai tem razão. O mundo realmente sofre quando as leis de Deus são quebradas.

A expressão do Mark era um retrato de raiva.

—O que tem que as leis que Abigail Lawrence tem quebrado? Onde está sua moral? Onde está seu decoro e seu dever? Ou agora é apropriado e moral prostituir à própria filha? —seus olhos expressavam fúria—. E o que tem o meu sofrimento? Sofrimento, ante o qual, esperas que seja nobre e honorável. Sofrimento, que se supõe devo suportar toda uma vida com equanimidade

e graça —sua voz se fez mais dura com cada palavra—. Não sou o maldito Salvador, Passion. Sou um homem. E não me crucificarei sobre o altar de sua moralidade!

—Charlotte é inocente!

Mark ficou de pé e se inclinou sobre ela.

—Abigail Lawrence sustenta uma faca em minha garganta, e essa faca é Charlotte. Ela é o instrumento de minha tortura, a prisão a qual estou confinado. Estou escravizado por sua patética existência.

O rosto de Passion se cobriu de sofrimento.

—Não me diga que ela é inocente. Ela está participando deste asqueroso plano tanto como sua mãe e a minha. Eu não perdôo sua ignorância!

Passion ofegou quando ele agarrou seu queixo.

Seus olhos cintilaram.

—E não te deixarei por ela. Ouve-me? Você é minha.

Lhe olhou através das lágrimas.

—Sou tua só quando me dou. Você não pode tomar.

—Não posso? Eu posso fazê-lo agora.

OH, Deus!

—Não o fará.

Ele se afastou dela, e ela fechou seus olhos com um soluço.

Sua voz a alcançou.

—Jamais se refira ao que tivemos juntos como “uma queda”. Fazer isso seria um pecado maior que qualquer outro que acreditas que cometemos.

Seu interior se retorceu com pesar. Mas quando ela o buscou, ele já se foi.

Seu coração se rompeu em mil pedaços.

Como ela alguma vez os encontraria? Como tornaria ela para juntá-los outra vez?

Como estaria ela inteira outra vez?

Capítulo Quatorze

Parentes Insistentes

Mark enrolou seu projeto terminado para a nova Biblioteca Nacional e os atou com duas fitas de cor verde escura. Entre os dois, e com muito cuidado fez gotejar o lacre verde e depois lhe aplicou o selo dos Hawkmore. Com uma escova e um polvilho dourado, colocou os últimos retoques sobre seu brasão. Em seguida ficou olhando fixamente ao dourado leão em pleno campo de batalha.

Ele era como o leão, sempre zangado e furioso. Tinha estado fazendo-o durante toda sua vida. Quando terminaria? Quando deixaria sua vida de ser finalmente uma batalha?

Quando Passion deixasse seus absurdos ideais e aceitasse que eles ainda se pertenciam. Quando ela se desse conta que não poderia mantê-lo afastado. Quando ela entendesse que eles eram mais importantes que a vida cheia de traição e mentiras que ela faria que ele vivesse.

Ela tinha que entendê-lo. Devia fazê-lo!

Ele levantou o projeto. Três semanas atrás, este tinha significado mais para ele que qualquer outra coisa. Ontem, enquanto Passion tinha admirado o desenho e os detalhes que ele assinalava, seu interesse lhe tinha feito sentir-se orgulhoso e pleno. Tinha acreditado nela quando ela havia dito que ele obteria a comissão.

Hoje, não lhe importava.

Colocou os desenhos em uma prateleira.

—Estão terminados?

Mark se deu a volta, para olhar a seu irmão.

—Sim —em seguida ele assinalou a bandeja coberta que estava na mesa perto da janela—. Seu café da manhã está ali.

Esfregando-as mãos, Matt se sentou e se serviu de um volumoso prato de comida.

—Mamãe não se levanta até as onze horas —comentou Matt—. E odeio comer sozinho.

Mark tomou assento frente a seu irmão e se apoiou em seus punhos. O queixo de Matt estava sombreada de preto, vermelho e azul. Lhe havia dito a todo mundo no banquete que se golpeou com uma porta.

—Significa isso que deveria te esperar todos os dias? Que sua presença se converterá em um hábito?

Matt se encolheu de ombros.

—Seu cozinheiro é excelente —ele olhou a Mark enquanto mastigava e tragava seu toucinho—. Sinto o que passou ontem à noite. Falei zangado. Sua vida é teu assunto. Tem responsabilidades para com o título, para não falar sobre os herdeiros. Não é meu lugar te questionar.

—Sim o é.

Matt sorriu brevemente, assinalando com o dedo seu queixo.

—Bem, possivelmente não tão veementemente —seu rosto se tornou sério—. É meu irmão, Mark, e estou de seu lado, faça o que fizer. Se ultrapasso a linha, é só porque me preocupo contigo.

O peito de Mark se esticou.

—Sei.

Matt mordeu um ovo escaldado.

—Também me desculpei com mamãe.

—Ela te perdoou, é obvio.

—Sim.

—Se eu a tivesse esbofeteado, ela me teria detido por assalto.

Matt assistiu com a cabeça.

—Provavelmente —ele deixou seu garfo na bandeja—. Lamento tudo isso, Mark. É que ela vê muito de papai em ti —Matt sacudiu sua cabeça—. Sabe, quando éramos meninos, usava-o para me fazer ciúmes.

Mark se esfregou a têmpora.

—Sobre o que ficava ciumento? Você recebia todo seu amor.

—Sempre estava acostumado a dizer que você era igual a papai. Cristo, ainda o diz. Mas ela nunca disse isso sobre mim —seus escuros olhos sustentaram os de Mark—. Eu queria ser como papai, também —ele fez uma pausa—. Havia um vínculo entre papai e você. E por muito que o tentei, nunca pude chegar a formar parte dele.

Mark franziu o cenho.

—Do que estás falando? Papai foi bom contigo. Amável. Ele te amava.

—De verdade o fez? Nunca me disse que fosse assim.

O cenho franzido de Mark se fez mais pronunciado. Sua cabeça começava a lhe doer.

—Estou seguro de que o fez. Só tinha dez anos quando ele morreu. Provavelmente não o recorda.

Matt negou com a cabeça.

—Não, recordo-o bastante bem. Ele dizia: “É um bom moço, Matt”, ou “bem feito, Matt”, mas nunca “Te amo, Matt”.

A mente de seu irmão se inundou no passado.

—Uma vez —continuou— quando estava praticando o violoncelo, ele se deteve na entrada para escutar. Ficou toda a peça. Estava no céu porque você estava na outra habitação, mas ele se deteve para escutar a mim. Inclusive toquei até o final para que assim ficasse mais tempo. Quando finalmente terminei, aproximou-se e despenteou meu cabelo. “Tem talento, moço”, disse-me. “Não o abandone nunca. Eu gosto de te escutar” —o olhar de Matt retornou a Mark—. Assim nunca o fiz. Sempre toquei. Porque se ele não me amava, ao menos amava minha música.

Mark cravou os olhos em seu irmão. Ele nunca havia sentido a preferência a seu pai, nunca se tinha dado conta dela.

—Ele não era um homem que expressasse seu amor, Matt, especialmente quando as coisas pioraram entre mamãe e ele. Recordo que só me disse isso em contadas ocasiões.

—Mas ele lhe disse isso. Sempre quando pensava que não estava perto. “Te amo, filho”, dizia a ti. Depois passava seu braço por seu ombro. Observei-o mais de uma vez, Mark. E devem ter havido vezes das que não fui testemunha.

Jesus Cristo! Dadas as circunstâncias, seu pai tinha sido um modelo de imparcialidade.

—Talvez ele me dizia isso porque não tinha uma mãe que me diria isso. Talvez me dizia isso porque não tinha uma mãe que se deteria para me observar fazer algo, e muito menos me revolver meu cabelo e me oferecer alguma palavra amável para me dar ânimo. Me perdoe, mas poderia relatar mil piores modos de como mamãe me desprezou enquanto derramava seu amor imperecível sobre ti.

Matt o olhou durante um longo momento.

—Só queria te dizer que papai te pertenceu. Não pensei que te desse conta disso. Pensei que poderia ser um consolo para fazer frente ao favoritismo de mamãe.

Mark passou suas mãos através de seu cabelo. Por que eles seguiam tendo estas inquietantes conversas?

—Acreditas que me satisfaz saber que papai te defraudou? Não o faz. Ele foi um bom homem, Matt. Tentou ser justo. Você somente teria que acreditar nisso.

—E acredito, e sei que ele foi um bom homem. Por isso quis ser como ele.

—És como ele. Essa é a ironia, Matt. Mamãe sempre diz que sou igualzinho, mas não o sou. Você o é. É uma mescla de todas suas melhores qualidades. É um homem de honra, força e nobreza.

—E você não o é? Pode não levar as qualidades em suas vestimentas, mas estão todas em ti.

Mark negou com a cabeça.

—Você acredita no amor e luta por ele. Esse é um traço de papai que não tenho.

Matt mordeu um pouco de sua torrada e olhou a Mark enquanto mastigava.

—Posso-te perguntar algo? Como está Passion?

—Doente, chorando e irracional.

Seu irmão sacudiu a cabeça.

—Ontem à noite foi toda uma comoção, inclusive para mim. Somente posso imaginar o que foi para os dois.

Mark franziu o cenho.

—Quem podia ter pensado que ela estaria relacionada com essas pessoas?

—O que vais fazer agora?

—Convencer-la de que não tem importância.

Matt levantou suas sobrancelhas.

—O que?

—Expliquei-lhe a situação — disse Mark —. Ela só tem que aceitar meu ponto de vista.

—Ah, assim quer que ela permaneça como sua amante enquanto te casa e engravida a sua prima — os dedos de Matt se tornaram brancos enquanto segurava sua xícara de café —. O entendi bem?

—Não exatamente — disse Mark apertando os dentes.

—OH, bem. Por um momento, estive preocupado por sua prudência.

—O que ocorreu? Não faz três minutos, há dito “estou de seu lado, faça o que fizer”.

—Estou de seu lado, por isso tenho que te convencer de que tem que fazer o malditamente correto — Matt se inclinou para frente —. Teria ido da casa dos Lawrence contigo ontem à noite. Mas escolheu ficar. Escolheu a Charlotte. Pois muito bem, aceito-o. Então vive com essa decisão.

—Não deixarei Passion ir.

—Deve fazê-lo!

Mark se levantou e se afastou da mesa.

—Esta cantinela se está tornando um pouco tedioso.

—Se te importar algo, deverá deixá-la ir.

Mark abriu de repente a porta de seu escritório, mas Matt lhe seguiu.

—Já é suficiente! — disse Mark.

—Pelo amor de Deus, te vais casar com sua prima!

Mark começou a subir a escada. Se seu irmão lhe seguia, sentiria-o.

Houve um breve silêncio.

—Não a deixará ir, porque não pode.

Mark fez uma pausa quando seu pé ia dar o seguinte passo.

—Não pode tolerar o pensamento de viver sem ela — só se escutava o tic-tac do relógio no vestíbulo —. Só que é muito tarde para isso.

Mark agarrou o corrimão da escada e sentiu o tremor de seus joelhos.

—Bem, isso não é nada para ti, não? Acreditas que poderá convencer-la para que fique contigo? Eu a vi. Vi seu rosto. Vai deixar-te fora de sua vida.

O corpo de Mark ficou rígido. Matt estava equivocado! Matt não sabia o que eles tinham. Passion nunca lhe abandonaria. Ela era dele. Nunca a deixaria ir. Nunca!

—É cedo para uma visita — disse Abigail a Passion quando entrou em seu salonzinho.

—Sim, me perdoe.

—Toma assento, Passion.

A seda verde de sua saia sussurrou brandamente quando tomou assento frente a Abigail.

Os frios olhos azuis da mulher se moveram sobre ela lentamente enquanto uma criada entrava carregando uma bandeja com ponche e dois copos. Abigail franziu o cenho quando a criada depositou a bandeja.

—Ora, não pode entender nada bem? Pedi limonada, não ponche.

Antes de que sua ama a pudesse observar, a criada lhe dirigiu uma breve mas furioso olhar a Abigail.

—Não havia limões no mercado, senhora.

—Não acredito nisso, Anna. Serve o ponche e te vá. Já falarei contigo mais tarde.

Passion nunca tinha gostado da mãe de Charlotte, mas agora agudos estilhaços de aversão perfuravam seu coração. Abigail fazia a vida impossível a todo mundo. E estava forçando o compromisso de Mark com Charlotte. Era um ato desprezível e repreensível.

— Parece como se quase não tivesse dormido — comentou Abigail depois que a criada se retirasse —. Realmente, Passion, teria sido melhor se tivesse ficado em casa ontem à noite. Tive que lavar a escadaria depois que te partisse.

Passion desejou poder refrear seu rubor de vergonha, mas nada pôde fazer.

— Minhas mais sinceras desculpas, senhora. Minha enfermidade me veio repentinamente. Nunca teria vindo se me houvesse sentido doente.

— Bem, espero que esteja completamente recuperada. Seria muito descortês de sua parte vir e infectar minha casa. Charlotte não pode permitir o luxo de estar doente neste momento.

A mulher era a rudeza em pessoa. Como Charlotte a tolerava dia após dia?

— Estou completamente recuperada, o asseguro. Vim para me desculpar por qualquer mal-estar causado ontem à noite e para falar com Charlotte.

— Alegra-me que reconheça a necessidade de uma desculpa, Passion. Toda a noite se estragou por sua apressada partida. Minha prima esteve preocupada toda a noite, por medo de cair também doente. O prometido de Charlotte, o conde, fez-me uma quantidade de perguntas sobre ti. Foi muito inquietante.

Agora ele conhecia seu nome e sua relação com Charlotte. Por que mais se teria interessado?

— Posso falar com Charlotte, Senhora Lawrence?

Abigail se encolheu de ombros.

— Charlotte começou a tomar seu café da manhã em sua habitação. Pode te unir a ela ali, mas não fique muito tempo.

Passion ficou de pé. Queria afastar-se de Abigail.

— Muito bem, muito obrigado.

A dura voz da mulher lhe fez deter na entrada da sala.

— Onde está o xale que tinha posto ontem à noite? Deveria usá-lo com um vestido tão singelo.

Passion se deu a volta.

— É um objeto muito especial, só o utilizo para ocasiões especiais. E prefiro que meus vestidos sejam simples.

— Sim, bem, sempre usa os melhores tecidos. Mas regula nos adornos como bem se nota. De qualquer forma, como te pudeste permitir semelhante xale? Por ser um vigário, certamente, a seu pai deve ir muito bem.

A mulher era repugnante.

— A pai vai bem. Que gentil é por sua parte perguntar! Sua saúde está bem como sempre, e recentemente terminou um ensaio maravilhoso sobre os méritos da humildade. Agora, se me permitir...

Passion não esperou a permissão da mulher, como se apressou a subir as escadas. Enfurecia enquanto subia, e seus olhos lhe ardiam pelas lágrimas mas piscou para limpar a visão. Com que direito Abigail Lawrence se comportava como se ela tivesse que saber qualquer coisa e tudo? O que lhe incitava a levar a cabo algo tão monstruoso como a chantagem? Pensava que a liberdade de Mark e seu título eram sua recompensa? Importava-lhe que estava casando Charlotte com um homem que não a queria?

O estômago de Passion estava duro. Ela sabia muito bem o pesar que suportava um matrimônio indiferente. As repercussões poderiam ser terríveis.

Quando terminou de subir, Passion se deteve em seco. No vestibulo, uma das criadas do piso de cima estava em um apertado abraço com um alto moço de cabelo negro. A mão do jovem vagava descendo pelas costas da criada e em seguida se pousou sobre seu traseiro.

Passion suspirou, e uma dor terrível e de perda fluíu nela. Sabia o que era estar dentro do firme abraço de Mark e sentir a carícia de sua mão impaciente. Mas a doçura desses abraços lhe estava negada para sempre.

A garota amaria o moço? Amava-a ele?

A criada se apartou com uma risadinha tola mas então saltou quando viu Passion. O medo repentino encheu seu rosto. O moço se via despreocupado.

Passion forçou um tremente sorriso para aliviar a pobre garota.

—Está bem —disse ela—. Só vou à habitação da Senhorita Lawrence. Se a memória não me falhar, está ao final do corredor?

A criada oscilou de cima a baixo em uma reverência e nervosamente endireitou sua touca.

—Sim, senhorita.

O jovem somente se apoiou contra a parede e enganchou seus polegares em seus bolsos com um aberto sorriso.

Passion voltou suas costas ao casal e caminhou o longo caminho do corredor. Nunca sentiria essa ofegante excitação outra vez. Nunca sentiria a Mark outra vez.

Fazendo uma pausa na porta de Charlotte, tomou uma profunda e intensa respiração antes de bater na porta.

A resposta de Charlotte chegou um pouco lenta. Passion sentiu certo alívio quando lhe facilitou a entrada para encontrar sua prima no meio da cama, seu café da manhã intacto na bandeja.

—OH, graças a Deus é você! —exclamou Charlotte—. Temia que fosse uma convocatória de mamãe.

Passion franziu o cenho enquanto fechava a porta. Havia sombras escuras por debaixo dos olhos cinzas de Charlotte, e suas bochechas e seus lábios se viam pálidos.

—Está bem, querida?

Charlotte sorriu brevemente.

—Agora que estás aqui, sinto-me melhor. OH, Passion, estou tão contente de ver-te. Vêem e sente-se —Charlotte se apartou a um lado e empurrou a bandeja para lhe deixar espaço suficiente.

Passion tocou a testa de sua prima enquanto se sentava a um lado da cama.

—Não te sinto febril. Mas parece como se precisasse dormir.

—Assim é como me sinto —comentou Charlotte—. Estava tão preocupada contigo ontem à noite. Está bem?

Passion baixou seus olhos por um momento. Quando se sentiria bem outra vez?

—Não deve preocupar-se, querida. Estou completamente bem —ela elevou seus olhos até Charlotte, a doce Charlotte, que era tão inocente e nada sábia.

Pesar, inveja, remorso e vergonha; tudo isso fazia ebulição dentro de Passion. Não teria padecido tudo isto, se tivesse se comportado como uma mulher correta e virtuosa. Foi sua auto indulgência, seu insolente rechaço de que ela sabia o que era o correto, o que havia trazido a ela a este momento.

—Estou muito apenada por causar tudo isto, Charlotte. Espero que saiba que nunca o teria feito sabendo que te machucaria.

Charlotte franziu o cenho.

—Mamãe te falou? Não deveria lhe prestar atenção, Passion. Acredita que tudo é intencionado, incluindo sua enfermidade, que é uma afronta pessoal contra ela. Cada pequena coisa que saia de seus planos a enfurece —ela negou com a cabeça—. A deveria ter ouvido ontem à noite. Enfureceu tanto ao conde e a seu irmão que quase se foram —seus olhos se encheram de lágrimas—. Não sei o que teria ocorrido se tivessem se ido, Passion. Se o conde anular nosso compromisso, estarei arruinada. Não tenho a posição social ou de nascimento para agüentar um escândalo e sair ilesa, e não cabe dúvida de que um conde rompendo seu compromisso com uma plebéia depois de um cortejo e um período tão escandalosamente breve de compromisso causaria um escândalo maior. As pessoas assumirão que resultei ser inadequada. Serei uma exilada social, um artigo descartado, só interessante para aqueles que estejam com uma desesperada necessidade de meu dinheiro.

Passion passou seus braços ao redor de sua prima. Era certo. Mark não poderia suspender tão logo este compromisso. Mas podia culpar-lo na realidade por tentá-lo? O que aconteceria a sua vida? Ela esfregou as costas de Charlotte.

—Mas ele não se foi, querida —lhe disse ela—. Ele ficou. Ficou quando podia haver-se ido.

—Sim —disse Charlotte enquanto se afastava do abraço de Passion—. E disse que ficava por mim. Acredito que ele, e também seu irmão, compreendem que não sou como mamãe. Disse-lhes que eu não era assim. E nesta última semana, venho tentando lhe fazer frente um pouco mais.

Passion jogou para trás um cacho castanho que tinha caído no rosto de Charlotte.

—Ora... já vê.

O rosto de Charlotte se entristeceu.

—Só que, Passion, ele não me mostrou nem um farrapo de ardor da tarde no pavilhão. A condessa me trata com absoluto desdém, a menos que estejamos em público, onde ela faz de conta de que me adora. E mamãe simplesmente vai de mal a pior. Põe-lhe senão a tudo e repreende ao pessoal de toda a casa constantemente —seus olhos cinzas se encheram de lágrimas—. Ela e a condessa se falam como se fossem duas víboras raivosas. E o irmão do conde, que é um dos homens mais amáveis que conheci, luzia como se pudesse golpeá-la ontem à noite —Charlotte escondeu seu rosto entre suas mãos—. OH, Passion, desejei que ele o tivesse feito. Desejei que golpeasse a minha mãe. Sou horrível, sei, mas não o posso remediar.

Passion fechou seus olhos. Ela também o teria querido.

—Não é má, Charlotte. Algumas vezes as situações se movem de maneira quase impossíveis e não se podem manter os bons pensamentos. Nessas vezes, só podemos pedir a Deus o perdão e tentar ser melhores.

Charlotte tomou as mãos de Passion.

—Você sempre tem pensamentos positivos. Sempre faz o correto. Desejaria ser como você.

O estômago de Passion lhe doía pela angústia. Apertando os dedos de sua prima, disse: —Nada mais além da verdade. Tive um bom número de maus pensamentos, e tomei decisões que me guiaram para um caminho equivocado.

Charlotte negou com a cabeça.

—Tenho pensamentos terríveis cada dia, Passion. Não sabe como é isso. Mamãe sempre foi difícil e crítica, mas desde a proposta do conde, esta mais insuportável. Justamente ontem à noite, despediu a um criado que tinha estado em nossa família durante dez anos! Por isso é que escapo para ter com Tia Matty e contigo cada vez que posso. Sabe quantas vezes pensei em empacotar minhas coisas e ir contigo? —seu olhar se tornou mais amargo—. Mesmo quando era uma menina, estava acostumada a sonhar que ia viver contigo no vicariato. Seria outra irmã para ti, e seu pai

me falaria com essa voz tão doce e firme que tem. E ninguém me gritaria mais ou me obrigaria para fazer algo que estava mal.

—OH, Charlotte... —disse Passion brandamente. Sua prima a olhou com pesar.

—A odeio, Passion. Faço-o. Alguns dias, desejaria que estivesse morta.

Passion puxou Charlotte para envolvê-la em seu abraço. O que ela lhe podia dizer depois desta confissão? Nada.

—Está bem, querida —sussurrou ela—. Está bem.

Charlotte se grudou a ela durante um longo tempo.

Que círculo vicioso era o ódio. E agora ela estava nele também. Finalmente, Charlotte falou.

—Estou tão contente de que tenha vindo hoje. Sabe o que?, Se não fosse por ti, não sei o que faria. É sempre um consolo para mim. Virá outra vez amanhã?, Fará-o? Por favor, Passion.

Passion apertou seus olhos e tomou um profundo fôlego.

—Charlotte, querida, vim aqui hoje para me despedir.

Charlotte se voltou para trás, com a desilusão escrita em seu rosto.

—O que? Não! Não, isso eu não gosto, não pode ir —ela agarrou as mãos de Passion—. Agora te necessito. Você é a única que me dá um pouco de paz. Não há ninguém a quem posso recorrer exceto a ti.

Passion sentiu um nó no estomago. Não podia ficar, não podia fazê-lo!

—Querida, eu... sinto nostalgia. E você sabe como é Tia Matty. Ela acredita que o remédio para tudo é a atividade —ela pôs todo o empenho em sorrir— e por muito que o tente, não posso me desfazer de Alfred Swittly.

Lágrimas correram pelo tenso rosto de Charlotte.

—Rogo-te que fique, Passion! Dentro de uma semana, será hora de ir a Hawkmore House. Devo ser apresentada a minha futura família e toda a nobreza local antes das bodas —sua bonita boca se retorceu em uma careta de desgosto—. Te necessito lá. Com um prometido que apenas me conhece, a condessa que apenas me tolera, e minha mãe que constantemente me humilha, não sobreviverei; não sem ti. Por favor, vêm comigo!

Passion franziu o cenho enquanto a dor apunhalava seu peito. Dez dias na casa de Mark. Dez dias ante a poderosa insistência de Mark para que permanecessem juntos. Como sobreviveria ela a isso?

Precisaria proteger-se. Necessitaria de suas irmãs. E ela teria que falar com Mark, ele precisava entender que sua decisão era final. Tudo lhe parecia muito difícil e complicado.

Ainda assim como poderia abandonar Charlotte? E se Mark encontrasse a carta? Então ele abandonaria Charlotte. Poderia evitá-lo?

—Por favor, Passion —rogou Charlotte—. Sua família está convidada às bodas. Envia uma nota a Patience e Prim para que venham antes. Podem-se reunir conosco em Hawkmore House. Seu pai, também, se assim o desejar. Muitos convidados chegam com antecipação. Dois ou três mais não serão nada. Mas o te ter ali, os ter a todos vocês ali, seria tudo para mim —seus olhos cinzas pareciam afogar-se nas lágrimas—. Por favor, Passion. Por favor.

Passion baixou seu olhar. Poderia fazê-lo? Poderia convencê-lo? Mark se preocupava com ela, isso sim que o sabia. Poderia lhe persuadir para que permanecesse junto a Charlotte? Sua influência seria suficientemente poderosa?

Seu peito lhe doeu pelo peso da carga.

Ela piscou para conter suas próprias lágrimas antes de levantar seus olhos para Charlotte.

—Muito bem, querida. Se me necessitar, se posso te ser de alguma ajuda, então devo ficar, não?

Charlotte abraçou fortemente a Passion.

— Obrigado! Obrigado!

Passion tremeu ante a incerteza de sua nova determinação.

— Devo escrever a Patience e Prim imediatamente — murmurou ela —. Imediatamente.

Ela necessitaria de suas irmãs. Protegeriam-na da tormenta que estava por vir.

A ansiedade e a dúvida rasgavam seus nervos dolorosamente.

Aferrou-se a Charlotte.

Seria o suficientemente forte para empurrar ao homem que amava aos braços de sua prima? Fechou seus olhos. E ele a odiaria por isso?

— Onde diabos está? — grunhiu Mark.

Ele ficou de pé atrás de sua mesa de escritório quando Mickey Wilkes entrou no quarto.

O jovem negou com a cabeça.

— Ela a escondeu muito bem, ela é tão... Você me conhece, milord. O que não possa ser encontrado, encontrarei-o.

— Então, por que não a tem já?

— A verdade é, milord, já a hei buscado por toda a parte. Mas ela é uma velha bruxa muito preparada, isso é o que ela é — ele se arranhou o queixo —. Não está em nenhum dos lugares habituais.

Mark se inclinou para frente e apoiou seus nódulos na parte superior de sua mesa de escritório.

— Então deve olhar nos lugares incomuns.

— Sim — Mickey inclinou a cabeça —. Sei — o jovem entreabriu os olhos pensativamente —. Há uma coisa, milord. Há muita fofoca e cochicho entre os criados. Parece que entre eles têm um segredo de algum tipo. Pergunto-me se não poderia ser, que um deles a engenhou para saber do que tratava a carta.

O coração de Mark golpeou contra seu peito.

— Se for assim, então devem saber onde está.

Mickey inclinou a cabeça.

— Poderiam. Justamente conquistei a uma criada e tenho estado me colocando sob suas saias no piso de cima. Uma mocinha muito doce, mas não muito preparada. Assim se ela conhecer algo, dirá-me isso, também, depois de que eu a trabalhe.

Mark abriu a gaveta de sua mesa de escritório e, recolhendo uma bolsinha de couro, a lançou a Mickey.

— O que estás esperando? Retorna ao trabalho.

As moedas tilitaram, e Mickey sorriu abertamente enquanto sopesava a bolsinha em sua mão.

— Graça a você, milord.

— Ainda não me agradeça. Se não encontrar essa carta, terei que te matar.

Mickey olhou especulativamente a Mark e depois sorriu.

— Você não pode fazer isso, milord.

Mark jogou seu cabelo para trás.

— Possivelmente não. Mas se eu morrer, não me cobrarás. Assim espero que obtenha essa maldita carta.

Mickey sorriu abertamente.

— Feito, milord.

Lançando sua boina em cima de sua cabeça, o jovem começou a ir-se.

—E Mickey —chamou Mark—. Nos lugares menos prováveis... olhe em todos os lugares incomuns.

Mickey piscou um olho.

—Eu sou o rei do incomum, milord. O imperador do incomum, sou...

—Vá! —ordenou Mark.

Depois de que o jovem se fosse com passos garbosos pela habitação, Mark se desabou sobre o respaldo da poltrona.

Necessitava essa carta.

Era hora de que esta farsa chegasse a seu fim. Estava cansado das mentiras. E se tinha que agüentar outro discurso de seu irmão, estava correndo o perigo de romper algo. E não queria que esse algo fosse a mandíbula de Matthew.

Mark se esfregou a testa. Quando ele tivesse a carta, seria livre. Livre para perseguir Passion, livre para convencer-la de permanecer junto a ele. Ela era tudo o que ele desejava. Agora sabia isso. Sua presença magnificava tudo maravilhoso e fazia diminuir o que era terrível. Com ela, ele se sentia feliz, vivo. Nunca a deixaria ir. Nunca!

Mas e os herdeiros?

Apartou a um lado esse pensamento.

Sua cabeça lhe doía. E estava tão cansado.

Embora sua cama sempre tinha sido um lugar para dormir tranqüilo no passado, ontem à noite, tinha sido um instrumento de tortura sobre o que tinha dado voltas e mais voltas, esperando que chegasse o amanhecer.

Era a primeira noite que ele não tinha dormido com Passion desde que retornara a sua habitação. Sentia saudades da sua calidez quando se enroscava a seu lado. Sentia saudades de seu aroma. Sentia saudades de seu contato e de tê-la em seus braços.

Sentia saudades.

Seus olhos lhe ardiavam, assim que os fechou.

Tudo estava mal.

Tudo.

Capítulo Quinze

Castigando a Mark

—Se estivesse eu dirigindo esta produção, Senhora Redington, daria-lhe o papel de Bianca, tão doce é sua disposição —declarou Alfred Swittly quando as luzes se acenderam para o intervalo de A Megera Domada.

Ele secou sua testa com seu lenço, e Passion se perguntou se seu assento do teatro não o estaria apertando terrivelmente.

—Entretanto a rabugenta Kate resulta ser a melhor esposa —lançou John Crossman.

—Ah, Senhor Crossman, não conte o final! — exclamou Tia Matty.

—Mil perdões, Senhora Der.

Tia Matty olhou à multidão enquanto as pessoas se levantavam de seus assentos.

—Simplesmente devo trocar de lugar —disse ela—. Entretanto, meu pobre dedo do pé certamente será pisoteado e eu simplesmente não poderia suportar-lo outra vez. Possivelmente eu

poderia me apoiar em seu braço, Senhor Swittly. Um homem de sua estatura certamente me acautelará de ser golpeada e empurrada.

Alfred deu uma olhada a contra gosto a Passion.

—Bem, eu...

Tia Matty tomou o braço de Alfred.

—O Senhor Crossman, tomará a Passion sob sua asa protetora, verdade? —Ela girou, puxando a Alfred com ela—. OH! —ela olhou para trás—. Há uma daquelas palmeiras traiçoeiras justo na saída, aqui. Assim, todos, cuidem seus olhos —ela se voltou para Alfred enquanto entravam no corredor —Mencionei, Senhor Swittly, que Passion quase foi cegada por uma folhagem de palmeira? São realmente muito perigosas. Penso que deveriam ser proibidas em todos os lugares públicos. Não você acha?

Passion compartilhou um pequeno sorriso com John Crossman quando eles, também, entraram no atestado corredor.

Ele a olhou um momento.

—Como você se sente? —perguntou ele brandamente.

—Estou bem, obrigado.

Um pequeno cenho franziu sua testa, mas ele assentiu.

—Senhora Redington, se houver alguma maneira em que possa servi-la, espero que você me permita isso.

Passion examinou seus vivos olhos verdes. A noite anterior, em seu carro, ele a havia sustentado enquanto ela chorava sobre seu ombro.

—Obrigado, Senhor Crossman. Mas você já foi a maior ajuda para mim. Se não tivesse estado ali ontem à noite, não sei o que eu teria feito. Estou-lhe tão agradecida por sua gentileza —ela baixou seus olhos—. Lamento que me tenha visto em meu pior momento.

—Eu preferiria estar com você em seu pior momento, que com algumas pessoas em seu melhor momento.

Passion riu.

—É você um homem amável.

Ele baixou o olhar para ela.

—Amável, cortês, agradecida. Essas não são exatamente as palavras que eu estava esperando.

Ela franziu o cenho. Ele pensava que não era sincera?

—Você se converteu em um bom amigo para mim —ela pôs sua mão em cima de seu braço—. Espero que você saiba que honro nossa amizade falando só de meu coração.

Ele olhou sua mão em seu braço.

—Sei —seu sorriso não alcançou seus olhos como em geral fazia. Ele assentiu—. Sei.

Tia Matty e Alfred tinham girado e os tinham esperado.

Alfred pôs sua enorme mão sobre seu coração.

—Me perdoe, Senhora Redington, mas você se assemelha a uma estranha flor com esse vestido rosa.

—Eu não era consciente que uma rosa poderia reclamar a raridade como um de seus atributos, Senhor Swittly —ela sorriu para abrandar o sarcasmo de suas palavras.

—Seu encantador rosto rarefaz a cor, Senhora Redington.

O homem era rápido com uma resposta, isso era certo.

—Nos diga, o que pensa você da obra? —perguntou Alfred—. Tenho um carinho particular pelo Petruchio. Um moço tão alegre e ardiloso. Realmente acredito que eu poderia interpretar seu papel maravilhosamente.

Passion olhou a Alfred. Ele provavelmente seria perfeito para o papel. Ela franziu o cenho quando um pensamento lhe veio.

—Alguma vez pensou você em subir ao cenário, Senhor Swittly? Você parece tão apropriado para isso.

Os olhos do homem se acenderam.

—Você assim o pensa, Senhora Redington? A verdade é que o considerei.

—Casualmente sei que suas tias não estão de acordo com semelhante passatempo —disse Tia Matty, sacudindo sua cabeça.

Um pouco da luz da expressão de Alfred se murchou.

—Infelizmente, não é uma profissão que permite uma vida estável. Um homem deve fazer sua fortuna no mundo.

—Alguns homens são destinados à fama, não a fortuna —ofereceu John.

Alfred se inchou e se ergueu um pouco mais.

—Além disso —seguiu John—, a fortuna freqüentemente segue à fama.

Passion assentiu. Deixem-no perseguir o cenário antes que a ela.

Tia Matty franziu o cenho e meneou seu dedo.

—Suas tias não aprovariam isto, Senhor Swittly.

O rosto de Alfred era todo entusiasmo.

—Simplesmente lhe estou dando algum pensamento à idéia, Senhora Der. Um homem, depois de tudo, deve seguir seu destino.

—O destino é uma força poderosa —a grave voz veio de trás de Passion.

Seu estômago volteou, e suas pernas tremeram quando ela se deu a volta.

Mark a sustentou em seu olhar azul.

—Algumas coisas estão destinadas a ser, e não deveriam ser resistidas —seus olhos se moveram sobre ela—. Você está de acordo, Senhora Redington?

Passion podia ouvir seu sangue precipitando-se em seus ouvidos e, Deus lhe ajudasse, seus mamilos formigaram e se contraíram.

—Eu... eu não finjo entender as complexidades do destino, milord. Só posso dizer que as pessoas devem seguir seus corações, suas mentes, e suas moralidades e esperar que o que façam seja correto.

—Eu não poderia estar mais de acordo —disse Mark. Ele girou e se moveu entre Passion e John—. boa noite, Senhor Crossman.

John inclinou sua cabeça.

—Boa noite, milord.

Passion fez as apresentações para o resto do grupo. Mark estava de pé tão perto que ela podia cheirá-lo. Ela desejava tocá-lo.

Ele saudou tia Matty, que estava excitada de emoção, e cabeceou a Alfred, que se havia posto vermelho do pescoço até a linha do cabelo.

—Eu... eu devo dizer, me perdoe, milord —gaguejou Alfred—. Se ti-ti-tivesse sabido que era você quem estava no Palácio de Cristal, não me teria dirigido a você tão severamente —Alfred tocou ligeiramente sua testa com seu lenço—. Eu devo lhe dizer que cheguei a lamentar minhas ações naquele dia e desejei poder ter a oportunidade de me reunir outra vez com você, para poder lhe transmitir essas desculpas —Alfred sorriu—. Mas perdi a esperança de que a oportunidade

alguma vez ocorresse —ele sustentou seu lenço em seu peito e inclinou sua cabeça—. Simplesmente estou agradecido que tenha ocorrido.

—Não requeiro sua desculpa, senhor —disse Mark rigidamente—. A Senhora Redington é quem merece suas desculpas —Mark arqueou uma sobrancelha—. Como estou seguro que você já as expressou, não tenho nenhum desacordo mais com você.

Alfred olhou com preocupação a Passion enquanto Tia Matty se via confusa.

John deu um passo para frente e olhou com o cenho franzido a seu primo.

—A que se refere o conde?

—Posso? —Passion intercedeu—. Foi um mal-entendido desafortunado que não merece repetir-se.

Alfred assentiu energicamente.

—A Senhora Redington tem razão. E nas palavras do bardo, tudo o que começa bem, termina bem.

Enquanto John ocupava a Mark a respeito de uma medida próxima a apresentar-se ante a Câmara dos Lordes e Tia Matty e Alfred escutavam atentamente, Passion tentava acalmar seus nervos e tranquilizar seu coração.

Ela olhou fixamente a curva relaxada de sua mão enluvada. Ontem, ela poderia ter escorregado sua mão no calor da sua brevemente. Ele teria acariciado sua palma com seus longos dedos.

E se eles tivessem estado sozinhos, ela teria dado um passo para seu abraço e posto sua cabeça contra seu peito, fechando seus olhos enquanto escutava ao estável batimento de seu coração. Ele a haveria sustentado perto enquanto pressionava seus lábios contra sua testa e depois contra sua boca. E ela poderia ter murmurado te amo, porque seu coração estava tão cheio que as palavras já não seriam contidas.

Ela trouxe o nó em sua garganta.

Mas isso era ontem.

Agora ia ser desta maneira. Perto, mas nunca tocando-se. Desejando, mas nunca tendo. Sentindo, mas nunca reconhecendo.

—Passion, Tia Matty!

Girando-se com um sorriso, para ocultar o brilho das lágrimas não derramadas, Passion enfrentou a Charlotte e ao irmão de Mark. Ela rapidamente abraçou a sua prima.

—Olá, querida.

—Estou tão contente que esteja aqui —sussurrou Charlotte antes de retirar-se.

Passion obrigou seu sorriso a permanecer enquanto todos foram apresentados. Ela podia sentir tanto o olhar de Mark como o de Matthew sobre ela.

—Estamos aqui com a condessa e mamãe —disse Charlotte—. Vamos ao Pavilhão depois da obra. Uma orquestra nova da Austria tocará esta tarde —ela olhou rápida e nervosamente a Mark e depois disse: por que todos vocês não se unem a nós ali?

Passion conteve o fôlego. Deus querido, não!

Mark a olhou.

Matthew olhou a Mark.

Tia Matty e Alfred falaram um em cima do outro em sua impaciência por aceitar.

John a olhou com um sorriso esperançado.

—Você vai querer ir, Senhora Redington?

—Por favor, Passion — pediu Charlotte.

A cabeça de Passion palpitou. Ela queria fugir.

—Você esqueceu que sua prima esteve doente ontem à noite? —Mark disse com muita frieza—. Não a pressione.

Um silêncio incômodo caiu no grupo, mas isto deu a Passion um breve momento para ordenar seus pensamentos.

—Obrigado, milord, por sua preocupação —ela sorriu—. Charlotte sabe, entretanto, que estou bastante recuperada. Nós estaríamos encantados de nos unir a vocês.

Só depois que os sinos tocaram convocando aos convidados de volta no teatro, e ela tinha ocupado seu assento entre Alfred e John, as luzes ficaram tênues, e a obra tinha começado, Passion se permitiu derrubar-se.

Fez-o silenciosa e internamente, com apenas a agitação de uma pestana ou o tic de um dedo.

Tal como durante seu matrimônio, ninguém veria, ninguém saberia.

Mas dentro, ela sentia como se nunca antes tivesse se derrubado. Ela chorou e se arrastou sob o peso de suas emoções, emoções que eram cem vezes mais devastadoras do que aquelas que tinha sofrido enquanto esteve casada.

Aquela experiência a tinha adormecido.

O que faria com isto?

Quanto tempo poderia ela suportar a dor?

Quanto tempo antes de que o grito dentro dela se fizesse muito ruidoso para contê-lo?

Mark olhava a Passion girar através da pista de baile com John Crossman. Ele odiava a visão da mão de outro homem sobre sua cintura. Odiava a fácil familiaridade que eles pareciam compartilhar.

Sobre tudo, ele odiava ter que fingir que Passion não significava nada para ele. Estava morrendo por tomá-la em seus braços, morrendo por gritar ao mundo que ela era dele. Estar de pé ali passivamente, atuando como se eles não fossem mais que meros conhecidos, era quase mais do que ele podia suportar.

De algum modo, era a pior mentira de tudo.

—Não deve olhá-la tanto —disse Matt brandamente—. Mamãe lhe está olhando.

Mark franziu o cenho, mas manteve seus olhos sobre Passion.

Sua mãe e Lawrence tinham estado horrorizadas de que Charlotte tivesse convidado a semelhantes humildes convidados para sua companhia, convidados que elas nunca teriam aprovado. Entretanto, Charlotte tinha permanecido surpreendentemente resolvida em sua insistência e, por uma vez, ele a tinha apoiado. Desde sua chegada, sua mãe e Lawrence tinham estado grosseiras e depreciativas, coisa que não o surpreendeu, embora estivesse claro que as duas prestaram particular atenção a Passion. Os comentários vis de Lawrence indicaram ciúmes, os de sua mãe, suspeita.

Ele somente queria a ela, desesperadamente.

—Em aproximadamente duas semanas, ela vai estar relacionada contigo mediante matrimônio —continuou Matt—. Vais ter que aprender a vê-la como nada mais que uma prima longínqua.

Um calafrio percorreu a coluna vertebral de Mark. Ele girou para seu irmão e falou em voz baixa, tensa.

—E como farei isso, Matt? Como ensinarei a meu corpo a não desejar o dela, quando somente o aroma dela me põe duro? Como obrigarei a minha mente quando cada lembrança dela é uma alegria? Como a tratarei como uma relação sem importância, quando cada fibra de meu ser pede por ela a gritos? —Mark tentou reduzir a marcha seu coração—. Como, Matt? Como farei isso?

Matt somente o olhou fixo.

— Não sei — murmurou.

— Eu tampouco.

A música terminou, e Mark cruzou a pista de baile antes de que John Crossman pudesse conduzir Passion para fora da pista.

Ela baixou seus olhos quando o viu aproximar-se. Ele odiava isso. Ele desejava que ela o olhasse como o tinha feito antes.

— Eu posso ter a seguinte dança, Senhora Redington?

Ela fez uma pausa um momento, e os ombros dele se esticaram quando pensou que ela na realidade poderia rechaçá-lo.

Mas então ela assentiu.

— Sim, milord.

John Crossman o saudou e pôs a mão enluvada de Passion na de Mark.

Ele respirou profundamente quando fechou seus dedos ao redor dos dela. Isto estava bem. Ele recordou a primeira vez que havia sustentado sua mão no Palácio de Cristal. Isso tinha estado bem então e ainda o estava.

Quando a música começou, ele a arrastou para a curva de seu braço e a aproximou. Ela manteve seus olhos baixos, mas ele estava enlevado somente por sustentá-la.

Ele aspirou a baunilha e flores-de-laranja e, debaixo daquela fragrância doce, ele aspirou o aroma mais doce dela, a pele de Passion, o cabelo de Passion, o aroma que ainda se grudava, em vestígios, ao travesseiro que ele tinha apertado durante a noite anterior.

Ele dançou com ela para o lado mais longínquo da pista de baile. Ele queria olhá-la e tocá-la de uma maneira que era real, nenhum pretexto, nenhuma mentira.

Ele estendeu sua mão através da curva aprazível de suas costas.

— Pode me olhar agora — disse ele brandamente —. Eles não podem nos ver.

— Outras pessoas podem. Estamos em um lugar público. Além disso, já não importa se estiverem perto ou longe — respondeu ela —. Já não há nenhum biombo que possa nos proteger.

Ele franziu o cenho enquanto a girava.

— O que quer dizer?

Ela finalmente levantou seus olhos aos dele. Tão formosos olhos.

— Quero dizer que não podemos nos ocultar de nós mesmos.

— Não tenho nenhum desejo de fazê-lo assim.

— Sim, sim o tem — ela implorou com seus olhos enquanto se moviam às cegas ao compasso da valsa —. OH, Mark, não o vê? — sua voz tremeu —. Não podemos estar juntos outra vez. Nunca.

Atordoado e frágil pela tensão, ele sentiu seu peito encolher-se.

— Expliquei-te tudo ontem à noite. Fui e expliquei tudo.

— Sim — seus dedos se apertaram sobre seu ombro e seus olhos se fecharam brevemente — e conheço as circunstâncias horríveis que nos forçam a nos separar. Com todo meu coração, faço-o. Mas, Mark, mesmo as conhecendo, não muda nada.

Ela vai tirar-te de sua vida. O terrível presságio se arrastou através da pele de Mark. Isso o fez desejar aferrar-se a ela.

— Como pode dizer isso? Como pode dizer isso que quando sabe que só quero estar contigo?

— Pensa que não quero estar contigo? — seus olhos se encheram de lágrimas — Pensa que isto não me destrói?

Ele se aderiu a um fragmento de esperança.

—Então não nos desperdice. Vou ter a carta logo. Posso sentir-lo, Passion. E depois este monte de mentiras pode terminar -. música continuava—. Te quero. Preciso-te.

Ela baixou seus olhos outra vez.

—O que queremos já não é mais relevante. Apesar do que queremos, apesar da carta, minha prima se verá arruinada se você a abandonar. Não posso ser parte disto.

Mark tentou respirar. Seu peito estava tão apertado.

—Disse-te tudo. Disse-te tudo, confiando em que entenderia. Confiando que queria frustrar a maldade e baixeza de Lawrence tanto como eu. Confiando que não nos abandonaria.

—Não posso fazer nada mais —sussurrou ela.

—E quando conseguir a carta? Que então? Ainda me rechaçará?

Ela o olhou.

—Consegue a carta se puder. Deveria tê-la, Mark. Mas que tenha a carta não mudará nada para mim. Os dados foram jogados quando o compromisso foi anunciado —ela sacudiu sua cabeça—. Se abandonar a minha prima à vergonha, eu nunca te verei outra vez.

A música aumentou. Sua cabeça doía. Se ele somente pudesse respirar.

—Diz isto agora, em meus braços. Mas como suportarás as noites e os dias? —ele a aproximou mais enquanto a girava através do piso—. O que fará quando seu corpo pedir a gritos a satisfação? Agora que encontre o prazer, este te perseguirá, ardente e implacável.

Cólera e ansiedade bombeavam em suas veias.

—O que fará? Achará a alguém mais? Ninguém pode te satisfazer como eu o faço. Ninguém.

—Sei —ofegou Passion—. Sei —seus olhos estavam cheios de angústia—. Mas chorarei de alegria e gritarei meu prazer em seus braços enquanto minha prima soluça em seu travesseiro de vergonha porque o Conde de Langley a abandonou? —o coração de Mark pulsou com fúria e medo. Ele se agarrou a um fino, débil fio de esperança. —Eu direi que ela me abandonou.

—Detenha! —a palavra chegou em um sussurro afogado. O lábio de Passion tremeu quando ela o olhou—. Ninguém acreditará nisso, Mark. E o que será de Charlotte? Não há nenhuma desculpa que pudesse lhe dar que não fosse o pior rechaço —compassiva miséria turvava seus olhos, entretanto seu corpo se apoiou no dele—. Não há nada que possa fazer-se. Nada.

Ele viu seu olhar atormentado, e uma dor aguda golpeou dentro dele. Ele se estremeceu enquanto rasgava seu ventre e fisurava sob suas costelas. Sua cabeça palpitou e Passion se voltou imprecisa um momento ante seus olhos ardidos.

—Por que veio aqui esta noite? —pôde dizer ele—. Por que?

—Para te dizer estas coisas.

—Aqui? — Sua voz contida—. Sobre uma maldita pista de baile?

—Onde mais, Mark? —seus olhos imploraram por entendimento—. Onde mais? Minha janela está fechada. E assim deve permanecer —seus dedos se esticaram ao redor dos dele—. O pensei melhor...

Ele espremeu sua mão, sua mão, que pertencia na sua. Como podia ela fazer isto? Como podia ela?

—Pensou-o melhor? Eu não. Pensei que quando ouvisse as circunstâncias, quando tivesse tido o tempo para as considerar, reconheceria a injustiça que exige de mim. Pensei que compreenderia a impossibilidade de partir — ele piscou—. Em troca, acusa-nos. E me condena a um matrimônio tão horrível e indiferente como o teu próprio. Por que não me diz como viver com isto, Passion? Porque eu não sei como.

Seu cenho era doído.

—Charlotte se preocupará contigo, se a deixar. Ela quer preocupar-se contigo.

A música baixava.

—Não quero sua preocupação —ele se sentia doente, doente e zangado enquanto algo horrível e inexorável se arrastava sobre ele—. Não quero nada disto.

—Mark, eu...

—Não diga nada mais —ele sacudiu sua cabeça—. Me castigaste o bastante. Rogo-lhe isso, não diga nada mais.

Enquanto a música terminava, Mark sustentou a Passion um momento mais, sentiu-a um momento mais, antes de inclinar-se sobre sua mão. Ele não queria deixá-la ir, não queria liberar seu afeto sobre ela. Se ele o fazia, algo calamitoso ocorreria.

Colocando seu braço no seu, ele caminhou lentamente de volta a sua festa. Ele se movia como um enfermo em um cortejo fúnebre, atrasando brevemente o inevitável de examinar a cavernosa profundidade que é o adeus final. Mas com cada passo que ele dava, ele se sentia cada vez mais como se partisse para sua própria tumba.

Ele viu seus rostos, sua mãe, Lawrence, Charlotte, seu irmão, participantes todos, sabendo-o ou não, de seu falecimento.

E ainda assim ele seguiu andando, mais profundo e mais profundo na sombra que eles jogavam, até que esta o cobriu completamente. A penumbra fria se filtrou através dele quando o braço de Passion escorregou do dele, e quando seus dedos se deslizaram de sua manga, a felicidade e a esperança se extinguíram.

Tudo se tornou escuro.

O enterro era o seu.

Passion olhou fixamente a imagem inacabada de sua prima sobre o tecido. A tardia luz de amanhã no solário de Tia Matty era mais escura que de costume, e a chuva salpicava as janelas. Ela podia ouvir as gotas que golpeavam o vidro com uma minguante e solta intensidade

Possivelmente era a luz cinza do dia o qual parecia trazer os olhos cinzas de Charlotte à vida. Possivelmente era o humor débil do tempo que realçava a doçura sutil, a dor, e a incerteza que eles refletiam.

Passion olhou o pincel em seus dedos. Ou era o crédito todo dela? Havia a dor de seu destroçado coração movido sua mão e guiado suas pinceladas a uma nova profundidade? Foi sua própria dor e incerteza que lhe permitiu capturar tão bem o patetismo de sua prima?

Ela fechou seus olhos.

Ou era o amor?

—Passion, querida, tem uma visita —chamou sua tia.

Os olhos de Passion se abriram ante o tom da voz de sua tia. Era alguém inesperado.

Mark?

Enquanto ela olhava fixamente a entrada ao solário, Tia Matty entrou, seguida de nada menos que a Condessa de Langley.

Passion ficou rígida de aversão. Ela tinha visto os suficiente da condessa na noite anterior para formar uma má opinião dela. De todos os modos ela encontrou e suportou o frio olhar da condessa. A mulher cruzou passando por Tia Matty de um limiar, que permaneceu perto da porta com uma expressão calma própria dela.

—À condessa gostaria de falar contigo em privado, minha querida. Faço que tragam algum refresco?

Passion olhou à mãe de Mark.

—Isso depende quanto tempo a condessa ficará.

—Não muito tempo —chegou a fria resposta.

Passion assentiu a sua tia, que franziu o cenho às costas da condessa.

—Então não requereremos nada. Obrigado, Tia Matty.

Passion esperou que sua tia fechasse as portas duplas do solário antes de tirar seu avental de pintura. Então ela indicou uma cadeira.

—Posso lhe oferecer um assento, Condessa?

A mãe de Mark se sentou com um elegante sussurro de cetim violeta.

Alisando seu próprio vestido de seda riscada de rosada, negra, e creme, Passion tomou a cadeira ao lado dela.

—A que devo esta visita surpreendente, milady?

Os formosos mas frios olhos verdes da condessa a olharam.

—Vim para lhe advertir.

Passion dobrou suas mãos em seu colo.

—Me advertir? Sobre o que?

—Somos mulheres que tomamos nosso prazer, Senhora Redington. Não vamos fingir que não nos entendemos uma à outra.

Uma pontada de genuíno aborrecimento reverberou por Passion, mas ela manteve sua expressão em branco.

A condessa a olhou incrédula.

—Eu vi seu rosto quando você foi apresentada a meu filho na casa dos Lawrences. Por sorte, Matthew e eu fomos os únicos quem a vimos. E depois estive ontem à noite. Você pensa que isto não é óbvio para mim? —ela levantou suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas—. Você é a última amante de meu filho.

O estômago de Passion se apertou ante as palavras da mulher, mas ela permaneceu impassível.

—Você disse que estava aqui para me advertir, milady. O vai fazer assim?

A condessa sorriu.

—Não tente atuar naturalmente, Senhora Redington —ela se inclinou para frente—. Lhe disse. Eu vi seu rosto.

Passion não pôde controlar totalmente um sorriso próprio.

—Sério, Senhora Redington, admiro sua coragem ao iniciar um namoro com um homem sobre quem você obviamente sabia pouco. Mas afinal, isto não foi muito inteligente, verdade?

—Vou pedir-lhe que parta —disse Passion—, assim se você tiver algo de útil para dizer, sugiro que você o faça agora.

A condessa se reclinou em sua cadeira.

—Mantenham-se afastada de meu filho e de sua prima.

—Não o farei.

—O que quer dizer, que não o fará? —ela franziu o cenho—. Ele está tendo uma época bastante dura aceitando a perda de seu celibato sem que você remexa a panela. E tento lhe fazer um favor também, Senhora Redington. Você não conhece meu filho da maneira que eu o faço.

Passion sacudiu sua cabeça.

—Não. Não o faço. E você não o conhece do modo em que eu o faço.

A condessa se inclinou para frente outra vez.

—Me escute, pequena fulana. Meu filho nunca há transado com uma mulher por mais que uns meses. Logo ele perderá o interesse completamente. Seu tempo é curto —ela levantou seu queixo—. Você não significa nada para ele.

Não. A palavra ecoou na cabeça de Passion. Embora ele, ele mesmo, houvesse dito palavras similares quando eles se encontraram pela primeira vez, agora soavam ocas e falsas.

Ela recordou o modo em que ele a olhava, o modo em que ele a tocava, as coisas que lhe havia dito sobre seu dia final juntos. Ela recordou as lágrimas que alagavam seus olhos na noite anterior.

Ele se preocupava com ela.

Profundamente.

—Não vamos fingir que não nos entendemos uma à outra, Condessa —disse Passion com força repentina—. Você está aqui porque você esta preocupada de que Mark não perca o interesse em mim. Você está aqui porque não tem nem idéia do que há entre seu filho e eu —Passion assentiu com clara convicção—. Você está aqui porque está assustada do que não pode entender.

A condessa riu, mas Passion podia ouvir a tensão.

—Realmente, Senhora Redington, você é muito divertida. Estou aqui para economizar a todos, sua imbecil prima incluída, a humilhação pública que nos aconteceria se seu pequeno repugnante namorico com meu filho se viesse a tona.

Passion a olhou fixamente. Quão incrivelmente assombroso que ela pudesse falar de pequenos namoricos repugnantes quando ela os tinha enredado a todos nas conseqüências do seu próprio.

—Temi que você não atendesse a razão, Senhora Redington —seguiu a condessa. Ela abriu sua bolsa—. Então estou preparada para lhe pagar —lhe estendeu uma letra de cinco mil libras.

Passion não moveu um dedo.

—Sabe Condessa? Você me recorda muito a Abigail Lawrence.

A letra ondeou em sua mão.

—O que?

Por que se sentia tão serena ante este suborno?

—Sim, é verdade. Você e ela, ambas, tentam dobrar às pessoas a sua vontade. Não se volta aborrecido, sempre torcendo os braços das pessoas a sua vontade? —o cenho de Passion se fez mais profundo—. E o que acontecerá quando você já não tenha mais a força, ou a beleza, ou o poder de conseguir o que você quer? Como viverá?

A condessa retirou sua mão e colocou a nota em sua bolsa.

—Vejo que você não pode ser convencida.

—Ao contrário, posso ser convencida. Só não posso ser comprada.

O rosto da condessa se torceu em um pouco atrativo sorriso sarcástico.

—Se você não se afastar, direi a sua priminha de sorriso simplório que você esteve transando com seu prometido.

Passion não sentiu nenhum medo.

—Chantagem, Condessa? —ela sacudiu sua cabeça—. OH, você realmente é outra Abigail Lawrence.

Os olhos da mulher se estreitaram.

—O que é o que você sabe?

Passion não fez caso de sua pergunta e manteve sua voz equilibrada.

—Agora você me escute, Condessa. Prometi a minha prima que ficarei com ela, assim ela poderá tolerar melhor sua repugnante presença. Prometi que ajudarei a seu filho, de qualquer modo que possa, a aceitar a minha prima —ela se inclinou para frente—. Assim, se você quiser que este matrimônio siga como foi planejado, então não se meta em meu caminho.

A condessa a olhou fixamente com incredulidade um momento. Então um sorriso se estendeu através de seu rosto e ela rompeu em risadas.

—Você o deixou! —exclamou ela—. É por isso que ele estava tão incrivelmente fatal ontem à noite!

A dor de Passion ardeu novamente.

A condessa se reclinou em sua cadeira e sustentou sua mão em seu peito enquanto ria em silêncio.

—Você sabe, ele se foi diretamente depois que você. Mas não antes de nos criticar a todos nós. Estava segura que você lhe tinha pedido que dissolvesse seu compromisso —ela sacudiu sua cabeça e luziu regozijada—. Bem, se isto não for a volta perfeita. Já era hora que ele fosse o abandonado.

Como podia uma mulher, uma mãe, ser tão odiosa?

Ela riu de Passion.

—De algum jeito, na realidade predisse isto. Embora eu realmente não acreditasse então, disse-lhe você se cansaria dele.

Passion quis apagar com uma bofetada o sorriso de seu rosto.

—Por que você lhe diria algo em que não acreditava?

A condessa pousou seus olhos sobre Passion.

—Para castigá-lo, certamente.

—E por que você deve castigá-lo?

—Porque ele é o filho de seu pai, e ele esteve me castigando durante toda minha vida.

—Sério? —a garganta de Passion se apertou—. Toda sua vida? Como um bebê castiga a sua mãe?

—Direi-lhe como —cuspiu ela—. Roubando sua juventude. Fazendo-a grotesca com a gordura e o desconforto até que a obrigam ao confinamento. Fazendo-a chiar de dor enquanto ele força seu enorme corpo através do dela. E depois, chorando, e chorando, e chorando —sua voz se elevou com cada repetição—. Aderido-se a você e lhe agarrando, quando tudo o que você quer é escapar —seu olhar fixo ficou distante—. Quando pôde andar, ele começou a me perseguir. Eu me escapava. E depois, quando Matthew nasceu, meu querido, tranqüilo Matthew. Ele tentou ficar entre nós. Segure-me, mami. Leve a mim, mami. Beije a mim, mami. Eu! Eu! Eu! O mucoso. Afastei-o e lhe disse que até que aprendesse a dizer “por favor”, eu não faria nada por ele —ela fechou seus olhos e seu cenho se fez mais profundo—. Então foi por favor, por favor, por favor... todo o tempo por favor. Cheguei a odiar a palavra.

Passion piscou para conter suas lágrimas.

—Deve lhe satisfazer, então, que ele agora nunca o diga.

—Ele? —a condessa a olhou—. Você chora por ele. Mas você deveria chorar por mim. A juventude de uma mulher é efêmera, Senhora Redington, sua beleza breve. Uma vez que se foi, não pode ser reclamada.

—Tampouco pode sê-lo a infância.

—Disse-lhe, eu não estava preparada para ser uma mãe! —espetou-lhe a condessa. Ela quadrou seus ombros e suspirou—. Além disso, ele nem sequer recorda sua infância. Eu, entretanto, recordo o roubo de minha juventude muito bem.

—Ele não precisa recordar. Sua aversão e desdém para ele são claros. Em uma noite, eu pude ver que você favorece a Matthew sobre ele.

—E o que de sua aversão e desdém para mim, Senhora Redington? Ele é grosseiro e insofrível, entretanto você não diz nada disto.

—Você o começou, Condessa. Você é sua mãe —a voz de Passion soou estrangulada—. Tudo o que um menino quer é amor.

—Você não estava lá. Você não sabe como era... seu pai sempre tentando me encarregar dele quando eu tinha minhas mãos che com Matthew. Meu querido Matthew, que foi tranquilo e carinhoso desde o começo —a condessa levantou seu queixo—. Matthew é meu filho. O filho que eu escolhi por minhas próprias decisões. Por isso sozinho, sempre o favorecerei.

Passion sacudiu sua cabeça.

—Oxalá Mark tivesse sido capaz de escolher a uma mãe como você escolheu a um filho.

O rosto da condessa tornou-se uma máscara fria.

—Devo ir.

—Sim, deve fazê-lo.

Ela se deteve, mas Passion não se deteve com ela. A condessa partiu sem outra palavra.

Passion rompeu em soluços.

Por que? Deus, por que?

Por que devia ser ela a que castigasse a Mark outra vez?

Na úmida tranqüilidade de seu jardim, Mark estava parado ao lado da fonte e piscava para afastar a fria chuva que o molhava. Ele olhava fixamente a estátua de Afrodite. Ele a tinha escolhido pela formosura de seu rosto, a graça de sua figura, e pelo modo em que seu cabelo caía em ondas por suas costas.

Os trabalhadores tinham vindo essa manhã para começar a cavar para colocar os encanamentos. Ele os tinha despedido. Já não a queria conectada.

Mas a chuva tinha enchedo as bandejas pouco profundas e parecia correr entretanto. A água caía do topo ao meio e depois do meio ao fundo. Transbordaria-se?

Não importava.

Levantando sua mão, ele baixou o olhar ao alfinete de metal que repousava em sua palma. A água salpicava sobre a pequena pérola que decorava o topo.

Passion lhe tinha dado os alfinetes, um por um, quando ela tinha enrolado seu formoso cabelo em sua nuca. Ele a tinha olhado enquanto colocava cada um em seu lugar, tinha alisado um cacho rebelde.

Ele se tinha rido com ela. Ele a tinha detido com beijos e carícias.

Aquele dia tinha sido o mais feliz de sua vida.

A água caiu de sua palma na fonte.

Cada homem deveria ter um dia realmente feliz. Somente um.

Sua mão tremeu.

Estava terminado. Feito. Acabado.

Ele fechou seus dedos ao redor do alfinete.

Uma escura frieza transpassou suas veias.

Ele tinha vivido sem felicidade antes. Ele poderia fazê-lo outra vez.

Ele poderia.

Ele piscou defendendo-se da chuva e deixou cair o pequeno pedaço de metal dobrado na fonte.

Ele se deu volta e se obrigou a descer pelo caminho. Olhou a chuva salpicar a terra ante ele.

Ele tinha vivido sem ela antes. Ele poderia viver sem ela outra vez.

A dor passaria, e tudo seria como era.

A chuva entrava em seus olhos. Suas pernas tremeram e lentamente deixaram de mover-se.

As gotas pesadas caíam sobre ele. Trovões ressonavam em algum lugar, ao longe.

Mentiras! Tudo mentiras!

Nada, nunca, seria como era antes.

Ele girou e se apressou de volta para a fonte. A chuva caía com tanta força sobre a água que ele não podia ver nada embaixo. Onde estava? Ele afundou suas mãos no frio lago e apalpou procurando o alfinete.

Nada. Onde estava? Onde?

Seu coração palpitou, e um grunhido afogado escapou dele quando apalpou através do liso fundo. E se tivesse caído em um dos deságües?

A ansiedade fluiu por ele.

Onde estava? Ele o necessitava!

Então seus dedos roçaram algo. A pequena pérola!

Com um gemido aliviado ele fechou sua mão sobre o pequeno pedaço de metal dobrado e o tirou da água.

Olhou-o ansioso. Tão encantador, tão delicado.

Fechando sua mão de maneira protetora a seu redor, ele beijou o topo de seu punho apertado.

Suas pernas cambaleantes não o sustentariam. Ele caiu sobre o amplo saliente da fonte e se sentou.

Sua respiração era forçada.

Não. Nada jamais seria como era antes... porque ele a amava.

Capítulo Dezesseis

Declarações

Debaixo da sombra de seu amplo chapéu de palha, Passion olhou fixamente através do tranqüilo lago para a encantadora rotunda. Um lugar onde alguém poderia desfrutar do chá ou um pouco de música, esse era um dos principais lugares de interesse de Hawkmore House. Árvores de distintas alturas emolduravam a vista.

Uma ponte românica havia-a trazido para o lugar no qual ela agora se encontrava. Aqui tudo era tranqüilo e pacífico, o único som que se ouvia era o gorjeio ocasional dos pássaros. O céu se via claro e azul acima dela, e o ar era calmo.

As terras eram as mais formosas que ela alguma vez tivesse visto, terras para inspirar alegria e serenidade. Nos seguintes dias, o som de vozes e risadas se filtrariam através do lago e extensa grama, enquanto os convidados das bodas explorassem muitas das vistas, monumentos e dependências que formavam o circuito ao redor da casa principal.

E a casa em si mesma, um enorme Palacio com asas estendidas, encheria-se com excitados convidados, convidados que não sabiam nada da miséria, da desonra e do ódio que afetava aos protagonistas principais do acontecimento de que tinham vindo a ser testemunhas; convidados que não sabiam nada dos segredos e mentiras que conduzia tudo para esse inevitável final.

Passion deu volta e andou devagar ao largo da beira do lago. Ela tinha visto Mark quase cada tarde durante a semana passada em Londres. Mas não tinha tido oportunidade de advogar pelo caso de Charlotte. Intercambiando o diálogo mais breve, mais corriqueiro, eles sempre estavam na presença de outros.

Atuaram como meros conhecidos, e Mark bem poderia ter sido simplesmente isso, já que Passion quase não podia reconhecê-lo. Enquanto a semana avançava, as sombras escuras haviam se feito mais profundas sob seus olhos. Taciturno, e com um cenho franzido constantemente gravado entre suas sobrancelhas, ele parecia ter esquecido até a mínima cortesia para aqueles que ele desprezava.

Sua mãe e Abigail Lawrence se levaram a parte mais forte de sua ira, mas Charlotte não a evitou completamente. Ele as evitava e ignorava diante de outros. Em privado, rechaçava-as cada vez.

Passion não sentia nenhuma compaixão pela condessa e Abigail, mas Charlotte sofria. Romper o compromisso estava fora de questão, ela não poderia suportar esse escândalo. Ela chorava cada dia sobre o ombro de Passion enquanto revelava seus sentimentos. Charlotte em segredo desfrutava das réplicas furiosas de Mark a Abigail, mas se abatia e chorava quando ele enviava um dardo para ela. Ela obtinha uma independência cada vez maior de sua mãe, e o mais doloroso, tentava por todos os meios ganhar o respeito de Mark. Mas nada do que ela fazia produzia alguma mudança nele.

Passion olhou um par de cisnes aterrissar sobre o lago.

Esta tinha sido uma semana horrível e terrível. Se não tinha estado consolando a Charlotte, tentava consolar-se a si mesma. Ela tinha dormido pouco, porque de noite sentia falta de Mark. A pintura tinha sido seu único consolo.

Ela se sentou sobre um banco baixo e observou aos encantadores pássaros que se deslizavam através da superfície da água cristalina.

Ela estava esgotada.

Fechou seus olhos e recordou seu último dia juntos.

Ao princípio ela se negou suas lembranças, mas agora se concentrava nelas. Estas eram tudo o que ela tinha, e eram deles.

Ela o via rir, seus olhos formosos que se enrugavam nos cantos. Via-o olhá-la com absorta atenção enquanto rasgava suas roupas interiores. Via sua vulnerável incerteza enquanto ela abria seu presente, e sua relutância em deixá-la ir enquanto atava lentamente as cintas de seu chapéu sob seu queixo.

Seu peito se apertou e ela tentou suspirar.

— Passion!

— Passion!

Seu quebrado coração se sobressaltou. Seus olhos se abriram e ela saltou sobre seus pés quando ouviu os gritos familiares.

— Patience! Prim!

Ela soluçou e começou a correr para as duas jovens que vinham da ponte. Os cachos vermelhos brilhantes de Patience ondearam e o chapéu de Prim voou para trás caindo em seus ombros quando ambas correram para encontrá-la.

Lágrimas caíam pelo rosto de Passion.

Elas estavam aqui!

Ela soluçava com dor. Ofegou, mas de todos os modos correu.

Só um momento mais. Só um momento mais e ela sentiria seus braços consoladores ao redor dela.

— Patience! Prim! ?sua voz se quebrou e seu grito não teve nenhuma força. Mas ela podia as ver através de suas lágrimas, podia ver seus passos acelerar-se e como ela reduzia o seu.

Ela abriu seus braços. E elas estavam ali.

— Graças a Deus! Soluçou ela quando sentiu o contato familiar e o aroma delas. Graças a Deus!

Seus joelhos se dobraram e elas caíram com ela à terra relvosa sob uma árvore. Os braços de Prim a rodearam e gentilmente lhe tirou seu chapéu de palha. Passion chorou contra seu peito enquanto Patience sustentava sua mão e murmurava palavras para que se acalmasse com um tom de voz suave.

Elas estavam aqui. Ela não estava sozinha.

Ela chorou até que pareceu que não tinha mais lágrimas. Silenciosamente pôs sua cabeça no colo de Prim, e enquanto Patience acariciava sua testa, ela contou tudo a suas irmãs.

Escutaram-na com a atenção fixa nela. Sussurravam palavras de consolo e lhes brotaram lágrimas de simpatia.

Ela não deixou de falar até que não contou toda a história.

— OH, Passion! Prim soluçava com uma voz entrecortada. — OH, minha querida irmã...

Patience olhava a Passion com seu verde olhar fixo e penetrante. Seus olhos estavam úmidos e um cenho franzido danificava sua testa.

— Como fez isso?

A pergunta de sua irmã poderia referir-se a algo ou a tudo. Mas isso não importava porque a resposta era a mesma.

— Não sei.

— Tampouco sei! Patience a apoiou mais perto e alisou o cabelo de Passion — Deveria ter o homem que amas. Você merece o amor - .ela sacudiu sua cabeça — Merece ser feliz, não esta dor terrível.

Passion quase riu da suave veemência de sua irmã.

— E o que seria de Charlotte?

— Sim -.Prim disse pensativamente. — Quanto a Charlotte?

— Quanto a Charlotte? — O cenho franzido de Patience se fez mais profundo — Quanto ti? O quanto ao conde? — Seus olhos verdes brilharam. — Isso é o amor! Isso é a felicidade! Isso é tudo o que seu matrimônio não era. Vais afastar-te? Vais entregar seu amor, sua felicidade, a alguém mais?

— Não a ninguém. A Charlotte.

— E se Charlotte soubesse? Prim se sentou mais direita e um de seus cachos loiros avermelhados caiu para frente — Ela ainda quer este matrimônio, sabendo que o obrigaram?

— Esse não é meu segredo para contá-lo, Prim. De todos os modos, se este matrimônio não se realizar, Abigail publicará a carta.

— Essa bruxa! — disse Patience sussurrando.

Passion girou seu dedo no cacho de Prim.

— Além disso, Charlotte realmente o quer. Ela o idolatra por cada dardo que ele lança contra sua mãe.

— Eu poderia idolatrá-lo por isso, também — disse Patience.

Passion deixou escapar um breve sorriso.

— Estou tão contente de que estejam ambas aqui. Falhei terrivelmente com vocês mais do que poderia reconhecer.

Os olhos celestes de Prim se pousaram sobre ela com preocupação.

— Estamos aqui agora e lhe amamos.

Patience pressionou um beijo na testa de Passion e em seguida a acariciou com sua mão.

Passion deixou que seus olhos se fechassem.

—Só descansa —.sussurrou Patience. — Estamos aqui.

Mark se apoiou contra o tronco de um carvalho velho e as olhou. Passion colocava sua cabeça no colo de uma de suas irmãs, essa devia ser Primrose, porque a dos cachos vermelhos que sustentava a mão de Passion só poderia ser Patience. Elas a consolavam, acariciando-a.

Seu peito se apertou. Desde a noite da festa do compromisso, esta era a primeira vez que ele tinha visto Passion tão completamente vulnerável. Ele queria ir até ela, sustentá-la e consolá-la. Lhe dizer...

Mas não lhe permitiria isso. Suas irmãs a protegeriam agora. Elas eram seu amparo e seu apoio.

Ele inspirou profundamente. Seus braços ainda a ansiavam. Seu corpo rogava por ela. E seu coração lhe pertencia.

Se ele pudesse oferecer-lo talvez ela não o rechaçaria. Se lhe desse tudo... Talvez então ... Talvez ambos poderiam sobreviver.

—Tem um visitante na biblioteca —disse Matt brandamente quando se aproximou ao lado de Mark. — É Mickey Wilkes.

Mark se estremeceu. Tinha a carta? Ele olhou fixamente através do amplo gramado para Passion. Para ele, isto não era importante. Isto só era importante para Matt agora.

—Quem são elas? Matt tinha seguido seu olhar.

—As irmãs de Passion. Patience e Primrose.

—Nomes encantadores — Disse seu irmão prazerosamente enquanto olhava através da distância. Ele sacudiu sua cabeça. —É bom que elas estejam aqui. Ela as necessita.

—Sim. Ela as necessita -.Mark se voltou para a casa. -Vem?

—Em um momento. — respondeu Matt com seus olhos ainda enfocados sobre as irmãs.

Mark fez uma pausa.

—Há algo sobre elas, não é assim?

Seu irmão assentiu e franziu o cenho.

—Sim. O que é?

Mark olhou a Passion sob o cuidado de suas irmãs.

—É um contato persistente. Diz: “És a primeira e única preocupação”. Sussurra, “não tenho nenhuma pressa por te abandonar e ficarei contigo enquanto me necessite”.

—Sim — murmurou Matt. — Isso é.

—Alguém deseja senti-lo, experimentá-lo.

Matt o olhou.

—Sim.

Mark assentiu.

—Eu o faço. É a melhor coisa no mundo.

Ele girou, esquecendo-se de seu irmão, e se dirigiu para a casa. Encontrou Mickey na biblioteca, tentando ler o título de um livro sobre o lombo do mesmo.

—Bom dia, milord — o moço empurrou seu cabelo negro, retirando-o de sua testa e franziu o cenho — Estás bem, milord?

Mark sabia que ele parecia pesaroso.

—Tem-na?

—Não, milord. Mas sei quem a tem.

Mark franziu o cenho.

—O que significa isso?

—Significa, milord, que a carta foi encontrada na inesperada posse de sua prometida, a senhorita Charlotte Lawrence.

O cenho de Mark se fez mais profundo.

—O que?

Mickey assentiu.

—Resulta que essa criada de cima a qual surrupiei —lhe piscou um olho— a informação; deu-lhe a carta no mesmo dia que ela chegou aqui. Assim que essa cadela, Lawrence, não sabe nada de sua perda.

Mark pressionou seus dedos em sua testa. Que diabos significa isto? Isto significa que ela sabia. Ela devia sabê-lo, ainda quando não havia dito nada ou não tinha revelado nada.

—Por que? Por que a criada deu a carta a Charlotte?

—Ela diz que a deu porque gosta muito de todos. Queria que soubesse o que acontecia, para que não a pegassem despreparada. Ela disse que, por muito que lhe doesse, a senhorita Charlotte deveria saber como era sua mamãe.

Ao que parecia, isto não fez nenhuma diferença em sua noiva.

—De qualquer forma, milord, estou pensando que agora devia ser fácil consegui-la, é como lhe tirar um doce de um menino. Ela está aqui. Estará entre suas coisas.

Mark cabeceou, mas permaneceu silencioso. Passion saberia que sua prima tinha a carta?

—Eu terei a carta quando estiverem servindo o jantar. Sim. —Mickey cabeceou — Você terá a carta esta noite, milord.

Então? Mark olhou a Mickey.

—Onde estava a maldita coisa?

Mickey assinalou ao teto.

—Essa cadela a ocultou atrás uma moldura do teto. É algo novo para minha lista de lugares para esconder coisas —cruzou os braços sobre o peito—. A única razão pela qual os criados a encontraram foi porque o mordomo a viu descendo de uma escada que a criada de cima tinha deixado com a qual acabava de terminar de limpar o pó. E eles sabiam que ela não subiria em uma escada sem nenhuma razão.

Mickey se coçou atrás da orelha.

—O que me leva ao seguinte ponto, milord. Como já lhe mencionei, todos os serventes da casa odeiam a essa cadela, Lawrence. E posso dizer pelas vaías e sussurros que algo está cozendo-se.

Um músculo no pescoço de Mark se apertou.

—Como o que?

Mickey se encolheu de ombros.

—Não sei. Mas resulta que ela esteve comportando-se mal com eles durante anos. Além de lhes tratar como merda, desconta-lhes de seus pagamentos por qualquer razão. No inverno O passado descontou a todo o pessoal. Também despediu uma das criadas depois de que caísse pelas escadas da cozinha e quebrasse uma perna. O inverno estava avançado e não pôde encontrar trabalho, assim que se viu forçada a começar a elevar as saias nos becos por uma moeda... Era a sobrinha da criada de baixo —Mickey sacudiu a cabeça— mas agora é uma puta bebedora de genebra. Há mais, certamente, mas esta é provavelmente uma das piores coisas que tem feito.

Mark pressionou sua mão contra sua testa. Isto não deveria surpreendê-lo. A crueldade sempre anda de mão com a maldade, e isso é o que Abigail Lawrence é, o mal personificado. Ela tomou a vida de muitas pessoas. Ele não podia odiá-la mais do que já o fazia.

—Sei que os criados estão metidos em algo. Quer que volte depois de que consiga a carta? Para ver se posso averiguá-lo?

—Suponho -ao Mark doía a cabeça-. Sim. Consegue a carta e depois vá.

—Você bem, milord -Mickey caminhou para a porta mas então se deteve — Você está bem, milord?

Mark olhou ao moço.

—Não -outro músculo se moveu — Consegue a carta, Mickey.

O moço assentiu e desapareceu pela porta.

Mark passou sua mão por seu cabelo enquanto passeava pela biblioteca. A carta estava aqui, em sua própria casa. Charlotte a tinha. Ele a teria logo. Que demônios, além da malvada Lawrence, poderiam estar tramando na casa? Possivelmente isso não tinha nada a ver com ele. Ou possivelmente sim.

Afundando sua mão no bolso da jaqueta, tocou o alfinete de Passion. Ele teria a carta esta noite, mas para eles, isto não faria nenhuma diferença. Havia só uma coisa que ele poderia lhe dar agora, só uma coisa que poderia lhe importar a ambos.

A esperança e o desespero iam de mão enquanto ele abandonava a biblioteca. Ele tinha que dizer-lhe agora.

Passou junto a sua mãe no vestíbulo. Eles nem se olharam nem se falaram um ao outro. Mas ele fez uma pausa quando viu Patience e a Prim que desciam pela escada.

Elas usavam chapéus de palha e aba larga, e embora elas tivessem cores muito diferentes, ele podia ver a beleza de Passion em seus rostos.

Seus olhos nunca o deixaram enquanto desciam e no momento que elas se detiveram na escada ele se inclinou.

—Senhorita Patience. Senhorita Primrose. Bem-vindas a Hawkmore House. Sou seu anfitrião.

Elas fizeram uma reverência e lhe agradeceram por sua hospitalidade.

Ambas sorriram com versões similares do sorriso de Passion. E seus olhos, embora diferente dos seus, refletiram uma profundidade similar em espírito e inteligência. Inclusive a curva de suas testas e o jogo de seus queixos eram exatos às de Passion. Isto o desarmou. Já que apesar das semelhanças, elas eram completamente diferentes.

O que fazia a Passion "Passion" faltava, sua elegância refinada, sua sutileza, sua suavidade, e a força tranqüila com a qual mascarava sua vulnerabilidade. E depois estava o modo em que ela o olhava...

—Por favor, me perdoem por olhar-las fixamente -sua voz era áspera — Mas eu vejo tanto de sua irmã em vocês duas.

—Me perdoe, milord, mas você luz tão cheio de dor como nossa irmã —os olhos verdes de Patience o examinaram-. E temo pela vida de um coração quebrado.

—Eu também, mas a coisa não deixará de bombear. De algum modo bombeia. Bombeando só a necessária quantidade de sangue para sustentar a vida, mas não bastante para viver disso — ele passou a mão por seu cabelo. Estava tão cansado-. Prometo a ambas que eu repararia o coração de Passion se ela me deixasse. Recolheria todos os pedaços e os manteria unidos com minhas mãos nuas se ela me deixasse. E enquanto o seu estivesse inteiro, eu poderia viver.

—Lhe diga isso, milord — Prim assinalou a escada — Vá e lhe diga tudo o que está em seu coração. Ambos merecem isso, ao menos.

Elas abriram um espaço para que ele continuasse subindo a escada.

Dando um passo entre elas, Mark subiu. No alto da escada ele deu volta em direção de seu próprio quarto. Uma vez ali, cruzou até a lareira e o sistema de iluminação por um abajur, pressionou o painel que abria o corredor oculto que ia para a antecâmara de Passion. Um conde do passado o tinha construído assim para que ele pudesse ter um acesso discreto até onde estava sua amante. Agora, ele caminhou o breve trecho até Passion. Seu coração palpitou, e seu passo alternativamente acelerava ou diminuía.

Quando ele chegou frente ao painel que se abria para o quarto dela, fez uma pausa e tentou acalmar sua respiração.

Apoiou sua testa contra a madeira fresca e rezou para ter a força necessária.

Com um estalo suave, o painel se abriu e ele deu um passo silencioso sobre o tapete Aubusson.

Seu coração palpitava e seu estômago se apertou.

Passion estava sobre a cama em sua roupa interior. Com a luz do sol que se filtrava, seu cabelo era um rio castanho muito brilhante através dos travesseiros. Ele suspirou. Os aromas de baunilha e flor-de-laranja se sentiam no ar.

Ele quis dizer seu nome, chamá-la, mas não podia falar por si mesmo. Uma dor muito antiga, da qual ele mal podia lembrar-se manteve uma mão apertada sobre sua boca. Não a chame, murmurava-lhe. Não o faça! Ela te rechaçará.

Ele fechou seus olhos. Mas esta era uma mulher diferente, um tempo diferente. Ele devia chamá-la ou a perderia para sempre. Ele devia fazê-lo.

Ele formou seu nome sobre seus lábios, mas nenhum som veio. Ele tomou ar e o empurrou por sua garganta apertada, mas só escapou um sussurro.

Ao diabo! Ele tragou e fechando sua mão ao redor do alfinete dela, ele arrancou com força seu nome como se fosse um canto rouco.

—Passion...

Ela se sentou na cama. Seu cabelo caiu ao redor de seus ombros.

—Mark!

—Eu —onde estava sua maldita voz? Ele tragou outra vez — Tenho que falar contigo.

Lhe olhou fixamente e inumeráveis emoções pareceram tocar seus traços.

—Este não é o lugar —sua voz tremeu.

—Deve ser. Não há nenhum outro.

Ela desceu da cama e se moveu deliberadamente devagar através do quarto para onde seu vestido se encontrava sobre um móvel.

Não! A ansiedade o atravessou.

—Tenho que te dizer algo. Tenho que te dizer algo agora.

Ela manteve seus olhos baixos e levantou seu vestido.

Não! Ele começou a tremer. Seu peito se sentiu como se estivesse sendo preso com ferro.

—Passion, devo te dizer. Devo ...

—Encontrarei-te no jardim —lhe disse ela brandamente e se voltou, caminhou para a porta do quarto.

Não. Ela não podia ir-se.

—Mas tenho que te dizer —disse ele, seguindo-a — Deve ficar !

Ela alcançou a maçaneta.

Não. Ele lutou por respirar embora não pôde dizer as palavras.

—Só um momento...

Ela fez pressão sobre a maçaneta e a porta se abriu.

Não. Ele não podia respirar. Ele não podia respirar!

Não!

Ele tomou uma tremente pausa e pôs sua última esperança em um sussurro desesperado.

— Por favor ... Por favor, não vá.

Ela se congelou, e seu vestido caiu a seus pés.

Lágrimas que pertenciam a um moço emanaram dele.

— Por favor, Passion, não fuja de mim.

Ela girou e se agarrou a soleira da porta. Seus lábios tremeram.

— Não vou. Ficarei.

Seus olhos doloridos se fecharam um momento pelo alívio, e ele fechou a pequena distância entre eles.

Ela estava tão perto.

Seu coração retumbou em seu peito.

Se ele não dizia as palavras agora, nunca as diria.

Ainda assim os velhos temores e as velhas dores ardiam com uma nova intensidade.

Sua cabeça lhe dava voltas. Ele examinou seus formosos olhos que o olhavam com ternura, dor, desejo e esperança.

Esperança... Sua única esperança.

— Vim para te dizer... vim para te dizer que te amo.

O rosto de Passion se derrubou, e com um soluço, ela girou seu rosto contra a ombreira e chorou.

— Amo-te -repetiu ele.

Com um grito afogado, Passion se lançou em seus braços.

OH, Deus! Seu coração explodiu e suas pernas se dobraram. Ele caiu sobre seus joelhos e se aderiu a ela.

— Por favor, não chore —murmurou ele, pressionando sua bochecha na curva de sua cintura. Ele sentiu suas lágrimas sobre seu rosto, mas sua voz era firme — Uma vez, faz muito, roguei por amor. Jurei que nunca o faria outra vez. Mas lhe peço isso agora, Passion. Por favor, me ame —as mãos dela escorregaram por seu cabelo e ele pressionou seu rosto contra ela-. Por favor. Porque, amo-te. Amo-te com tudo o que sou e tudo o que alguma vez serei. Amo-te nesta vida e na seguinte. Amo-te. Amo-te.

Ela se inclinou, e sua voz estava cheia de lágrimas.

—Nunca tem que me rogar amor. Nunca! Dou-te meu amor livremente, com um coração cheio. Amo-te, Mark. Amo-te.

Ele esfregou seus olhos fechados, mas de todos os modos, chorava. Eles se derrubaram juntos ao chão, e anos de dor, pena e negligência saíram dele.

Ele tinha esperado toda sua vida pelas palavras dela. Ele a tinha esperado toda a vida.

Ele sabia agora que o amor era o esplendor que não tinha podido ver. Embora o tivesse visto em seu rosto e o tivesse notado no seu desenho dele, tinha permanecido em um mistério. Como poderia ele reconhecer algo que nunca tinha tido, algo que ele até agora não reconhecia? Agora que o entendia, era muito tarde.

Finalmente, ele tinha ganho o amor de uma mulher, o amor perfeito de Passion e agora devia viver sua vida sem ele.

Ele soluçou e soluçou contra o peito dela enquanto o sustentava e balançava. E enquanto ele chorava, ela o sustentava. E as únicas palavras que lhe dizia, uma e outra vez eram: Amo-te.

Passion não tinha idéia de quanto tempo o sustentou. Embora ele ficou silenciosamente em seus braços, ela o seguia sustentando. Lhe tinha dado o único presente que ela poderia aceitar. O único presente que ela não podia negar-se. Seu amor.

— Acredito que te amei desde do princípio -murmurou ela-. Nosso último dia juntos, quase lhe disse isso -suas lágrimas caíam silenciosamente por suas bochechas-. E em seguida tudo caiu a pedaços, e pensei que nunca lhe diria isso. Pensei que eu te amaria sempre, embora nunca tivesse seu amor em troca.

Os braços de Mark se apertaram ao redor dela.

— Eu te haveria isso dito antes. Mas não reconheci meus próprios sentimentos -sua voz era rouca-. Mas estes dias sem ti foram tão dolorosos, que eu já sabia. Só o amor faz tanto dano.

Passion soluçou e deixou cair sua bochecha contra o topo de sua cabeça.

— Quero que saiba que meu coração sempre será teu. Não importa o que ocorra, sempre, sempre te amarei.

— Então sonharei com seu amor.

Seu coração pulsou de novo.

— E eu com o teu — ela enroscou o cabelo dele e respirou o sutil aroma limão verbena que sempre associaria a ele. — Quando me encontrei contigo, meu coração estava morto. Vivia somente pelo dever e a obrigação para com os outros. Mas você me reviveu. Fez-me viver. Fez-me rememorar meus sonhos, me recordar a mim mesma -ela fechou seus olhos sobre suas lágrimas-. Apesar deste final desesperado, equivoquei-me ao inventar tantas desculpas. É a coisa mais esplêndida que alguma vez me aconteceu -ela beijou sua testa-. Não pensei que fosse sobreviver sem ti, mas me deste a única coisa que o faz possível: seu amor. Com seu amor. Posso sobreviver.

— Então isso deve ser suficiente para mim — sua voz estava repleta de pena e resignação. — E quando vir a sua prima, recordarei-me que sua bondade para ela me prova a dignidade de seu amor.

Passion soluçou e seu estômago se revolveu.

— Amo-te -ela apertou seus braços ao redor dele. — Amo-te.

Ela teria que estar longe. Seria extremamente doloroso vê-lo em companhia da sorridente Charlotte. Embora isto fosse o que ela tivesse desejado, para que ele tratasse a sua prima com bondade, ela não podia olhá-lo. Ela devia estar longe. Sempre.

Ela suspirou profunda e entrecortadamente.

— Vêem. Me deixe te mostrar algo.

Mark se afastou dela muito lentamente e o coração de Passion se deteve quando examinou seu rosto. A infelicidade estava escrita em cada traço. Seus formosos olhos estavam avermelhados, inchados e cheios de sangue. Ele respirava através dos lábios separados e a sensual curva de sua boca caía profundamente nos cantos. Seu cabelo caía sobre sua testa e sua mão se sacudiu quando ele a estendeu para ajudá-la a levantar-se.

Mantendo sua mão entre as suas, ela o levou até a pequena base que tinha colocado no canto do quarto.

— Isto é para ti -lhe disse ela.

Com cuidado, retirou a folha da pintura terminada. A luz caiu sobre o retrato; Charlotte olhava para eles, Charlotte com toda sua formosura, sua doçura e sua comovedora dor e insegurança.

Mark o olhou fixamente. Sua expressão não mudou enquanto seus avermelhados olhos se moveram sobre o quadro.

—Pensei... —Passion se mordeu o lábio tremendo. — Pensei que se pudesse vê-la como eu a vejo...

Sua voz tremia muito para seguir.

—É magnífico.

Sua voz era plena e desolada. Ele a olhou com seus olhos desolados.

—Mas pensei que era um quadro teu. Olharei-o e eu te verei. Olharei-o e sonharei contigo — as lágrimas caíam lentamente agora. — Olharei-o e recordarei os breves mas felizes momentos que passei em seus braços. E enquanto viva minha vida em companhia de sua prima, desejarei a vida que poderia ter tido; uma vida contigo, uma vida com amor.

Passion quase não podia ver através de suas lágrimas.

A mão de Mark escorregou atrás da cabeça dela e ele pressionou seus lábios com força e firmeza contra sua testa. Então ele agarrou a pintura e desapareceu pela abertura na parede. O painel se fechou silenciosamente atrás dele.

Passion se ajoelhou e cobriu seu rosto com suas mãos. Seu estômago estava apertado e sua cabeça começou a girar. Ela se sentia doente, tão doente mas as lágrimas não pararam.

OH, Deus! Seu estômago se revolveu. Ela correu para a bacia. Ela ofegou e resfolegou.

Mas isto não ajudava em nada. Ela purgou seu interminável dor na tigela.

Mark subiu a escada lentamente. Ele tinha montado toda a tarde, tentando aliviar sua mente da dor e da perda. Tinha tentado pensar só em seu amor, mas os pensamentos o levavam a pensar em tudo o que ele nunca teria.

Ele se sentia miserável e exausto, e cada passo era muito exaustivo.

—Milord!

Ele girou e encontrou Charlotte olhando-o do vestíbulo.

Ele não a queria.

—Sim?

—Posso falar com você?

Não!

—Agora?

—Se não lhe importar, meu senhor.

Mark caminhou para a escada e a desceu. Charlotte o encontrou, e cruzaram o corredor para a biblioteca. Depois que se fechou a porta, ele caminhou para as janelas e olhou para o jardim traseiro. Abigail Lawrence dava um passeio por suas rosas. Ele deu volta mantendo distância.

Charlotte estava de pé diretamente atrás dele.

Ele retrocedeu.

—Sim?

Ela o olhou nervosa.

—Parece estar muito cansado, milord. Então não lhe inquietarei muito tempo — ela colocou a mão em seu bolso. — Só queria lhe dar isto.

Ela tirou sua mão do bolso e ofereceu uma antiga carta atada com uma fita verde e descolorida. Mark baixou o olhar para o endereço de Abigail Lawrence escrita com a familiar letra de sua mãe.

A carta. Ele sentiu alívio, mas nenhuma alegria.

Sua mão tremeu quando ele tomou lentamente entre seus dedos. Puxando a fita, ele abriu o papel descolorido e deixou que seus olhos passassem levemente sobre as palavras. O original era exatamente igual à cópia que Abigail Lawrence tinha enviado a sua mãe.

Finalmente, a maldita carta foi entregue em suas mãos pela pessoa que, por tudo o que ele sabia, tinha mais a perder fazendo-o.

Ele olhou a Charlotte.

— Por que me dá isto?

— Isso significa algo para você, milord?

— Faz-o.

Charlotte retorceu suas mãos.

— Uma de minhas criadas me deu isso, milord. Ela a encontrou oculto no quarto de minha mãe e me aconselhou que o lesse imediatamente. Ela disse que havia algo nela que eu deveria saber sobre você.

Mark franziu o cenho.

— E agora o que, senhorita Lawrence? Pergunto-lhe outra vez, por que me dá esta carta?

Charlotte elevou a vista para ele, e seus olhos cinzas eram brilhantes.

— Porque tento lhe amar, milord. E se devo alguma vez lhe amar e ser sua esposa, então eu só deveria conhecer o melhor de você -ela sacudiu sua cabeça-. Não li a carta, milord.

O cenho de Mark se fez mais profundo, e outra sombra caiu sobre ele.

— O que?

— Disse, que não li a carta. E que não o quero fazer —ela agarrou suas saias. — Estive me quebrando a cabeça para decidir o que fazer com ela, vacilando entre a tentação de lê-la e a determinação de atirá-la ao fogo. Então compreendi que eu só devia dar-lhe. O fato de que minha mãe a tivesse bem escondida me faz pensar que em algum momento, tinha a intenção usá-la contra você.

Mark a olhou fixamente, atordoado. Isto, ele nunca o teria predito.

— Como sua prometida... —ela se ruborizou. — Como sua esposa, minha lealdade é para você, milord. E se posso lhe proteger de qualquer maldade dirigida para você, incluindo a de minha mãe, então é meu dever e prazer fazê-lo.

Mark não sabia o que dizer. Ele olhou fixamente os olhos cinzas de Charlotte e a viu pela primeira vez. Ele viu uma moça ferida para quem, apesar da crítica constante, a esperança ainda tinha algum sentido. Viu a inocência e a virtude; inocência por não conhecer a conexão entre a carta e seu compromisso. Viu o começo de uma força oculta sob acanhamento. Ele a viu, finalmente.

Tinha sido mais fácil odiá-la. Agora ele não poderia fazer isso. Devagar, ele tomou sua mão entre as dele.

— Obrigado por sua lealdade — murmurou. Ele pressionou um beijo na parte detrás de sua mão e depois inclinou sua cabeça-. Boa tarde.

Um pequeno sorriso e um agressivo cenho franzido preponderavam sobre seu rosto. Ela fez uma reverência.

— Boa tarde, milord.

Quando a porta se fechou atrás dela, Mark caminhou até a lareira. Esta já tinha sido acesa em preparação da tarde. Lhe lançou um último olhar à causa de sua ruína, depois a atirou nas chamas.

Ele olhou como o faminto fogo convertia cada pedaço dela em cinzas.

Matthew estava a salvo.

Adeus

Passion vomitou na bacia. Enquanto expulsava o pequeno café da manhã que tinha comido, Patience acariciava suas costas e sustentava seu cabelo. Prim secava sua testa.

Quando não houve nada em seu tremente estômago, elas a levaram de volta a confortável cadeira e se sentaram ao lado dela. Enquanto Prim vertia chá fresco, Passion fechou seus olhos.

Salvo pelas caminhadas diárias com suas irmãs, ficou-se na habitação durante os três dias desde que ela e Mark se declararam seu amor. Seu coração estava muito sensível para arriscá-lo a cruzar-se com ele. Não tinha nem a energia, nem a vontade para participar das longas comidas com ele e Charlotte e os convidados à bodas, que tinha chegado em turba.

Ela tomava suas refeições em sua habitação mas se assegurava de visitar sua prima todos os dias. Embora Abigail continuava incomodando-a, Charlotte tinha novas esperanças na felicidade de seu matrimônio. Tinha explicado a Passion como parecia haver ganho finalmente a aprovação de seu prometido ao lhe entregar certa carta.

Passion tinha escutado com um dolorido mas satisfeito coração como Charlotte contava a história. Estava orgulhosa das ações de sua prima e enormemente aliviada por Mark. Estava livre da opressão de Abigail Lawrence, e a família de Matthew não estaria exposta. Tinha que ser um peso menos sobre seus ombros.

—Querida...—disse Prim brandamente

Passion abriu seus olhos e tomou a xícara de chá que Prim lhe oferecia. Tomou e suspirou. Estas batalhas diárias com seu estômago eram extenuantes. Sorriu fracamente a suas irmãs, que a olhavam.

—Asseguro-lhes, que isto passará. Por favor não temam ter que me cuidar por sempre.

—E quem nos cuidou todos estes anos depois de que mami morreu? —recordou-lhe Prim.

Passion sorriu ante a bondade de sua irmã.

—Querida —Patience acariciou sua perna—. Isto nos recorda o que queríamos falar contigo.

Passion baixou sua taça.

—O que acontece?

—Estiveste doente todos os dias —disse Patience

—Está esgotada —acrescentou Prim

Passion franziu o cenho. Precisava justificar seu sofrimento? A suas irmãs?

—Estes dias foram uma grande prova —murmurou.

Prim se inclinou e tomou sua mão.

—Claro que o foi. Sua dor é razão suficiente para a enfermidade. Mas...?

—Passion —Patience a olhou diretamente—, acredito que estás grávida.

Passion ofegou, e a xícara tremeu violentamente em sua mão, do momento que escutou as palavras soube que eram certas.

Prim tomou a tremente porcelana de suas mãos, e Passion pressionou suas mãos de maneira protetora sobre seu ventre enquanto sua visão se velava pelas lágrimas. Seu ferido coração se encheu de sorte absoluta. Um bebê! Um bebê em seu corpo! O bebê de Mark! Fechou seus olhos. Seu bebê.

Chorou lágrimas que não sabia que tinha, e de novo suas irmãs estavam aí para consolá-la.

—Acreditei que era estéril por tanto tempo —chorou sobre o ombro de Patience—. Doía tanto, mas não sabia quanto até agora, até compará-lo a esta felicidade.

Patience retirou as lágrimas da bochecha de Passion, e seus próprios olhos estavam brilhantes pela umidade.

—É uma notícia muito feliz. E será uma mãe maravilhosa.

Patience olhou a Prim, cujo rosto estava cheio de lágrimas.

—E seremos tias.

Prim sorriu, chorou e pôs sua cabeça no estômago de Passion. Passion a sustentou e compartilhou um olhar com Patience. Prim era jovem quando sua mãe morreu, e este era um reflexo da infância que tinha passado de sua mãe a Passion. Era uma forma de consolo, e através dos anos tinha permanecido nela.

—Dirá ao conde? —perguntou Patience

Agora Passion sentiu uma profunda tristeza. Este era o lado escuro de sua felicidade.

—Como poderia? Sua vida está disposta —tragou suas lágrimas—. Sabê-lo só intensificaria sua dor.

Patience franziu o cenho com preocupação.

—Mas, certamente um dia...

Passion assentiu e acariciou a testa de Prim.

—Sim. Possivelmente um dia.

—O que dirá a papai? —perguntou Prim.

Passion sacudiu sua cabeça.

—Não sei —disse lentamente—. Sinto uma terrível apreensão por isso. Papai estará muito decepcionado de mim —sussurrou—. Não posso ficar no vicariato. Aonde irei? —voltou-se de Patience para Prim com angústia, com as lágrimas lhe voltando a correr.

Patience tomou sua mão.

—Iremos para França. Tia Matty virá conosco. Não deveríamos deixar completamente só a papai, assim Prim e eu poderíamos negociar te visitar.

França. A idéia de que seu filho nascesse em um país estrangeiro lhe doía. A idéia de estar tão longe de casa, doía-lhe mais. Mas tinha que estar longe. E tinha que ficar longe, para não envergonhar a sua família.

Prim se levantou, como se tivesse escutado os pensamentos de Passion.

—Mas não deve te afastar por muito tempo, Passion. Depois de um tempo, deve retornar para casa. O menino deve conhecer suas tias e a seu avô.

Passion sacudiu sua cabeça.

—Como poderia? Minha presença e a do bebe manchariam o papel de papai. Poderia perder o vicariato. Todos nos evitariam.

—Então diremos às pessoas que adotamos ao menino de um familiar indigente —ofereceu Prim—. Ou diremos que voltou a te casar, mas que seu marido morreu.

Passion olhou a sua irmã. Seria uma vida inteira de mentiras.

—Não sei que vou fazer.

Patience acariciou sua mão.

—Pensaremos em algo. Mas Prim tem razão, você e o bebê devem estar conosco —apertou os dedos de Passion—. Além disso, o bebê necessitará uma figura paterna.

O coração de Passion se encolheu. Uma figura paterna, mas não um pai. Limpou-se as lágrimas.

—Terei que estar longe muito tempo. E qualquer decisão de voltar terá que ser de papai.

Prim sorriu.

—Então estou feliz, já que sei qual será sua decisão —descansou a mão sobre o estômago de Passion—. OH, Passion. Um bebê. Vais ter um bebê! —seu encantador rosto estava tão alegre e seus olhos celestes tão ternos—. Sabe que adoro os bebe.

Patience pôs sua mão em cima da de Prim.

—Dizendo-o dessa maneira, este menino não poderia ter duas tias mais maravilhosas.

Passion beijou a suas irmãs e depois descansou suas mãos sobre as delas. Sua alegria era profunda mas agri-doce. Mark lhe tinha dado um filho. Não só lhe deu seu amor como também a viva manifestação de seu amor.

Fechou seus olhos. Esta era a prova de que a sorte podia florescer dentro da infelicidade, e que Deus trabalhava de maneiras misteriosas. Até com toda sua sorte, uma áspera dor enchia seu coração; apesar do amor e apoio de suas irmãs, estaria sozinha nisto. Seu pai estaria horivelmente decepcionado dela. Haveria mentiras e a perda do lar e país por um período indeterminável de tempo. Seu menino não conheceria o amor de um pai. E Mark não conheceria o amor de seu filho.

Sentia-se insuportável e incorreta.

Mas também era incorreto sabendo e ativamente destruir a felicidade de uma pessoa pela felicidade de outra. Essa tinha sido sua postura com Mark todo o tempo. E se essa postura era correta, e ela acreditava que o era, então ainda o era. Menino ou não.

Rezando por um conselho, encontrou sua primeira resposta.

Olhou a suas irmãs.

—Esta noite, assistirei ao baile. Amanhã vou para casa.

Passion e suas irmãs entraram no enorme e brilhante salão de baile depois que o baile começasse. O formoso salão, pintado em verde pálido, branco e dourado, estava iluminado por seis magníficos candelabros que penduravam do teto de sete metros. Uma larga galeria superior rodeava três lados do salão sustentava um complemento cheio de músicos e oferecia um lugar ideal para que os convidados praticassem e observassem o baile abaixo. Seis pares de altas portas de cristal na outra parede conduziam ao balcão e duas largas portas ao final do quarto conduziam ao salão, onde as bebidas e refrescos eram servidos.

Passion suspirou enquanto ela e suas irmãs se moviam pelo atestado salão. Era importante que apresentasse seus respeitos a Charlotte neste evento, já que não ia assistir às bodas. Mas só planejava ficar um curto tempo.

Virtualmente não conheciam ninguém, assim permaneceram juntas, assentindo e sorrindo a estranhos enquanto atravessavam as portas de vidro.

—Passion, é esse o irmão de Mark? —perguntou Patience—. Ali, dançando com a mulher de azul.

Passion reconheceu a Matthew dançando com Rosalind.

—Sim, esse é Matthew. A mulher de azul é sua prometida.

Patience se deteve.

—É-o? —franziu o cenho e sacudiu sua cabeça—. Não, não é a indicada para ele.

Prim elevou suas sobrancelhas.

—E como pode dizer isso?

—Vê como a olha? Mas ela não vê a ele. Ela se preocupa mais por ser vista do que ele a veja —Patience assentiu—. Ele necessita a alguém que o veja.

—Senhora Redington?

Passion girou e encontrou a John Crossman separando-se de um grupo de cavalheiros. Ela sorriu, sinceramente feliz de lhe ver.

—Bom, Senhor Crossman, que delícia lhe encontrar aqui.

Passion apresentou a suas irmãs.

—O Senhor Crossman é o cavalheiro do quem lhes falei, quem tão gentilmente me salvou na noite que caí doente na festa de Charlotte.

—Ah —Patience assentiu—. Me permita lhe agradecer Senhor Crossman, por assistir a nossa irmã em seu momento de necessidade.

Um pequeno sorriso se formou na boca dele, e inclinou a cabeça.

—Só estou feliz de ter estado aí para poder lhe ajudar.

John as apresentou ao grupo de cavalheiros com os quais estava conversando e depois pediu a Passion que dançassem. Patience e Prim também foram dançar com outros dois cavalheiros do grupo.

—Como vai, Senhor Crossman? Senti saudades de nossas excursões com minha tia e seu primo.

John sorriu.

—De verdade?

—Sim, de verdade

—Bom, acredito que lhe alegrará saber que paguei as dívidas de meu primo. E agora que não tem problemas financeiros, abandonou a idéia do matrimônio em favor de fazer uma tentativa no teatro.

Passion sorriu.

—Acredito que o teatro poderia ser justamente o que ele necessita.

John assentiu.

—Isso espero —ele a olhou enquanto dançavam através do piso—. Como se encontra você Senhora Redington? Esteve bem?

Passion o olhou com um pequeno sorriso.

—Não me vejo bem, verdade?

—Você é formosa. Mas estava preocupado por você antes que deixasse Londres.

Passion sorriu por sua gentileza. Sabia que não luzia bem. Seus olhos estavam pesados, tinha perdido peso. Nesse momento, decidiu ser honesta com ele.

—Na realidade, não estou totalmente bem. Vou para casa amanhã.

Ele a olhou e assentiu.

—Eu tampouco seria capaz de ver a pessoa que amo, casar-se com outro.

Os passos de Passion vacilaram tanto que John teve que salvar-la de que caísse. Os casais que dançavam ao redor a olharam, ruborizou-se de vergonha e baixou seus olhos.

—Sinto-o —murmurou John, fazendo-a girar para uma parte diferente do piso.

—Como soube?

—Esses últimos dias em Londres, poderia-se dizer.

O coração de Passion revoou, e sentiu que suas bochechas se acendiam.

—Supõe que alguém mais o notou?

—Não. Eu fui o único olhando-a atentamente para poder deduzi-lo.

Passion levantou seus olhos tentativamente.

—Por que me olhava atentamente?

—Eu acredito que você sabe por que —sorriu tristemente—. Mas não falemos disso agora. Suas irmãs partem com você?

Passion queria dizer algo sobre o profundo afeto que sentia por ele como amigo. Mas possivelmente essa era uma conversa para outro momento. Sacudiu sua cabeça.

—Não, Tia Matty chegará amanhã. Ela as acompanhará.

—Por que não me deixa escoltá-la, então? É em Lincolnshire, verdade.

Passion examinou seus amáveis olhos verdes. Era um homem tão bom, amável e decente. Mas ela nunca o amaria da maneira que ele esperava.

— Senhor Crossman, John, nossa curta amizade chegou a significar muito para mim. Sinto que compartilhamos uma relação de velhos amigos. Não quero que nada a ponha em perigo.

Ele sustentou seu olhar.

— Levará uma criada com você? — perguntou depois de um momento.

— Sim. Minhas irmãs vieram com nossa criada. Ela me acompanhará.

Ele assentiu e girou com ela para o centro da pista.

Depois de um momento falou.

— Disse-lhe que vou ao mar?

Os olhos de Passion se abriram de surpresa.

— Sério? Quando tomou essa decisão?

Sorriu-lhe gentilmente.

— Neste momento.

Mark estava com Matt e Lorde Fitzgerald nas portas do grande salão.

— Eu gosto dos desenhos, Langley. Fez um bom trabalho com eles. Francamente. Não sou particularmente aficionado a muitas quinquilharias e alvoroços em um edifício. Aprecio o desenho clássico que propõe.

Lorde Fitzgerald estava dizendo todas as coisas que Mark deveria estar contente de escutar, mas não conseguiu reunir nenhum entusiasmo.

— Então vou apresentar seu projeto ao comitê como minha primeira opção. Assumindo que eles estejam de acordo comigo. O que sempre fazem, obterá a comissão.

Mark assentiu.

— Obrigado, Lorde Fitzgerald.

O homem mais velho esperou um momento, sem dúvida esperando que Mark dissesse algo mais. Quando não o fez, Fitzgerald assentiu — . Bom, então. Informarei-lhe de nossa decisão.

Mark assentiu de novo.

— Esperarei a decisão.

Depois que o homem se retirasse, Matt falou.

— Cristo, realmente te extra-limitaste. É um pouco embaraçoso quão eloqüente és. Depois de tudo é só a comissão da Biblioteca Nacional.

Mark olhou a seu irmão, mas de repente a atenção de Matt se enfocou em algo mais. Seguiu a direção de seu olhar e encontrou a Passion e a suas irmãs falando com Charlotte.

Seu coração começou a palpitar, sua respiração se acelerou. Desde o dia que a tinha deixado em seu quarto, não a tinha visto de tão perto. Usava um vestido de cetim verde escuro e sua pálida pele brilhava acima do decote. Via-se mais magra. E embora as olheiras obscurecessem seus olhos e seu sorriso fosse leve, encontrava-a formosa.

Veria-se magnífica com as esmeraldas Hawkmores. Deveriam ser delas. Era a esposa que teria eleito, inclusive se isso significasse terminar sua linhagem.

— Qual irmã é a dos cachos vermelhos? — perguntou Matt.

Mark olhou a seu irmão. Parecia que o interesse na irmã de Passion não tinha diminuído.

— Seu nome é Patience; Senhorita Patience Emmalina Der.

Mark a olhou. Era uma assombrosa mulher com o tipo de óbvia beleza que captava a atenção das pessoas. Definidos cachos vermelhos dourados caíam por suas costas, e seus olhos verdes olhavam às pessoas de tal maneira que alguém sentia que ela sabia e entendia tudo em um

palpitar de coração. Havia um ar de segurança e determinação a seu redor. E a quase tangível sensualidade que as três compartilhavam era, possivelmente, mais evidente nela.

Ele voltou seu olhar a Passion, e seu sangue se acelerou. Ela era única. Ela era o modelo sobre o qual suas irmãs tinham sido criadas. Era a perfeição em forma, beleza e graça.

Tinha fome dela enquanto a percorria com o olhar, mas odiava as olhadas cativadas e cheias de admiração que caíam sobre ela dos homens que passavam. Queria que todos soubessem que lhe pertencia e que pertencia a ela.

— Ela acredita que o tem tudo resolvido — murmurou Matt.

Mark jogou uma breve olhada a Patience antes de retornar seu olhar a Passion.

— Possivelmente o tem.

— Olhe como Montrose a adula — disse Matt

— Sim. Recorda-me como adula a Rosalind.

Matt se encolheu de ombros, mas não sorriu.

— Vá-te ao inferno

— Já estou aí Matt — Mark viu Passion abraçar Charlotte e depois mover-se para as portas de vidro. Ansiava segui-la. Ansiava tê-la em seus braços —. Já estou lá.

Passion se parou ao lado de uma das altas portas de vidro e lhe deu a boas-vindas ao ar frio que soprou sobre ela. Havia dito a Charlotte que um dos membros da paróquia de seu pai estava doente e tinha perguntado por ela. Não era uma boa mentirosa e odiou ter que dizer a falsa desculpa. Mas seria muito pior ficar.

Patience deslizou seu braço por sua cintura.

— Encontra-te bem?

— Sim. Estou bem.

— Desejas um copo de ponche? — perguntou Prim

Passion olhou para o magnífico salão.

— Sim, isso seria...

Mark estava aí. Olhou através da distância seus olhos famintos e sentiu que seu olhar a acariciava. Seu coração saltou dolorosamente e seu corpo lhe respondeu com a conhecida umidade entre suas coxas.

Patience e Prim, ambas, olharam a Mark e depois a ela.

— OH, Passion — sussurrou Prim.

— Está bem — Passion se compôs quando viu Charlotte aproximar-se de Mark.

Seus olhos se fecharam, e quando os abriu, seu rosto se converteu em uma suave máscara. Ele se inclinou ante Charlotte e tomando sua mão a conduziu à pista de baile.

Passion os olhou. Embora queria correr, não podia apartar o olhar. Os convidados sorriam e saudavam, e sua prima sorria felizmente enquanto Mark tomava em seus braços ao começar a música.

Enquanto seu amado girava através da pista com Charlotte, o ventre de Passion se retorcia de ciúmes. Ela o amava. Ela o complementava. Ela levava a seu filho. Mas aí estava, só e com frio, enquanto Charlotte se esquentava na luz pública como a noiva escolhida de Mark.

Por Deus, não podia suportá-lo. Odiava a visão de suas mãos sobre sua cintura, por que sabia como se sentia sua mão, sabia a força dela. Odiava a proximidade deles, por que embora Mark sustentasse a sua prima a uma apropriada distância, sabia que Charlotte podia perceber a verbena limão que sempre se aderira a ele. Era Charlotte a que podia ver as escuras bolinhas azuis que davam a seus formosos olhos sua dimensão. Charlotte podia estudar a sensual curva de sua

boca e sonhar como se sentiriam seus beijos no dia de suas bodas. Um manto negro nublou sua mente enquanto seu fôlego se acelerava.

Passion tratou de acalmar sua respiração. Suas vísceras ferviam com cobiça. Sentiu as lágrimas crescer e sua garganta se fechou. Girou e olhou a suas irmãs.

—Saio por um momento, só — murmurou.

Prim assentiu e acariciou seu braço.

—Esperaremos-lhe —lhe assegurou Patience.

Uma vez que atravessou as portas, Passion desceu acalmada e cuidadosamente as amplas escadas que davam ao jardim inferior. Vários casais passeavam pelos largos, bem cuidados caminhos. O murmúrio de suas conversas e ocasionais risadas, flutuava no ar.

Passion os deixou para trás, só entre os amantes. Pressionou uma mão em seu abdômen, as lágrimas caíam, só no mundo, enquanto Charlotte vivia sua vida com Mark. Uma imagem de sua prima, nua e retorcendo-se sob Mark, encheu sua mente.

Com um grito de desespero, correu através da grama para a ponte. Suas sapatilhas golpeavam a terra e sua ofegante respiração se ouvia na tranqüilidade da noite. Os cisnes se deslocavam através da escura água do lago iluminado pela lua. Correu até alcançar a rotunda. Agarrando seu flanco pela dor, passou entre as colunas e se sentou em um dos amplos bancos de mármore que rodeavam o interior. Sua respiração era desigual e seu coração pulsava fortemente.

Através de suas lágrimas, olhou para trás, para Hawkmore House. Era uma brilhante caixa de jóias brilhando em cima do lago, sua chave musical girando sem parar. E dentro, seu amado dançava com outra.

Tirando as luvas, cobriu seu rosto e chorou em suas mãos até que só ficaram secos soluços.

De repente, sentiu-o sentar-se escarranchado no banco junto a ela.

Girou sua cabeça e se encontrou com o escuro olhar de Mark. Pedacos de seu coração se dispersaram.

—Amo-te —soluçou.

Ele tomou sua mão e a pressionou contra sua bochecha.

—Amo-te —os olhos dele se fecharam—. Te amo.

Voltando-se para enfrentá-lo sobre o banco, ela descansou sua palma contra a mandíbula dele. Seu corpo saltou quando ele pressionou um beijo em sua palma cativa e depois outro em seu palpitante pulso.

—OH, Passion, amo-te —sussurrou, esfregando a mão dela contra sua bochecha e orelha.

Ela tremeu ante a suplica de sua carícia.

—Amo-te —sussurrou ela, enquanto deslizava seus dedos entre seu cabelo e levantava sua outra mão para delinear a curva de sua boca.

Seus olhos brilharam quando ele beijou a ponta de seus dedos, depois atraiu sua mão contra seu coração.

—Me diga algo —lhe suplicou ele.

Um arrepiou percorreu a coluna de Passion ante as familiares palavras. Tinha-lhe feito a mesma pergunta na primeira noite que veio a seu quarto. Essa noite eles começavam de novo. Esta noite terminavam.

Procurou sua outra mão e a pressionou contra seu coração.

—Amo-te. E enquanto haja fôlego em meu corpo te amarei, só —lhe sustentou o olhar — Nunca pense em mim compartilhando um beijo ou uma carícia com outro, por que nunca o farei. Nunca te pergunte se descanso nos braços de outro, porque nunca o farei. Nunca imagine prometendo meu amor ou minha fidelidade a outro, porque nunca, nunca o farei — os quebrados

pedaços de seu coração se converteram em pó — Quando pensar em mim, só recorda nosso tempo juntos. Me recorde em seus braços. Me recorde com meus lábios pressionados aos teus. Me recorde com meu corpo movendo-se com o teu, rogando pelo êxtase que só o seu lhe provê — ele soluçou e as lágrimas dela se derramaram — Me recorde lhe dizendo “te amo”, “amo-te”. “Para sempre, amo-te”.

Mark inclinou a cabeça. Chorando silenciosamente. Seus ombros se levantaram quando levantou seu angustiado rosto para encará-la.

—Me diga que me ama melhor que isto. Porque te juro, que se não o faz, atirarei tudo. E te perseguirei com uma perseverança como nunca vii, até que te tenha conduzido de maneira inextricável e para sempre a meus braços.

Passion se jogou em seus fortes braços.

—Nunca poderia te amar melhor —ofegou ela—. Só mais e mais profundamente —ela o cheirava e o sentia, gravando cada pequeno detalhe dele em sua memória, a suavidade de seu cabelo, a textura de sua pele e a força de seu corpo.

Nunca esqueceria, porque enquanto o tempo passe, necessitaria a lembrança de cada carícia, cada beijo, cada sussurro.

A música chegava da casa. Era uma valsa.

—Dança comigo —lhe rogou ela—. Dança comigo uma última vez.

Deslizou-se do banco e o arrastou com ela ao centro da rotunda. Cada um limpou as lágrimas do outro. Ele tomou em seus braços. Dançaram lentamente, seus corpos pressionados fortemente. Seu vestido se meneava brandamente enquanto giravam e os olhos dele nunca deixaram os dela.

Era uma noite totalmente diferente a da noite no jardim do Palácio de Cristal. Possibilidade e esperança tinham florescido nessa tarde. Esta noite, saudade e perda os rodeavam.

Mas também amor.

Passion cavou sua mão ao redor de sua nuca.

—Parto-me amanhã pela manhã.

Mark uniu suas testas. Ficaram quietos, balançando-se com a música.

—Nunca tinha sido culpado de sentir a extrema inveja antes desta noite —sussurrou ela—. O pensar em não te ter é insuportável. Mas ver-te no altar com minha prima seria impossível.

—Sei —disse ele. Tocou com seus lábios o úmido canto de seu olho.

Deus! Ela o desejava com um desespero nascido da dor e com a intensidade nascida do conhecimento de que levava a seu filho. Seu corpo chorava por ele.

Afogou um soluço e descansou sua cabeça em seu peito. Enquanto ele a sustentava e depositava beijos através de sua testa, ela sentia o palpitar de seu coração. Pulsava tão forte e rápido como o dela.

—Me diga algo —lhe disse ela.

Lhe levantou o queixo para que o olhasse. Suas bochechas estavam úmidas.

—Pensarei em ti cada dia, mil vezes ao dia. Sonharei contigo de noite e sussurrarei seu nome quando despertar. Reviverei cada momento que passamos juntos, e inventarei momentos que não vivemos —sustentou seu rosto entre suas mãos—. Te escreverei e falarei só de nós. Contarei-te cada aventura que vivemos e recontarei todas as maneiras nas que fizemos o amor. E dessa maneira, criarei uma vida contigo.

Passion fechou seus olhos cheios de lágrimas.

—Espero que me escreva. Para saber que estás bem, para poder tocar o papel que você tocou. O polegar dele acariciou seu lábio e depois sua boca esteve sobre a sua.

Beijaram-se com um breve e ofegante desejo.

— Amo-te — sussurrou ele contra sua boca —. Nunca o esqueça.

E depois se separou de seus braços e desapareceu na noite.

Ela olhou como sua sombra se movia através da terra iluminada pela lua. Pôs suas mãos em sua matriz.

— Nunca te esquecerei.

Capítulo Dezoito

O Céu na Terra

— Não posso acreditar que na realidade comprasse este enorme biombo — disse Matt.

A brilhante luz do sol se derramava pelas altas janelas da antecâmara de Mark. Já em seu adorno formal de bodas, Matt estava junto ao alto biombo, passando sua mão pelo intrincado trabalho esculpido. O valete de Mark, Smith, movia-se de maneira eficiente ao redor do quarto, ordenando enquanto Mark ajustava sua gravata.

Baixou a vista para o conjunto de diamantes e pérolas. O jogo tinha estado a resguardo com uma seleção de outras jóias que tinham pertencido às passadas condessas. Teriam que ser suficientes para Charlotte.

Era tradição que as noivas Hawkmores usassem as esmeraldas Hawkmores. Mas depois de deixar a Passion na rotunda, ele tinha ido a seu quarto e deixado as esmeraldas sobre seu penteadeira. Ela era a noiva de seu coração, e ele queria que ela as tivesse.

Sua cabeça lhe doía. Cedo na manhã anterior, ele a tinha visto ir-se. Então tinha ido sentar-se em seu quarto vazio. Tinha estado sentado ali durante um longo momento, lhe escrevendo sua primeira carta. Tinha estado cheia de pesar e dor, mas ele tinha tido que pôr as palavras sobre o papel. Antes sair, tinha tomado seus travesseiros. Estavam sobre sua cama agora.

— Preparado? — perguntou Matt, cruzando para ele.

Mark fechou de repente a aveludada caixa de joalheria.

— Não.

Matt sorriu.

— Não se preocupe. Ficarei perto e impedirei que te vá.

Tirou uma bolinha de penugem do ombro de Mark e estendeu sua mão para a porta.

— Adiante, irmão.

Matt estava à esquerda de Mark enquanto batia na porta do quarto de Charlotte. Uma criada lhe abriu e fez uma reverência enquanto sua mãe chegava à porta para receber a caixa.

Mark a estendeu.

— Para a noiva, um sinal de minha estima em reconhecimento desta ocasião.

Sua mãe olhou a caixa e franziu o cenho. Abrindo a tampa, seu cenho se fez mais profundo.

— Onde estão as esmeraldas?

— As esmeraldas são minhas — respondeu ele —. Onde estejam ou o que faço com elas não é teu assunto.

Abigail Lawrence se precipitou à porta, tendo ouvido tudo. Ela olhou dentro da caixa e seu rosto avermelhou. Ela estalou com a fúria de uma mulher que ainda acreditava que tinha controle sobre ele.

—Onde estão? Todas as noivas Hawkmore usam as esmeraldas Hawkmore. As pessoas esperarão para as ver — arrebatou a caixa das mãos de Lucinda, fechando-a de repente, e a lançou a Mark —. Charlotte usará as esmeraldas!

As mãos de Mark se sacudiram a seus flancos, e ele a olhou fixamente com uma raiva que já não devia conter. Inclusive sua mãe deu um passo para trás.

Mas antes de que ele pudesse responder com o veneno que estava em sua língua, Charlotte apareceu atrás de sua mãe. Embelezada com um folgado vestido de renda branco, ela levantou seu queixo.

—Usarei o que milord me der e nada mais.

Abigail se deu volta e assinalou com seu dedo para o lado do quarto.

—Retorna ao vestidor! Não deve ser vista!

Charlotte seguiu adiante sem olhar a sua mãe. Matt se inclinou e recolheu a caixa.

—Bom dia, milord —Charlotte sorriu—. Em honra da ocasião, estou orgulhosa de aceitar seu presente.

Mark assentiu e tirou o colar da caixa. Charlotte se deu a volta, e ele o fechou ao redor de seu pescoço. O aroma das flores em seu cabelo flutuou até ele, e ele se afastou.

Charlotte se deu volta franzindo o cenho.

—O que acontece, milord?

O coração de Mark se acelerou.

—São flores-de-laranja o que está usando. Quero que as retire.

—Ela não o fará! —disse Abigail.

—OH, realmente —se mofou Lucinda—. Seu cabelo e seu buquê estão terminados.

—Fora! —grunhiu Mark—. Os quero fora.

Charlotte volteou para a criada enquanto começava a retirar alfinetes e flores de seu cabelo.

—Acredito que a rosas estão em flor. Poderia por favor pedir que algumas flores sejam cortadas imediatamente? Algumas brancas, algumas rosadas, e muito verde—. Lhe deu as flores-de-laranja à criada. Pode atirar fora estas.

Enquanto a criada se afastava rapidamente, Charlotte se deu volta com um sorriso.

—Pronto. Isso foi simples, verdade?

Ela estava tentando, duramente, agradá-lo.

—Obrigado —ele inclinou sua cabeça e lhe deu a caixa, que ainda continha os brincos e o bracelete.

Ela tocou o colar em sua garganta.

—Obrigada a você, milord. Nunca hei possuído nada assim de fino.

Mark assentiu. Que mais podia lhe dizer?

—Estás encantadora.

Charlotte sorriu e começou a falar, mas suas palavras foram cobertas por um sonoro estrépito de lá embaixo. As vozes se elevaram e depois houve outro ruído.

Franzindo o cenho, Mark e Matt se moveram ao corrimão e baixaram o olhar dois pisos até o vestíbulo. As flores e a porcelana quebrada estavam espalhadas através do chão. Mickey Wilkes tentava desesperadamente convencer a Cranford de algo.

—Que escândalo está fazendo —disse Lucinda com irritação quando se uniu a eles.

Abigail Lawrence olhou para baixo, depois fez uma pausa e franziu o cenho.

Charlotte olhou por cima do ombro de Mark.

—Está bem, Cranford —disse Mark ao mordomo—. Eu o verei.

Mickey girou e, antes de que Mark pudesse passar do corrimão, volteou um jornal aberto e o sustentou sobre sua cabeça.

— Tá nos jornais, milord! — Ele gritou. — Toda a maldita coisa está nos jornais!

O coração de Mark começou a esmurrar em seu peito enquanto Mickey corria escada acima. Sabia-se? O que significaria isto? Aonde conduziria?

Liberdade? Passion? Seu sangue se precipitou e seu corpo se esticou.

Abigail Lawrence se via pálida, e um rubor obscurecia as bochechas de sua mãe.

Matt agarrou o ombro de Mark e franziu o cenho com preocupação.

— De que falas? Estás com problemas?

Mark pôs sua mão sobre Matt.

— Não. Não o estou.

Charlotte se via confusa.

Mickey patinou perto do descanso e, ofegando, atirou o jornal e outra folha dobrada nas mãos de Mark.

— Cheguei tão rápido como pude, milord. Disse-lhe. Disse-lhe que haveria algo mais — Mickey sacudiu sua cabeça —. Eu sempre tenho razão. Sempre. Um cavalheiro me leu o jornal no trem. E há muitas cópias de outra carta. Está circulando, milord, como um pasquim.

Mas Mark apenas o ouviu, pois enquanto sustentava a Matt à distância do braço, seu olhar se fixava sobre o jornal. As palavras chantagem, matrimônio forçado, e salvar a seu irmão saltaram sobre ele. Nenhum nome era mencionado, mas ele era o único "lorde de importância recentemente prometido a uma plebéia". Era toda uma insinuação, mas era suficiente. Ao final do artigo dizia: Carta Original de Incriminação em Custódia do Redator. Que carta? Ele tinha queimado a carta.

Ele abriu o outro papel.

— Cópias disso estão correndo todas as ruas, milord.

8 de fevereiro,

Queridíssima Abigail,

Escrevo para te informar que estou, por fim, liberada de meu filho. Posso dizer "meu filho" porque ele é todo meu e só meu. Ele é o menino de minha escolha e o menino de minha criação. Ele é formoso e são e tem os olhos escuros de seu pai. (E, realmente acredito, o outro atributo notável de seu pai também!) Embora o Céu o proíba, que se pareça muito a ele e comece a correr com a tesoura de poda! Posso te ouvir rir, minha querida. Mas que não importe, criei-o para ser um senhor importante.

Neste mesmo momento, ele dorme ao meu lado em seu berço. Minha querida Abigail, não posso te transmitir o prazer sensual que me dá o ver meu pequeno filho do jardineiro envolto nos linhos Hawkmore. Considero seu nascimento um golpe sem par de minha parte contra a injustiça de meu matrimônio com o George, a quem, você sabe, nunca quis.

Assegurarei-me que meu filho tenha tudo o que seu irmão tem, e mais se posso dirigi-lo, já que ele não terá o condado (embora até isso poderia cair um dia). Colocarei-o sobre o pedestal de meu coração e lhe darei todo meu amor. Ele será o que meu primeiro filho não é: todo meu. Que irônico que eu deva odiar a meu primeiro filho por sua legitimidade e amar a meu segundo filho por sua ilegitimidade.

Receberá um anúncio formal de nascimento dentro de pouco, mas como é a única irmã de meu segredo, tive que te escrever imediatamente e compartilhar meu triunfo.

Bem, minha querida, meu pequeno menino faminto chora por seu jantar, então melhor vou a ele. Por favor me escreva sobre a festa Chesterfield. E deve me dizer se Lorde Harrington ainda morre por mim. Posso decidir tomá-lo de novo, assim que possa me desfazer da capa maternal que atualmente me cobre. Depois de

tudo, estou desejosa de provar as técnicas que me informou para acautelar filhos, e ainda mais desejosa do ato que faz necessárias tais técnicas!

Tua,

Lucinda

Pós-escrito: "Meu filho" foi batizado Matthew Morgan Hawkmore.

Mark tremia de fúria. Levantou seus olhos a sua mãe. Lhe olhou com sua mão apertada a seu peito.

—Jurou-me que havia só uma carta! Maldita seja, jurou-o!

—Carta? —Charlotte luzia confusa—. É isto sobre a carta?

—Não sei de que demônios se trata isto —disse Matt.

Abigail girou para enfrentar a sua filha.

—O que sabe de uma carta?

—Susan me deu uma carta que encontrou escondida em seu quarto. Disse que tinha que ver com o conde, e me disse que a lesse. Mas não o fiz. A dei —Charlotte franziu o cenho—. A dei, porque estava segura de que a tinha guardado para algum mau uso contra ele. E parece que tive razão, já que algumas más notícias apareceram no jornal.

Mark franziu o cenho ante Abigail.

—Você, senhora, foi recompensada por sua asquerosa e repreensível maldade pelos criados de sua própria casa —se mofou ele—. As pessoas que teriam sido leal e respeitosa se você lhes tivesse mostrado algum tipo de decência lhe hão, em troca, dado um golpe fatal.

Matt cruzou seus braços sobre seu peito.

—Todos parecem ter peças deste quebra-cabeças, exceto eu. Que demônios está passando?

Mark olhou a seu irmão e seu coração se espremeu. Estas seriam notícias difíceis. Ele volteou a Charlotte.

—Por favor nos perdoe. Retornarei a ti dentro de pouco —agarrou o ombro de Mickey—. Vê, falarei contigo mais tarde.

Mark caminhou com Matt de volta a seu quarto. Lucinda os seguiu.

Uma vez que a porta fechou atrás deles, Mark enfrentou a seu irmão.

Matt manteve suas mãos aos flancos.

—Cristo, que demônios é isto?

Uma vaga ansiedade velava seus olhos.

Lucinda olhou apreensivamente a Matt, mas então caminhou até as janelas.

—Sente-se, Matt —sugeriu Mark.

O cenho de Matt se fez mais profundo.

—Não —Mark podia ver sua cólera aumentando—. Não quero me sentar. Quero saber que demônios está passando.

Mark olhou o jornal e a carta e depois a seu irmão.

—Desejaria que nunca tivesse que ver isto, mas não posso ocultar-los de ti —devagar e com pesar, lhe ofereceu ambos os artigos.

Matt os olhou nervosamente e depois os arrebatou da mão de Mark.

Mark olhou o rosto de seu irmão trocar de mero cenho a uma máscara apertada de dor e fúria.

Quando seus olhos alcançaram o final da carta, ele os fechou. Seu punho se fechou ao redor da carta e sua mandíbula se apertou. E quando seus olhos se abriram, estavam vermelhos pela raiva.

Ele virtualmente saltou sobre Lucinda.

—Você, cadela! —ela elevou suas mãos quando lhe lançou o jornal e a carta—. Mentirosa, adúltera, asquerosa cadela!

Ele elevou seu braço para lhe dar um golpe de reverso, mas Mark se interpôs entre eles e agarrou o braço de seu irmão.

—Nunca esperei que isto se soubesse! —gritou Lucinda—. Eu nem sabia se Abigail tinha recebido essa carta! Ela nunca a respondeu, pensei que havia se perdido! —ela envolveu suas mãos ao redor do mesmo braço que ele tinha levantado contra ela.

—Amo-te, Matt. Eu sempre te amei.

Matt deu um puxão e pôs distância entre eles, levantando a carta enrugada, sustentou-a.

—Você não me ama. Sou só seu golpe, seu triunfo sobre papai, que cometeu o horrível engano de ser muito velho para ti —ele assinalou a Mark—. Que cometeu o horrível engano de te dar um bom filho. Que cometeu o horrível engano de te amar e manter-se fiel enquanto você lhe cuspiu no rosto com suas aventuras.

Lucinda levantou seu queixo.

—Sabe que eu sempre te amei. Sei que sabe.

—Sim! —gritou Matt—. E me envergonho de todas as vezes que perdoei seu comportamento e te deixei me adular enquanto esbofeteava a cara de papai e tratava a meu irmão como se fosse uma maldição —Matt sacudiu sua cabeça—. Você me amou por todas as razões incorretas, assim como abandonou a Mark por todos os motivos incorretos. Seu amor é uma carga, porque é só para sua própria lamentável, egoísta satisfação! —ele tremia visivelmente—. Desprezo seu amor, e te desprezo!

Ela tentou tomar seu braço, mas ele o arrebatou.

—Não me toque. Não me fale. E nunca mais apareças na minha porta outra vez. Não é bem-vinda em Angels Manor, e imediatamente tirarei minhas coisas da casa de Londres —seus olhos brilhavam e sua voz tremeu—. Por que não sou seu filho. E não te conheço.

Lhe deu as costas.

Lucinda levantou seu queixo ainda mais alto. Piscou, afastando as lágrimas enquanto cruzava o quarto. Com um estalo, fechou a porta atrás dela.

O quarto estava silencioso. Matt estava olhando através das janelas, tal como o tinha feito antes. Mark esperou que ele falasse.

—Estiveste me mentindo —disse ele, sem mover-se.

—Sim.

—Teria estragado sua vida, renunciado à mulher que amas, para me proteger.

—Sim.

Matt girou, e a dor retorceu seus traços.

—Por que? Não pensou que eu fosse o bastante forte para suportar isto? —parou-se sobre a carta enrugada—. Pensa que eu queria que te sacrificasse por mim? Alguma vez pensou em como me sentiria se isto aparecesse e compreendesse que tinha deixado tudo por mim? Sentiria-me como uma merda, é como eu me sentiria —uma risada amarga lhe escapou—. Como o faço agora.

Mark assentiu.

—Realmente pensei nisso. E acreditei que eras bastante forte. Mas me preocupei com seu amor. Preocupei-me de que não sobrevivesse a isto. E eu não podia ser responsável por me levar isso.

—Vá-te a merda! Rosalind me ama. Ela me ama com um amor que é real e verdadeiro —seus punhos se apertaram a seus flancos—. A diferença da mulher quem recém parte, Rosalind me ama

por mim, não pelo que represento. Pensa que ela deixaria nosso amor? Por isso? —esmagou com seu calcanhar a carta—. Te equivocou. Ouve-me? Equivoca-te.

O peito de Mark se apertou com muita dor.

—Espero fazê-lo.

Matt se cambaleou sobre seus pés e caiu na cadeira de leitura de Mark.

—Cristo —murmurou—. Tudo tem um completo e terrível sentido agora.

Levantou seus olhos vermelhos a Mark.

—Como deve ter odiado todos esses malditos sermões que te dava.

Mark franziu o cenho.

—Foram difíceis. Mas a maior parte do que disse tinha razão. A verdade tem formas de sair à superfície, até de uma cama de mentiras.

Matt sacudiu a cabeça, e um sorriso amargo retorceu seus lábios.

—E eu ali sentado oferecendo procriar a seus herdeiros. Estou surpreso de que fosse capaz de agüentar isto, irmão —olhou a Mark e seus olhos se encheram de umidade—. Ainda posso te chamar de irmão?

—É meu irmão, e sempre será meu irmão. E se este dia traz o final que meu coração reza, com muito gosto solicitarei legar meu título e terras a seus herdeiros.

Os lábios de Matt se curvaram no mais pequeno dos sorrisos.

—Me perdoe por te atrasar. Vá procurar Passion e encontra sua felicidade.

Mark tremeu ante a idéia. Mas não se atreveu a pensar nisso por muito tempo.

—Primeiro devo ir ver Charlotte.

Matt assentiu.

—Vá então. Sentarei-me aqui e tentarei entender quem sou.

Mark agarrou seu ombro.

—Não é nada menos do que sempre foi. É um homem de honra e nobreza. É Matthew Morgan Hawkmore. É meu irmão.

Matt levantou seus olhos a ele.

—Obrigado. Obrigado por tudo o que tentou fazer. Mas nunca faça nada assim outra vez.

Mark apertou seus dedos sobre o ombro de seu irmão.

—Quero-te, Matt.

Os olhos de Matt se fecharam.

—Eu te quero, também.

Mark girou e se dirigiu à porta. Fez uma pausa e olhou atrás. Matt tinha descansado sua testa em sua mão.

—Há algo que possa te conseguir, algo que necessite?

Matt baixou sua mão. Seu rosto estava molhado.

—Eu-eu necessito de Rosalind.

Mark assentiu.

—Farei-a chamar.

Fez uma pausa. Não deveria partir.

—Vá-te —ordenou Matt—. Vá-te, e retorna aqui com Passion, então poderemos ter umas bodas apropriadas.

O coração de Mark correu e ele se apressou à porta. Lucinda o deteve quando cruzou de um limiar ao quarto de Charlotte.

—Segue com o matrimônio —lhe lançou ela, sua voz frenética—. Se não o fizer, avivarão-se todas as perguntas. Ainda pode salvar a Matthew.

—Quer dizer que ainda posso salvar a ti. —Deus, ela era insofrível—. Mas é impossível, Mãe. Destruíste a ti mesma. Quando teve as irrefletidas, absolutas guelra para pôr essas doentes palavras sobre papel, arriscou-te a que o mundo descobrisse a besta que é. Agora sabem.

O rosto dela se retorceu em um grunhido vicioso.

—Leva-o a cabo, ou me assegurarei que não consiga a comissão para a biblioteca —seus olhos se estreitaram—. Lorde Fitzgerald me tem um especial carinho.

Mark a olhou e sentiu só repugnância.

—Segue adiante. Faz o que quiser. Estou seguro que uma vez Fitzgerald saiba de sua carta, ele estará positivamente desenfreado de desejo por você.

Lucinda empalideceu.

Mark se deu volta.

—Está acabada, Mãe.

Ela não o seguiu quando ele seguiu até o quarto de Charlotte.

Encontrou a porta entreaberta, assim empurrou para abri-la.

—Senhorita Lawrence?

—Estou aqui, milord. Por favor entre.

Mark entrou para encontrar Abigail sentada rigidamente em uma cadeira. Charlotte estava de pé ante um espelho comprido, olhando fixamente seu reflexo.

—Minha mãe me explicou tudo, meu lorde. Ela revelou completamente todo seu vil complô.

Abigail ficou de pé de um salto e falou com sua filha.

—Você não entende que tento te salvar. Não entende o que é nunca ser o bastante boa; o que é ter bastante dinheiro, mas não suficiente linhagem para ser aceita no melhor da sociedade. Eu só tentava te salvar. O teríamos tido tudo. Teríamos sido intocáveis.

—Não, Mãe. Você o teria tido tudo. Você teria sido intocável. Isto foi tudo por você. Não por mim.

—Era para ti! —Abigail golpeou com o pé—. O era!

Mark deu um passo adiante para proteger Charlotte da raiva de sua mãe, mas ele se manteve silencioso enquanto Charlotte girava do espelho. Seu rosto normalmente doce estava cheio de uma fúria que era ainda mais forte por todo o tempo devia estar contida.

—Mentirosa! —gritou ela— Era tudo por seu próprio bem como sempre foi —se inclinou para frente e suas mãos agarraram a renda de sua saia— Você! A grande, quem deve reinar sobre todos e tudo! Você, que deve encontrar e magnificar cada imperfeição nos outros, para desviar a atenção de seus próprios monumentais defeitos. Você, quem anseia o respeito de nobres desconhecidos, embora cuspa nos rostos dos que compartilham sua casa —seus olhos se encheram de lágrimas—. E estou entre os acossados de sua casa.

Os olhos da Abigail eram de gelo.

—Acaso não te estava olhando ao espelho faz um momento, filha? Não me parece acossada.

—Os corações não se mostram em espelhos, mãe. Mas suponho que você não saberia, já que não tem nenhum coração.

Mark cruzou seus braços sobre seu peito. Bem dito.

Abigail retrocedeu e se dispôs a soltar uma maldição.

Mas Charlotte se adiantou.

—Onde deveria estar seu coração, está um nó de ódio enegrecido e vingança. Por que isto foi tanto vingança como qualquer outra coisa. Vingança contra a condessa, quem a rechaçou de sua sociedade e, portanto, de toda a sociedade nobre. E tudo foi para nada. Agora que suas malignas maquinações foram expostas, estamos todos arruinados. Então, não tente jogar isto como se você

fosse uma espécie de grande mártir lutando para elevar minha situação! — sacudiu sua cabeça—. Duvido que ainda me casando com o Príncipe Edward se apagaria a mancha negra sobre nosso nome agora.

As bochechas de Abigail ofegaram.

—É uma filha malcriada e ingrata. E se não obrigar a este homem a cumprir sua promessa, é uma idiota também.

—Saia, mamãe.

Abigail fez uma pausa.

—Eu disse, saia! —gritou Charlotte.

Abigail saiu furiosa do quarto, empurrando o braço de Mark enquanto passava. A porta se fechou de repente.

Mark olhou a Charlotte e de repente encontrou que seu fôlego saía mais rápido. Era o momento que ele queria e o momento que ele temia.

—Charlotte —sua voz se obstruiu em sua garganta apertada— Se o quer, seguirei com nosso matrimônio. Possivelmente isto poderia salvar algo de seu bom nome —seu coração trovejou em seu peito— Um compromisso é uma promessa, e o manterei.

Charlotte levantou seus olhos cinzas para ele.

—Você não se comprometeu comigo livremente, milord. Obrigaram-lhe a comprometer-se. E ali está toda a diferença —ela puxou o lenço de renda no pescoço de seu vestido e o deixou flutuar até o chão— Não me assombra que você mal pudesse suportar ver-me.

—Equivoquei-me ao te tratar tão mal —ofereceu Mark— Eras inocente —ele empurrou suas mãos em seus bolsos— E eu estava zangado.

—Certamente você estava zangado. Eu estou zangada, também —ela deu volta para enfrentá-lo—. E encontro que, apesar da tentativa de toda a vida de minha mãe de me rebaixar, ainda tenho algum sentido de meu próprio mérito. Não tenho nenhum desejo de me casar e me preocupar com um homem que preferiria que não o fizesse —baixou seus olhos—. Penso que meus criados acreditam que eu me liberaria um pouco do escândalo se rompesse com você primeiro. Estou segura que é por isso que eles me deram a carta. Mas duvido que algo possa salvar meu nome agora, nem quero tentá-lo. Além disso, seu sobrenome foi manchado também, graças a minha mãe —ela assentiu—. Enfrentarei qualquer dificuldade que isto traga. Mas já não viverei um momento mais com alguém quem não me quer.

Ela fez uma pausa.

Mark fechou seus olhos e rezou.

—Assim, declino de sua amável oferta, milord. Voluntariamente o libero de sua promessa.

O coração de Mark pulsou e cantou. Lágrimas de sublime alegria se amontoaram em seus olhos. Foi para Charlotte e pressionou um suave beijo em sua testa.

—Penso que muitos lhe adorarão. E quem escolher será afortunado de ter encontrado a uma mulher tão boa como a que te tornaste.

Charlotte se secou as lágrimas.

—Obrigado, milord.

—Nos deixe ser Mark e Charlotte, já que passamos por muito juntos.

Charlotte sorriu com um sorriso pequeno, mas confiada.

—Muito bem, Mark.

Ele queria correr, correr para Passion.

—Charlotte, depois de que te deixe, irei ver sua prima.

—Minha prima?

—Charlotte, durante este tempo terrível, apaixonei-me por Passion. Como e onde nos encontramos será explicado, mas nem Passion nem eu sabíamos de como estávamos conectados todos até a noite de sua festa de compromisso. Desse dia em diante, ela me evitou. Mas a amo, Charlotte. A amo com toda minha alma. E devo ir até ela agora.

Lágrimas sobressaltadas brilharam de novo nos olhos cinzas de Charlotte.

—OH... —sussurrou ela. Seu olhar se tornou introspectivo—. Sim... sim, certamente... —ela sacudiu sua cabeça e sorriu um pouco triste a Mark—. Então vá até ela em seguida. Já que a amo, também, e eu não a faria sofrer outro momento.

Mark pressionou um último, firme beijo a sua testa.

Então ele correu.

Passion envolveu seu xale grande de cachemira ao redor de seus ombros e olhou ao perfil estóico de seu pai. O grosso cabelo vermelho de Samuel Der se ondeava para trás de sua testa como uma juba, e seu nariz e mandíbula fortes completavam o caráter imponente de seu rosto. Ainda apesar de seu aspecto assombroso e seu comportamento estrito, ele era o mais justo, mais compassivo homem que ela conhecia.

Ela deveria ter sabido que embora estivesse decepcionado com ela, nunca a abandonaria ou a impugnaria. E ele sempre, sempre a amaria. Passasse o que passasse, fosse o que decidissem fazer, isso nunca mudaria.

—Possivelmente devamos ir todos para França por umas férias longas —disse ele ociosamente—. Não viajei há anos.

—É porque odeia viajar —ela o olhou—. Pai, não precisa fazê-lo.

Ele deu um tapinha em seu braço.

—Quero estar contigo quando seu tempo chegue —ele sacudiu sua cabeça—. A sua mãe não gostaria se eu não fosse.

Passion apertou sua mão.

—Papai?

—Sim, minha menina.

—Amo-te.

Ele deixou de andar e a olhou. Seus olhos azul celeste eram de algum modo severos e suaves ao mesmo tempo.

—Eu te amo, também, moça —sua voz era brusca, e ele tocou sua bochecha com seu dedo—. Melhor eu retornar.

Passion assentiu.

—Vou caminhar perto do lago. Retornarei para o chá.

Seu pai girou e retornou pelo caminho que conduzia a vicaria. Ela o olhou até que sua alta constituição desapareceu depois de uma esquina e depois ela continuou o caminho até o lago.

Quando esteve sozinha, permitiu-se chorar.

Era o dia posterior à bodas, e a noite antes, ela tinha sonhado com seu leão. Lhe tinha rugido de um topo distante e depois tinha se deslocado para ela. Enquanto se aproximava, tinha parecido que mais distancia aparecia entre eles. Embora no final, ele a tinha alcançado. E quando se parou sobre suas patas traseiras, ela tinha visto que sua ferida estava curada. Então, em um suave turvar de linhas e cores, ele se tinha transformado em Mark. Lhe tinha apresentado seus braços, e ela tinha deslocado para ele. Mas ela tinha despertado antes de alcançar seu abraço.

Inclusive em seus sonhos, ela negava a si mesma a comodidade de seus braços.

O pequeno lago se estirava ante ela. Era tranquilo e pacífico.

“Eu teria casado contigo”, havia-lhe dito Mark naquele dia em sua casa.

Passion fechou seus olhos. Se ele a tivesse encontrado aqui e a feito sua, sua vida inteira teria resultado de maneira diferente. Ela teria felicidade. Teria seu amor. Descansou as mãos sobre seu ventre. E seu menino teria um pai.

Uma brisa rangeu nas taças das árvores e roçou o lago. Mas embora o ar era fresco, ela de repente sentiu calor. Um zumbido de consciência subiu por sua espinha. Quem estava ali?

Deu-se volta e seu coração tropeçou, depois correu quando olhou através do prado.

Mark!

Ele não usava chapéu, e seu traje de etiqueta estava desalinhado. OH, Deus, o que tinha acontecido? Por que estava ele aqui?

Ela inalou um ofego afogado quando ele correu para ela. Teria escapado das bodas? Ela deveria afastar-se mas não podia. Seu coração se elevou só por vê-lo. Desejava seu abraço. Ela o desejava.

Ele saltou sobre um pequeno tronco. Passion sentiu seu xale grande escorregar de seus ombros. Ouviu o som dos pés dele golpear a terra.

A cabeça dela flutuava de alegria.

Os olhos dele eram brilhantes e vivos.

E em seguida ele estava ali e seus braços se estreitaram ao redor dela. Ela gritou e o sustentou com toda sua força enquanto ele girava com ela.

Ela podia cheirá-lo e senti-lo, e seu corpo se emocionou de tocá-lo. Ela curvou sua mão ao redor de sua forte nuca, e quando levantou seu rosto para o dele, sua boca baixou sobre seus lábios separados com a força e o ardor de um homem faminto de seu amor.

O coração de Passion se encheu e sua cabeça girou quando ele se internou profundamente em sua boca. Ela gemeu e o provou e gemeu outra vez.

Mas então ela se separou e examinou seus olhos jubilosos, olhos tão jubilosos que algo maravilhoso devia ter acontecido. A esperança desceu do céu e encheu seu coração.

—O que aconteceu? Por que está aqui?

Ele pegou seu rosto em suas mãos, e lágrimas brilharam em seus olhos.

—Acabou-se tudo, Passion. Nada mais de manipulação, nada mais de mentira —ele tocou seu lábio tremente com seu polegar—. Toda a repugnante confusão chegou ao jornal. Tudo se soube, e sou livre. Livre para te amar.

Passion agarrou suas mãos. Seu coração trovejou e as lágrimas se amontoaram.

—E Charlotte? Como vai?

—Ela está bem —Mark sacudiu sua cabeça— Ofereci ficar, Passion. Eu sabia que nunca poderia vir a ti a não ser que o tentasse. Então pus tudo em mãos de Charlotte e rezei.

Ele sorriu, e todos os pedaços do coração de Passion voaram de seus esconderijos.

—Sua jovem prima quer escolher sua própria vida, não o que quer sua mãe. Ela formalmente recusou casar-se comigo.

Passion gritou de alívio e suas lágrimas se transbordaram quando se lançou contra ele e tomou sua boca em um beijo profundo, de coração. Ela o beijou com toda a alegria e a sorte de uma alma nascida de novo. Ela o beijou com todo o calor e o desejo de uma mulher apaixonada.

Aspirando e ofegando contra sua formosa boca, ela riu.

—Amo-te! Amo-te! Amo-te —ela respirou entre beijos.

—Nunca deixe de dizer-me isso — murmurou ele. Suas mãos se apertaram na cintura dela enquanto pressionava beijos ao longo de sua mandíbula e pescoço.

—E por cada vez que o diga, repetirei-o. Amo-te. Amo-te —ele beijou o vão de sua garganta—. Te amo.

Ela o sustentou quando ele se deslizou para baixo contra ela e se deixou cair de joelhos. Mark levantou seus formosos olhos azuis, e os dela se empanaram com outro montão de lágrimas.

—Passion Elizabeth Der, amo-te com tudo o que sou. É a mulher que faz cada dia merecedor de ser vivido. É a mulher que faz meu mundo um paraíso. E é a mulher que me faz um homem melhor —seus próprios olhos se transbordaram—. Case comigo. Case comigo e nos deixe declarar nosso amor ao mundo. Saíamos das sombras, dançemos, beijemos e nos amemos na luz.

Mark colocou seus braços ao redor dela e pressionou sua bochecha em seu peito.

—Me deixe te amar sempre. Me deixe te amar até que sejamos frágeis e velhos. E depois me deixe te amar no céu. Pois meu amor por ti nunca cessará.

Passion o sustentou e beijou sua testa e depois inclinou seu rosto para o dele.

—Sim, casarei-me contigo. Sim, com todo meu coração e toda minha alma —seus joelhos tremeram. Ela se secou suas lágrimas com seu polegar—. Mark, você necessita herdeiros e...

—Não. Necessito-te —ele sacudiu sua cabeça—. Necessito a ti e só a ti. O resto não importa.

Passion beijou seus lábios separados, e seu coração se transbordou pela sorte.

—Então o que faremos com o pobre bebê que cresce dentro de mim? —disse ela contra seus lábios—. Não podemos lhe enviar de volta.

Mark se congelou e Passion se retirou para examinar seu incrédulo olhar azul. Seus olhos brilharam, e suas mãos se sacudiram sobre a cintura dela.

—Espera a nosso menino? Teremos um menino?

Passion cabeceou e sorriu.

—Sim.

—OH, Deus! —sua mão escorregou sobre seu colo, e seus olhos se fecharam—. Um bebê... Nosso bebê.

Sim! O corpo de Passion se estremeceu com desejo e seu coração floresceu.

—Me diga algo —sussurrou ela.

Ele beijou seu estômago, e um lento sorriso se estendeu através de seus formosos lábios. Fez-a descer frente a ele e levantou suas mãos a seus botões. Seus olhos tinham uma felicidade sem par.

—Passarei todos meus dias contigo —disse ele brandamente— e desfrutarei de mil pequenos momentos em cada um. Sonharei contigo enquanto dorme a meu lado, e direi seu nome sobre seus lábios quando despertar.

Afastando seu sutiã, ele a pressionou sobre a erva e levantou suas saias. Ofegou ao sentir a pressão de seu corpo sobre o dela.

—OH, Passion, viverei cada momento da aventura de uma vida contigo. E te farei amor uma e outra vez até que nossos corpos sejam mais um do que dois.

Ela se retorceu debaixo dele enquanto sua mão se movia entre eles.

—E desse modo, viverei uma vida contigo —prometeu ele—. E farei vida contigo.

Então ele a beijou com ferocidade. E enquanto ele se deslizava em seu corpo estremecido, Passion gemeu sua exultação ao céu.

Isto era amor.

Isto era alegria.

Isto era o céu na Terra.

Epílogo

Um ano mais tarde

Em sua pressa por tirar a camisa Mark golpeou o cotovelo com o biombo.

—Ouch, maldita seja! —lançou um olhar de ódio à peça culpada.

Passion riu enquanto tirava as meias por debaixo da saia.

—Está bem?

Ele sorriu e tirou os sapatos de uma patada.

—Estou bem. Só abre o sutiã.

Passion não se deteve, mas sim elevou as mãos para afrouxar os cordões.

Mark arrancou as meias e as calças enquanto ela abria totalmente o sutiã. Não usava espartilho, e seus deliciosos peitos estavam cheios e pressionavam contra o delicado tecido de sua camisa.

Ele gemeu. Seu sangue se apressou e seu membro cresceu.

—Depressa, meu amor —a desejava. Estava desesperado por ela.

Ela riu e tirou rapidamente a saia de seu vestido enquanto seus olhos famintos continuavam indo-se a sua ereção.

Ele retirou a roupa de baixo e a lançou juntamente com seus sapatos ao chão.

Passion lambeu os lábios e lutou com suas anáguas. Seu rosto passou da paixão à angústia.

—Mark, me ajude.

Ele deu um passo para frente com um sorriso cálido e trabalhou no nó enquanto a beijava. Sua doce boca se abriu e ele a saboreou e... Maldição, não podia desfazer o nó!

Enquanto lutavam com ele soou um golpe na porta de sua habitação. Ambos ficaram imóveis.

A voz da babá chamou:

—Milady?

Mark gemeu.

Passion liberou-se de seu abraço com uma risada.

—Sim, Milly? —respondeu ela—. Estou aqui —olhou ao outro lado do biombo—. Entra.

A voz de Milly flutuou sobre o biombo.

—O jovem amo quer a sua mamãe, milady.

Passion sorriu a Mark sobre seu ombro.

—Não vá. Volto em seguida.

Mark indicou sua nudez.

—Onde poderia ir?

Lhe percorreu de pés a cabeça com um olhar descarado antes de rodear o biombo. Lhe faria pagar por isso.

No momento seguinte ele ouviu seus arrulhos e isso lhe fez sorrir.

—Obrigado, Milly —disse ela.

A porta se fechou e Passion voltou para trás do biombo levando a seu filho. Mark Samuel Hawkmore estava puxando sua camisa, o que tinham descoberto que significava “Me alimente agora ou gritarei até despertar todo mundo”.

Mark observou como Passion se abria a camisa e tirava seu seio inchado pelo leite. Seu mamilo escurecido e dilatado gotejava leite, e seu membro pulsou ante a visão. Mas seu filho sabia o que fazer, e rapidamente mamou do doce mamilo de sua mãe com sua pequena boca de bebê.

Passion suspirou e fixou a vista em seu filho com terna adoração. Amava-lhe profunda e poderosamente, e Mark adorava ver cada momento de sua devoção. Disto é do que tinha estado privado quando era um moço. Isto é o que tinha desejado. Uma mãe que o tivesse protegido e nutrido. Uma mãe que o tivesse criado com amor.

Passion elevou seus belos olhos azuis para ele e se obscureceram enquanto o olhava. Recostou-se contra a parede.

— Vêem aqui — disse ela brandamente.

Ele foi para eles e acariciou o suave cabelo castanho que se frisava sobre a pequena cabeça de Samuel. Seus olhos azuis estavam fechados com gulodice ditosa.

O coração de Mark se encheu com tanto amor que não podia contê-lo. Derramou-se de seus olhos em duas lágrimas. Uma caiu sobre o seio de Passion, a outra sobre o braço de Samuel.

A mão de Passion se curvou sobre sua nuca, e lhe atraindo para ela, beijou-lhe com uma ternura sensual.

— Amo-te.

Ele mordiscou o lábio dela.

— Amo-te.

— Então me demonstre isso. Samuel não se importará. Está mais dormido que acordado.

Ele gemeu contra a boca dela e, lhe elevando as saias, deslizou-se com impaciência dentro dela.

Ela ofegou, apertou-se contra ele e murmurou seu nome.

E ali, atrás de seu biombo, o coração de Mark rugiu com a felicidade exuberante de um homem que nunca mais teria fome de amor.

Fim